
Condições do trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil

Resenhas

Volume 1

Coordenadoras:

Profa. Titular Marcia de Paula Leite
Profa. Dra. Aparecida Neri de Souza
Departamento de Ciências Sociais na Educação
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas

Dezembro, 2006

Autores das resenhas

Professora Titular Maria Helena Rocha Antuniassi

Professora Doutora Dirce Djanira Pacheco e Zan

Professora Doutora Ângela Viana Machado Fernandes

Professora Doutora Roseana Costa Leite

Doutora Selma Borghi Venco

Doutora Alice Beatriz da Silva Gordo Lang

Doutora Maria Rosa Lombardi

Doutoranda Cristiane Batista Andrade

Doutoranda Maria Lúcia Büher Machado

Doutoranda Dilma Fabri Marão

Doutoranda Sônia Regina Martins

Mestranda Marina Petrilli Segnini.

Mestre Murilo Valença Bezerra

Sumário

AMADO, Elizabeth. O trabalho dos professores do ensino fundamental: uma abordagem ergonômica. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis: UFCS, 2000.	1
ASSIS, Fernanda Bernardes. Síndrome de <i>burnout</i>: um estudo qualitativo sobre o trabalho docente e as possibilidades de adoecimento de três professoras das séries iniciais. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.	6
BONALDI, Cristiana Mara. Discutindo saúde: uma experiência no sindicato dos trabalhadores em educação pública do Estado do Espírito Santo (SINDIUPES). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Instituto Osvaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2004.	11
BUOSI, Mara Mércia Belúcio. Professores disfônicos: considerações sobre a percepção auditiva. Dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia. PUC-SP. São Paulo, 2002.	16
CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de <i>burnout</i> em professores de instituições particulares de ensino. Tese de doutorado. Universidade de Santiago de Compostela. Faculdade de Psicologia. Departamento de Psicologia Social Santiago de Compostela, Espanha, 2005.	25
CARNEIRO, Maria Cristina Buschinelli Góes de Carvalho. A saúde do trabalhador professor. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR. São Carlos, 2001.	38
CARVALHO, Djalma Querino de. Enquanto a primavera não vem ou a loucura de ser professora. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 1997.	45
CARVALHO, Fátima Araujo de. O Mal-Estar Docente: das chamadas devastadoras (<i>burnout</i>) às flamas da esperança-ação (resiliência). Mestrado em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2003.	48
CODO, Wanderley (Coord.). Educação: carinho e trabalho: <i>Burnout</i>, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999. ISBN: 85-326-2123-6.	66
DANTAS, Etienne Andrade de Medeiros. A relação entre a saúde organizacional e a síndrome de <i>burnout</i>. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2003.	77
DELCOR, Núria Serre. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino em Vitória da Conquista-BA. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina/Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.	83
DRAGONE, Maria Lúcia Oliveira Suzigan. Voz do professor: interfaces e valor como instrumento de trabalho. Dissertação de Mestrado em Educação Escolar. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Araraquara, 2000.	89
ENIZ, Alexandre de Oliveira. Poluição sonora em escolas do Distrito Federal. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão Ambiental da Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2004.	92

FABRON, Eliana Maria Gradim. A voz como recurso didático: reconhecimento e julgamento de suas qualidades. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília, 2005.....	97
FARIAS, Tatiana Marins. Voz do Professor: saúde e trabalho. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.	100
FERREIRA DA SILVA, Edil. Trabalhadores/as de Escola e construção de uma "Comunidade ampliada de Pesquisa" : a busca da promoção da saúde a partir dos locais de trabalho. Tese de Doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro. 2003.....	103
FONSECA, Cândida Clara de Oliveira Pereira da. O adoecer psíquico no trabalho do professor de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública no Estado de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.	107
FRANCO, Ana Claudia Santurbano Felipe. Licenças médicas de professores de educação física: expressando especificidades em estudo da Rede Municipal de Ensino, Campinas/SP. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.....	113
GASPARINI, Sandra Maria. Transtornos mentais em professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.	117
GIOVANETTI, Rodrigo Manoel. Saúde e apoio social no trabalho: estudo de caso de professores da educação básica pública. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.	123
GOMES, Luciana. O trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2002.	127
GONÇALVES, Gustavo Bruno Bicalho. Uso profissional da voz em sala de aula e organização do trabalho docente. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.	133
IQUEDA, Adriana Pereira Defina. Auto-percepção de voz e interferências de problemas vocais: um estudo com professores da rede municipal de Ribeirão Preto/SP. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Medicina. FMRP da USP. Ribeirão Preto, 2006.	140
JARDIM, Renata. Voz, trabalho docente e qualidade de vida. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.	149
KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishita. A Qualidade de Vida no Trabalho dos professores de inglês: aplicação dos modelos de análise biopsicossocial e de competência do bem estar organizacional Dissertação de mestrado. Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.....	155
LIMA, Flávia Barbosa. Fatores contribuintes para o afastamento dos professores dos seus postos de trabalho, atuantes em escolas públicas municipais localizadas na Região Sudeste. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.....	160

LIMA, Viviana Aparecida. Condições de trabalho e saúde dos professores sindicalizados de ensino fundamental e médio da rede privada de Campinas. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. Campinas, 2000.....	163
LIMA, Wânia Regina. Perfil vocal e condições de trabalho de professores dos municípios de Vitória e Vila Velha-ES. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Fonoaudiologia. São Paulo, 2002.	169
LIPP, Marilda, (org.). O stress do professor. Campinas: Papyrus, 2006, 4.ed. ISBN: 85-308-0678-6.	172
MARCHIORI, Flávia Moreira. No pulsar da atividade: uma análise do trabalho e da saúde dos professores numa escola municipal de Vitória/ES. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública. Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Rio de Janeiro, 2004.	177
MARTINEZ, Angela Benitez. Investigação da prevalência de ansiedade-traço-estado em professores do ensino fundamental e médio da Rede Estadual de Campo Grande/MM. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 1999.....	185
MASCARELLO, Marinete Rosa Pereira. Nos fios de Ariadne: uma cartografia da relação saúde-trabalho dos professores de uma escola da rede pública do Estado do Espírito Santo. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2004.	189
MASSELLI, Maria Cecília. Estresse e trabalho de monitoras de creche: uma abordagem multidisciplinar. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. Campinas, 2001.	193

AMADO, Elizabeth. **O trabalho dos professores do ensino fundamental: uma abordagem ergonômica.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis: UFCS, 2000.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. VÂNIA RIBAS ULBRICHT

FORMAÇÃO DA AUTORA: NÃO INFORMA

PALAVRAS-CHAVE: PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL, SAÚDE E EDUCAÇÃO, ERGONOMIA

LINHA DA PESQUISA: ERGONOMIA

AUTORA DA RESENHA: DILMA FABRI MARÃO

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Levantamento das prováveis causas ou desajustes existentes no ambiente de trabalho de professores do ensino fundamental (1ª a 4ª série), que levam os professores a adoecer. A partir desse levantamento, apontar, com base na ergonomia, recomendações que possibilitem uma melhoria da qualidade e das condições de trabalho destes profissionais.

Com o propósito de conhecer os fatores que podem causar danos à saúde dos professores e têm levado essa atividade a apresentar um índice elevado de afastamentos, a autora propõe, além do objetivo geral - de analisar o trabalho dos professores de 1ª a 4ª série do ensino fundamental e o reflexo deste trabalho na saúde física e mental destes profissionais -, os seguintes objetivos específicos: identificar a atividade e o comportamento do professor em relação à escola e aos alunos; caracterizar a prática docente dentro do contexto educacional por meio do comportamento dos alunos; e fazer uma relação entre o trabalho docente e as licenças de saúde dos professores.

Para tanto, parte das seguintes hipóteses de trabalho: 1) os desajustes existentes dentro do ambiente escolar – professor X aluno - são originados pelo despreparo em lidar com as crianças, o que acaba por gerar ansiedades que levam ao stresse, afetando dessa forma o sistema defensivo do organismo, levando ao aparecimento de patologias; 2) a forma de organização do trabalho dentro da escola e as diversas funções exercidas agravam o problema – professor X escola – em relação ao clima das relações humanas, podendo refletir na saúde dos professores; 3) a atividade docente possui uma dualidade de papéis – ensinar e educar – que pode gerar conflitos interiores, pela dificuldade que encontram em associar as duas funções; 4) a ergonomia, no campo pedagógico, pode contribuir, através da utilização de procedimentos metodológicos e critérios ergonômicos, de modo a ter um ambiente de trabalho mais harmonioso e equilibrado, facilitando o aprendizado, diminuindo o esforço do professor.

Objeto de análise

O objeto de análise é o trabalho do professor de 1ª a 4ª série do ensino fundamental da Escola Básica José do Valle Pereira da rede municipal de ensino de Florianópolis.

Metodologia utilizada

A pesquisa foi feita por meio de um estudo de caso dos professores da rede municipal de ensino da cidade de Florianópolis. De um conjunto de 32, a Escola Básica José do Valle Pereira foi selecionada por apresentar um número excessivo de afastamentos de seus professores para tratamento de saúde (foram identificados oito afastamentos por mais de 15 dias em um intervalo de um ano e meio, num universo de dez professores). Esse levantamento de dados foi feito a partir de prontuários dos professores da Gerência de Saúde do Servidor de Santa Catarina e de informações obtidas na Gerência de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Como método de pesquisa, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com professores e a diretora da escola, que possibilitou a construção de um questionário (análise da demanda) que foi aplicado aos professores. Sobre a aplicação do questionário, a amostra foi constituída por 8 (oito) professores, dos quais seis são efetivos e dois contratados. A autora utilizou ainda a técnica de observação não participativa.

Referencial teórico

As conceituações teóricas utilizadas são elaboradas a partir de dois temas centrais: educação e ergonomia.

Na primeira parte do capítulo sobre o referencial teórico, a autora faz uma reconstrução da história das escolas no Brasil e de como elas se instituíram no contexto histórico específico brasileiro, iniciando pela fundação das primeiras escolas pelos padres jesuítas, da Companhia de Jesus, passando pelas mudanças do início do século XX, acompanhando as mudanças vivenciadas e as novas exigências no mundo do trabalho, citando também a questão da mão-de-obra negra, até chegar nas mudanças mais recentes, como por exemplo a lei 4.173/78 que instituiu o Plano Nacional de Educação, que passou a tratar o ensino de 1º grau por Ensino Fundamental. Enfatiza o período de 1930, quando da publicação do "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", enquanto forte movimento de mudanças no campo da educação e do ensino público; fala também sobre a formação dos professores.

Em seguida discute o papel do professor na escola, tratando de questões mais recentes sobre a organização e as condições de trabalho dos professores primários.

A segunda parte do capítulo discorre sobre a questão da ergonomia; já no contexto do trabalho capitalista, descreve sobre os princípios da divisão e organização taylorista do trabalho, a partir da qual começaram a surgir estudos na área fisiológica do trabalho.

Segundo a autora, esta fase inicial da ergonomia caracterizou-se por uma preocupação maior com os postos de trabalho, constituindo-se assim, em uma ergonomia mais física. Atualmente, trabalha-se em um campo maior de atividades, incluindo a parte cognitiva do trabalho, o que possibilita avaliar e considerar a carga mental exigida para o desempenho de determinadas atividades e o grau de sofrimento psíquico a que se submete o ser humano no trabalho.

Discorrendo sobre a metodologia denominada Análise Ergonômica do Trabalho, a autora explicita as etapas que esse procedimento compreende: análise da demanda -definição do problema a ser analisado -, análise da tarefa - atividade que o trabalhador deve realizar e as condições

ambientais, técnicas e organizações desta realização - e análise das atividades - o que realmente o trabalhador realiza para executar a tarefa. Em seguida, a preocupação se dá no sentido de contextualizar o trabalho do professor, inscrevendo-o no modo de produção capitalista, fazendo referência ao trabalho criador de valor. Nesse sentido, a conclusão da autora é que

o trabalho do professor é diferente dos demais trabalhadores. Existe uma certa especificidade em sua atividade que o torna distante e ao mesmo tempo próximo ao capitalismo. Quando se diz que está distante é porque não produz o bem material comercializável. O produto final da educação é a mão-de-obra qualificada, que vai produzir a mercadoria para a comercialização. Entretanto, está próximo, quando a sua condição de trabalho é praticamente igual a do sistema capitalista: baixos salários, ampla jornada de trabalho e ambientes pouco adequados (AMADO, 2000, p.41).

Da mesma forma, preocupa-se em discutir a influência do trabalho na saúde, de modo geral e no contexto específico dos professores; para tanto vai destacar a relação entre a organização do trabalho e a atividade desenvolvida com os sintomas que afligem esses docentes, que no estudo de caso realizado, aponta para a ansiedade e depressão como os sintomas mais freqüentes daqueles docentes que apresentaram algum distúrbio biológico ou psíquico.

Para o contexto específico do trabalhador docente, a autora destaca as possibilidades que podem vir a causar danos à saúde física e mental destes profissionais, salientando que, no meio docente, prepondera a fadiga crônica, passando então a explicá-la, sobretudo no que a diferencia do estresse.

Resultados da pesquisa

Em capítulo destinado a apresentar os resultados da pesquisa, a autora inicia descrevendo o perfil da escola, quer seja fisicamente falando (a própria estrutura da escola), ou as condições e organização do trabalho no interior desta, chamando sempre atenção para os problemas enfrentados pelos professores; como exemplo podemos citar o fato de nenhuma sala de aula possuir mesa para o professor, que é obrigado a utilizar uma carteira de aluno: pequena e desconfortável (para um adulto).

Em seguida, faz uma análise discutindo a atividade docente em relação aos alunos e à escola, com base nas citações dos professores da escola pesquisada. Primeiramente fala da divisão do trabalho como gerador de conflitos, referindo-se às diferenças entre professores, supervisores e orientadores, apontando a questão das diferenças na formação e, conseqüentemente, nos salários.

Outra questão destacada pelos professores diz respeito aos métodos e qualidade do ensino; quando questionados sobre as mudanças nas últimas décadas, "eles são unânimes em afirmar que piorou, em termos de conteúdo, porém, ficou mais humanizado" (AMADO, 2000, p.60). No entanto, observa na fala dos professores uma preocupação sempre presente com o desempenho de seus alunos, sendo a defasagem e a reprovação as duas maiores preocupações.

Os professores entrevistados avaliam que os cursos ou seminários oferecidos pela prefeitura “não acrescentam nada”(Idem, p.64) e o que tem valor para eles é a interação durante esses mesmos cursos onde é possível trocar informações com colegas de outras escolas.

De modo geral os professores entrevistados apontaram como problemáticos alguns aspectos referentes às condições estruturais da escola, como por exemplo: defasagem de salário, falta de recursos didáticos, falta de interesse dos pais dos alunos, falta de uma colaboração mais ativa por parte das orientadoras, falta de material para elaborar aulas e provas e pouca valorização do trabalho do professor.

A autora apresentou uma tabela das principais reclamações dos professores, informando que as três principais são: falta de interesse dos pais, a falta de valorização do professor e ao tempo. Neste item a autora não deixou estabelecido que tempo era esse, se tempo de trabalho do professor, tempo de aula etc.

Grande ênfase da autora é dada para a relação entre a prática docente e o comportamento dos alunos, informando a dificuldade relatada pelos professores em “atender uma política educacional vinda de fora e ao mesmo tempo atender às necessidades individuais de seus alunos” (Idem, p.67).

Nesse sentido, informam uma sobrecarga de funções e papéis que lhes é imposta, e, neste caso, vinculadas a problemas extra-escolares: papel da família. Como conseqüência, relatam o difícil comportamento de algumas crianças, acarretando comportamentos agressivos, e ainda sentimentos de frustração e ansiedade quando não conseguem atingir seus objetivos. Por outro lado, a autora ressalta que a relação de professores e alunos não se resume em conflitos, destacando seu oposto: o amor.

Por fim, o trabalho discute a relação entre o trabalho docente e as licenças de saúde, cujos diagnósticos variaram: transtornos neuróticos, estado de ansiedade, gastrite e duodenite, depressão neurótica, hemorróida não especificada com outras complicações, outras doenças dos intestinos e peritônio, amigdalite aguda, infecção das vias respiratórias superiores, doenças do esôfago e do estômago.

A pesquisa realizada também aponta o estresse como sendo o fator que mais afeta a saúde dos professores, sendo que este pode ser provocado, segundo a autora, por razões sociais, como a pouca valorização do professor ou ainda preocupação em obter um resultado positivo de seu trabalho. Mais ainda, a pesquisa realizada entre os professores observou que todos estão em alguma fase do estresse.

Outro sintoma que os professores se queixam com bastante freqüência é a ansiedade e a angústia, e associam estes sintomas ao desânimo e à depressão. Outro dado obtido por meio da pesquisa feita nos Relatórios da Diretoria de Recursos Humanos demonstrou que os problemas que mais afastaram os professores de seus trabalhos foram psicológicos ou psiquiátricos.

A autora ainda levanta outros elementos que devem ser considerados pois levar ao aparecimento de patologias: ritmo acelerado de trabalho, jornada excessivamente exaustiva, e ainda variáveis existentes na dimensão sala de aula, como temperatura do ar (seca ou úmida), temperatura das superfícies (paredes, tetos e solos), ruídos e poeira (pó de giz).

A autora finaliza sua análise propondo, com base nas conclusões da pesquisa, algumas recomendações, como segue: desenvolver cursos de atualização compatíveis às necessidades dos professores através da busca

das necessidades e direcionados, de modo ao máximo de aproveitamento; desenvolver trabalhos em conjunto com as famílias dos alunos conscientizando-as das necessidades de acompanhamento da vida escolar dos filhos durante o ano todo; desenvolver trabalho semelhante envolvendo psicólogos e assistentes sociais, dando suporte aos problemas familiares; adequar o ambiente escolar, no que tange ao aspecto físico de modo a torná-lo mais agradável e prazeroso; melhorar o aspecto das salas de aula, reestruturar a sala dos professores, tornando um ambiente de descanso mais confortável, minimizando o barulho das crianças; desenvolver atividades para valorização do trabalho docente em parceria com orientadores e supervisores, buscando eliminar as diferenças salariais e funcionais existentes.

ASSIS, Fernanda Bernardes. **Síndrome de *burnout*: um estudo qualitativo sobre o trabalho docente e as possibilidades de adoecimento de três professoras das séries iniciais**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

ORIENTADOR: LÚCIA HELENA FERREIRA MENDONÇA COSTA

FORMAÇÃO DO AUTOR: PSICOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: SÍNDROME DE *BURNOUT*, PERSPECTIVA SOCIAL-PSICOLÓGICA, PROFESSOR

LINHA DA PESQUISA: PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

AUTORA DA RESENHA: SELMA BORGHI VENCO

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O tema central dessa dissertação é o processo de adoecimento pelo trabalho.

O estudo teve como objetivo identificar a presença de aspectos da síndrome de *burnout* em professoras das séries iniciais, a partir da análise das trajetórias pessoais e acadêmicas, a fim de procurar compreender o processo de adoecimento.

Metodologia utilizada

A pesquisa é de caráter qualitativo, considerado o mais adequado, pela autora, para o alcance dos objetivos propostos. Tal opção é sustentada teoricamente por Rey (REY, L.F.G. Alguns pressupostos gerais do desenvolvimento da pesquisa qualitativa em psicologia. In: *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002) e Bogdan e Biklen (BOGDAN, R.C. e BIKLEN, Sari K. Características da investigação qualitativa. In: *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994), pois permite estabelecer uma relação sujeito-objeto, assim como apreender a subjetividade dos trabalhadores envolvidos na pesquisa.

A escolha da escola pesquisada foi orientada por objetivos pragmáticos, distantes de razões teórico-metodológicas. Localiza-se em Uberlândia e atende a uma população de 2.550 alunos, contando com 190 profissionais.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas informais na escola, seguidas de três entrevistas semi-estruturadas, com professoras das séries iniciais, abordando as trajetórias pessoal, acadêmica, pessoal e indícios da síndrome de *burnout*. No que diz respeito à síndrome, adaptou-se o questionário que mensura a presença de sintomas: o *Maslach Burnout Inventory* a um roteiro mais amplo de questões, que permitiram às entrevistadas falar livremente de sua vida pessoal e profissional.

Referencial teórico

A palavra trabalho é originada do latim, *tripalium*, nomeando um instrumento de tortura destinado aos indivíduos que ao perderem a liberdade eram submetidos ao trabalho forçado.

A construção histórica do significado do trabalho indica aspectos positivos e negativos. Autores a exemplo de Dejours (DEJOURS, C. *A loucura do*

trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré) 1992.

e Codo, Sampaio e Hitomi (CODO, W., SAMPAIO, J. e HITOMI, A. H. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar.* Petrópolis: Vozes, 1993.) irão analisar o trabalho, pela perspectiva psíquica e psicológica, indicando que a organização do trabalho, somada à trajetória pessoal, anseios etc, podem gerar sofrimento mental. A autora da dissertação aponta o caráter contraditório do sentido do trabalho na vida dos indivíduos, uma vez que ele é, também, fonte de realização pessoal e de subsistência.

Se, de um lado, o trabalho enobrece e gratifica, de outro, gera insatisfação e desconforto. Se o indivíduo possui autonomia, liberdade para organizar sua atividade, o trabalho pode ser fonte de prazer. Porém, não havendo extravasamento de energia psíquica, é, indubitavelmente, desgastante e gerador de tensão.

A atual organização da sociedade, regida por valores mais mercantis e menos humanos, tem levado a uma inversão de valores no relacionamento interpessoal, em especial no trabalho, movido pelo alcance de metas, maiores índices de produtividade, competitividade acirrada etc. Estes desencadeiam sintomas como a fadiga, distúrbios do sono, estresse, levando, inclusive, ao consumo de bebidas e drogas.

A síndrome de *burnout*, portanto, tem surgido nesse contexto, como "resultado de um desencontro entre a natureza do trabalho e a natureza da pessoa que o realiza" (Assis, 2006, p.22).

O conceito de *burnout* é desenvolvido inicialmente nos Estados Unidos, durante os anos 1970, por Freudenberger (FREUDENBERGER, H. NORTH, G. *Womens's burnout.* New York: Doubleday Company, 1985) ao analisar os profissionais que trabalhavam diretamente com usuários de drogas. O emprego do termo vinculava-se ao sentimento de fracasso e exaustão observado em profissionais com alto dispêndio e energia no trabalho.

No Brasil, segundo Benevides-Pereira (BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. (org.) O Estado da arte do burnout no Brasil. *Revista eletrônica interação psy* – Ano 1, n.1, ago, 2003) a primeira produção científica, tendo o *burnout* como tema, ocorreu apenas 17 anos após o trabalho de Freudenberger. E, apenas, com a profusão de trabalhos nesse campo do conhecimento, nos anos 1990 é que a síndrome passa a ser incluída no rol de doenças profissionais estabelecidas pela Regulamentação da Previdência Social.

Contudo, a identificação da doença por parte dos profissionais da saúde é ainda limitada, tratando os pacientes como portadores de depressão ou estresse e, portanto, vinculado a características pessoais e não relacionadas ao trabalho. A diferenciação entre o estresse e a síndrome de *burnout* é importante na identificação e tratamento da doença: a primeira, pode ser temporária e relaciona-se a uma situação de exaustão, com alterações na sua vida pessoal mas, não necessariamente no trabalho. O *burnout*, segundo Codo (CODO, W. (org.) *Educação: carinho e trabalho.* Petrópolis, RJ: Vozes, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 1999), pode ser caracterizado por um processo crônico de estresse no trabalho. Soma-se a estas concepções o fato de ser a moral do trabalho presente na sociedade, atrelada à compreensão de que o indivíduo sem interesse pelo

trabalho apresenta baixo grau de adaptabilidade ao trabalho e ou às exigências do trabalho.

Diversos autores, entre eles Maslach e Leiter (1999, sem referências bibliográficas), Codo (op.cit, 1999), Carlotto (CARLOTTO, Mary Sandra, 2001 – indicado no texto como 2001 - não consta nas referências bibliográficas), apontam que algumas ocupações estão mais propensas a concentrar índices superiores da síndrome, em especial aquelas cujo trabalho é feito em contato direto com diversas pessoas, a exemplo de médicos, enfermeiros e professores. Dejours (DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992) contribui para a compreensão da síndrome que os efeitos da relação homem-trabalho podem ser observados pelos índices de absenteísmo, greves e, ainda, pelo “presenteísmo”, relativo a uma dedicação excessiva ao trabalho.

Maslach e Schaufeli e Leiter (MASLACH, C., SCHAUFELI, W. B. e LEITER, M.P. Job burnout. *Annual Review Psychology*, 2001, 52, 397-422), analisando as diversas indicações de sintomas ocasionados pelo *burnout*, indicam cinco aspectos comuns nas pesquisas: a) exaustão mental e emocional, fadiga e depressão; b) alterações comportamentais; c) origem dos sintomas é o trabalho; 4) sintomas manifestos em pacientes sem antecedentes psicopatológicos e, por fim, 5) alterações no desempenho do trabalho e na qualidade das relações pessoais, em função de comportamentos negativos.

A perspectiva social-psicológica é adotada nesse estudo como referencial teórico, que compreende a origem do desgaste físico e mental relaciona-se não apenas com o indivíduo mas, também, com o local de trabalho. Ou seja, não há determinação genética para esses sintomas, sendo considerados, portanto, problemas ocupacionais (MASLACH e LEITER, 1999).

A existência de um instrumento de coleta de informações (*Maslach Burnout Inventory*) permite a geração de índices de incidência da síndrome nas diferentes profissões. A profissão docente atingiu o mais alto indicador, superando os referentes às profissões da área da saúde e sociais (MASLACH e JACKSON, 1981).

Autores, a exemplo de Lowenstein (LOWENSTEIN, L. Teacher stress leading to burnout: its prevention and cure. *Education Today*, 41(2): 12-16, 1991) indicam a profissão docente como uma das que apresenta maior predisposição à síndrome.

A análise teórica aponta para a impossibilidade de analisar a vida profissional, desvinculada da privada, e, sobretudo, os contextos social, econômico e cultural nos quais se inscreve. A crescente desvalorização profissional, o predomínio do neoliberalismo, concebendo a educação como mercadoria, acirrando uma “disputa de mercado”. Se a oferta do ensino fundamental foi universalizada, houve perdas significativas no aspecto qualitativo, que, gradativamente, substitui o professor autônomo pelo professor assalariado.

Tais alterações na educação resultam em intensificação e sobrecarga de trabalho do professor e estão estreitamente relacionadas ao surgimento da síndrome de *burnout*. Destacam-se, principalmente, como causas da síndrome: mobilidade profissional restrita, não participação no planejamento das atividades, conflito de papéis, exigência de um

determinado envolvimento com os alunos e aumento da burocracia no trabalho (BURKE, 1996).

A análise de Esteve (ESTEVE, J.M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru, SP: EDUSC,1999) complementa a anteriormente citada, indicando os seguintes aspectos: insatisfação com a prática docente, indicando uma forte contradição entre como gostariam de exercer a profissão e como realmente é possível conduzi-la; solicitações de transferências, como fuga de situações conflituosas; aspiração em abandonar a profissão e sintomas físicos e mentais por tais razões ocasionados.

Pesquisas indicam, ainda, que a incidência de *burnout* nessa categoria interfere no alcance dos objetivos pedagógicos propostos e, portanto, suas conseqüências são danosas para essa categoria profissional mas, também por gerações que freqüentam as escolas.

São, segundo Codo et al. (op.cit., 1999) 48% dos educadores - de uma amostra que abrangeu 1440 escolas no Brasil - que sofrem algum sintoma relacionado à síndrome de *burnout*.

Resultados da pesquisa

As entrevistas realizadas indicam que todas gostam de sua profissão, uma delas aponta, com mais freqüência, a desvalorização do seu trabalho. Saem de casa motivadas para o trabalho mas, a sensação ao voltarem para casa é, invariavelmente, de cansaço e frustração frente ao não alcance dos seus objetivos profissionais.

O significado do trabalho docente oscila entre aspectos desgastantes, sofridos, conforme definição de uma entrevistada, e de realização pessoal. Assim, duas delas pretendem prosseguir nos estudos, ampliar seu nível de especialização, enquanto a outra pensa em abandonar a profissão, com indicações concretas de falta de incentivo para o trabalho. Só permanece no trabalho em razão de não ter outra fonte de renda.

No que diz respeito ao contato direto com as pessoas, duas delas apontam dificuldades em lidar com alunos e familiares, que portam atitudes desrespeitosas e que a fazem ter a convicção de que o esforço e desgaste da profissão não são compensadores.

A ampliação dos papéis dos docentes frente a alterações no perfil sócio-econômico e afetivo dos alunos, é compreendida de formas diferenciadas entre elas. Uma delas, sente-se sobrecarregada e sendo obrigada a assumir a função de psicóloga, médico e não se sente preparada para atender às novas demandas dos alunos. As duas outras, demonstram ter uma compreensão mais global dos alunos e não se limitam à transmissão dos conteúdos propostos.

Por outro lado, foram unânimes em apontar que se sentem motivadas para o trabalho quando identificam progressos nos alunos.

Em relação aos colegas de trabalho, possuem um bom relacionamento com ressalvas e uma delas destaca que a classe é muito desunida, sem perspectiva de reivindicação de direitos.

A análise dos aspectos abordados nas entrevistas foi sistematizada em três áreas de abrangência, quais sejam: exaustão emocional, despersonalização e envolvimento pessoal no trabalho.

O primeiro, a *exaustão emocional*, foi constatada na pesquisa pelas falas recorrentes das entrevistas, indicando desânimo e incapacidade de enfrentar os problemas surgidos em sala de aula, dadas as condições de

trabalho. O aumento de alunos por turma, falta de infra-estrutura e de recursos didáticos apropriados, ampliam o sentimento de fracasso no trabalho. A exaustão emocional constatada pode ser sintetizada na seguinte frase: "o trabalho exige demais da gente; eu não imaginava que seria tão desgastante" (2006, p.106). A pesquisa indica, portanto, que as três entrevistadas apresentam características do aspecto em questão.

Os sintomas relacionados à *despersonalização* não foram constatados entre as entrevistas; por outro lado, no que diz respeito ao *envolvimento pessoal no trabalho*, observados por meio da presença de motivação, interesse, crença no trabalho que desenvolve, surge com bastante frequência.

Desta forma, a pesquisa conclui que não é possível afirmar que as entrevistadas apresentem a síndrome de *burnout*.

No entanto, a metodologia aplicada, ou seja, adaptar roteiros quantitativos a uma abordagem qualitativa e, ainda, considerando a história de vida, apontam para situações tais como: a responsabilidade pelo trabalho produtivo e reprodutivo, excesso de trabalho, falta de lazer, desmotivação, frustração no trabalho levam a um desgaste emocional, que indica um caminho ao esgotamento e, futuramente, a presença da síndrome de *burnout*.

Os resultados da presente pesquisa apontam, ainda, a presença de programas de formação voltados à conscientização destes profissionais sobre as condições de trabalho, de forma a construir formas de responsabilização coletiva pelo cotidiano escolar e, constituindo espaços de reflexão sobre os limites de sua prática profissional, certamente, estarão aptos a enfrentarem com menos sofrimento o labor diário.

BONALDI, Cristiana Mara. **Discutindo saúde: uma experiência no sindicato dos trabalhadores em educação pública do Estado do Espírito Santo (SINDIUPES)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2004.

ORIENTADOR: PROFA. DRA. JUSSARA CRUZ BRITO

CO-ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS

FORMAÇÃO DA AUTORA: PSICOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO, POLÍTICAS, SAÚDE, TRABALHO (ELABORAÇÃO DA AUTORA)

LINHA DA PESQUISA: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E SAÚDE

AUTORA DA RESENHA: DILMA FABRI MARÃO

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Conhecer e cartografar (definido, segundo a autora, como acompanhar/construir os movimentos de constituição das paisagens sociais) as práticas atualizadas no SINDIUPES com relação às articulações entre os processos de trabalho e a produção de saúde/doença na educação do Estado do Espírito Santo, entendendo a luta política como uma possibilidade de produção efetiva de saúde no trabalho.

Conhecer a organização do SINDIUPES e, com os seus diretores, promover discussões e análises sobre a questão da saúde como um conceito ampliado e como dispositivo de transformação do cotidiano. Na tentativa de focalizar o cotidiano sindical e a sua lógica de funcionamento na perspectiva da produção conjunta de questionamentos acerca da saúde dos educadores do Estado do Espírito Santo, a autora coloca algumas questões que nortearam a elaboração deste trabalho: em relação à construção de um conceito ampliado de saúde, como o SINDIUPES vem sendo atravessado por tais questões? Como essas questões vêm sendo pensadas e discutidas na organização sindical? Quais encaminhamentos vêm sendo dados e que lugar vêm ocupando as questões relativas à saúde no trabalho nas discussões sindicais? Como se constroem as políticas sindicais? Como se organiza o trabalho sindical? Como se dá a relação com a categoria? E com o Governo?

Objeto de análise

O objeto de análise desta pesquisa são os trabalhadores do SINDIUPES - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Espírito Santo.

Metodologia utilizada

A autora constrói a pesquisa com base no referencial metodológico das Comunidades Científicas Ampliadas (CCAs), formulado por Ivar Oddone e um grupo de pesquisadores militantes do Movimento Operário Italiano (MOI). O grupo de Oddone questionava o conceito tradicional de pesquisa e apontava uma nova forma de produção de conhecimento científico; essa nova abordagem metodológica tinha o seu foco na organização do trabalho e seu objetivo era validar, por meio de um grupo homogêneo¹, os saberes da experiência dos trabalhadores. Partindo da afirmação de que o

¹ Grupo que vive em conjunto a mesma experiência de trabalho. Sua autonomia se funda na experiência coletiva por meio da afirmação de regras e saberes próprios da experiência de trabalho.

trabalhador é o único capaz de dizer da experiência do próprio trabalho, a proposta desse grupo era que os trabalhadores pudessem produzir conhecimento sobre a realidade de saúde e doença no próprio posto de trabalho.

Assim, a presente pesquisa tem o objetivo de acolher e conhecer as experiências advindas da situação de trabalho com base no referencial metodológico das Comunidades Científicas Ampliadas. Foram realizadas entrevistas com base em um roteiro aberto, realizadas com quinze diretores do SINDIUPES; simultaneamente ao trabalho das entrevistas, e com o intuito de entender a organização do sindicato, a autora passou a efetivamente participar do cotidiano de trabalho da entidade, além de participar de eventos, como assembléias, congressos sindicais, reuniões com a comunidade escolar. Dessa forma, as discussões, os impasses, as demandas, os comentários da categoria, enfim, tudo serviu como informação, como fonte de dados para a construção da pesquisa. Todo esse material foi registrado em um caderno de anotações.

Referencial teórico

O referencial teórico desenvolvido pela autora discute inicialmente a própria forma como a saúde vem sendo pensada, e para tanto utiliza a teoria e obra de Georges Canguilhem (CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense, 2002). Para ele, em uma perspectiva diferenciada do conceito tradicional baseado apenas na medicina, a doença constitui-se como uma reação da vida às diferentes condições sob as quais ela é possível, o que caracteriza a saúde como uma produção de movimento, de luta, resultado da capacidade de transformação das situações de sofrimento, capacidade de renormalização, intervenção e transformação da realidade.

Traz também para dialogar com as concepções de Canguilhem, alguns conceitos desenvolvidos por Nietzsche, especialmente a noção de normatividade. Diante dessa discussão, as categorias saúde e doença podem ser reconhecidas somente no plano da experiência; o normal, longe de ser um limite rígido, uma regra absoluta, um elemento determinante e "homogeneizante" para todos indivíduos, caracteriza-se por se transformar em contato com as condições individuais.

Para a autora, é nessa perspectiva que considera de fundamental importância a discussão da saúde de forma ampliada a ser realizada no sindicato, e a efetivação de políticas de saúde que levam em conta este referencial. Nesse sentido, a saúde deixa de habitar exclusivamente o campo médico, deixa de ser pensada exclusivamente do ponto de vista da assistência e passa a ser entendida como possibilidade efetiva de transformação da realidade.

Tal concepção visa pensar a saúde como uma questão coletiva, entendendo-a como um objeto complexo, marcado por uma construção cultural, histórica, social, irreduzível a questões exclusivamente anatômicas, funcionais, bioquímicas ou imunológicas. Portanto, questões como remuneração, condições de trabalho e reconhecimento constituem-se como elementos fundamentais para a discussão da saúde. Assim situa a contribuição deste trabalho, entendendo a articulação efetiva de políticas de saúde realizadas pelo sindicato como possibilidade efetiva de intervenção e transformação da realidade de trabalho das escolas públicas do Espírito Santo.

Em seguida, traz o referencial teórico de Christophe Dejours (DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992) para iluminar a articulação que elabora entre o processo saúde/doença e o processo de trabalho. A partir de uma perspectiva histórica discute as transformações vivenciadas pelos trabalhadores. No início do século XIX, no primeiro momento de expansão do capitalismo industrial, a luta pela saúde se caracterizava pela luta por subsistência, devidos às péssimas e precárias condições às quais esses trabalhadores eram submetidos.

Neste momento, quando a saúde pública passa a ser tratada numa perspectiva higienista, temos um período marcado pela emergência da saúde pública como importante fator para a construção de uma nova estrutura urbana, cujo discurso, além de legitimar a medicalização do espaço social, legitimava também a marginalização de diferentes segmentos sociais.

Para o autor, é a partir do momento em que a organização do movimento operário adquire força efetiva no cenário político mundial que as demandas da classe trabalhadora se diversificam e conseguem avançar do ponto inicial de luta pelo direito de viver. Dessa diversificação surge uma vertente, um movimento, que se caracteriza por uma preocupação com a saúde, mais especificamente com a proteção do corpo. Os acidentes, as doenças e as intoxicações relacionadas com a organização do trabalho, bem como os cuidados e os tratamentos necessários eram, nesse momento, os principais pontos de discussão.

A autora discute a compreensão deste autor sobre a relação entre trabalho e saúde/corpo com o advento do taylorismo e fordismo, no período da segunda guerra mundial, até chegar à década de 60, especialmente o ano de 68, marcado pelos movimentos de contestação e de transformações.

A breve história das lutas dos movimentos operários é retomada, segundo a autora, no intuito de construir uma forma de se pensar o trabalho em articulação com o processo de saúde. Nessa perspectiva, o processo saúde/doença não pode ser pensado de maneira independente do processo de trabalho.

Por fim, no intuito de compreender a organização do trabalho no SINDIUPES, a autora traça algumas considerações relacionadas ao contexto maior do movimento sindical no Brasil, numa breve retrospectiva que fala da formação desse movimento desde o início do século XX e as mudanças vivenciadas até os dias atuais.

Resultados da pesquisa

A discussão dos resultados da pesquisa é feita em dois capítulos; no primeiro são abordadas questões mais gerais, relacionadas à organização do trabalho no sindicato estudado, e no capítulo seguinte são tecidas considerações que relacionam o trabalho no sindicato com a temática da saúde.

Trazendo os principais aspectos evidenciados pela autora sobre a organização do trabalho no SINDIUPES, a autora informa ter encontrado, em muitos momentos, práticas engessadas, formas endurecidas de pensar/fazer sindicato. Essas práticas dizem respeito a formas de funcionamento institucionalizadas, naturalizadas que, muitas vezes, já não eram mais questionadas no cotidiano de trabalho do SINDIUPES.

Por meio das entrevistas, informaram vivenciar um excesso, sobrecarga de trabalho, que pode ser justificado pelo número reduzido de trabalhadores

do sindicato, que tem que dar conta de mais de vinte mil filiados. Esta sobrecarga de trabalho tem efeitos também nas relações entre os próprios diretores, prejudicando assim discussões e conversas mais informais, que, no entendimento da autora, são de fundamental importância para o amadurecimento de questões e para a constituição de coletivos de trabalho. Aponta também para o fato de que elementos como a autonomia e a valorização dos saberes dos trabalhadores, na produção dos espaços de discussão, são, muitas vezes, deixados de lado em nome de uma certa lógica de funcionamento na qual o sindicato assume uma relação de tutela com a categoria. O trabalhador termina por assumir uma postura de tutelado, ou seja, aquele que se queixa e espera por mudanças que deverão ser postas em prática pela direção sindical.

Por outro lado, o cotidiano de trabalho desses sindicalistas vem sendo tomado, em sua maioria, por encontros e reuniões entre os próprios diretores e com outras instituições. Os encontros entre diretores com os movimentos sociais, com os partidos, com a CUT, enfim, com as demais instituições, vêm sendo privilegiados em detrimento das reuniões e encontros efetivos com os educadores. Em resumo, aponta a autora, os fóruns de discussão coletiva, capazes de reunir educadores e sindicalistas com o objetivo de discutir as condições de trabalho da categoria dos educadores, vêm sendo cada vez mais reduzidos e esvaziados.

Assim, o trabalho no sindicato, ao se distanciar do cotidiano de trabalho nas redes de educação, começa a funcionar em uma outra lógica, interna ao sindicato, que privilegia, por exemplo, elementos como a disputa política. Outro elemento apontado pelos sindicalistas como fonte de tensão e desprazer foi a questão da remuneração. Da mesma forma, a falta de reconhecimento do trabalho sindical, principalmente por parte da categoria dos educadores, é apontado pelos diretores como um dos principais fatores de desânimo na realização do trabalho no sindicato.

O tratamento dado às demandas é outro ponto fundamental de discussão considerado pela autora. Segundo ela, parece que as prioridades vêm sendo definidas com base em critérios que terminam por ocultar demandas importantes que, se conjugadas às demais, poderiam fortalecer e trazer outros elementos para a luta. Nesse sentido, as demandas em saúde vêm sofrendo um certo ocultamento. Apesar de existirem, de serem reconhecidas como fundamentais por dirigentes e demais educadores, essas demandas desaparecem no momento da eleição das prioridades.

A própria secretaria da saúde do sindicato enfrenta problemas, e segundo a análise da autora, mais uma vez a forma de organização do trabalho neste sindicato serve de obstáculo para as ações. A falta de pessoal, a fragmentação das frentes de trabalho, constituem-se como elementos importantes na dificuldade em se implementar efetivamente uma política, no caso, uma secretaria.

Assim, a secretaria de saúde existe, mas nenhum dos diretores foi capaz de dizer das suas ações atualmente; e sobre os encaminhamentos dados aos educadores que procuram o sindicato com questões relacionadas à saúde, os diretores explicam que, quando esses casos chegam ao sindicato, muitas vezes já chegam direcionados ao departamento jurídico.

Por fim, a autora conclui que o trabalho do sindicato ainda se encontra preso, em alguns momentos, a uma certa idéia de saúde que a identifica com uma forma medicalizada, com uma idéia de conscientização, de prevenção, de individualização, em detrimento de um referencial coletivo de

saúde. No entanto, esse conceito coletivo de saúde ampliado, é fundamental na medida em que permite a análise das organizações do trabalho de forma mais ampla, sem reduzir as questões de saúde a simples demandas isoladas.

BUOSI, Mara Mércia Belúcio. **Professores disfônicos: considerações sobre a percepção auditiva.** Dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia. PUC-SP. São Paulo, 2002.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. LESLIE PICOLLOTO FERREIRA

FORMAÇÃO DA AUTORA: FONOAUDIOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: DISFONIAS FUNCIONAS, DISFONIAS ORGANOFUNCIONAIS, AVALIAÇÃO, DISTÚRBIOS VOCAIS, PERCEPÇÃO AUDITIVA, PARÂMETRO DE FREQUÊNCIA, PARÂMETRO DE DURAÇÃO, PARÂMETRO DE INTENSIDADE

LINHA DA PESQUISA: SAÚDE VOCAL

AUTORA DA RESENHA: SONIA REGINA MARTINS

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O tema central da dissertação é a relação entre os distúrbios vocais, de caráter funcional e organofuncional e a percepção auditiva das pessoas que apresentam tais problemas. A dissertação privilegia a análise das habilidades auditivas por considerar que há uma relação intrínseca entre essas duas atividades humanas: falar e escutar.

Na introdução, com base na literatura especializada, a autora tece considerações gerais a respeito dessa relação, na qual a audição é condição para a avaliação dos problemas e para a terapia vocal, estabelecendo como foco de sua pesquisa a análise dessa influência e como é possível nela intervir, através do processo terapêutico. Na introdução do trabalho, a autora comenta sobre vários aspectos da voz humana, considerando a dificuldade em defini-la. Assim, ao mesmo tempo em que ela é o resultado de um processo físico de sonorização do ar pulmonar através da vibração das pregas vocais e de sua passagem pelas cavidades de ressonância, ela não pode reduzir-se a esta explicação mecânica, pois possui também uma dimensão individual e única associada à personalidade de cada um. A autora recorre a uma literatura especializada para desenvolver a tese do caráter multidimensional da voz. BEHLAU, M. S. PONTES, P.A.L. *Avaliação global da voz*. São Paulo: EEPM, 1990. A qualidade vocal de cada um pode variar de acordo com suas condições anatomofuncionais, aspectos perceptivo-auditivos e cinestésicos, características pessoais e situações de comunicação. Partindo da premissa de que audição e voz não podem ser vistas de maneira dicotomizada, pois ambas pertencem ao mesmo sujeito, pode-se inferir que a hipótese principal da pesquisadora é a de que a audição se constitui em um fator importante para a manutenção de um padrão vocal adequado. Com base nesse referencial teórico (BEHLAU, M.S. Pontes, P.A.L. *Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo: Lovisa, 1995; BEHLAU, M.S. et. Al. *Avaliação e terapia da voz*. In: LOPES, O. F. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997; BEHLAU, M.S. (Org). *Voz: o livro do especoalista*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001; BOONE, D. R. ; McFARLANE, S. C. *A voz e a terapia vocal*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993) a autora procura enfatizar a relação intrínseca entre voz e audição, ou entre problemas vocais e percepção auditiva. Segundo um autor citado (FERRE, J.M. *Processing power: A guide to central auditory processing disorder Assessment and Management*. Texas: Communication Skill Builders, 1997) esta deve ser vista como uma função cerebral e uma atividade mental que envolve as seguintes habilidades: atenção seletiva, detecção, identificação, discriminação, reconhecimento, decodificação,

análise-síntese, sequencialização, integração, interpretação, compreensão, recordação, retenção e memória. Segundo outro autor mencionado (SLOAN, C. *Treating auditory processing difficulties in children*. Califórnia: Singular Publishing Group, 1991) 1991, a percepção auditiva é um processo que ocorre desde o sinal acústico, passando por transformações, codificações e decodificações pelas vias auditivas até o seu conhecimento pelo ouvinte em nível cerebral. Sendo assim, ela não é uma réplica, ou uma reprodução do sinal acústico, mas é uma representação, construída pelo processamento do sinal pelas vias auditivas. No entanto, a audição analisa os mesmos parâmetros acústicos que a voz produz, por isso, torna-se relevante analisar a audição do ponto de vista perceptual. Mencionando os autores: BOONE e McFARLANE, já referidos, a pesquisadora afirma que a modalidade de recepção básica para desenvolver uma vocalização apropriada é o sistema auditivo, particularmente o auto-ouvir-se. Para falar bem se deve ouvir bem, é o princípio norteador de todos esses estudos citados (BOONE, D. R. *Sua voz está traindo você?* Porto Alegre: Artes Médicas, 1996; FERREIRA, L.P. *Voz profissional: o professor*. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE FONOAUDIOLOGIA, 1998, Natal. Anais.; FERREIRA, L.P. ; BARROS, M.C.P.P. *Ressonância*. In: *Temas de Fonoaudiologia*. São Paulo: Loyla, 1989; FERREIRA, L. P.; VIOLA, I. C. *Era uma vez a voz*. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000; FERREIRA L. P. et. Al. *A voz do professor: levantamento das publicações brasileiras*. *Revista da Sociedade Brasileira da Fonoaudiologia*, São Paulo, 2000; GARCIA, O.; TORRES, P.; SHASAT, A.D. *Disfonias ocupacionais*. *Revista Cubana de Medicina*, Cerro Ciudad de la Habana, 1986.) que atribuem, desse modo, uma primazia a habilidades auditivas para compreender e tratar as pessoas com distúrbios vocais. Fundamentando-se nessas concepções, a pesquisadora indica a sua problemática: a necessidade de investigar como que o paciente se "ouve" e levantar questões acerca de quais são as conseqüências do "não se ouvir" para a produção vocal. Pois, segundo a sua vivência na prática clínica, foi-lhe possível chegar à conclusão de que o processo terapêutico deve incluir a identificação e a eliminação de hábitos vocais inadequados e sua substituição por hábitos corretos. Por isso, o objetivo do seu trabalho é descrever os achados de avaliação das habilidades auditivas para discriminar traços de frequência, intensidade e duração em grupo de professores com alterações vocais (GD), mais especificamente disfonias funcionais e organofuncionais, comparando-os aos encontrados em grupo de professores sem alteração vocal (GND), mediante a avaliação do Limiar Diferencial de Intensidade (LDI) e da aplicação dos Testes de Detecção de Padrão de Frequência (TDPF) e de Duração (TDPD).

Disfonias

Para tratar dessa questão, a autora subdividiu-a nos seguintes itens: a definição e classificação das disfonias e a disfonia em professores. Este último constitui o objeto de análise da pesquisadora. A fim de aproximar-se de uma definição, ela começa questionando a noção de normalidade e citando : BEHLAU (2001); pondera que todo o comportamento humano envolve questões culturais e ideológicas, portanto, passível de juízos de valor. O conceito de normalidade da voz comporta muitas variáveis intrafalantes e interfalantes, além de componentes de subjetividade. Portanto, só é possível formular padrões gerais de normalidade vocal como: a qualidade vocal precisa ser agradável, o que implica uma certa qualidade

musical e ausência de ruído e atonalidade; a frequência deve ser adequada, ou seja, apropriada ao sexo e à idade do falante; a intensidade deve ser apropriada, portanto, a voz não pode ser tão fraca que não seja ouvida em condições de fala ordinárias, e não deve ser tão forte a ponto de chamar atenção indesejada sobre ela; e a flexibilidade deve ser adequada, o que se refere ao uso de variações em frequência e intensidade que auxiliem na ênfase, no significado e nas sutilezas que expressem os sentimentos do indivíduo. A bibliografia citada pela autora: ARONSON, A.E. *Clinical voice Disorders*. New York: Dcker, 1980; BRASIL (2002), FAWCUS, M. *Disfonias – diagnóstico e tratamento*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001; FAWCUS, M. *Voice disorders and their management*. San Diego: Singular Publishing, 1992; KUHL, J. *Disfonia Funcional*. In: KUHL, J. *Laringologia prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 1991; KALIL, D. *Avaliação do processamento auditivo central em disfônicos*, Monografia (Especialização em distúrbios da Comunicação Humana – campo fonoaudiológico – Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1995; KATZ, J. *Tratado de audiologia clínica*. São Paulo: Manole, 1989.), entre outros autores, ressalta a significância pessoal e social da disfonia, considerando a percepção do ouvinte e do falante em relação à voz e o incômodo da alteração para a pessoa. Após tais considerações, é possível definir disfonia como uma dificuldade na emissão da voz com suas características naturais e, portanto a voz não consegue cumprir o seu papel básico de transmissão da mensagem verbal e emocional de um indivíduo. Assim, é no campo dos Distúrbios da Comunicação que a disfonia apresenta elevada incidência, acometendo profissionais da voz - atores, docentes, cantores, locutores entre outros.

Segundo a classificação das disfonias, elas se apresentam em três categorias: disfonias funcionais, disfonias organofuncionais e disfonias orgânicas. O interesse da pesquisadora é com relação as disfonias funcionais e organofuncionais, por serem doenças profissionais. A disfonia funcional é a alteração da qualidade vocal que decorre geralmente do mau uso ou abuso de um aparelho fonador anatômico e fisiologicamente intacto, mas que também pode ser resultado de um mecanismo compensatório mal adaptado, como consequência de uma condição orgânica preexistente. Assim, quando nenhum problema físico ou estrutural for identificado na laringe, o diagnóstico de disfonia funcional é estabelecido. As disfonias organofuncionais correspondem a uma forma de transição entre as disfonias funcionais e orgânicas e também são decorrentes do uso indevido da voz, porém, apresentam alterações orgânicas como consequências. Segundo os autores seguintes citados pela autora: BEHLAU e PONTES (1990) e KUHL (1991), as disfonias funcionais são alterações da voz em laringes livres de lesões orgânicas e as disfonias organofuncionais, como um distúrbio vocal decorrente do uso inadequado da voz, que leva a alterações secundárias nos órgãos envolvidos no processo de emissão vocal, especialmente a laringe.

Disfonia em professores

O referencial teórico utilizado nesse capítulo é o seguinte: COOPER, M. *Modernas técnicas de rehabilitacion vocal*. Buenos Aires: Pan Americana, 1974; NOVAK, A. et. Al. *Voice fatigue after performance*. In "Actors". *Folia Phoniatica*, Edmonton, 1991; AUGSPACH, F. S. *La voz em la comunicacion humana. Los oradores y la voz ablada*. Fonoaudiológica.

Buenos Aires, 1993; SAPIR, KEIDAR e MATHERS-SCHMIDT, B. Vocal attrition in teachers: survey findings. *European Journal of Disorders of Communication, London*, 1993; GOTAAS, C.; ESTARR, C. *Vocal Fatigue among teachers*. Folia Phoniatria, Edmonton, 1993; COLTON, R.H.; CASPER, J.K. *Compreendendo os problemas de voz*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996; FERREIRA. 2000), já citado anteriormente, entre outros.

Nesse capítulo, a autora justifica a escolha de seu objeto, com base na bibliografia acima citada. Seus principais argumentos são os seguintes: 1) A docência exige demanda vocal considerável, chegando alguns deles a considerar os professores como grupo de risco para os distúrbios vocais de base funcional; 2) Os professores constituem aproximadamente 25% dos pacientes que procuram tratamento fonoaudiológico devido a problemas de voz, sendo uma das causas, o ambiente ruidoso, que conduz o professor a adotar, mesmo sem perceber, uma voz em intensidade aumentada e altura agudizada. 3) O resultado de uma outra pesquisa (SERVILHA, E.A.M. *Consciência vocal em docentes universitários*. Pró-Fono, São Paulo, 1997), que mostra o desconhecimento dos professores sobre a produção de sua voz, sendo que as alterações vocais são por eles consideradas "normais".

A pesquisadora defende a necessidade da compreensão do mecanismo vocal e de como usá-lo com eficiência, com apreciação dos possíveis efeitos do mau uso e do abuso vocal como um longo processo que deve ser buscado para a prevenção de alterações vocais.

O aspecto auditivo na avaliação e terapia vocal

Citando autores, como BEHLAU e PONTES, (1995); (já referidos) MANGEON, C.H.; GIELOW, I. Treinamento auditivo na terapia de crianças com nódulos nas pregas vocais. In: BEHLAU, M.S. *O melhor que vi e ouvi II: Atualização em laringe e voz*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000; WRIGHT, B.A. et al. *Déficits in auditory temporal and spectral resolution in language-impaired children*. Nature, San Francisco, 1997; FAWCUS (1992), (já citado) BRODNITZ, F. S. *Psychological considerations in vocal rehabilitation*. *Journal of Speech Hearing Disorders*. New York, 1981; FERREIRA e VIOLA (2000) (já citados); WILSON, D.K. *Voice problems of children*. Baltimore: Williams & Wilkins, 1987; HERSAN, R.C. Disfonia infantil. In: LOPES, F. et. Al. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997), entre outros, a autora discute a importância do fator auditivo em todas as etapas da terapia vocal, desde o diagnóstico através da avaliação até o tratamento do problema no processo terapêutico. Para discutir essa questão, ela parte da hipótese de que o uso inadequado e intenso da voz pode decorrer de distúrbios da percepção auditiva, pois estando o feedback auditivo reduzido, se torna difícil minimizar os abusos vocais, uma vez que não se tem o monitoramento adequado da própria voz. O feedback auditivo desempenha papel fundamental, na medida em que permite controlar a voz, possibilitando a auto-correção e o aprimoramento da produção vocal. Na mesma medida, para o sucesso de uma terapia vocal, se faz necessária a aplicação de procedimentos de treinamento auditivo, segundo o mesmo argumento de que aprender a ouvir é um fator essencial na terapia vocal. Para isso é fundamental trabalhar os principais atributos sonoros da voz: frequência, intensidade e duração.

A frequência pode ser definida como parâmetro que dá a sensação acústica do tom grave (grosso) ou agudo (fino), resultante do número de ciclos por segundo que é produzido pelo fechamento e abertura da mucosa das pregas

vocais. A intensidade do som é percebida pelo ouvinte como fraco ou forte e é determinada pela amplitude de vibração das pregas vocais, podendo ser modificada pelo estado físico, emocional, pelo ambiente e pelas situações vividas. A duração é entendida como o tempo decorrido entre o início e o término de um som, que pode variar em sons de longa e curta duração. A percepção auditiva abrange esses três atributos, permitindo desenvolver a atenção seletiva para os sons, discriminação auditiva e análise-síntese auditiva. A reabilitação vocal inclui o treinamento vocal através de mascaramento ou monitoramento auditivo. A autora cita alguns desses treinamentos, para os quais é sempre imprescindível trabalhar as habilidades auditivas. Nos casos de disfonias funcionais, o treinamento auditivo deve enfatizar programas que abordem a discriminação auditiva, incluindo discriminação de altura, discriminação de vozes adequadas e inadequadas e de melhora referente à memória tonal. A memória é importante para todas as outras habilidades auditivas, pois é ela que permite armazenar e arquivar as informações acústicas para recuperá-las quando houver necessidade. Assim, o bom desempenho no processo de comunicação é garantido pela memória seqüencial de sons. O treinamento auditivo constitui um procedimento sistemático destinado a aumentar a quantidade de informação que uma pessoa pode obter para sua percepção total por parte do ouvido. Em suma, essa relação entre habilidades auditivas e terapia vocal, pode ser sintetizada da seguinte maneira: o treinamento auditivo poderá proporcionar experiências intensivas para melhorar a habilidade auditiva, porém a avaliação das habilidades auditivas deverá preceder tal treinamento, tendo em vista que as atividades de estimulação auditiva acontecerão de acordo com as habilidades detectadas como alteradas.

Percepção auditiva

Neste capítulo, a autora aborda aspectos referentes à conceituação e à avaliação da percepção auditiva e também descreve uma bateria de testes utilizados para a avaliação desta percepção.

Conceituação

Segundo a bibliografia citada na dissertação, a percepção auditiva pode ser conceituada de diferentes maneira, porém, para todos os autores, ela é um processo que envolve elementos de recepção, interpretação e representação interna do evento original. Assim, o processo perceptivo-auditivo abrange os seguintes componentes: o evento a ser percebido (som); o órgão sensorial (orelha); os dados sensoriais transmitidos como estímulo elétrico por meio do nervo auditivo e o processamento, isto é, a operação realizada pelos centros auditivos do cérebro e que resulta na percepção - representação. Todos os autores com o quais a pesquisadora trabalha, contribuem com alguma teoria ou tese acerca dessa noção geral exposta acima. As alterações de percepção auditiva podem ser explicadas por quatro hipóteses sugeridas pelos autores, (WILLEFORD, J. A.; BURLEIGH, J. Handbook of central auditory processing disorders in children. Califórnia: Grune and Stratton) e são elas: a) déficit de memória auditiva (a pessoa não consegue lembrar uma série longa de eventos auditivos), seqüenciação auditiva (a pessoa não percebe sons individuais em seqüência própria), resolução temporal (a pessoa não consegue perceber pequenas

diferenças temporais de sons) e diferenciação de figura-fundo, a pessoa é incapaz de separar os sons interessantes dos sons desprezíveis.

Avaliação da percepção auditiva

Nesse capítulo, a autora discorre sobre a relevância de se fazer a avaliação da percepção auditiva para que o diagnóstico do problema seja correto. Mais uma vez, com base na bibliografia citada, ela defende a idéia de que a avaliação deve ser feita num ambiente controlado, usando estímulos desejados, utilizando procedimentos padronizados de observação comportamental, combinando-os com o diagnóstico da evolução de um indivíduo do ponto de vista gnóstico auditivo, em um programa de reabilitação fonoaudiológica. Portanto, os testes e os treinamentos padronizados não devem sobrepor-se à análise individual. Recorrendo à bibliografia citada, a autora explicita o objetivo da avaliação, como sendo a correta identificação dos indivíduos que apresentam o distúrbio e a exclusão dos que não apresentam. A necessidade de comparação entre os dois grupos é fundamental em todas as etapas do processo, pois existem dois fatores a serem considerados para o bom resultado da terapia vocal: sensibilidade e especificidade, sendo que a sensibilidade se refere à porcentagem de indivíduos com um determinado distúrbio ou com possibilidades de desenvolver. Enquanto que a especificidade é a porcentagem de indivíduos sem o distúrbio para o qual o teste foi designado e/ou que tiveram desempenho diferente da população para a qual o teste foi designado.

Bateria de testes utilizados para a avaliação da percepção auditiva

Nesse capítulo, a autora relata vários testes para a avaliação da percepção auditiva, realizados por diversos pesquisadores da área, todos eles baseados nos atributos auditivos acima mencionados. A autora ressalva que existem inúmeros testes, mas ela estaria focando apenas naqueles que lhe interessa em função da relação entre percepção auditiva e disfonias funcionais e organofuncionais. São os seguintes: Teste de Detecção de Padrão de Frequência (TDPF), Teste de Detecção de Padrão de Duração (TDPD) e Índice de Sensibilidade a Pequenos Incrementos (SISI). Citando os pesquisadores mencionados, a autora mostra as vantagens dos testes, considerando a idade, o sexo e o sintoma específico dos indivíduos estudados e também onde encontrá-los e suas características acústicas e de gravação.

Metodologia utilizada

A pesquisadora expõe a metodologia por ela utilizada e que consistiu em vários procedimentos fundamentados nos estudos anteriormente relatados. Inicialmente, ela descreve o seu objeto de estudo: são professores que ministram aulas para todos os níveis de ensino, desde o fundamental até o ensino superior, das redes pública e privada do município de Fernandópolis, SP. Este município possui 47 escolas e aproximadamente 1221 professores. O contato inicial foi feito com as direções das escolas a fim de que elas agendassem horários para a realização de palestras sobre a questão pesquisada e também para fazer uma primeira seleção a partir do interesse das pessoas, momento no qual elas assinaram "termo de compromisso". Os selecionados deveriam cumprir os seguintes quesitos: 1) ter entre 18 a 40 anos, 2) ter o português como língua materna, 3) não ter realizado terapia

fonaaudiológica, 4) não apresentar distúrbios endócrinos, 5) não apresentar distúrbios neurológicos, 6) não apresentar queixas auditivas. Para isso, foram aplicados questionários versando sobre esses pontos e excluídas as pessoas que soubessem tocar algum instrumento musical ou estivessem aprendendo. Nessa primeira triagem foram selecionadas 53 pessoas interessadas, entre as 82 que participaram das palestras, sendo 50 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, estes foram excluídos por não terem representatividade estatística. Em seguida, as 50 professoras submeteram-se aos seguintes exames: 1) exame laringológico, 2) audiometria tonal, 3) pesquisa do limiar de reconhecimento da fala, 4) pesquisa do índice de reconhecimento da fala, 5) medidas de imitância acústica. Após a realização destes procedimentos, foram excluídas seis professoras, ficando assim 44, que constituíram a amostra com a qual a pesquisadora trabalhou. A partir daí, formaram-se dois grupos: Grupo Não- Disfônico (GND), composto por 21 professoras e Grupo Disfônico (GD), composto por 23 professoras. Os grupos foram avaliados quanto às habilidades auditivas, segundo os testes já referidos: Testes de Detecção de Padrão de Frequência e de Duração e a Pesquisa do Limiar Diferencial de Intensidade. Em seguida, na exposição da metodologia utilizada, a pesquisadora descreve minuciosamente a aplicação dos testes nos dois grupos de referência.

Referencial teórico

Nesse capítulo, a autora se refere a uma série de estudos que demonstram a relação entre a percepção auditiva e alterações vocais, sendo que cada um deles contribui num aspecto muito específico para a compreensão dessa relação. Num desses estudos (YONEDA, 1998), o pesquisador afirma que a voz sofre influências de fatores emocionais, pessoais, perceptuais e funcionais, e que, portanto, não se pode atribuir somente à alteração orgânica o resultado da produção vocal, sendo necessário aprofundar os conhecimentos sobre a dimensão desses fatores para contribuir para o entendimento do processo diagnóstico terapêutico dos pacientes disfônicos. De todos os estudos citados, é possível extrair algumas idéias gerais que estão contempladas em todos eles. Em primeiro lugar, é a própria indissociabilidade entre essas duas funções de sentidos entre ouvir e falar, portanto entre percepção auditiva e distúrbios vocais. Assim, neste capítulo, a autora tenta amarrar todas as idéias norteadoras do seu trabalho, demonstrando a relevância de sua preocupação no âmbito de sua área de pesquisa.

Resultados da pesquisa

Caracterização da amostra

A pesquisadora descreve as características dos dois grupos formados (GND e GD) pelo número de professoras nos diferentes níveis de ensino e pelas disciplinas por elas ministradas

Análise do desempenho nos testes de detecção de padrão de frequência e duração

Os resultados da análise obtidos da avaliação das habilidades auditivas para discriminar traços de frequência e duração em grupo de professores com e sem alterações vocais estão nas tabelas indicadas adiante.

Análise do desempenho na pesquisa do limiar diferencial de intensidade

Os resultados obtidos na Pesquisa do Limiar Diferencial de Intensidade, mediante aplicação do Teste de Índice de Sensibilidade a Incrementos também se encontram nas tabelas que indicaremos adiante.

Tabelas:

Tabela 1: Porcentagem de acertos esperados em sujeitos normais no Teste de Detecção de Padrão de Frequência

Tabela 2: Distribuição numérica e percentual das professoras do GND (N=21) e GD(N=23) segundo idade

Tabela 3: Distribuição numérica e percentual das professoras do grupo GND (N=21) e GD(N=23) segundo o nível de ensino (NA).

Tabela 4: Distribuição numérica dos professores dos grupos(GND) e(GD) segundo níveis de ensino, disciplina ou série em que lecionam.

Tabela 5: Distribuição por frequência e percentual das alterações vocais encontradas no Grupo Disfônico (GD).

Tabela 6: Distribuição numérica e percentual de acertos e erros obtidos na avaliação do parâmetro de frequência nos dois grupos, de acordo com a aplicação do Teste de Detecção de Padrão de Frequência.

Tabela 7: Distribuição numérica e percentual de acertos e erros obtidos na avaliação do parâmetro de duração nos dois grupos de acordo com a aplicação do Teste de Detecção de Padrão de Duração.

Tabela 8: Comparação entre as médias dos valores do Teste de Detecção de Padrão de Frequência (TDPF), considerando-se o número de acertos (AC_N) e porcentagem (AC_P) de acordo com os achados nos dois grupos.

Tabela 9: Comparação entre as médias dos valores no Teste de Detecção de Padrão de Duração (TDPD) considerando-se o número de acertos e porcentagem de acordo com os achados nos dois grupos.

Tabela 10: Distribuição das variáveis estudadas considerando a ocorrência nos dois grupos.

Tabela 11: Distribuição numérica e percentual de indivíduos dos dois grupos que apresentaram no TDPD valores acima e abaixo de 90% (índice de corte para a faixa etária adulta, segundo a AUDITEC (1997).

Tabela 12: Distribuição numérica e percentual de pessoas dos dois grupos que apresentaram no TDPD, valores acima e abaixo de 87%

Tabela 13: Distribuição numérica e de professores que responderam aos incrementos apresentados (Inc) na orelha direita(OD) e orelha esquerda (OE) nos dois grupos.

Tabela 14: Distribuição numérica e percentual de Incrementos Respondidos (Inc) pelos professores na orelha direita e orelha esquerda nos dois grupos.

Tabela 15: Distribuição numérica e percentual de incrementos respondidos pelos dois grupos, considerando as duas orelhas ao mesmo tempo.

Tabela 16: Distribuição dos valores de significância encontrados na orelha direita e orelha esquerda entre os professores dos dois grupos por ocasião da aplicação do teste SISI.

Tabela 17: Distribuição dos valores de significância encontrados em cada orelha entre os professores dos dois grupos por ocasião da aplicação do teste SISI.

Tabela 18: Distribuição dos achados dos sujeitos (S) do GD quanto a idade, diagnóstico otorrinolaringológico, constatando a presença de nódulos, fenda triangular médio posterior e fonação ventricular acertos no TDPD, no TDPF e

Índice de Sensibilidade a Incrementos (SISI).

Tabela 19: Idem a 18.

O Trabalho contém os seguintes anexos:

Anexo 1: Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa

Anexo 2: Carta de Informação ao Participante

Anexo 3: Questionário

Anexo 4: Protocolo utilizado para o registro das respostas obtidas na pesquisa do Limiar Diferencial de Intensidade, mediante a aplicação do teste SISI.

Na discussão dos resultados, a autora afirma que os dois grupos: GND e GD se mostraram similares com relação à distribuição por nível de ensino e disciplinas ministradas. Ela analisa os resultados em função dos três parâmetros acústicos

avaliados no estudo, verificando os níveis de erros e acertos na comparação entre os dois grupos.

E na conclusão, ela mostra que o número de acertos do GND foi sempre maior do que o GD, confirmando assim sua hipótese inicial, ou seja, que os distúrbios vocais estão intimamente relacionados aos problemas que ocorrem nas habilidades da percepção auditiva: frequência, intensidade e duração.

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de *burnout* em professores de instituições particulares de ensino**. Tese de doutorado. Universidade de Santiago de Compostela. Faculdade de Psicologia. Departamento de Psicologia Social Santiago de Compostela, Espanha, 2005.

ORIENTADOR: PROF. DR. DAMASO MANUEL RODRIGUEZ FERNANDÉZ

FORMAÇÃO DA AUTORA: ESPECIALISTA EM GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS (UCAM-RJ), MESTRE EM SAÚDE COLETIVA (ULBRA-RS)

PALAVRAS-CHAVE (INDICADAS PELA RESENHISTA): SÍNDROME DE *BURNOUT*; ESTRESSE; SAÚDE- DOENÇA DOCENTE; ENSINO INFANTIL, FUNDAMENTAL, MÉDIO, UNIVERSITÁRIO; MÉTODO QUANTITATIVO; ESTUDO DE CASO; PSICOLOGIA SOCIAL; INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE ENSINO

LINHA DA PESQUISA: PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO DOCENTE: SÍNDROME DE *BURNOUT* (SUGESTÃO DA RESENHISTA)

AUTORA DA RESENHA: MARIA ROSA LOMBARDI

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O tema da tese é a saúde psicológica dos professores, mais particularmente, a Síndrome de *Burnout* (SB) e sua presença e gradação entre os professores de todos os níveis de ensino, da rede particular.

Levanta a hipótese de que essa síndrome – e os diferentes graus em que ela se apresenta- teria associação com o nível de formação do professor, apresentando diferenças significativas entre os professores com formação universitária e os sem essa formação.

Da mesma maneira, percebe-se que a autora tem como hipótese a associação da SB com características demográficas, motivação e satisfação no trabalho dos professores. E pretende identificar quais são essas variáveis, em que grau se associam com a síndrome, e seu peso na predição da ocorrência da SB.

Objeto da análise

O objeto da análise é o professor de todos os níveis de ensino, em escolas particulares. Tem como objetivos:

Geral: Avaliar o nível da Síndrome de *burnout* em professores de instituições particulares, verificando a existência de diferença significativa entre professores universitários (PU) e não universitários (PNU), bem como possíveis associações com característica de cargo, satisfação no trabalho, variáveis demográficas e profissionais.

Específicos:

Caracterizar os grupos de professores que compõem a amostra do estudo. Avaliar o nível de SB em professores de instituições particulares-universitários e não universitários- e a existência de diferença entre os grupos.

Verificar a ocorrência de associações entre as dimensões de *burnout* e variáveis demográficas (gênero, idade, estado civil, número de filhos) e profissionais (experiência profissional, titulação, carga horária, turno de trabalho, área de docência, número de alunos, entre outras) em professores universitários e não universitários

Verificar a existência de associação entre as dimensões de *burnout* e fatores de motivação no trabalho em professores universitários e não universitários

Verificar a existência de associação entre as dimensões e *burnout* e as de satisfação no trabalho em professores universitários e não universitários
Identificar as variáveis preditivas das dimensões da SB em professores universitários e não universitários”(p.144/5).

Metodologia utilizada

A metodologia utilizada foi quantitativa, através de aplicação de questionários constituídos, em sua maior parte, de escalas graduadas em 7 pontos. O processamento e análise estatística dos dados foram feitos através do programa SPSS.

Definiu como variável dependente, a Síndrome de *burnout* e como variáveis independentes:

1. Variáveis demográficas_(sexo, idade, estado civil, número de filhos)
2. Variáveis laborais (titulação, tempo de experiência docente, tempo de trabalho na escola, turno de trabalho, carga-horária semanal, número de alunos por dia, interface trabalho-casa, atividades extra-institucionais, atividades de lazer)
3. Variáveis de trabalho específicas do professor universitário (áreas ou centro de atuação, tais como Saúde, Naturais e Exatas, Humanas, Jurídicas e Sociais)
4. Variáveis de trabalho específicas do professor não universitário (nível de atuação: Educação infantil, Ensino Fundamental, Médio, mais de um nível)
5. Motivação no trabalho:
 - a) dimensões básicas do cargo (p.ex., variabilidade de habilidades, identidade com as tarefas, autonomia etc);
 - b) estados psicológicos críticos (significação do trabalho, responsabilidade pelo resultado do trabalho, conhecimento dos seus resultados);
 - c) respostas afetivas;
 - d) fatores emocionais (satisfação, motivação etc);
 - e) fatores contextuais (p.ex., satisfação com a segurança no trabalho, com o pagamento, com as oportunidades de crescimento).
6. Satisfação no trabalho

Utilizou como instrumentos de coleta de dados:

- 1) Questionário para levantamento de dados pessoais e laborais, auto-aplicável, teve como base o referencial teórico sobre a Síndrome de *burnout* em professores (apêndice B).
- 2) MBI- Maslach Burnout Inventory, _voltado para a medição da SB. Avalia como o trabalhador vivencia seu trabalho , de acordo com 3 dimensões: Exaustão Emocional (9 itens), Desenvolvimento Pessoal (8 itens), Despersonalização (5 itens). O questionário totaliza 22 itens que indicam a intensidade e a frequência das respostas com escalas de pontuação de 7 itens (Apêndice C). Referências:
 - a. Maslach e Jackson . The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2,p. 99-113, 1981
 - b. Burke et al . Predicting teacher burnout over-time: effects of work stress, social support and self-doubts on burnout and its consequences. *Anxiety, Stress and Coping*, 9,p. 261-175; 1996

- c. Maslach e Leiter. *The truth about burnout:how organization cause personal stress and what to do about it*. San Francisco, Jossey-Bass, 1997
 - d. Lautert,L. *O desgaste profissional do enfermeiro*. Tese de doutorado. Universidade Pontifícia de Salamanca- Faculdade de Psicologia, Salamanca, Espanha, 1995
- 3) JDS- Job Diagnostic Survey que mede motivação no trabalho, a partir de variáveis de conteúdo e de contexto. As dimensões avaliadas são dimensões básicas do cargo, estados psicológicos ou percepção do cargo, reações afetivas e satisfações específicas. O questionário é composto de 82 questões, agrupadas em 7 seções (Apêndice D). Referências:
- e. Hackman e Oldhan . *Work redesign*. Massachussets, Addison-Wesley Reading, 1980
 - f. Fuertes, Monduate e Fortea . *Analisis y rideseño de puestos* (adaptação espanhola do questionário JDS-Job Diagnostic Survey). Universitat Jaume I, Espanha, 1996)
- 4) Questionário de Satisfação no trabalho S20/23 (Apêndice E).versão com 23 itens distribuídos em 5 fatores: Satisfação com a Supervisão (6 itens);Satisfação com o ambiente físico de trabalho (5 itens); Satisfação com benefícios e políticas da organização (5 itens); Satisfação intrínseca do trabalho(4 itens); Satisfação com a participação(3 itens). Referências:
- g. Meliá e Peiró. La medida de la satisfacci3n laboral em contextos organizacionales: el cuestionario de satisfacci3n S20/23. *Psicologemas*, 3,5;p.59-74; 1989

Os procedimentos metodol3gicos de valida3o desses instrumentos (pois alguns foram constru3dos em pa3ses desenvolvidos), os testes de fidedignidade e confiabilidade foram extensos e rigorosos e a autora os relata com detalhes.

Amostra:

À popula3o de 1145 professores universit3rios que atuam na 3rea de ensino, pesquisa e servi3os de uma universidade privada confessional e 996 professores de escolas privadas que ensinavam em 8 escolas de m3dio e grande porte, da regi3o metropolitana de Porto Alegre, foi distribu3do o conjunto de question3rios para auto-preenchimento. Obteve retorno de 280 instrumentos v3lidos dos professores universit3rios (24,5%) e 283 dos professores n3o universit3rios (educa3o infantil, ensino fundamental e m3dio), ou 28,4%. A amostra, portanto, n3o foi probabil3stica e os resultados n3o s3o generaliz3veis para o universo considerado.

Referencial te3rico

A autora faz uma extensa revis3o bibliogr3fica nacional e internacional em tr3s problem3ticas que tangenciam sua pesquisa: aspectos hist3ricos e contextuais da educa3o no Brasil, profiss3o docente , s3ndrome de *burnout* e s3ndrome de *burnout* em professores. Nesta resenha, destaco as duas 3ltimas.

S3ndrome de *Burnout* (SB); "*Burnout* 3 a express3o inglesa para designar aquilo que deixou de funcionar por exaust3o de energia"(Fran3a, H.H. A s3ndrome de *burnout*. *Revista Brasileira de Medicina*, 44, 8; 1987,p.197)

Cristina Maslach, psic3loga social, foi quem entendeu , por meio de estudos com profissionais do Servi3o Social e da Sa3de, que as pessoas com

burnout apresentavam atitudes negativas e distanciamento pessoal. Junto com Ayala Pine e Gary Cherniss, popularizou o conceito de *burnout* e o legitimou como uma importante questão social (Farber, 1991). O que tem emergido de quase todos os estudos é conceituação de *burnout* como uma síndrome psicossocial, surgida como uma resposta crônica aos estressores interpessoais ocorridos em situação de trabalho. Outras denominações da síndrome: Estresse laboral, Estresse laboral assistencial, Estresse profissional, Estresse ocupacional etc. No Brasil, denomina-se Neurose Profissional ou Neurose de Excelência ou Síndrome do Esgotamento Profissional.

A autora utiliza no trabalho a definição mais aceita de SB, fundamentada na perspectiva social-psicológica de Cristina Maslach et al (Maslach e Jackson. The measurement of experienced burnout. *Journal of occupational behavior*, 2, 1981. p. 99-113; Maslach e Golberg. Prevention of burnout. News perspectives. *Applied and Preventive Psychology*, 7, 1998; p. 63-74). Essa perspectiva considera a síndrome como uma reação à tensão emocional crônica por lidar excessivamente com pessoas. É um construto formado por três dimensões relacionadas, mas independentes (p.61):

1. Exaustão emocional: falta de energia ou entusiasmo e sentimento de esgotamento de recursos, aos quais podem se ajuntar os sentimentos de frustração e tensão, pois o indivíduo não tem mais condição de atender as pessoas como antes;
2. Despersonalização: o profissional passa a tratar os clientes, colegas e organização como objetos. Os trabalhadores podem desenvolver uma insensibilidade emocional;
3. Baixa realização pessoal no trabalho: tendência do trabalhador em se auto-avaliar de forma negativa. As pessoas sentem-se infelizes com elas próprias e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional. Também experimentam um declínio no sentimento de competência e êxito, bem como de sua capacidade de interagir com as pessoas.

A despersonalização é o elemento chave da SB, pois a exaustão emocional e a baixa realização profissional podem estar associadas a outros tipos de síndrome. Rudow 1999 (Rudow, B. Stress and burnout in teaching profession: european studies, issues and research perspectives. In R. Vanderberque e M.A. Huberman (eds) Understanding and preventing teacher burnout: a source book on international practice and research, Cambridge, Cambridge University Press, 1999; p. 38-58) entende que a síndrome de *burnout* é um processo, ocorre de forma individual e se desenvolve com o passar do tempo, num incremento paulatino de severidade. Uma vez instalado, parece que se mantém estável com o decorrer do tempo, caracterizando uma crise mais crônica que aguda.

Burnout e estresse não são constructos idênticos. O *burnout* parece ser uma das principais conseqüências do estresse profissional (França e Rodrigues, *Stress e trabalho*, São Paulo, Atlas, 1997). Da mesma forma, diferem *burnout* e insatisfação no trabalho: ambas são experiências psicológicas negativas, mas na SB ocorre o sentimento de exaustão emocional e a atitude de despersonalização, o que não ocorre quando existe somente a insatisfação no trabalho.

Mesmo adotando as mesmas dimensões básicas que compõem a SB, diferentes autores divergem sobre o seu processo, seus estágios e níveis, suas causas e conseqüências, existindo vários modelos para mensurar e explicar a SB, sendo que a autora faz uma extensa revisão bibliográfica e

destaca os principais modelos interpretativos da SB. Na investigação, utiliza o modelo de Maslach e o instrumento derivado dele (elaborado em 1978), o MBI- Maslach Burnout Inventory, por ser o mais reconhecido e amplamente utilizado em estudos sobre a SB, permitindo comparação com resultados de outras investigações. O MBI é um instrumento voltado exclusivamente para a avaliação da síndrome, não considerando os elementos antecedentes nem as conseqüências do processo. Como o *burnout* não é uma variável dicotômica, o instrumento não avalia sua presença ou ausência. *Burnout* é uma variável contínua que oscila entre os níveis Baixo (percentuais abaixo de 25), Médio (entre 25 e 75%) e Alto (maior de 75%). Portanto, altos escores em exaustão emocional e despersonalização e baixos escores em realização profissional (esta sub-escala é inversa), indicam alto nível de *burnout*.

Modelo Maslach ...entende *burnout* como um processo e enfatiza a importância das características do trabalho como fatores causadores da SB. Entende que cada pessoa expressa *burnout* de uma forma única, mas de uma maneira geral, a síndrome se apresenta como um processo gradual pelo qual a pessoa começa a perder o significado e a fascinação pelo trabalho, dando lugar a sentimentos de aborrecimento e falta de realização. Segundo este modelo, as pessoas não começam um trabalho sentindo *burnout*; geralmente elas esperam sentirem-se engajadas e satisfeitas com ele. Aos poucos, o sentimento de entusiasmo, dedicação e prazer com o trabalho são trocados por sentimentos de raiva, ansiedade e depressão, fazendo com que o indivíduo acredite estar vivendo uma crise pessoal. "Energia, envolvimento e eficácia são direções opostas das três dimensões de *Burnout*", sendo substituídas pela exaustão, despersonalização e falta de realização no trabalho, respectivamente (Maslach e Leiter. *The truth about burnout; how organization cause personal stress and what to do about it*. S.Francisco, Jossey-Bass, 1997,p.24). A primeira dimensão a surgir é a exaustão emocional, geralmente relacionada às excessivas demandas provenientes do exercício do trabalho. Como estratégia defensiva, ocorre o afastamento psicológico do profissional de sua clientela, surgindo então a fase e dimensão subsequente, a despersonalização. A última fase emergiria como resultado de todo este funcionamento, sendo caracterizada pelo sentimento de incompetência e inadequação profissional, denominada de baixa realização profissional"(p.70).

A literatura indica como outros fatores associados com a SB, as variáveis demográficas (sexo, idade, estado civil, número de filhos), nível educacional, variáveis profissionais (tipo de profissão, experiência profissional, desenvolvimento de carreira, setor de trabalho, turno de trabalho, relacionamento profissional-cliente, suporte social, conflito e ambigüidade de papel, controle, sobrecarga de trabalho e pressão no trabalho, motivação no trabalho, satisfação no trabalho), fatores organizacionais e de contexto sócio-cultural no trabalho (clima organizacional, contexto sócio-cultural e político) e características de personalidade. A autora faz uma extensa revisão dos autores e estudos que identificaram relações de cada uma dessas variáveis com a SB.

Síndrome de *burnout* em professores: a SB em profissionais da educação vem recebendo crescente atenção por parte de vários pesquisadores nacionais e internacionais e os resultados encontrados colocam que, hoje, a severidade de *burnout* em profissionais de ensino é superior aos da saúde, o que os enquadra como uma das profissões de alto risco. A autora fará uma revisão bibliográfica de pesquisas que abordam a SB em professores, que pode ser recuperada, nas páginas 121 a 140. De forma esquemática, a seguir procuro recuperar pontos que me pareceram principais para situar a questão e aponto alguns dos autores referidos na tese:

1. Causas da SB em professores: alguns autores entendem que a combinação de fatores individuais, organizacionais e sociais estariam na base da SB, sendo que sua interação produziria uma percepção de baixa valorização profissional, tendo como resultado a SB (Farber 1991). A literatura sugere também que professores idealistas e entusiasmados com a profissão são mais vulneráveis, pois tendem a superestimar sua expectativa profissional e na impossibilidade de alcançá-la, frustam-se (Maslach e Jackson. *Burnout in organizational settings. Applied Social Psychology Annual*, 5, p. 133-153, 1984b). As organizações escolares, por sua vez, esperam alto desempenho do professor, sem lhe dar condições para atingi-lo, gerando ansiedade, estresse e levando à SB.
 - a. Associação de características demográficas dos professores à SB: estudos não determinaram se a SB está mais presente em homens ou mulheres, aparecendo resultados diferentes, em diferentes estudos (Farber 1991 acredita que homens são mais vulneráveis, Fernandez-Castro (Efectos Del estrés docente sobre los hábitos de salud, *Ansiedad y Estres*, 0; 1994, p. 127-133) assinala a maior vulnerabilidade feminina. Professores com menos de 40 anos parecem apresentar maiores riscos de SB, provavelmente pelas expectativas irrealistas quanto ao magistério (Farber 1991).
 - b. SB e variáveis profissionais: o nível de ensino em que leciona o professor parece estar significativamente associado a SB, sendo que os professores do ensino médio correriam maiores riscos que aqueles que lecionam nas séries iniciais do ensino fundamental, possivelmente porque a pressão no trabalho é menor para os professores que atendem crianças menores (Woods, P. Intensification and stress in teaching. In R. Vanderberque e M.A. Huberman (eds) *Understanding and preventing teacher burnout: a source book of international practice and research*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999; p. 115-138)
 - c. Fatores organizacionais: a natureza do papel do professor, seu aspecto relacional e interacional contam para o surgimento da SB, em função das tensões e conflitos, seja com os alunos, seja com familiares dos alunos que muitas vezes acreditam que o professor é o único responsável pelo fracasso escolar dos filhos, seja com a administração institucional, que em geral é vista como adversária e controladora, questionando sua autoridade. Ainda, a burocracia do sistema educacional pode se constituir noutra variável relevante na causação da SB, fazendo com que os professores se sintam desrespeitados e

sem suporte. Do ponto de vista público, a categoria dos professores sofre muitas críticas, sendo extremamente cobrada em seus fracassos e raramente reconhecida nos sucessos (Farber, B.A. *Crisis in education: Stress and burnout in american teachers*, San Francisco, Jossey-Bass;1991). Outros fatores causadores de tensão são classes excessivamente grandes, excesso de tarefas burocráticas, a presença de alunos com necessidades especiais na sala de aula, a falta de autonomia e baixa participação nas definições políticas do ensino, a inadequação salarial e a ausência de oportunidades de promoção.

d. As causas mais freqüentes de SB nos professores são: falta de reciprocidade na relação com alunos, ambigüidade, conflito e sobrecarga de papel, problemas de comportamento dos alunos, a relação professor-família, dúvidas quanto à competência profissional e conflitos entre o papel profissional e familiar, problemas de relacionamento com colegas, aspectos das condições de trabalho, salário, status e conflito de papel, preparação insuficiente para a prática de trabalho, familiares delegam toda responsabilidade do processo educacional à escola (Farber 1991; Kyriacou, C. teacher stress and burnout: na inernaional review. *Educational Research*, 29,2, 1987;p. 146-152).

2. Conseqüências da SB: as conseqüências da SB não se manifestam somente no campo profissional, mas têm repercussões sobre a organização escolar, a relação com os alunos. Há um processo de deterioração da qualidade dos serviços e da adoção de atitudes negativas por parte dos professores na relação com alunos e quanto ao seu papel profissional. Pode demonstrar sentimentos depreciativos em relação a administradores e pais de alunos e à profissão. O professor com SB tem dificuldade de se envolver, não manifesta carisma nem emoção na relação com os alunos, afetando a motivação e a aprendizagem dos alunos.

Existem diversos modelos explicativos da SB, partindo de diferentes perspectivas:

1. Modelo sociológico que aborda a questão apontando fatores micro (biografia pessoal e profissional do professor), meso (institucionais, como tipo de escola p.ex.) e macro, que são todas as forças derivadas das tendências globais e políticas governamentais. Esses níveis interagem e levam ao processo de desprofissionalização e intensificação do trabalho, à proletarização do trabalho dos profissionais da educação (Woods 1999). Um processo de transformação da profissão tem ocorrido, com diversificação de atividades e aumento da responsabilidade, com maior distanciamento entre a execução (professores) e o planejamento das políticas de ensino que norteiam seu trabalho. O trabalho do professor passa a ser mais controlado e medido, tendo em vista a consecução de eficácia e eficiência na aplicação de recursos públicos, modelo vinculado à concepção de escola "empresa" (Keltchtermans, G. Teaching career: between burnout and fading away? Reflections from a narrative and biographical perspective. In. R. Vanderberque e M.A. Huberman (eds) *Understanding and prevening teacher burnout: a*

- source book os international practice an research* , Cambridge, Cambridge University Press,1999; p. 176-191).
2. Modelo psicológico (Farber B.A, Inconsequentiality- the key to understanding teacher burnout. In. R. Vanderberque e M.A. Huberman (eds) *Understanding and prevening teacher burnout: a source book os international practice an research* , Cambridge, Cambridge University Press,1999; p. 159-165); Cherniss, C. *Beyond burnout*, New york, Rutledge 1995; Maslach e Leiter. Take this job and love it. *Psychology today*, 32 1999, p. 50-7;Lens e Jesus. A psychological interpretation of teacher stress and burnout In. R. Vanderberque e M.A. Huberman (eds) *Understanding and prevening teacher burnout: a source book os international practice an research*, Cambridge, Cambridge University Press,1999; p. 192-201), que acredita que o ponto chave para o entendimento da SB está na abordagem psicológica, mais especificamente no sentimento do professor sobre o significado do seu trabalho. A SB ocorreria quando o professor sente que seus esforços não são proporcionais às recompensas obtidas.
 3. Modelo biográfico (Keltchtermans, 1999), que entende que as causas da SB devem ser buscadas nas características individuais e de história de vida profissional, ou seja, a partir do desenvolvimento da carreira do professor.

Resultados da pesquisa

O estudo identificou que os professores estudados apresentaram baixo nível em todas as dimensões de *burnout*, considerando a totalidade do grupo. Mas identificou também a tendência da SB vir a se manifestar no grupo, face aos índices encontrados somando os percentuais de nível médio e alto (44% Exaustão Emocional; 28% Despersonalização e 39% Baixa Realização profissional), superiores aos encontrados na literatura especializada. Isto é, o processo da SB parece em curso, embora possa estar sendo contido, de forma defensiva, pelo sentimento de realização profissional no trabalho. Essa dimensão poderia estar funcionando como uma defesa coletiva frente ao desgaste proporcionado pelas condições adversas de trabalho. Essa interpretação ganha força quando se pensa na função docente desenvolvida em instituições particulares de ensino de caráter religioso, com a presença de resquícios da construção sócio-histórica da profissão docente, como profissão vocacionada, que exige abnegação e doação, sem permitir questionamentos sobre até que ponto o trabalho é fator de satisfação e realização pessoal. Nessa construção, as mulheres seriam portadoras naturais desses "dons" maternais pela sua própria natureza. A profissão docente seria, assim, percebida de forma idealizada, fato que faria parte da estratégia defensiva elaborada pelos professores. Essa situação, porém, foi mais comum entre os professores não universitários.

As características pessoais e profissionais dos grupos² também influenciaram nos resultados. P.ex., os professores de escolas são mais jovens e, embora sejam os que têm maior experiência profissional e atuem na instituição de ensino há mais tempo, quando comparados aos professores universitários(PU), têm que lidar com o estresse presente na docência no ensino básico. Estudiosos da temática em professores,

² Vide no Anexo, a caracterização demográfica e profissional da amostra de 583 professores.

acreditam que o confronto entre as expectativas irreais que os jovens têm da profissão e o retorno que dela obterão podem ser fatores importantes na geração da SB.

Na comparação dos índices obtidos entre os grupos (PU- professores universitários e PNU- Professores não Universitários) nas três dimensões da SB (Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Profissional), as variáveis sexo e faixa etária se apresentaram diferenciadamente. Professores universitários mais jovens (menos de 30 anos) mostraram maiores índices de Exaustão Emocional. Possivelmente, em função da pouca ou nenhuma experiência anterior de ensino, diferentemente do grupo PNU, em cuja formação, a prática é uma das exigências para obtenção da titulação.

Já, no grupo PNU, as mulheres e os solteiros obtiveram maiores índices na dimensão Exaustão Emocional. No primeiro caso, há associação clara à questão de gênero, a mulher percebida como bem adaptada ao ensino e ao cuidado com os outros, além de exercer dupla ou tripla jornada de trabalho, acumulando trabalho remunerado com afazeres domésticos, que continuam sendo entendidos como sua responsabilidade. Quanto à Despersonalização em solteiros, na literatura há referências a uma maior dificuldade de lidar com pessoas e seus problemas, face à ausência de um "treino" na vida familiar que proporcionaria maior habilidade para lidar com situações de crise.

Na comparação entre SB e variáveis profissionais, a autora verificou que, entre os PU vinculados aos Centros de Ciências da Saúde e Humanas havia maiores índices de exaustão emocional do que entre os professores da área Jurídica ou Exatas, confirmando achados da literatura que constata que os profissionais envolvidos com saúde e educação são os mais acometidos pela síndrome. No estudo, a carga horária associou-se à Exaustão Emocional apenas entre PU. O fato de trabalhar em outra instituição simultaneamente à universidade, muitas vezes exercendo outras atividades como autônomos teve associação positiva com a realização profissional.

No que diz respeito a fatores motivacionais, entre os PU, a pesquisa verificou que quanto menor a identificação do professor com sua atividade, quanto menor seu grau de autonomia em executá-la, assim como a percepção do potencial motivacional do seu cargo, maior é o desgaste emocional experimentado. Resultado semelhante foi encontrado em relação à variável Significado da tarefa, pertencente à dimensão Despersonalização. Na literatura, alguns autores consideram a Despersonalização como a dimensão que caracteriza o *burnout*, atribuindo ao Significado da tarefa um papel importante na causação da síndrome. Ainda, quanto menor é a percepção da significância do trabalho, menor o retorno recebido e a avaliação do potencial motivacional do cargo, maior é o sentimento de baixa realização profissional.

No grupo de professores não universitários (PNU), por sua vez, os resultados indicaram que quanto maior o feedback recebido sobre sua eficácia no trabalho por parte das chefias e colegas, menor o sentimento de desgaste emocional e profissional. O feedback positivo proveniente do cliente (alunos e pais) é a mais importante causa de satisfação pessoal e também, potencialmente, a maior causa de insatisfação, desilusão e sofrimento.

O paradigma vigente que entende as escolas como prestadoras de serviços educacionais, adotando um modelo de gestão empresarial parece estar

contribuindo para a geração de *burnout* em professores. O modelo de gestão empresarial causa situações ambíguas, relações tensas permeadas de conflito e repercute na saúde mental dos professores.

Independente do nível de ensino, os professores sentem-se mais realizados profissionalmente quando é claro o significado de seu trabalho e eles possuem retorno sobre o mesmo. Ainda, quanto menor a satisfação com a remuneração recebida, com o relacionamento com os colegas e com a segurança no trabalho, maiores são os sentimentos que caracterizam o *burnout*. Os resultados também apontaram relação entre todos os fatores de satisfação e *burnout*, confirmando outros estudos que indicam relação negativa entre *burnout* e sentimento de satisfação no trabalho.

A análise de preditores indica predominância das variáveis relacionadas ao trabalho em ambos os grupos como sendo as mais relacionadas à SB³.

Nas Conclusões (p.225), a autora afirma que os resultados do estudo confirmam o modelo sociológico (Woods 1999) e o modelo psicológico (Farber 1991) que tentam explicar a manifestação da SB em professores. "O sociológico é confirmado através da emergência de fatores micro-sociais (variáveis profissionais) e o psicológico, através da importância dada o significado do trabalho (motivação intrínseca da atividade). Considerando que a adequação de um modelo é sua capacidade de prever com exatidão os diversos resultados sob certas condições, acreditamos que os resultados apontam para a necessidade de compreendermos o burnout a partir de modelos explicativos, vendo-os como complementares, em vez de mutuamente exclusivos."

ANEXO

Caracterização demográfica e laboral da amostra:

Os 563 professores estudados são na maioria mulheres, casados e com filhos, sendo que 68,9% deles têm idade entre 30 e 50 anos. O grupo de professores universitários (PU) apresenta distribuição por sexo mais equilibrada do que o grupo de professores não universitários (PNU), são mais jovens que os PNU.

Quanto à situação laboral dos PU, a maior concentração (37%) veio do Centro de Ciências da Saúde, mais da metade tem títulos de especialização, mestrado e doutorado, 53% têm carga de trabalho que varia de 20 a mais de 40 hs por semana, geralmente em dois turnos de trabalho. Atuam como docentes, em média, há 12 meses e boa parte presta serviços como autônomo fora da universidade.

Os PNU: maior concentração no ensino fundamental, combinado com o ensino médio; 75% possuem titulação em nível de graduação, especialização e mestrado. A maioria trabalha em dois turnos, com carga horária acima de 20 horas semanais. trabalham como professores há, em média, 12 anos.

Item 2

Resultados de *Burnout*, Motivação e Satisfação no trabalho de professores universitários e não universitários: A Exaustão Emocional foi a dimensão que atingiu maior índice nos dois grupos, seguida da dimensão de Baixa Realização Profissional, sendo que a dimensão Despersonalização atingiu o

³ Maior detalhamento da análise realizada, vide em Anexo, item 2.

menor escore. Os PNU, comparativamente aos PU, mostraram maior exaustão emocional e maior sentimento de baixa realização profissional.

Resultados de *Burnout* e variáveis demográficas, profissionais, motivação e satisfação no trabalho:

PU: Verificou diferenças significativas apenas quanto à idade: professores com menos de 50 anos apresentam menores níveis de Exaustão Emocional. Associam-se positivamente com Exaustão Emocional o centro de atuação do professor (Ciências da Saúde mais elevado e Ciências Jurídicas menos) e o número de turnos de trabalho. Neste caso, como era de se esperar, os professores que trabalham em três turnos apresentam maior nível de Exaustão Emocional que os outros. Além disso, os que mantêm outra atividade, paralela à docência sentem-se mais realizados profissionalmente do que os que trabalham só na universidade. Quanto maior é o tempo de exercício do ensino, menor é o sentimento de esgotamento profissional. Quanto menor a identificação do professor com sua atividade, quanto menor seu grau de autonomia em executá-la e a percepção motivacional do seu cargo, maior é o desgaste emocional experimentado. Coerentemente, quanto menores forem a percepção de que o trabalho é significativo, o retorno recebido e a avaliação do potencial motivacional do cargo, maior é o sentimento de baixa realização profissional. No tocante à dimensão Estado Psicológico Crítico, pode-se entender que quanto menor é a percepção do quanto o cargo é significativo, da responsabilidade a ele atribuída e dos resultados produzidos por ele, maior é o sentimento de exaustão, de distanciamento afetivo e de baixa realização profissional. Estão também associados negativamente a todas as dimensões de *burnout*, a satisfação geral com o trabalho realizado, com as possibilidades de crescimento, com a remuneração, com o relacionamento com colegas, com a segurança no trabalho.

PNU: mulheres apresentam maior Exaustão emocional que homens e solteiros apresentam maior índice de Despersonalização que casados. Número de filhos e a idade dos professores não apresentam associação significativa com nenhuma dimensão de Burnout. Nenhuma das variáveis laborais apresentaram associação com as dimensões da síndrome neste grupo de professores. À medida que aumenta a satisfação com a supervisão recebida, com os benefícios e políticas da instituição, com o conteúdo intrínseco do cargo e com a participação, diminui o sentimento de desgaste emocional. Para este grupo, o ambiente físico não se mostrou associado à Exaustão Emocional. Quanto menor a identificação do professor com sua atividade, quanto menor seu grau de autonomia em executá-la e a percepção motivacional do seu cargo, maior é o desgaste emocional experimentado. Coerentemente, quanto menores forem a percepção de que o trabalho é significativo, o retorno recebido e a avaliação do potencial motivacional do cargo, maior é o sentimento de baixa realização profissional. Da mesma forma, quanto maior a satisfação intrínseca do trabalho, com a supervisão e com a participação, menor o nível de Despersonalização e de Baixa Realização no trabalho. Quanto maior o feedback recebido sobre sua eficácia no trabalho por parte das chefias e colegas de trabalho, menor é o sentimento de desgaste profissional.

Nenhum dos fatores da dimensão Estado Psicológico Crítico apresentou associação estatisticamente significativa com as dimensões de *burnout* para este grupo.

Estão também associados negativamente a todas as dimensões de *burnout* a satisfação geral com o trabalho realizado, com as possibilidades de crescimento, com a remuneração, com o relacionamento com colegas, com a segurança no trabalho.

Preditores das dimensões de *burnout* (extraídos a partir de três análises de regressão múltipla pelo método *stepwise*. Visou identificar quais variáveis (demográficas, laborais etc) estão mais associadas a cada dimensão de *burnout* na amostra):

PU:

Dimensão Exaustão Emocional: modelo preditor composto pela Satisfação com o pagamento e Idade. Quer dizer, ambas as variáveis explicam 46,4% da variabilidade da exaustão emocional.

Dimensão Despersonalização: Carga Horária de Pesquisa foi a variável com maior poder explicativo (49% da variabilidade)

Dimensão Baixa Realização Profissional: explicam 84% da variabilidade dessa dimensão as seguintes variáveis: Satisfação com o crescimento (47%), Satisfação geral, Horas de Pesquisa, Significado da Tarefa, Satisfação Intrínseca com a tarefa.

Os resultados evidenciam relação inversa entre as variáveis Satisfação com o Pagamento e Idade com a Exaustão Emocional. Profissionais com menos idade e menor satisfação com a remuneração apresentam maior exaustão emocional. A variável Horas de Pesquisa apresenta relação positiva, indicando que quanto mais horas dedicadas a esta atividade, maior o sentimento de distanciamento pessoal. O Conhecimento dos Resultados obtidos com o trabalho se relaciona negativamente, revelando sua potencialidade para diminuir a Despersonalização. Com relação à Baixa Realização profissional, a Satisfação com o Crescimento, a Satisfação geral, o Significado da tarefa e a Satisfação Intrínseca com o trabalho apresentaram relação inversa, isto é, influenciam para a diminuição do sentimento de baixa realização profissional. Já a necessidade de auto-realização e as Horas de pesquisa evidenciaram relação positiva, sinalizando que quanto maior a necessidade de auto-realização e as horas dedicadas à pesquisa, maior é o sentimento de baixa realização profissional (p.191).

PNU:

Dimensão Exaustão Emocional: 2 variáveis mostraram poder explicativo, a Satisfação com o crescimento profissional (explica 20% da variabilidade) e Potencial Motivacional do cargo (5,5%).

Dimensão Despersonalização: modelo final explicou 32% da variabilidade através das variáveis Satisfação com o crescimento pessoal (17,9%), Variedade de habilidades e Satisfação Intrínseca com a tarefa.

Dimensão Baixa Realização Profissional: 21% da variabilidade foram explicados pelas variáveis Satisfação com o crescimento (16%) e Contato Social.

Resultados indicam existir relação negativa entre a satisfação com o crescimento e as dimensões de *burnout*, indicando que esta variável possui capacidade de reduzir a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional. Já, o potencial motivacional do cargo apresenta relação positiva,

revelando poder aumentar a Exaustão Emocional. A variedade de habilidades indica direcionalidade positiva, revelando que quanto mais diversificada a tarefa desenvolvida, maior a despersonalização. Já, a satisfação intrínseca revela direcionalidade inversa com a Despersonalização. Quanto maior a satisfação intrínseca com a tarefa, menor o sentimento de despersonalização (p.192-3).

CARNEIRO, Maria Cristina Buschinelli Góes de Carvalho. **A saúde do trabalhador professor**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR. São Carlos, 2001.

ORIENTADOR: PROFA. DRA. NOEMI SILVEIRA WREGE

FORMAÇÃO DA AUTORA: GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (1968), GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (1998)

PALAVRAS-CHAVE: TRABALHO, SAÚDE, EDUCAÇÃO, TRABALHO DO PROFESSOR, SAÚDE DO PROFESSOR.

LINHA DE PESQUISA: SAÚDE COLETIVA.

AUTORA DA RESENHA: MARINA PETRILLI SEGNINI

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O objetivo do trabalho resenhado foi analisar as relações entre condições de trabalho e saúde do trabalhador-professor, no interior da instituição escolar, baseando-se no conceito atual de saúde e qualidade de vida.

O objetivo específico da dissertação foi analisar as patologias e disfunções encontradas mais freqüentemente na literatura especializada sobre a saúde do professor no ensino médio no Brasil, tais como: disfunções da voz, ansiedade, exaustão, desalento, absenteísmo e síndrome de *burnout*.

Objeto de Análise

Objeto de análise foi constituído pelo grupo de professores em uma escola estadual do município de Rio Claro, no Estado de São Paulo, denominada *Escola Estadual Chanceler Raul Fernandes*. A escolha desta escola ocorreu em razão da autora ter realizado um estudo sobre morbidade entre professores, em 1997, no município de Rio Claro, e identificá-la com um índice expressivo de absenteísmo por licenças médicas entre os professores de ensino médio da região.

A autora buscou analisar as relações de trabalho no interior desta escola, observando a relação professor-aluno, professor-professor, professor-escola e professor-trabalho do professor. O enfoque principal foi a vivência dos professores dentro da unidade escolar impulsionada pela pergunta de quais seriam as especificidades desta escola que permitiriam a um coletivo de profissionais adoecerem fisicamente e psiquicamente os levando a faltar do trabalho. Nesta dissertação a autora, também, procura analisar o contexto educacional brasileiro.

Metodologia utilizada

A autora buscou realizar "uma análise multirreferencial", baseando-se na etnometodologia (psicologia social) e observação etnográfica. No entanto, com o objetivo de sedimentar as observações, realizou entrevistas individuais junto a dois professores, a diretora da escola e o médico responsável pela elaboração das licenças médicas. Também realizou uma análise ergonômica por meio do roteiro E. Grandjean (anexado à dissertação).

Este trabalho de pesquisa de campo foi realizado durante um ano e cinco meses; agosto de 1999 a dezembro de 2000.

Referencial Teórico

Não foi possível localizar um referencial teórico. A autora cita um conjunto de autores sem aprofundá-los e nem mesmo articulá-los com os resultados de pesquisa alcançados.

Na *Introdução* a autora busca definir um conceito de trabalho no contexto atual, utilizando como referencial teórico os seguintes autores:

Albornoiz, S. *O que é trabalho?* 6º ed. São Paulo: Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 1994.

De Masi, D. *A sociedade pós-industrial*. 2º ed. São Paulo: Senac, 1999.

Enguita, M.F. O trabalho atual como forma histórica. In: Enguita, M.F. *A face oculta da escola*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1989.

Frigotto, G. *Educação e a crise do capitalismo real*. 3º ed. São Paulo: Cortez, 1999.

Gramsci, A. Americanismo e fordismo. In: Gramsci, A. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

Gramsci, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

Ianni, O. O mundo do trabalho. In: Freitas, M.C. (Org). *A reinvenção do futuro: trabalho, educação, política na globalização do capitalismo*. São Paulo: Cortez, 1996.

Martins, C.E. *Da globalização da economia à falência da democracia*. Campinas: Economia e Sociedade, n.6, jun/1996. p.1-23.

Marx, K. *O Capital: crítica da economia política*. Tradução de Reginaldo Sant'anna. 7 ed. Livro I, v.1 São Paulo: DIFEL, 1982.

Salerno, M. Trabalho e organização da empresa industrial integrada e flexível. In: Ferretti, C.J. et al. *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

Tourraine, A. (a autora faz referência mas, não cita na bibliografia).

Revista Veja como fonte de dados (Veiga, A. Tempos Modernos. Revista Veja, n. 14, p. 122-9, 5/abr/00

No capítulo 2 – *O professor: um trabalhador da educação* - a autora descreve o trabalho do professor dividindo o capítulo em dois tópicos:

1. História do professor - a autora cita os seguintes autores, sem articulá-los:

Ambrossetti, N. *A prática competente na escola pública*. (tese de doutorado). São Paulo, PUC/SP, 1996.

- Barbosa, S.R.C.S. Dores sentidas, dores vividas. In: *Cadernos do ICH*, n.9, Instituto de Ciências Humanas, Campinas:Puc/Campinas, 1999.
- Brandão, C.R. *O que é educação?* 33ª ed. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passo, n.20, 1995.
- Cambi, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- Chauí, M. Ventos do progresso: a universidade *administrada*. In: *Chauí, M. Descaminhos da educação pós 1968*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- Codo W (Org). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999. 432p.
- Ghiraldelli, Jr.P. *História da educação* . 2ª ed. São Paulo: Cortez, Col. Magistério 2º grau. (Série – formação do professor), 1994.
- Manacorda, M.A. *Historia da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- Morin, E. (a autora faz referência mas, não cita na bibliografia).
- Nosella, P. e Buffa, E. *Schola mater: a antiga escola normal de São Carlos*. São Carlos: EDUFSCar, 1996.
- Nóvoa, A. et al. *Vidas de professores*. 2ª ed. Porto: Porto, Col. Ciências da educação, 1992.
- Saviani, D. Análise crítica da organização escolar brasileira através das leis 5.540/68 e 5.692/71. In: Saviani, D. *Educação: do senso comum à consistência filosófica*. São Paulo: Cortez e A. Associados, 1980.
- Saviani, D. *Escolas e democracia*. 29ª ed. Campinas: Autores Associados, 1995.
- Saviani, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez, 1991.

Cita igualmente reportagens de jornais e revistas da imprensa não especializada, como o Jornal Estado de São Paulo. (Carvalho, L.M. Porque nos odeiam tanto? Jornal Estado de São Paulo, 15/abr/01, Caderno Cidades, p. C1.) e Revista Veja (Veiga, A. Tempos Modernos. Revista Veja, n. 14, p. 122-9, 5/abr/00).

2. Os aspectos atuais do trabalho do professor - a autora discute aspectos da remuneração, do processo formador e modificação do papel do professor, local de trabalho, relação professor-aluno, absenteísmo, aspectos

legais, educação e a mídia, aspectos globalizantes e a afetividade. Utiliza na sua análise os seguintes autores:

Chauí, M. Ventos do progresso: a universidade administrada. In: Chauí, M. *Descaminhos da educação pós 1968*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

Esteve, J.M. *O mal-estar docente*. Lisboa: Escher/Fim de século, 1992.

Gramsci, A. Americanismo e fordismo. In: Gramsci, A. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

Gramsci, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

Guimarães, A. *Vigilância, punição e depredação escolar*. Campinas: Papirus, 1988.

Nóvoa, A. et al. *Vidas de professores*. 2º ed. Porto: Porto, Col. Ciências da educação, 1992.

Rolnik, S. Alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. Boletim de Novidades Pulsional, São Paulo, ano 5, n. 41, p.33-42, set. 1992.

Saviani, D. Análise crítica da organização escolar brasileira através das leis 5.540/68 e 5.692/71. In: Saviani, D. *Educação: do senso comum à consistência filosófica*. São Paulo: Cortez e A. Associados, 1980.

Saviani, D. *Escolas e democracia*. 29º ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

Saviani, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez, 1991.

Silva Jr, C. A. *A escola pública como local de trabalho*. 2º ed. São Paulo: Cortez, 1993.

Torres, R.M. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: Tommasi, L.; Warde, M.J.; Haddad, S. (org). *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 1996.

Utiliza como fonte de dados: Estatuto dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo, Constituição da Republica Federativa do Brasil e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e cita reportagens de jornais e revistas da imprensa nacional não especializada como: O Diário de Rio Claro e O Jornal Estado de São Paulo:

Avancini, M. Professores apesar de tudo. O Estado de São Paulo, 15/out/00, Caderno Geral, p.A13

_____ Só 2,5% dos professores não tiveram falta. O Estado de São Paulo, 03/fev/01, Cadernos Geral, p.A12.

Carvalho, L.M. Porque nos odeiam tanto? Jornal Estado de São Paulo, 15/abr/01, Caderno Cidades, p. C1.

Sem aumento professor faz "bico" para complementar renda. Jornal Diário de Rio Claro, 18/mai/200, Gerais, p.8.

No capítulo 3 – *A escola: local de trabalho possível?* – a autora realiza um trabalho de descrição da escola como espaço de trabalho e do grupo de professores, assim como relata suas observações etnográficas, descritivas, não possibilitando a elaboração de uma problemática de pesquisa.

No capítulo 4 – *A Saúde e o trabalho: o professor na berlinda* – é nomeado pela autora o conceito de saúde e qualidade de vida que norteia a análise e, realiza a descrição das patologias mais freqüentes encontradas na literatura especializada sobre a saúde do professor, principalmente, sobre a síndrome de *burnout*.

A autora utiliza a concepção de saúde, elaborada por Dejours (Dejours, C. Por um novo conceito de saúde. Revista *Brasileira de Saúde Ocupacional*. V.14, n.54, abr-jun. 1986.) compreendendo, portanto, saúde e doença inseridas numa relação dinâmica. Este conceito é uma visão crítica da definição de saúde proposta pela Organização Mundial de Saúde, na qual se entende a saúde como um conceito estático: "completo bem-estar físico, social e mental".

Qualidade de vida é analisada pela a autora a partir da definição de Barbosa, destacando três eixos fundamentais:

...primeiro eixo diz respeito ao acesso aos bens básicos como educação, transporte, emprego, alimentação, saneamento ambientalmente adequado, serviço de saúde, e à qualidade do acesso à esses bens (...) o segundo eixo diz respeito ao acesso aos bens fundamentais para complementação da vida dos indivíduos como cultura, lazer, relações afetivas e sexuais plenas; relações familiares fundamentais; relação com a natureza; relações plenas com o trabalho. E por ultimo, o terceiro eixo, denominado de bens ético-político por compreender o acesso às informações que dizem respeito à vida do cidadão(...) (p. 140).

Neste capítulo, ainda, ela relata alguns aspectos encontrados na pesquisa no que se refere a depressão, ansiedade e absenteísmo assim como descreve o estudo ergonômico realizado como método de pesquisa. Baseando-se em

Barbosa, S.R.C.S. Dores sentidas, dores vividas. In: *Cadernos do ICH*, n.9, Instituto de Ciências Humanas, Campinas:Puc/Campinas, 1999.

- Dias, E.C. Aspectos atuais da saúde do trabalhador no Brasil. In: Buschinelli, J.T.P.; Rocha, L.E. *Isto é trabalho de gente? Vida, doença e trabalho no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Mendes, R. e Dias, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.25, n. 5, p.341-9, 1991.
- Abel, M.H. e Sewell J. Stress and burnout in rural and urban secondary school teachers. *Journal of Educational Research*, v.92, n.5, p.287-93, may-jun, 1999.
- Abu-Hilal, M.M. Dimensionality of burnout: testing for invariance across Jordanian and Emirati teachers. *Psychology Report*, v.77, n. 3, pt. 2, p. 136-75, dez, 1995.
- Bradford, J. How to stay in teaching (When you really feel like crying?). *Educational Leadership*, v.56, n. 8, p.67-68, may.1999.
- Pithers, R.T. e Fogarty, G.J. Symposium on teachers stress-occupational stress among vocational. *British Journal Educational Psychology*, v.65, pt1, p.3-14, mar.1995.
- Carneiro, M.C.B.G.C. Um estudo de morbidade entre professores no município de Rio Claro, SP. (monografia de conclusão de curso de graduação em pedagogia). São Paulo: UNESP, 1997.
- Esteve, J.M. *O mal-estar docente*. Lisboa: Escher/Fim de século, 1992.
- Goldstein, L. e Lake, V. Preservice teachers' understandings of caring. Paper presented at Annual Meeting of the American Educational Association, Montreal, Quebec, Canadá. 1999 (não publicado).
- Harden, R.M. Stress pressure and burnout in teachers: is the swan exhausted? *Medical Teacher*, v. 21, n. 3, p. 245-47, may.1999.
- Nakamura, H.; Nagase, H; Yoshida, M. Natural killer (NK) cell activity and NK cell subsets in workers with a tendency of burnout. *Journal Psychosom Research*, v.46, n. 6, p.567-78, jun.1999.
- Pithers, R.T. e Soden, R. Stress and strain in Australian and Scottish teachers: a comparative study. *British Journal Educational Psychology*, v. 65, pt 2, p. 269-279, jun.1998.
- Repullo Jr, R. Atuação sindical na proteção da saúde dos trabalhadores. (dissertação de mestrado em saúde pública). São Paulo, Faculdade de Saúde Pública/USP, 1997.

Sparks, D. e Hammond, J. *Managing teacher stress and burnout*. Washington, DC: ERIC, 1981.

Tang, T.O. e Yeung, A.S. Hong Kong teachers' sources of stress, burnout and job satisfaction. Paper presented at the International Conference on Teacher Education. Hong Kong, fev, 1999. (não publicado)

Tatar, M. e Yahav, V. Secondary schools pupils' perceptions of burnout among teachers. *British Journal Educational Psychology*, v. 69, pt 4, p. 457-68, dez, 1999.

Nas considerações finais a autora discute os resultados de pesquisa, propõe soluções ao sistema educacional e novas possibilidades de pesquisa.

Resultados de Pesquisa

Como resultado de pesquisa a autora relaciona aspectos das condições de trabalho do professor de ensino médio influenciando e adoecimento deste grupo de trabalhadores.

As condições de trabalho encontradas pela autora foram: remuneração baixa, a falta de prestígio social, falta de material de trabalho (livros), violência na escola (brigas entre alunos, roubos, ameaça dos alunos e depredação do espaço), necessidade do professor fazer outras atividades como forma de aumentar a renda, trajeto freqüentemente longo entre casa e local de trabalho e ausência do comprometimento da família dos alunos na educação. Estas condições de trabalho significaram agentes promotores de adoecimento físico e mental no grupo de professores estudados.

As queixas mais freqüentes foram: o esgotamento da voz, o stress, a apatia, o desânimo, o desamparo e síndrome de *burnout* nos casos mais graves; gerando, assim, como "válvula de escape" o absenteísmo, sendo justificado por licenças médicas ou faltas programadas de acordo com a lei (é permitido por ano seis faltas sem justificativa médica ao professor de ensino médio de escola pública no Brasil).

A autora observou que entre os professores não havia muito conhecimento sobre a relação trabalho-saúde assim como não possuíam espaço para discutir sobre a profissão.

Quatro sugestões foram elaboradas pela autora para esse grupo de professores, com o objetivo de promoção e manutenção da saúde:

1. Formação (requalificação e resolução de conflitos),
2. Reflexão sobre a prática diária de trabalho,
3. Utilização de técnicas de relaxamento oferecidas pelos professores de educação física ao grupo de professores e diretores da escola,
4. Trabalho com os pais e comunidade, elucidando os aspectos laborais do trabalho do professor.

CARVALHO, Djalma Querino de. **Enquanto a primavera não vem ou a loucura de ser professora.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 1997.

AUTOR: DJALMA QUERINO DE CARVALHO

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MÁRCIA DE PAULA LEITE

INSTITUIÇÃO: FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNICAMP

ÁREA OU CURSO DE FORMAÇÃO DO AUTOR: EDUCAÇÃO

LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO

PALAVRAS-CHAVE: PROFESSORES - FORMAÇÃO; SAÚDE E TRABALHO; MULHERES - TRABALHO

AUTORA DA RESENHA: ALICE BEATRIZ DA SILVA GORDO LANG

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Trata da saúde mental de professoras, buscando conhecer e avaliar as condições de trabalho e manifestações de insatisfação, ansiedade e inadequação social no trabalho docente, como fatores que afetariam a saúde mental.

Objeto de análise

Uma consideração inicial é a preponderância de mulheres no magistério; segundo estimativas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, as mulheres correspondem a 80% dos profissionais de ensino, atingindo 96% no primeiro grau.

A dissertação divide-se em 4 partes:

- Na primeira parte, considera a questão de gênero, mostrando a permanência de relações patriarcais no mundo contemporâneo, cujo arquétipo enfatiza a dominação do homem sobre a mulher; sugere que as relações patriarcais moldaram a formação das mulheres e que as professoras as reproduzem nas salas de aula. Com o desenvolvimento do sistema capitalista e as reivindicações das mulheres, ampliou-se a oferta de trabalho para o sexo feminino no magistério, mas em posições subordinadas.
- Na segunda parte analisa o Sistema Educacional no Brasil a partir do início do século XX, inicialmente com a escola dualista, propedêutica para os filhos da elite e profissionalizante para os filhos dos trabalhadores. Segue-se a proposta expressa no manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, propugnando por uma nova metodologia, pela escola comum a todos, laica, pública e gratuita. O Sistema de Ensino, implantado na década de 30, orientava-se pelo ideal de que o estudo seria um meio para a ascensão social, o que não correspondia às possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho, levando a altas taxas de evasão e repetência, e à insatisfação das professoras.
- Na terceira parte apresenta um histórico da saúde do trabalhador, com o intuito de mostrar como as condições de trabalho no sistema da educação têm consequências prejudiciais à saúde do professor. Faz uma analogia do sistema educacional com o taylorismo da organização da produção, cujo princípio básico é a separação entre execução e concepção, propondo a existência de um "taylorismo escolar" que diz respeito à estrutura e prática pedagógica.
- Apresenta a seguir o delineamento e resultados da pesquisa realizada.

Traça inicialmente um panorama histórico da educação e da saúde, iniciando com a concepção mitológica que dá origem à concepção da diferenciação de gênero quanto ao trabalho. Passa em vôo de pássaro pelas diferentes épocas: antigüidade, Idade Média, idade moderna, chegando à contemporaneidade. Trata do mundo ocidental, pincelando alguns aspectos e permitindo-se, em alguns momentos, traçar considerações poéticas em pensamentos que unem referências várias: Sócrates, Fedro, Lula Gil, Macalé (pp.110, 111).

Detém-se no taylorismo e chega ao Brasil, lançando a hipótese de que a influência taylorista estende-se ao sistema educacional.0

Metodologia utilizada

A pesquisa realizada se configura como um estudo de caso. A amostra escolhida, sem critérios de amostragem probabilística, foi constituída por duas escolas, situadas em duas cidades da Grande São Paulo, mantendo o anonimato referente à cidade, à unidade escolar e às professoras pesquisadas. Informa que as cidades foram escolhidas por apresentar características diversificadas, embora não fosse intenção a comparação dos resultados.

As professoras que concordaram em participar da pesquisa (9 da Escola B e 14 da Escola Y), professoras do curso noturno, responderam a dois questionários: o Questionário Sócioeconômico-Profissional e o Questionário Geral de Saúde-12.

Referencial teórico

A principal referência, que subsidia trabalhos analisados, é Descartes, que preconiza a decomposição da realidade para melhor compreendê-la. A metodologia cartesiana propõe "decompor o pensamento e problemas em suas partes componentes e dispô-las em sua ordem lógica" (p.127)

Recorre a Taylor que propõe a separação entre concepção e execução no processo de trabalho. Uma das hipóteses orientadoras do trabalho parte da afirmação de que o taylorismo vem se transformando em função do aperfeiçoamento tecnológico e determinando mudanças na organização social do trabalho, embora o Sistema Educacional continue taylorizado no que diz respeito à sua estrutura e prática pedagógica.

Para compreender a situação brasileira, recorre a vários autores, destacando-se entre eles Dejours no tocante à saúde. O conceito de saúde, para Dejours, é um estado de bem-estar bio-psico-social apenas virtual, pois nunca pode ser alcançado e, se o for, não pode ser permanente. (p.189).

Para tratar do mal estar docente, que significa tensão, estresse e esgotamento, recorre a Esteve. Para esse autor, o mal estar decorre do choque provocado pela velocidade com que se processam as mudanças tecnológica e pela incapacidade de adequação do sistema de ensino a tais mudanças. (p.170).

Resultados da pesquisa

Quanto ao Questionário Sócioeconômico-Profissional:

Contém questões referentes a: origem e moradia, formação escolar, idade, estado civil, uso dos rendimentos, trabalho e carga horária; seguem-se questões de opinião abordando as seguintes dimensões: avaliação do

próprio desempenho, reconhecimento da profissão, troca de experiência com outros professores, satisfação profissional, perspectivas profissionais.

Conclusões decorrentes da análise das respostas obtidas:

1. Manifestação das professoras negando sua própria condição profissional e como agente transformador. Caberia despertar a consciência das professoras como agentes transformadores;

2. A reprodução das relações patriarcais no ambiente escolar pelas próprias professoras;

(O autor vê no fatos das professoras se referirem a alunos e professores e não a alunos e alunas, professores e professoras, não uma questão de correção lingüística, mas um indicador da reprodução das relações patriarcais.)

3. A feminização do magistério e a importância do salário da professora na composição do orçamento doméstico;

4. O magistério como fator de ascensão social e também como garantia de emprego.

5. Uma importante conclusão é a necessidade de formação continuada das professoras.

Quanto ao Questionário Geral de Saúde - 12:

O questionário aplicado mostrou-se um instrumento adequado para avaliar as condições de insatisfação e ansiedade. Professoras com maior número de anos na profissão, desenvolvem ações adaptativas que evitam a ruptura. Entre aquelas que têm menos tempo de trabalho, o estado de ansiedade, resultado de insegurança e pouca familiaridade com o trabalho é mais elevado.

Nas considerações finais, resume algumas conclusões:

1. Com o capitalismo, perduram relações econômicas vinculando a mulher ao espaço doméstico e atribuindo aos homens o espaço público. Lutas reivindicatórias das mulheres possibilitaram a elas o exercício do magistério;

2. Apesar da feminização do magistério, as professoras reproduzem em suas práticas pedagógicas as relações de dominação;

3. A origem sócio econômica das professoras é mais baixa do que foi inicialmente, e seu salário tem peso importante na composição da renda familiar;

4. A lógica taylorista de organização do trabalho é também pressuposto estrutural do sistema de ensino em que o conhecimento é separado por disciplinas e as pessoas são isoladas;

5. O trabalho docente, afetado pela mecanização, tem levado ao comprometimento da saúde mental dos professores, apresentando como sintomas ansiedade, angústia e infelicidade.

6. A escola é reprodutora dessa lógica.

CARVALHO, Fátima Araujo de. **O Mal-Estar Docente: das chamas devastadoras (*burnout*) às flamas da esperança-ação (resiliência)**. Mestrado em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2003.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARLI ELISA DALMAZO DE AFONSO ANDRÉ

LINHA DE PESQUISA: PSICOLOGIA SOCIAL (*BURNOUT*/ SÍNDROME DA DESISTÊNCIA DO TRABALHO)

PALAVRAS-CHAVE: *BURNOUT*, *COPING*, *ENGAGEMENT*, ESTRESSE, ESTRATÉGIA, *FLOW*, PROFESSOR, RESILIÊNCIA.]

AUTORA DA RESENHA: SONIA REGINA MORAIS

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O tema central da dissertação é a análise dos fatores extrínsecos e intrínsecos propícios ao desenvolvimento da síndrome de burnout em comparação àqueles que favorecem a resiliência entre os profissionais da educação. É importante ressaltar que ambas as situações possuem a mesma relevância no que se refere à compreensão do objeto de estudo dentro do propósito geral do trabalho. Vale destacar também a preocupação da pesquisadora em comparar o desenvolvimento do fenômeno no âmbito nacional com diferentes realidades de outros países e, portanto, a sua percepção de que ele possui um caráter epidêmico e mundial que extrapola as fronteiras nacionais. Assim, ao estudar as condições de insatisfação/satisfação laboral entre docentes, a autora estabeleceu como objetivo identificar as causas e razões que levam o professor a entrar em *burnout*, estudando similaridades e diferenças em diversos contextos. O presente trabalho se insere na vertente que adota o conceito de estresse *burnout* laboral.

Considerando a extensão da pesquisa bibliográfica e as análises efetuadas sobre pesquisas empíricas realizadas em diversos países, vamos mencionar nesta resenha, somente aquelas idéias e conclusões que significam uma inovação em relação aos estudos, até então analisados da área de Fonoaudiologia e do livro de Codo (1999). Por tratar-se de um enfoque psicossocial, o presente trabalho traz contribuições inusitadas para a compreensão mais abrangente do fenômeno estudado. Para desenvolvê-lo, a pesquisadora partiu de algumas perguntas que nortearam a investigação, resultando numa hipótese geral. Por que um grande número de professores não conseguia lidar com os agentes estressores da profissão enquanto outros não sucumbiam, desenvolvendo com êxito suas atribuições, apesar das adversidades? Como alguns podiam enfrentar enormes desafios e dar conta da tarefa? Que modelos teriam adotado para lidar, de forma equilibrada, com esses transtornos em diversos níveis? Por que tantos evidenciavam sentimentos de frustração e desistência? Por que tantos vitimados pelo estresse e por *burnout*? Como ter esperança a partir da desesperança? Como trabalhar em circunstâncias tão vulneráveis e conseguir êxito? O espaço entre a incerteza e a busca revelou para a pesquisadora um caminho que a conduziu à resiliência. Tal caminho foi trilhado a partir de uma hipótese geral: existem personalidades mais propensas ao desenvolvimento da síndrome de *burnout*, enquanto outras apresentam características resilientes. No entanto, tais diferenças de

personalidades não são definitivamente determinantes para o desenvolvimento de uma ou de outra tendência, na medida em que é possível, através de práticas pedagógicas, atitudes, comportamentos e atitudes dos profissionais da educação, dentro e fora do espaço escolar, uma maior intervenção humana no sentido de buscar sentido e significação para a sua atividade profissional. O empenho nessa direção pode tornar a atividade docente mais prazerosa e esperançosa, apesar da existência dos fatores responsáveis pelo surgimento do *burnout*.

Objeto de análise

Assim, podemos afirmar que ele está focado no professor, nesse caso, nas condições e características daqueles que apresentam sintomas de *burnout* e também daqueles que não os apresentam. Considerando a intenção de comparar os dois grupos, a pesquisadora pretendeu investigar porque alguns professores, ainda que sujeitos às mesmas vicissitudes dos vitimados por *burnout* encontram satisfação no exercício da profissão, tentando identificar, a partir de seus relatos, as estratégias de enfrentamento desenvolvidas por eles para não se deixarem abater por aquele mal-estar. Recorrendo à bibliografia, especificamente (Lodolo, D’Oria Vittorio; Pecori, Giralda Francesca; Vitello, Antonio; Vanoli, Carola; Zeppegno, Patrizia; Frigoli, Paolo. *Burnout e patologia psiquiátrica negli insegnanti.*), a autora aponta três ordens de fatores explicativos dessa questão:

Fatores sociais e pessoais do sujeito - (personalidade, sexo, idade, tolerância, expectativa profissional, suscetibilidade, estilo cognitivo, bagagem cultural, raça, religião, temperamento, tenacidade, resistência, nível sócio-econômico, estilo de vida, situação familiar etc.);

Fatores relacionais - relativos ao “rapport” interpessoal com os estudantes e suas famílias, com a direção da escola, a competitividade com os colegas e o aumento de alunos por classe;

Fatores objetivos organizacionais ou profissionais - a organização da escola e as condições de trabalho (precariedade e localização das escolas, falta de clareza nas regras de funcionamento, percurso da carreira, falta de feedback, recursos didáticos, carga excessiva de trabalho, a inclusão de forma inadequada, a evolução científica, as mudanças na profissão, etc.)

A autora divide o trabalho em seis partes, assim organizadas:

Capítulo 1 - Introdução - Relata o interesse pela pesquisa, o objetivo e a justificativa do estudo, ressaltando a sua relevância.

Capítulo 2 - Trata dos procedimentos metodológicos para a organização do trabalho, primeiramente explanando sobre o conceito de pesquisa bibliográfica e depois traça os caminhos para o levantamento dos dados e conseqüentes análises.

Capítulo 3 - Apresenta a revisão da literatura onde ela explica os constructos da síndrome de *burnout*, da resiliência e do “engagement”

Capítulo 4 - Engloba toda a análise de dados dos três constructos. A autora discorre sobre as condições do trabalho do educador e as causas do mal-estar docente dentro da categoria dos fatores extrínsecos e intrínsecos. Como ponte para a proposta da resiliência, ela inseriu a análise dos estudos sobre *engagement*.

Capítulo 5 - Foi destinado às considerações finais

Capítulo 6 - Contém todas as referências bibliográficas e os anexos que compreendem a relação dos estudos nacionais e internacionais que

compõem o banco de dados. E também as fontes de pressão na profissão docente conforme relato dos professores e um resumo de fácil acesso e leitura sobre a síndrome de *burnout* e a resiliência.

Metodologia

A pesquisa tem caráter bibliográfico, tendo como base a dissertação do Professor Wanderley Codo, que deu origem ao livro Educação: Carinho e Trabalho

A pesquisadora discorre sobre o que significa, como se faz e a importância da pesquisa bibliográfica. Para isso, ela cita diversos autores consagrados nas áreas, tais como: Saviani (1983); Barros e Lehfeld (2000); Thompson (1999), Ayala (2001); Luna (2000).

No estudo do tema, foram selecionados pesquisas nacionais e estrangeiras sobre estresse, *burnout*, *coping*, *engagement*, *flow* e resiliência:

- a) No Brasil (Anexo V) 31 estudos sobre as condições do trabalho docente sem estar especificamente associado ao tema principal da pesquisa: estresse e *burnout*, embora fizessem em algum momento relação com os mesmos;
- b) no exterior (Anexo X), 34 estudos que abordavam os temas estresse, *burnout*, *flow*, *engagement* e auto-eficácia, associados ao ambiente de trabalho, docente ou não.

Para maior entendimento da síndrome, uma vasta literatura sobre sua constatação em diversas profissões também foi revisada embora poucas referências sejam feitas especificamente a esses estudos na análise dos dados, por não ser o foco prioritário.

A seleção completa pode ser observada no quadro a seguir. Os estudos do anexo XII não foram incluídos na contagem por já constarem de outras relações. O objetivo desse anexo foi dar destaque aos estudos que fizeram referência à personalidade Tipo A.

Nº de ESTUDOS ANALISADOS:

ASSUNTO	NACIONAIS	INTERNACIONAIS
Satisfação/insatisfação/estresse/ <i>Burnout</i> docente	65	259
Resiliência e <i>coping</i>	10	57
Correlatos	31	34
Estudos comparativos entre nações	-	18
Subtotal	106	368
Total Geral		474

O Trabalho de Campo: Uma vez separadas todas as pesquisas, procedeu-se à catalogação das mesmas levando-se em conta o país de origem e o assunto (estresse, *burnout*, resiliência, *coping*, *engagement*, *flow*) e correlatos (auto-eficácia, personalidade tipo A, satisfação/insatisfação profissional, formação docente).

A partir da catalogação, após inúmeras leituras e apontamentos, foi-se fazendo um recorte dos dados levantados até estabelecer a análise em duas categorias: a dos fatores extrínsecos e a dos fatores intrínsecos, conforme

proposto por alguns estudiosos, como já foi discutido. O passo seguinte foi analisar a proposta do novo constructo *engagement* e a forma como tem sido aplicado no ambiente de trabalho. Tendo por base esses dois constructos, a parte terceira foi estabelecer o vínculo entre eles, estudando os dados da resiliência, perpassando ainda pelo conceito de *flow* associado ao de *engagement*. Em seguida, vamos citar endereços de portais onde pode-se encontrar material sobre o tema estudado:

Portal CAPES (www.periodicos.capes.gov.br) permite o acesso a diversos outros portais: na área da psicologia PsycINFO, da sociologia, o Sociological Abstracts; da educação, www.eric.com; na das ciências da saúde, MEDLINE/PUBMED.

Sobre o volume de publicações o seguinte portal oferecia em maio de 2002, cerca de 986 resumos de pesquisas sobre o tema: www.eric.com

O portal www.google.com, acessado em 15 de junho de 2002, localizou 20.200 referências a *teacher burnout*.

O portal www.alltheweb.com identificou 42.065 referências.

Esses endereços direcionam o pesquisador a inúmeros trabalhos, elaborados pelas próprias universidades para que os professores aprendam principalmente a reconhecer os sintomas e a trabalhar no sentido de prevenção dos mesmos. A autora cita os seguintes nomes como pertencentes a um "pool" internacional de pesquisadores de burnout: Christina Maslach (EUA), Marisa Salanova-Sonria (Espanha), Vilmar Schaufeli (Holanda) estes foram também os responsáveis pelo primeiro contato com o constructo *engagement*, através do envio de seus trabalhos sobre o tema.

O acesso a periódicos on-line, as publicações específicas das universidades e a disponibilidade de acesso, com muitos sítios com consulta livre para o pesquisador, foram recursos preciosos no levantamento de tantos estudos, principalmente os internacionais.

A seleção das pesquisas não obedeceu, a priori, nenhum critério específico. As nacionais foram sendo catalogadas a partir de sua localização e as estrangeiras receberam o mesmo tratamento. Como o número de pesquisas é volumoso no exterior, foi sendo feita uma seleção priorizando estudos mais recentes e sempre buscando novos países que pudessem alargar a visão do problema através de um número expressivo de países com pesquisas e resultados semelhantes. Na medida do possível, tentou-se conseguir os textos completos todavia, observou-se que a maioria dos resumos internacionais já trazia as informações necessárias para composição dos dados: tipo de pesquisa, sujeitos, procedimentos, localização e resultados. Pesquisas foram levantadas a partir de 1976, data mais remota conforme a história de burnout mostra, embora estudos iniciais sobre o estresse na profissão docente anteriores àquela data comentados por Trigo-Santos (1996), já revelassem o desencanto dos professores em pesquisas sobre a satisfação profissional.

Vamos mencionar alguns dos estudos mais citados na dissertação, que foram referidos na resenha:

ALMEIDA, Guido de. *O professor que não ensina*. São Paulo: Summus, 1986

- ALMEIDA, Laurinda Ramalho. A Dimensão Relacional no processo de formação docente. In: *O Coordenador Pedagógico e a formação docente*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T.. (Org). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BOCCALANDRO, M. P. R. A resiliência na abordagem holística. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~clinpsic/resilienia.htm>.
- CASTRO, Maria Aparecida Campos Diniz de. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. In: TAVARES, José (Org). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- CODO, Wanderley (Org) *Educação:Carinho e Trabalho*, São Paulo:Vozes,1999
- COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. *Construindo o sucesso na escola. Uma experiência de formação continuada com professores da rede pública*. Caderno Cedes, 36.
- COMBARIZZA, Helena. Resiliencia: el oculto potencial del ser humano. *Revista para Afiliados a COMFENALCO*. Edición nº 50, septiembre/Octubre, 2001. Disponível em <http://www.comfenalantioquia.com/site/pagesweb.nsf/allpages/Resiliencia>
- CONNORS, S.A. The School Environment: a link to understanding stress. *Theory in practice*. Ano 22, nº 1. COOPER, Caryl L. e TRAVERS, Cheryl J. El estrés de los profesores – la presión em la actividad docente. Tradução por Ana Remesal e Daniel Menezo. Barcelona: Edições Paidós, 1997.
- COSTA, Margarida dos Santos et alii. Grupos de estudos na escola: processos resilientes? Anais do XI ENDIPE; CD Rom- Igualdade e Diversidade na Educação. Goiânia, maio 2002.
- COX, T. BOOT, N., COX, S com Harrison, S. Stress in Schools: an organizational perspective. *Work and Stress*, ano 2 vol.4.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana*. RJ: Rocco, 1999.
- CUNHA, Maria Isabel da; LEITE, Denise Balarine Cavalheiro. Estrutura social, profissionalização e formação docente. *Cad. Educ. FaE/UFPel*, Pelotas, vol 5, 1995.
- CUNHA, Delcimar de Oliveira. Identidade do Diretor de Escola Pública: compromisso com a transformação do cotidiano escolar. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. PUC:SP, 2002.
- ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. In: Nóvoa, A. (org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1991.
- ESTEVE, J.M. *O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: Edusc, 1999
- ESTEVE, José M. Mudanças Sociais e função docente. In: Nóvoa, Antonio (Org.) *Vida de Professor*. Porto: Porto Editora.
- FIERRO, Alfredo. El ciclo Del mal estar docente. *Revista Iberoamericana de Educación. Educación, Trabajo y Empleo*. Espanha: maio-agosto, nº2.
- FLORES, José Francisco. Professor: autor de sua profissão. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da UFRGS, julho, 2001.

- FONTANA, David. *Psicologia para Professores*. Tradução por: Cecília Camargo Bartalotti.
- FRANÇA, A.C.L.; RODRIGUES, A.L. *Stress e trabalho: guia básico com abordagem psicossomática*. S.P.: Atlas, 1997
- FREUDENBERGER, H. J. Staff Burnout. *Journal of Social Issues*, 1974.
- FRIEDMAN, Isaac A. Burnout in teachers: Shattered dreams of impeccable professional performance. *Journal of Clinical Psychology*: Vol. 56, may, 2000. Disponível em: <http://www.wiley.com>.
- HOOVER-DEMPSEY, K.V. e KENDALL, E.D. Stress and coping among teachers: Experience in Search of Theory and Science. *Educational Information Research Service*, nº 241503; 1982.
- IMBERNÓN, Francisco. La Resistencia a la Formación y el Peligro de la Proletarización o Desprofesionalización Del Profesorado, In: *La Formación y el Desarrollo Profesional Del Profesorado - Había una nueva cultura Profesional*. Espanha, Barcelona: Editorial Grão, 1998.
- JESUS, L de F.O. de. Autoformação: conhecendo a vida e o trabalho de professores e professoras. In: Bueno, B.O., CATANI, D.B.; SOUZA, C.P. de (Orgs) *A vida e o ofício dos professores*. São Paulo: Escrituras, 1998.
- JESUS, Saul Neves de. *Pistas para o bem-estar dos professores*. Educação. Porto Alegre: ano XXIV, nº43, 2001.
- JESUS, S.N., ABREU, M.V. LENS, W. Uma abordagem sócio-política do mal-estar docente. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, v.30, 1996.
- LEITER, M.P.; MASLACH, C. Six areas of worklife: a model of the organizational context of burnout. Disponível em: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&list_uids=10621016&dot=Abstract
- LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. Incidência do Padrão Tipo A de comportamento e suas implicações para a qualidade de vida: Tipo A de comportamento ou doença da pressa. *TD Treinamento e Desenvolvimento*. São Paulo, V.4 nº 39, p.10-11
- LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (Org.) *O stress do professor*. Campinas: Papirus, 2002.
- LIPP, M.N.; MALAGRIS, L.N. Manejo do estresse. In: B.Rangé (org.). *Psicoterapia comportamental cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. São Paulo: Psy, 1995.
- LOIAZA, Fernando Romero. Las reformas em educación: los condicionantes externos. *Revista de Ciências Humanas UTP - Colômbia*, nº 23, Mayo, 2000. Disponível em: <http://www.utp.edu.co/~chumanas/revistas/revistasrec23romero.htm>
- LODOLO, Doria Vittorio. PECORI. Giraldi Francesca, VITELLO, Antonio, VANOLLI, Carola, ZPPEGNO, Patrizia, FRIGOLI, Paolo. Burnout e patologia psiquiatric negli insegnanti. Disponível em: <http://www.dpi.uem.br/NEPASB.htm>.
- LÓPEZ, Silvia A. La resiliencia: algo a promover. Disponível em: <http://www.psicologialatina.com/estresse-resilien.htm>
- MANASSERO-MAS, M.A. et alii. Análisis causal Del burnout em la enseñanza. *Revista de Psicología Del Trabajo Y De Las Organizaciones*. V16, 2000.

- MASLACH, C., JACKSON, S.E. The measurement of experience burnout. *Journal of Occupational Behaviour*, v. 2, 1981.
- MASLACH, C. Burned-out. *Human Behaviour*, v. 5, 1976.
- MASLACH, C., JACKSON, S.E. (vários textos) pim mrmop, rmg
- MELEIRO, Alexandrina M.A. Silva. *O stress do professor*. In: Lipp, Marilda (Org). Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- NUNES, Maria Lucia Tiellet, TEIXEIRA, Rita Petrarca. *Burnout na carreira acadêmica*. Educação. Porto Alegre, nº 41, 2000
- PEREIRA, Anabela M.S. Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. In: Tavares, José (Org.). *Resiliência e Educação*. S.P: Cortez, 2001.
- PLACCO, Vera Maria N.S. e SILVA, Sylvia Helena Souza da. A Formação do professor: reflexões, desafios, perspectivas. In: *O Coordenador pedagógico e a formação docente*. S.P. Edições Loyola, 2000
- SALANOVA, M.; CARRERO, V.; PINAZO, D.; SCHAFELLI, W. Job resources and proactive behaviour: the mediating role of job engagement, 2002. Disponível em: <http://www.icap2002.org/icapcdrom/updates/index.htm>
- SELIGMANN – SILVA, Edith. *Desgaste mental no trabalho dominado*. RJ: Ed.UFRJ/Cortez, 1994.
- SILVA, Flávia Pietá Paula da. Burnout; um desafio à saúde do trabalhador. PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional. Disponível em: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/index.htm>
- TAVARES, José. Resiliência na sociedade emergente. In: TAVARES, José (Org). *Resiliência e Educação*. S.P.: Cortez, 2001.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. LOPES, José de Souza Miguel. *Retocando quadros de sombras e promessas de luz na formação de professores*. Educativa. Goiânia, vol. 4, dez.2001
- TRIGO-SANTOS, Florbela. *Atitudes e crenças dos professores de ensino secundário: satisfação, descontentamento e desgaste profissional*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1996.
- VOLPI, Franco. *A auto-estima do professor*. São Paulo, Edições Loyola, 1998.
- YUNES, Maria Ângela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, José (Org.). *Resiliência e Educação*. S.P. Cortez, 2001.
- ZOMIGNANI. Maurício de Araújo. *Invulnerável, não: resiliente*. Viver Psicologia. S.P: Set., 2002.

ANEXOS

Anexo 1 – Quadro de Figuras

Figura 1 – Quadro Demonstrativo por década

Pesquisas Identificadas no Brasil sobre Satisfação e Insatisfação Docente

Anexo 2 – Relação dos estudos realizados no Brasil (por autor)

Período: 1980 a 2002 (65 estudos)

Anexo 3 – Estudos Satisfação/Insatisfação Profissional, Estresse e *Burnout* Docente

Brasil – Período 1980 – 2002

- Anexo 4 – Relação dos Estudos Satisfação/Insatisfação Profissional, Estresse e *Burnout* Docente (Brasil)
- Anexo 5 – Estudos Correlatos – Brasil (31 estudos)
- Anexo 6 – Estudos no Brasil – Resiliência (10 estudos)
- Anexo 7 – Lista de Países (46) e nº de Estudos (259)
- Anexo 8 – Relação de Estudos Internacionais (259 estudos) Estresse e *Burnout*: ordem alfabética por país
- Anexo 9 – Estudos Internacionais – resiliência e Coping (57 estudos)
- Anexo 10 – Estudos Correlatos: *Burnout*, *Flow*, *Engagement*, Auto-Eficácia (34 estudos)
- Anexo 11 – Estudos Comparativos entre Nações (18 estudos)
- Anexo 12 – Estudos: Referências à Personalidade Tipo A (27 estudos)
- Anexo 13 – Fontes de Pressão na Atuação docente
- Anexo 14 – Síndrome de *Burnout*: Diagnóstico e Prevenção
- Anexo 15 – Resiliência: Habilidades a Serem Estimuladas

Referencial teórico

Conforme afirmamos anteriormente, vamos ressaltar nos capítulos, somente as teses que possam contribuir para ampliar a visão geral do fenômeno, objeto desse Estado da Arte.

De acordo com uma abordagem psicossocial (SELIGMAN, Martin E.P. *The Optimistic child. A proven program to safeguard children against depression and build lifelong resilience*. NY: Harperperennial, 1999), algumas necessidades precisam ser atendidas nas situações de trabalho, como aspirações pessoais do ser humano, num sentido contrário ao das condições propícias ao engendramento do estresse laboral e do *burnout*, são elas:

- a) a necessidade humana de exercer um controle pessoal sobre o próprio trabalho;
- b) a necessidade humana de interação social;
- c) a necessidade de assegurar a existência de um sentido em suas tarefas pessoais, dentro de uma relação com um todo significativo.

A ausência dessas condições propicia o desenvolvimento do estresse laboral e do *burnout*, que a autora expõe no capítulo 3, tanto as definições, as diferenças, o histórico dos termos e da literatura sobre eles. Vamos destacar algumas definições e suas diferenças. A autora considera que a principal definição do termo *burnout*, aceita e difundida pela maioria dos pesquisadores é dada por Maslach (MALASCH, Cristina; LEITER, Michael P. Teacher *burnout*: a rearch agenda. In: VANDENBERGUE, Roland, HUBERMAN, A. Michael (Org.) *Understanding and Preventing Teacher Burnout: a sourcebook of International research and practice*. UK: Cambridge University Press) A definição é de 1976: “*Burnout* é uma expressão que significa sofrer por exaustão física ou emocional causada por longa exposição a uma situação estressante. Entrar em *burnout* significa chegar ao limite da resistência física ou emocional.” Citando Codo, (op.cit. 1999) , a autora indica os três componentes principais da síndrome: Exaustão emocional, Despersonalização, Falta de envolvimento pessoal no trabalho.

Quanto ao estresse a autora cita Alvarez Galego e Fernandez Rios (1991 apud Silva, 2000), entre outros, que distinguem três momentos para a manifestação da síndrome:

- 1) as demandas de trabalho são maiores que os recursos materiais e humanos, o que gera um estresse laboral no indivíduo.

- 2) evidencia-se um esforço do indivíduo em adaptar-se e produzir uma resposta emocional ao desajuste percebido
- 3) enfrentamento defensivo, ou seja, o sujeito produz uma troca de atitudes e condutas com a finalidade de defender-se das tensões experimentadas, ocasionando comportamentos de distanciamento emocional, retirada, cinismo e rigidez.

É importante ressaltar a diferença estabelecida pela autora, entre estresse e *burnout*. O estresse afeta somente a pessoa envolvida e o *burnout* vai além, afetando também o resultado do seu trabalho e as pessoas diretamente envolvidas no ambiente onde o fenômeno é constatado.

A autora estabelece um quadro da evolução das explicações sobre *burnout* desde a década de 70, até a data do presente trabalho, em que considera as diferentes abordagens sobre a síndrome. Inicialmente, considerava-se que as profissões que exigiam cuidado com a clientela, como sendo grupos de risco, posteriormente, passou-se a analisar um outro patamar, o do comportamento de risco e, atualmente, teria surgido um outro patamar que é o da vulnerabilidade do ser humano à síndrome.

No capítulo 3, a autora discute as várias dimensões do conceito de resiliência, desde a origem terminológica, histórica, definições, a relação com o termo *coping*, a sua origem como constructo, a questão da vulnerabilidade, a relação com o estresse, os fatores de proteção, sua aplicação prática e a relação entre resiliência, *burnout* e educação. Vamos indicar algumas questões relevantes para a compreensão do termo. Citando a bibliografia (López, Silvia A. La resiliencia: algo a promover. Acesso em 15 de novembro de 2002. Disponível em <http://www.psicologia latina.com/estresse-resilien.htm>), a autora considera a seguinte definição como a mais precisa:

A resiliência, algo a promover, é uma faculdade humana que permite às pessoas, apesar de atravessar situações adversas, sair não somente salvas mas também transformadas positivamente pela experiência.

Segundo a autora, as investigações têm apontado que nasce um ser humano transformado porque adotar comportamentos resilientes exige um número de patamares a serem transpostos que emergem através da dor e do sofrimento e que exigem, acima de tudo, mudanças na maneira de agir e de pensar. Segundo outro autor citado na bibliografia (Werner/apud Yunes, Maria Ângela Mattar; Szymanski, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares, José Org. *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez) teria percebido que as pessoas resilientes apresentam como componente-chave um sentimento de confiança de que os obstáculos podem ser superados, independente do grau de intensidade dos mesmos.

Outro autor citado Bocalandro (BOCCALANDRO, M. P. R. A resiliência na abordagem holística. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~clinpsic/resiliencia.htm>. Acesso em 17/11/20) relacionou várias definições de resiliência e de pessoas, dadas por diversos autores:

Características de personalidade ou recurso de enfrentamento que facilita a superação da adversidade, a sobrevivência ao estresse e a transcender perdas (Chicchetti e Gamez, 1993 et alii)

Indivíduos resilientes têm sido descritos como possuindo um lócus interno de controle, otimismo, significação, força de ego, auto-eficácia, confiança, perseverança, habilidade para resolver problemas e flexibilidade. (Begun, 1993 et alii)

Indivíduos resilientes têm um repertório de habilidades de enfrentamento a partir do que escolheram, de acordo com a situação que se apresenta. (Flach et alii, 1988).

Eles persistem em atingir metas quando a situação não é fútil; quando as situações não podem ser alteradas, eles chegam a um acordo com os aspectos da vida que não são controláveis. (Demos et alii, 1989).

Estes traços facilitam mudanças na visão das coisas como sendo inevitáveis, desafiadoras, manejáveis. (Colerick, 1985)

Outros autores também contribuem, ampliando sua interpretação, como Conner (apud Moeller, Jacques Enrique. A resiliência no perfil do empreendedor catarinense, a partir da aplicação das cinco características identificadas por Daryl R. Conner. Dissertação Mestrado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2002), considerando a resiliência uma característica importante a ser desenvolvida e incorporada no cotidiano

Para Fiorentini (2002):

É mais que a atitude de resistir à destruição, preservando a integridade em circunstâncias difíceis; é também a atitude de reagir positivamente apesar das dificuldades e de ter a possibilidade de construir baseando-se nas forças próprias do ser humano. Não é somente sobreviver apesar de tudo, e sim ter a capacidade de usar a experiência derivada das situações adversas para projetar o futuro.

Para Combariza (COMBARIZA, Helena. Resiliencia: el oculto potencial del ser humano. *Revista para Afiliados a Comfenalco*. Edición nº 50, septiembre/octubre, 2001) é o potencial oculto do ser humano. (...) É a capacidade de um indivíduo ou de um sistema social de viver bem e desenvolver-se positivamente apesar das difíceis condições de vida e mais ainda, sair fortalecidos e transformados por elas.

Para Bernard (BERNARD, Bonnie. Turning it around for all yoath. From risk to resilience. Eric_No : Ed412309.Eric/Cue Digest, nº 126, 1997. Disponível em: www.eric.com

É a habilidade de recuperar-se com sucesso apesar de ter sido exposto a severos riscos.

Para Luthar (LUTHAR, Suniya S; COMAS-DIAS, Lílian; MADDI, Salvatore R; O'NEIL, H. Katherine. SAAKVITNE, Karen W. The road to resilience. Acesso em 16 de novembro de 2002. Disponível em: <http://helping.apa.org/resilience/>.

É o processo de se adaptar bem em face da adversidade, de um trauma, de uma tragédia ou de outras fontes significativas de estresse, como problemas em família, no trabalho, de saúde. É dar a volta por cima das experiências difíceis.

Kotliarenco et alii (1996) ao realizarem um estado da arte em resiliência também expõem algumas definições desenvolvidas por diversos autores em torno do conceito:

História de adaptações de êxito de indivíduos que tenham sido expostos a fatores biológicos de risco ou eventos de vida estressantes, apresentando expectativas de continuar com uma baixa suscetibilidade a futuros estressores. (LUTHAR e ZINGLER, 1991; MASTEN e GARMEZY, 1985; WERNER e SMITH, 1992).

Enfrentamento efetivo ante eventos e circunstâncias da vida severamente estressantes e cumulativos. (LÖSEL, BLIENESER e KÖFERL apud BRAMBING et alii, 1989).

Resiliência tem dois componentes: um, frente à destruição, a capacidade de proteger a própria integridade sob pressão. O outro vai além da resistência, sendo a capacidade de construir uma conduta vital positiva em que pese às circunstâncias difíceis. Conclui ainda que é a capacidade de uma pessoa ou sistema social de enfrentar adequadamente as dificuldades, de uma forma socialmente aceitável. (VANISTENDAEL, 1994)

Resiliência se caracteriza como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam ter uma vida sã, mesmo vivendo em um ambiente insano. (RUTTER, 1992).

A resiliência fala de uma combinação de fatores que permite a uma criança, a um ser humano, enfrentar e superar os problemas e adversidades da vida. (SUÁREZ, 1995)

É um conceito genérico que se refere a uma ampla gama de fatores de risco e resultados de competência. Pode ser uma conjunção entre os fatores ambientais como o temperamento e um tipo de habilidade cognitiva que têm as crianças quando são muito pequenas. (OSBORN, 1993)

No Brasil, Placco (PLACCO, Vera Maria N.S; SILVA, Sylvia Helena Souza da. A Formação do professor: reflexões, desafios, perspectivas. In: *O Coordenador pedagógico e a formação docente*. São Paulo: Edições Loyola, 2000) assim se manifesta:

É a capacidade que o ser humano tem de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica (poderíamos dizer características?) de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um sentido de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente.

A interpretação da autora sobre tais afirmações é a de que sua base comum é o conceito de flexibilidade, como condição indispensável para ser ou tornar-se resiliente.

Outra noção que a autora procura resgatar na revisão teórica sobre resiliência é a de *coping*, utilizada para apresentar recursos e estratégias para lidar com o estresse. Assim, *coping* é o que seres humanos fazem para administrar o estresse e restaurar o equilíbrio interior, sem que o entorno, causador do estresse se modifique na mesma proporção. Citando um outro autor Pereira (PEREIRA, Alexandre Vinícius da Silva. *Comprometimento Organizacional e Qualidade de vida*, um estudo com professores do ensino médio. Dissertação de Mestrado. USP: Ribeirão Preto, 2000).

Segundo a autora, tendo por base a concepção neurolingüística, a expressão *coping* pode ser definida como “equipar-se com as ferramentas adequadas”, ao invés de “armar-se contra.” Ainda que a situação seja muitas vezes de profundas lutas, ela prefere a colocação “esforço”, como forma de redução psicológica do evento estressante, uma vez que tornar-se resiliente implica em uma reconstrução de atitudes mentais e não somente um embate contra as lutas internas.

Recorrendo à bibliografia, a autora afirma que autores utilizaram o termo *coping* para fazer referência "aos esforços de lidar com as situações de dano, ameaça ou desafio, quando está disponível uma rotina ou uma resposta automática." Citando outra autora (PEREIRA, Anabela M.S. Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. In: Tavares, José [Org.]. *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001). Outros autores citados, desse mesmo livro como Folkman (apud Pereira) afirma que *coping* é interpretado "como os esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelo indivíduo para lidar com situações indutoras de estresse." Segundo a autora, diversos estudiosos do tema, ainda do mesmo livro, consideram que é a eficácia das estratégias de *coping* que garante a promoção da saúde e do bem-estar dos indivíduos. E também que as estratégias de *coping* podem ser aprendidas. Para isso, é essencial a ajuda de profissionais especializados e de confiança para a promoção e implantação dessas estratégias. Assim, *coping* pode ser definido como a habilidade pessoal para aumentar nossa resistência mental e física através da mudança no modo de observar os fatos e acontecimentos de nossas vidas, com menos pessimismo, reduzindo assim a intensidade e o impacto de seus efeitos psicológicos e fisiológicos. De acordo com a psicologia social, mencionada pela autora, a resiliência é a capacidade universal que permite uma pessoa, um grupo ou uma comunidade, prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos da adversidade. E segundo Yunes e Szymanski (2001) a conceituação de "invulnerabilidade às adversidades" foi reformulada e definida como "habilidade de superar as adversidades." Segundo a bibliografia, todos os indivíduos possuem esse potencial latente, mas nem todas as pessoas dão conta de sozinhas, tornarem-se resilientes, ou seja, os recursos para formar pessoas resilientes não estariam restritos ao indivíduo. Uma série de características provindas do entorno, favoreceriam, auxiliariam no desenvolvimento da resiliência. A essas características, outro autor, Rutter nomeou "fatores de proteção" ou *buffers*, cujo papel é modificar respostas frente a situações de risco (KOTIARENCO et alii, 1996). López (2002) afirma que o interesse inicial dos estudos científicos visava entender o que atuava nos indivíduos resilientes que garantia, fortalecia suas ações bem sucedidas. A identificação desses fatores permitiu a construção de ferramentas metodológicas para fomentar a resiliência nas pessoas. Nesse sentido, o desenvolvimento do ego resiliente não se daria de forma espontânea e sim, através do estímulo externo, da interação no estabelecimento de estratégias positivas de *coping* adequadas para criar boas chances de sucesso, e a partir da provisão de esperança e encorajamento para tentar comportamentos novos, apesar das situações de conflito. Tais estratégias positivas se tornam cada vez mais necessárias, considerando o alto, epidêmico e crescente índice de professores vitimados por *burnout*, em escolas de muitos países. Na tentativa de reverter a situação, tentativas têm sido feitas com resultados promissores. Assim, por ex., escolas que se mostram abertas à mudança, quando professores e diretores se unem para questionarem e encontrarem saídas positivas, têm sido contempladas com redução de estresse, *burnout*, indisciplina, devolvendo à escola um clima de harmonia e esperança e aos professores saúde física e mental e bem-estar no ambiente de trabalho. A autora cita vários exemplos de tentativas bem sucedidas de aplicação prática de fatores de resiliência. Assim, é importante destacar, nessa discussão, a intenção de mudança de atitudes propícias ao *burnout* para a de resiliência.

Outra noção importante discutida pela autora, que se situa na mesma linha da resiliência e do *coping* é a de *engagement*, definido em três dimensões: vigor, dedicação e absorção, como uma proposta oposta ao *burnout*: esgotamento, cinismo e eficácia profissional reduzida. Recorrendo à literatura, a autora considera o *engagement* como um comprometimento individual com metas que focalizam as fortalezas humanas e o ótimo funcionamento do ser humano. Esses estudos reforçam os indicadores de bem-estar subjetivo (compromisso organizacional, satisfação e entusiasmo laboral). Ainda nessa mesma linha de focar os problemas de estresse e *burnout* nos aspectos que possam contribuir para amenizá-los ou superá-los ou enfrentá-los, a autora acrescenta também a noção de *flow*, ou deixar fluir, deixar-se inundar. É um estado íntimo ótimo, conseqüente do *engagement*, caracterizado pela atenção focalizada, clareza mental, controle do ambiente, perda da auto-consciência, distorção do tempo e desfrute da tarefa. Citando outro autor (CSIKSENTMIHALYI), esse estágio se alcança quando o indivíduo se mostra eficaz e competente para exercer suas funções e a organização se abre para dar condições de ações seguras. Assim, ao aumentar o nível de competência de cada professor ou funcionário, a atividade no trabalho flui, se desenvolve, o funcionário seguro, trabalha com prazer porque sua auto-estima profissional em muito se baseia na visão que tem sobre sua própria capacidade, conforme os estudos sobre auto-eficácia demonstram.

No capítulo 4, a autora discute as condições do trabalho docente, com destaque nas mudanças ocasionadas pelas reformas educacionais e pelas mudanças sociais, a questão do estresse docente, a influência da personalidade nos motivos causadores do estresse e *burnout* docente, os diferentes tipos de personalidades e a proposta do constructo *engagement*. Como vimos fazendo até então, vamos destacar os pontos que consideramos essenciais e que não foram objeto de discussão dos outros trabalhos resenhados. A autora parte da constatação de que nas últimas décadas houve grandes mudanças nas organizações do trabalho e do espaço escolar, calcadas em novos critérios de competência e eficácia, excesso de trabalho provocando sentimentos de incapacidade profissional, falta de motivação, ambigüidade no papel a ser exercido entre outros elementos que caracterizam todas as profissões atualmente. Recorrendo à bibliografia (HARGREAVES, 1999; ESTEVE, 1991; MILLER, 1999; SLEEGERS, 1999; JESUS, 2001; entre outros estudiosos do tema), a autora enfatiza as grandes reformas educacionais aliadas às mudanças sociais como os fortes fatores externos que contribuem para o mal-estar docente. É interessante lembrar que, segundo a autora, o *burnout* se instala em professores de todas as classes, independente de variáveis como idade, sexo, cor, nível social, estado civil etc. Segundo estudos citados pela autora (ESTEVE, 1995; TRIGO-SANTOS, 1996; TRIAS, 1998; LIPP, 2002; entre outros), as causas do mal-estar docente podem ser distribuídas em dois grupos:

- 1) fatores extrínsecos: os que contribuem para a geração de sentimentos de descontentamento no trabalho e esbarram em razões externas onde se incluem salários, relações interpessoais (com colegas, superiores hierárquicos e pessoal subordinado), estatuto nacional da educação, medidas políticas, condições de trabalho, segurança, supervisão e vida pessoal.

- 2) Fatores intrínsecos: os que contribuem para a realização, o reconhecimento, o trabalho em si, responsabilidade, progressão na carreira e possibilidade de desenvolver os fatores inerentes ao conteúdo do trabalho e seriam atribuídos à origem de sentimentos positivos em relação ao trabalho e segundo o estudo eficazes em motivar o indivíduo para uma execução e esforço de nível superior.

Entre os fatores extrínsecos, a autora destaca as reformas educacionais e as aceleradas mudanças sociais e entre os intrínsecos, ela ressalta os aspectos de personalidade e sua influência no mal-estar docente.

A responsabilidade atribuída à educação na atualidade, como fator preponderante para o desenvolvimento social, cultural e econômico de seus povos, conferindo à mesma a função de delinear o futuro do país, transmite o compromisso de apoiar mudanças educacionais que favoreçam esse objetivo. Assim, os governos permanentemente propõem novas políticas educacionais e através de reformas tentam atender as exigências de seu próprio mercado e do mundo em constante transformação. No entanto, as decisões são tomadas por uma imposição vertical ignorando as opiniões e a preocupação com os sentimentos e atitudes dos professores sobre o seu próprio trabalho, segundo a leitura da autora sobre a bibliografia, especificamente nesta questão: Hargreaves (1998). A desconfiança demonstrada pelos professores em relação às possíveis mudanças, deve-se ao não envolvimento destes no processo de formulação das reformas exigidas pelos governos dos diferentes países. A autora sintetiza a questão com a citação de um autor português, Trigo-Santos: "Para o sucesso na implementação de novas políticas e estratégias educacionais é fundamental uma incorporação contínua das percepções do professores sobre o seu trabalho".

A autora cita diversos estudiosos de vários países que analisaram a relação entre reformas educacionais e insatisfações, frustrações, baixo envolvimento, esgotamento, desalento, entre outros sintomas de estresse e *burnout*. Pois, as reformas para serem implantadas exigem maior envolvimento dos professores, ao mesmo tempo que os excluem do processo de decisões e não levam em conta suas percepções. Assim, a autora antes de fazer uma análise dos conteúdos das reformas, mostra-se preocupada com as conseqüências da imposição vertical sobre a prática docente e os males que acarretam para os professores. Estes, em geral, interpretam as mudanças profissionais não como um desafio ou oportunidades de atualização, de acordo com uma perspectiva resiliente, mas sim, como críticas pessoais ao trabalho que vinham desenvolvendo, segundo sentimentos típicos de *burnout*. Citando diversas vezes Hargreaves (1998), a autora aponta a sua vertente sócio-histórica na análise das transformações em curso do ensino, ao término de um ciclo da era moderna e o início da pós-modernidade, atribuindo-o à distância entre o mundo da escola e o mundo exterior, cada vez mais evidente. Assim, segundo a leitura da pesquisadora, é essa disparidade que define em grande parte, a crise contemporânea da escolarização e do ensino, pois, segundo o autor citado, a escola é herdeira de pressupostos da era moderna em decadência, enquanto outras mudanças, em torvelinho, vão acontecendo em seu redor. O outro fator extrínseco ressaltado pela autora, diz respeito às mudanças mais gerais que acontecem no mundo de hoje, como as novas tecnologias, as mudanças no mercado de trabalho, nas instituições políticas e sociais,

afetando e impondo novos papéis à escola e aos professores, que vivem atualmente a crise de identidade profissional. Assim, a escola hoje tem buscado acompanhar essas mudanças através da adaptação de seus sistemas, da adoção de novas tecnologias visando a reduzir a diferença entre o mundo real e o mundo escolar. Assim, os principais fatores geradores de estresse e *burnout* na escola estão relacionados com a quantidade de mudanças ligadas ao exercício da profissão docente.

Quanto aos fatores intrínsecos, a autora aponta características de personalidade dos professores como capazes de influenciar na maneira de se lidar com o estresse. Citando a literatura especializada, a autora destaca a citação de Fierro (1993), analisando comportamentos em professores, para entender o estresse docente:

Uma vez submetidos a iguais ou parecidas demandas, alguns docentes chegam literalmente a enfermar e outros não. Para explicar essa diferença, surge espontaneamente a invocação de fatores de personalidade.

A percepção subjetiva do trabalho que cada indivíduo tem, ou seja, a duração e o tipo de estresse dependerá em grande medida, de alguns aspectos tais como:

- a) os professores se sentem ameaçados ou não pelas exigências particulares que enfrentam;
- b) a capacidade do professor de, enfrentando uma ameaça inicial, ser capaz de modificá-la ou reduzi-la, por meios de ações concretas.

Recorrendo à bibliografia, a autora destaca os autores Kyriacou e Sutcliffe, Moracco e McFadden (apud CHUDECHI,2002) que definem o estresse de professores como uma síndrome de respostas de sentimentos negativos, tais como raiva e depressão, geralmente acompanhada de mudanças fisiológicas e bioquímicas potencialmente patogênicas, resultantes de aspectos do trabalho do professor, e mediada pela percepção de que as exigências profissionais constituem uma ameaça a sua auto-estima ou bem-estar. As características pessoais do professor são formadas pelas biografias, experiências de vida pessoal e docente, traços de personalidade, sistema de crenças, atitudes e valores. Quanto aos tipos de personalidade, a autora estabelece dois principais, com distintos traços relativos às possibilidades de desenvolver ou não a síndrome de *burnout*. A personalidade tipo A são as pessoas que apresentam altos índices da síndrome, enquanto o tipo B são as que desenvolvem características mais próximas à resiliência. Recorrendo à literatura, a autora descreve o tipo A como um complexo ação-emoção que pode ser observado em qualquer pessoa que está agressivamente envolvida em uma competitividade extrema, em um crônico e incessante esforço para alcançar cada vez mais, em cada vez menos tempo, e até mesmo, se necessário, por causa do nível de ambição elevada contra forças opostas de situações ou pessoas. Reconhece-se a personalidade tipo A também pelo comportamento impulsivo, fala acelerada, sentimentos de impaciência, insegurança, irritabilidade e incapacidade de relaxar, com um ritmo de vida acelerado, capaz de assumir várias atividades simultaneamente, com uma tendência a desafiar e competir com outras pessoas, impaciência com a lentidão dos outros, demonstrando claramente hostilidade e aparência tensa. O reconhecimento do fator personalidade permitiu entender porque o estresse para alguns leva ao sofrimento psíquico em maior grau do que em outros, direcionando também caminhos na área de prevenção. A observação da impotência ou da competência na administração do estresse levou vários

estudiosos a sugerir formas de prevenir *burnout* e construir *engagement* no ambiente de trabalho. Considerando a impossibilidade de redução ou eliminação dos agentes estressores, o que os estudiosos sugerem é que se aprenda a lidar com eles, embasados em estudos sobre aspectos de personalidade para justificar que as pessoas reagem de forma diferente aos mesmos problemas e que o caminho seria ensinar às pessoas a trabalhar esse lado emocional para que elas mesmas possam criar seus próprios mecanismos de defesa. As propostas voltadas para o desenvolvimento do *engagement* seguem algumas concepções, referenciais e modelos teóricos e práticos, sendo que muitos deles são citados pela autora. Um deles, mencionado, é o de Maslach e Leiter (2002) e outros estudiosos é como um continuum focando na combinação e/ou adaptação do trabalhador ao ambiente de trabalho. Quanto maior for essa adaptação mais envolvimento, e inversamente, quanto menor a adaptação, maior a probabilidade do trabalhador sofrer de *burnout*. Segundo esse modelo, o ponto de partida entre o *burnout* e o *engagement* está compreendido entre seis áreas nas quais a adaptação ou não adaptação se efetiva, podendo ser assim esquematizadas:

<i>BURNOUT</i>	<i>ENGAGEMENT</i>
Sobrecarga de trabalho	Quantidade de trabalho Sustentável
Falta de controle	Possibilidade de escolha e controle
Recompensa insuficiente	Reconhecimento e recompensa
Falta de apoio do grupo	Senso de trabalho em equipe
Ausência de justiça	Justiça e respeito
Conflito de valores	Trabalho significativo

As seis áreas tanto provocam cinismo, alienação e grande exaustão, produzindo falta de comprometimento e inadequação quanto conduzem a uma maior eficácia e realização e promovem um aumento do comportamento e do envolvimento com o trabalho. As personalidades resilientes, por si só, desenvolvem mecanismos de *coping* que as tornam resistentes a esses embates. As personalidades Tipo A, mais suscetíveis, a partir de esforços individuais e da organização, poderiam aprender a adotar comportamentos resilientes. Os estudiosos sugerem, segundo a filosofia da resiliência, a criação de mecanismos de proteção para os indivíduos e também para as organizações, a serem classificadas em dois níveis: pessoal e organizacional, para equilibrar os fatores de risco e os de proteção. Em seguida, a autora cita uma série de exemplos ocorridos nos dois níveis. Assim, a autora pesquisou vários aspectos da questão.

Resultados da pesquisa

1. Flexibilidade/ Abertura Interior ao Novo – Exercitar-se na compreensão e abordagem de fatos novos, os mecanismos da resistência;
2. Vontade de fazer melhor e participar da transformação da sociedade - Disposição à descoberta e desenvolvimento de novas formas de ser, fazer e pensar
3. Tolerância à tensão – Criar sob tensão é uma capacidade a ser exercitada.
4. Firmeza/Clareza de finalidades – É muito mais fácil enfrentar uma situação adversa quando se sabe onde quer chegar;

5. Afastamento da revolta e autocompaixão – Superação de mecanismos que funcionam como autênticos atoleiros, que fazem com que o indivíduo não cresça, não aprenda, não enfrente os desafios da vida;
6. Reflexão crítica, positiva, ampla e preventiva – As situações sempre trazem em si os meios para sua própria superação
7. Sublimação por meio da arte, lazer, humor e atividade física
8. Capacidade de reiniciar (começar do zero)
9. Capacidade de agregar, dar e receber
10. Tolerância com os limites e características próprias e dos outros

Entre os fatores de proteção no nível organizacional, a autora cita os seguintes:

O papel da direção na redução das fontes de estresse e *burnout* nas escolas

A autora atribui muita importância ao papel da direção da escola no sentido de enfrentar os fatores de *burnout*, em vários aspectos, mas todos calcados no princípio de flexibilidade, desde mudanças de classes e séries para os professores, técnicas de envolvimento dos professores nas questões escolares, propostas de superação conjunta dos problemas da escola, enfrentamento coletivo dos fatores estressores, etc. Assim, a maioria das causas de *burnout* requer mudanças nas escolas e assistência da direção. A autora cita algumas estratégias utilizadas por diretores que podem revitalizar as escolas:

- 1 – Mudança no ambiente de trabalho do professor
- 2 – Criação de fatores de proteção
- 3 – Prover assistência administrativa direta
- 4 – Redução da jornada de trabalho
- 5 – Mudança no comportamento da Administração
- 6 – Mudanças nas políticas internas da escola
- 7 – Encorajar o desenvolvimento profissional
- 8 – Aumentar a segurança nas escolas
- 9 – Liberar tempo para além da escola
- 10 – Mudar a área de atuação no ensino
- 11 – Mudar a área de atuação profissional

Outros subtemas abordados na dissertação, são voltados ao desenvolvimento da resiliência, tais como:

O papel resiliente do trabalho em grupo: a autora cita diversas experiências e relatos de professores que mudaram a sua relação com o trabalho docente, depois que começaram a ter experiências em grupos de trabalho nas escolas.

Resiliência e auto-eficácia: Segundo a literatura especializada a auto-eficácia compreende três domínios:

- a) Tarefa: os aspectos técnicos do papel profissional
- b) Interpessoal: a habilidade do indivíduo em trabalhar harmoniosamente com outros, em particular com a clientela direta, colegas de trabalho, supervisores
- c) Organizacional: crenças sobre suas próprias habilidades para influenciar forças políticas e sociais dentro da organização

As pesquisas sobre auto-eficácia na escola mostram as conclusões seguintes:

- a) melhor desempenho dos alunos, em diversas disciplinas focalizadas;
- b) incrementos das crenças de auto-eficácia dos próprios alunos, consideradas como variável determinante de sua motivação
- c) adoção de estratégias mais adequadas de lidar com os alunos, principalmente com os alunos-problema.

Ainda outros subtemas voltados ao desenvolvimento da resiliência:

Intervenção formativa e autoformação

O desenvolvimento profissional continuado

Aspectos relacionais da formação inicial

Autoformação

O poder emancipatório da resiliência na formação

A personalidade resiliente – pode ser definida como um modo de encarar o estresse como inevitável parte da vida e como um desafio, ao invés de considerar algo horrível que deva ser evitado. Em seguida, a autora relaciona 12 características de personalidade resiliente.

Por que ser resiliente? A proposta do trabalho foi identificar caminhos que pudessem contribuir para a redução dos efeitos de burnout nos professores e considerando que os fatores de risco variam de pessoa para pessoa, segundo a pesquisadora, a resposta veio da adoção de comportamentos resilientes porque ajudam a minimizar o conflito, a observar com mais cautela a natureza e a intensidade do estressor.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho: *Burnout*, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação.** Petrópolis (RJ): Vozes, 1999. ISBN: 85-326-2123-6

ORIENTADOR: NÃO HÁ

FORMAÇÃO DO AUTOR: O LIVRO RESULTOU DE UMA PARCERIA ENTRE A CNTE (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO) E O LPT (LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA DO TRABALHO – UNB)

PALAVRAS-CHAVE: AFETO, ALIENAÇÃO, EDUCADOR, TENSÕES, PROCESSO DE TRABALHO, IDENTIDADE, PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, SOFRIMENTO PSÍQUICO

LINHA DA PESQUISA: INTERDISCIPLINAR: PSICOLOGIA, PSICOLOGIA SOCIAL, SOCIOLOGIA (PREDOMINANTEMENTE)

AUTORA DA RESENHA: SONIA REGINA MARTINS

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Tem como preocupação central a investigação sobre as condições de trabalho e saúde mental dos trabalhadores em educação no Brasil: professores, funcionários e especialistas em educação da rede pública estadual.

Os estudos que compõem o livro estabelecem três eixos de tensões que explicam a origem da síndrome de *burnout*: entre racionalidade e afetividade; no âmbito das relações sociais; na questão do controle sobre o meio. Os três eixos são abordados de diferentes modos e níveis de análise que correspondem à divisão do livro em seis partes ou subtemas. Cada um deles explora pontos diferentes e interligados à explicação das condições de trabalho e saúde mental dos trabalhadores em Educação no Brasil, tendo como pressupostos os três eixos mencionados acima. Vale destacar também, uma outra preocupação dos textos: a de compreender a especificidade do universo da Educação, em todos os seus aspectos.

Objeto de análise

É importante ressaltar que o estudo privilegia o ponto de vista dos profissionais em Educação, mais especificamente, do educador. Para tanto, o coordenador da pesquisa atribui-se um “olhar de fora”, capaz de compreender a complexidade do seu objeto de estudo.

Metodologia utilizada

O tempo de duração da pesquisa foi de dois anos e meio, sendo investigados 52 mil sujeitos em 1.440 escolas situadas em todos os Estados do Brasil. A pesquisa foi financiada pelos 29 sindicatos reunidos na CNTE, com o apoio da UNICEF e do CNPq. O estudo contou uma equipe interdisciplinar de 15 pesquisadores, quatro coordenadores regionais e cerca de cem pesquisadores treinados em todo o país e responsáveis pela observação *in loco* de cada uma das 1.440 escolas. Os pesquisadores tiveram também a incumbência da aplicação coletiva de um protocolo composto por 15 escalas de investigação sobre trabalho e relações sociais, sete escalas clínicas, uma de *burnout*, uma de alcoolismo, além da responsabilidade de coletar dados objetivos sobre vida e trabalho desses profissionais. A explicação completa da pesquisa está entre as páginas 400 a 403. Mas pode-se dizer que ela utilizou várias técnicas de pesquisa

quantitativa e qualitativa: coleta de dados, através de entrevistas fechadas e abertas, entrevistas em profundidade, observação do objeto de estudo, através da convivência diária durante os dois anos e meio.

No final do livro, página 400, há dois anexos: um sobre a pesquisa, como ela foi feita, os métodos e técnicas aplicados, o treinamento dos pesquisadores, etc.

O outro anexo é A Qualificação Formal do Professores do Ensino Público Estadual do Brasil – Contém dados sobre a qualificação dos professores da rede estadual de todo o país, está dividido por regiões e estados e também identifica os problemas de qualificação. Uma das conclusões, talvez a mais importante, da análise dos dados feita pelos pesquisadores é a de que não há base e argumentos fortes para responsabilizar a qualificação da força de trabalho dos profissionais da Educação pelas mazelas e baixa qualidade do ensino no Brasil.

Referencial teórico

A importância geral do livro consiste na sua abordagem multidisciplinar (Sociologia, Economia e Psicologia do Trabalho) dos principais elementos que compõem o universo objetivo e subjetivo dos trabalhadores em Educação, responsáveis pelo engendramento da síndrome de *burnout*. No âmbito das condições objetivas, ele ressalta o tensionamento entre as exigências crescentes da educação escolar no mundo atual e sua contradição com a deterioração social, característica da globalização redutora de direitos sociais. Tal paradoxo atinge sobremaneira o educador, na medida em que ele vive uma situação desproporcional entre as exigências que lhe são imputadas num mundo em transformação e o reconhecimento e recompensas sociais que lhe são atribuídos.

Quanto ao universo subjetivo, são examinados com profundidade vários aspectos sociais e psicológicos desses profissionais em um cotidiano complexo, contraditório e desconcertante que produz um sofrimento psíquico peculiar dessa atividade que se caracteriza pelo “cuidado do outro”: “A contradição da onipotência de um(a) deus(a) com a privação de um cachorro magro mede de maneira surpreendente o conflito latente em toda a vida afetiva, social, familiar dessas pessoas en-quadradas numa categoria profissional”. (Prof. Carlos A. Abicalil – Prefácio).

As análises trabalham com conceitos sociológicos, com predominância da vertente marxista, mas também se valem de algumas categorias weberianas, como a análise da racionalidade instrumental predominante na sociedade capitalista. E, principalmente, apontam um certo “desencantamento” oriundo e constitutivo do trabalho da Educação, que caracteriza a síndrome de *burnout*. As análises também se enquadram numa abordagem psicológica, pela sua ênfase no fator bloqueio afetivo para situar a origem das patologias. Portanto encontram-se nas fronteiras das áreas da Sociologia e Psicologia Organizacional e do Trabalho.

Resultados da pesquisa

A combinação de uma multiplicidade de fatores objetivos e subjetivos foi explorada no livro, constituindo-se um campo de investigação, estudos, pesquisas, análises que, certamente, não esgotam o tema, mas contemplam as principais questões envolvidas na produção desse fenômeno nos dias atuais.

Antes do primeiro capítulo, foram publicadas várias histórias de professores ocorridas no seu cotidiano de trabalho, para ilustrar a relação vivenciada por eles, entre agruras e prazeres, entre sofrimento e felicidade, entre dor e alegria e que compõem o seu "currículo oculto." As histórias foram organizadas em sete cenas, sendo que na cena 5, há duas reflexões significativas do professor que conta a história, pois ele expressa de modo muito pertinente a subjetividade envolvida na síndrome de *burnout*:

1ª. – "A vontade de continuar acaba se impondo sobre a vontade de desistir".

2ª. – "A vontade de vencer começa a dar lugar à vontade de desistir".

Essa oscilação constante entre os dois sentimentos opostos é a marca principal da síndrome de *burnout*, que sub-repticiamente pende para a segunda vontade. Ela decorre de múltiplas contradições inscritas na sociedade capitalista e que ocorrem em vários planos da produção e reprodução social. Pode-se afirmar que há um conjunto de contradições estruturais, que ocorrem entre a essência e as condições concretas do ato de educar no modo de produção capitalista e no desenvolvimento da modernidade.

Existe um outro conjunto de contradições circunscritas ao momento atual e que explicam as características particulares da atividade educacional na sociedade, marcada pela globalização e pelo neoliberalismo, pelo processo de exclusão social e pelo empobrecimento da escola, em todos os aspectos, colocando novas demandas para a Educação. E ainda as contradições específicas do trabalho dos educadores, sendo que algumas possuem caráter histórico, enquanto outras são peculiares da época atual e afetam o cotidiano desses profissionais, de modo muito particular. Em qualquer um desses aspectos, o *burnout* é a expressão de fatores contraditórios, exercendo intensa pressão sobre aqueles que estão vivendo e trabalhando na área da Educação.

O livro está organizado em seis partes, descritas a seguir:

Parte I – Educar: O afeto invocado - ,define a linha teórica geral do livro e tem como tema central a análise da singularidade do universo dos trabalhadores em educação, em várias dimensões. Desde as marcas específicas da Educação como processo de trabalho diferente da produção material de mercadorias, passando pela análise da relação, também específica, entre trabalho e afeto, vivida na prática cotidiana do educador, até a singularidade da crise de identidade que o aflige nos tempos atuais.

Assim, o Capítulo 1 parte da seguinte pergunta: "O que faz o educador?" Os autores procuram esmiuçar esse "saber-fazer" pela análise do processo de trabalho, utilizando a imagem da fábrica para caracterizar a escola: "verdadeira usina funcionando a um ritmo coordenado e alucinante." A análise compara e procura desvendar os pontos comuns e as diferenças entre os dois processos de trabalho: o da fábrica e o da escola. Os autores trabalham com conceitos e categorias marxistas para analisar o desenvolvimento histórico do capitalismo: a divisão social do trabalho, a expropriação do processo de trabalho pelo capital, o processo gradativo e histórico de alienação dos trabalhadores em relação ao seu objeto, aos meios de produção, ao processo e produto de seu trabalho e à estranheza do trabalhador em relação a todo esse movimento histórico. E indagam se é possível aplicar essa análise do processo de trabalho como atividade alienada ao processo de trabalho nas escolas. A resposta é negativa, pois o trabalhador da educação se diferencia pela natureza do seu objeto, do

processo e do produto dessa atividade. Essa é uma das singularidades do trabalho da Educação: não ser uma atividade alienada, segundo a orientação teórica geral do livro. O próprio conceito de educação é complexo e de difícil definição. Os autores remetem a Freud, que afirma ser “a educação uma tarefa impossível”. Pois se trata de um patrimônio que se forma no caráter de cada um, sendo invisível, ninguém vê e todos são capazes de reconhecer. A Educação é onipresente, onisciente e incomensurável. Mas o ser humano é histórico, portanto, educar é o ato de realizar a síntese entre passado e futuro, ensinar o que foi para inventar e re-significar o que será. O trabalho do professor, assim, é imediatamente histórico. Depois de cada aula, o educador e seus alunos são outros, modificam-se e transformam-se no mesmo ato. Essa é outra especificidade do trabalho da Educação: produção e consumo ocorrem concomitantemente. A pergunta sobre as diferenças em relação ao trabalho fabril é respondida pelos autores. Na escola pública não há padrões e ela não visa o lucro, os meios de trabalho que são o saber e o saber-fazer estão nas mãos do professor, e o objeto e o produto de seu trabalho é um outro ser humano: o aluno. E o processo de trabalho se inicia e se completa em uma relação estritamente social, permeada e carregada de História. Abrindo um outro campo de investigação, os autores afirmam que uma relação direta e imediata com o outro é permeada por afeto, residindo, aqui, um dos eixos de tensões da síndrome de *burnout*: entre afeto e razão.

O Capítulo 2 procura desvendar a especificidade das razões do sofrimento psíquico do educador. Recuperando o significado etimológico da palavra educação: ação de criar, alimentar, cuidar, instruir, os autores mostram as contradições dessa atividade que necessitou ser profissionalizada na sociedade capitalista, impondo regulações, normas e regras de mercado. O capitalismo no seu desenvolvimento histórico estabeleceu uma separação crucial entre o espaço do trabalho e o espaço doméstico; entre o domínio público e o domínio privado; entre a racionalidade e os sentimentos; entre a objetividade e a subjetividade; entre funções masculinas e funções femininas. Considerando que o objetivo do professor é a aprendizagem de seus alunos e para que isso aconteça são necessários vários fatores, entre os quais se destaca a ‘afetividade’, como elemento catalisador do processo, o trabalho da educação carrega consigo novas questões que transcendem essa dicotomia, na medida em que ela permeia esses dois pólos. Essa separação entre dois universos distintos, em função de sua importância na produção e reprodução social, está associada à divisão sexual do trabalho e indica um tensionamento inerente à atividade do professor. Ela é responsável, em parte, pelo desenvolvimento de patologias associadas ao trabalho, pois a lógica do mercado de trabalho que garante a inserção e permanência do professor não é a lógica do cuidado, necessário para a realização de sua função social, de forma a atingir seu objetivo de ensino-aprendizagem. Assim, a atividade profissional normatizada por um conjunto de mediações formais (contrato de trabalho, tempo de aula, hierarquia, número de alunos por classe, etc.), segundo os critérios de racionalidade, do cálculo, da burocracia, impõe os limites e os alcances da atuação do educador. Além disso, a ‘realidade do trabalho’ nas escolas impede a realização do circuito afetivo professor/aluno/professor, pois ele é interrompido e bloqueado por esses fatores. Os autores localizam a origem do sofrimento psíquico e das patologias dos educadores nessa quebra do circuito afetivo.

O último capítulo da Parte I do livro busca a origem da crise de identidade e sofrimento que afetam os educadores no questionamento do saber e do saber-fazer dos educadores, de sua própria competência para lidar com as exigências crescentes do mundo atual, em uma realidade social cada vez mais deteriorada. As características do mundo do trabalho atualmente têm levado ao desaparecimento progressivo dos empregos no setor primário e um crescimento no setor terciário, no qual enquadram-se os serviços de educação e saúde. Este fator soma-se com a expansão da escolarização e um crescimento quantitativo do sistema escolar, levando os professores a perderem a referência do que devem saber, de como se deve ensinar e avaliar. Um outro fator bastante enfatizado nesse capítulo é o processo de desfeminização da categoria profissional, pois a crise de identidade atual passa pela mudança qualitativa nas relações entre gênero e trabalho. O processo de feminização da docência em torno do conceito de "mãe-educadora" e sua importância no imaginário social ocorreu historicamente, de modo concomitante, ao processo de reconhecimento material do trabalho docente, segundo critérios de identidade de gênero, portanto enviesado pela discriminação e preconceito. Atualmente, tais aspectos estruturantes da identidade feminina tradicional coexistem com outros relativos a uma identidade moderna, devido aos novos papéis assumidos pela mulher no espaço doméstico. As transformações no mundo atual também trazem questionamentos sobre o papel da Escola e da Educação. Assim, os autores destacam a seguinte pergunta: Qual o papel social relevante da escola atualmente? A pergunta é pertinente no contexto das mudanças em curso, pois a importância da escola no processo de mobilidade social tem sido colocada em dúvida, ao mesmo tempo em que o mundo do trabalho vem valorizando a escola como única possibilidade de acesso ao restrito mercado de trabalho, sem, no entanto, garantir a inserção de jovens escolarizados. Outro aspecto muito enfatizado é o cotidiano do trabalho dos profissionais da educação que se choca cada vez mais com a teorização sobre o papel da escola. A defasagem entre o princípio de como o "trabalho deve ser" com a "realidade do trabalho" é cada vez maior. Sobre esse ponto, cabe a seguinte pergunta, feita pelos autores: Qual é a realidade do trabalho nas escolas? Eles a caracterizam como "a face oculta de nossa modernidade." Quanto maior for essa defasagem, maior será o investimento afetivo e cognitivo exigido do professor, gerando maior esforço e sofrimento psíquico. A necessidade do estabelecimento de vínculo afetivo e emocional para o exercício da atividade docente está cada vez mais bloqueado pelo jogo de interdições formais e informais que caracterizam o trabalho dos profissionais da Educação. Esse conjunto de fatores define as condições para o aparecimento do sofrimento psíquico, que ocorre quando o investimento afetivo, emocional e cognitivo não tem retorno, como ocorre nas relações entre professor e aluno, atualmente. Pois o trabalho, enquanto atividade, só possui sentido quando o processo de objetivação da minha subjetividade no objeto do trabalho tem um sentido positivo.

A segunda parte do livro – O Ofício do Educador – contém também três capítulos e tem como preocupação central definir as características da Escola como Organização do Trabalho. E por isso, as autoras Lúcia Soratto e Cristiane Olivier-Heckler a classificam como uma empresa prestadora de serviços, que faz parte do setor terciário da economia. O seu produto é construído o tempo todo, durante a relação entre trabalhador e cliente,

sendo assim, a satisfação ou não, ocorre durante o processo e não somente no final. Dessa relação peculiar, pode-se depreender duas conclusões:

- a) O nível de exigência e tensão para o trabalhador é maior
- b) O trabalhador tem que estar bem emocionalmente e atualizado

Para explicar a origem e fonte do sofrimento psíquico e a angústia do professor, as autoras partem da constatação de que nem sempre a organização educacional tem condições de atender às demandas que lhe são feitas. Mas tais demandas atingem diretamente o profissional que trabalha com os clientes, ou seja, o professor. Pergunta: Como fica este trabalhador diante de uma demanda que não pode ser atingida por conta das condições organizacionais? A angústia de lidar com a impossibilidade de atender ao desejo do outro constitui um fator constante do cotidiano desses profissionais. Nestes capítulos, as autoras procuram mostrar as condições adversas do trabalho dos professores, que não encontram condições mínimas para a realização do objetivo principal da instituição: o processo educacional. O professor é contratado para inventar o futuro de pessoas, para construir o futuro do país, para empolgar corações e mentes, pois são os desejos, os sonhos, os projetos de vida dos outros que estão nas mãos do educador. Diante de tamanha grandiosidade, qual é o reconhecimento social do professor? Não há um reconhecimento associado à magnitude da tarefa, nem ao desempenho, à competência ou ao esforço individual. Desse modo, as autoras mostram a situação dos salários ruins, a impossibilidade de fazer uma carreira e as péssimas condições de trabalho. Nesses quesitos, a escola pode ser considerada a pior organização de trabalho, segundo a pesquisa realizada, enquanto o professor deve ser considerado um dos melhores profissionais disponíveis no mercado. E por quê? Segundo os resultados da pesquisa, esses profissionais demonstram ter comprometimento com a instituição, satisfação e identidade com o trabalho que realizam. A explicação para esse paradoxo está no próprio processo de trabalho que, segundo as pesquisadoras, não é alienado, sendo assim, o trabalhador não realiza a sua tarefa de modo mecânico e possui o sentido e o significado do que faz. O trabalho do professor não é fragmentado, ele possui longos ciclos (um ano) que permitem o planejamento, avaliação, reformulação das tarefas, assim ele possui o controle sobre o processo, pois as responsabilidades são maiores, o que colabora para que tenha um bom conhecimento do produto final, reconhecendo-o como seu. E também ele possui mais flexibilidade, podendo organizar as várias atividades do modo que lhe for mais conveniente. Assim, à pergunta feita anteriormente, como é possível que a pior organização do trabalho tenha o melhor funcionário? A resposta está na ausência de alienação, devido à natureza do trabalho organizado em ciclos longos e flexíveis, que possibilitam o controle sobre o processo, a expressão da criatividade e inovação, ou seja, um trabalhador presente de corpo e alma. Além desses fatores, as autoras destacam também: o maior controle do trabalho, a possibilidade de expressão afetiva, e a maior identificação com o seu produto. As autoras perguntam o que motiva esses profissionais a trabalharem numa atividade assim tão exigente. E concluem que o trabalho com tais características desafia o trabalhador, estimula o seu desenvolvimento intelectual, leva-o a descobrir novas potencialidades, sendo assim, ele consegue ter prazer no que faz. Portanto, a fonte do desprazer e insatisfação no trabalho está diretamente associada à fragmentação do trabalho, e não tanto à ausência de recompensas materiais.

O Capítulo 6 da Parte II do livro é dedicado ao estudo dos profissionais da Educação que desempenham uma “função-meio” que são aqueles que trabalham no suporte administrativo, suporte à educação, e suporte operacional. Esses trabalhadores também vivem o paradoxo de desempenharem atividades muito importantes e pouco valorizadas. Na prática, eles acabam desempenhando o papel de educadores na convivência diária com os alunos, pois cuidam da segurança, estabelecem laços de confiança, são “conselheiros” em muitas questões que os alunos não querem confidenciar com os colegas ou professores, e daí por diante. Diferentemente da “atividade-fim” os funcionários da “atividade-meio” vivem a ausência de controle e autonomia, apresentam problemas com relação ao trabalho rotineiro, carga mental devido ao excesso de trabalho, e ausência de vínculos com o produto final da instituição. E, ainda mais, falta-lhes um lugar para o seu trabalho na representação social da escola, pois ele é um “educador esquecido”.

Nas próximas partes III – Imagens e Miragens da Escola Pública, IV – Espelho Perverso e V – *Burnout*: “Síndrome da Desistência”, os autores adentram mais as condições de trabalho, no cotidiano das escolas, e nas questões salariais, afetando o trabalho dos educadores, ou seja, na “face oculta” de nossa modernidade. Abordando a questão da violência nas escolas, os autores tecem várias considerações de ordem social, individual e principalmente sobre os valores consumistas e individualistas que predominam na sociedade atual e dos quais muitos jovens que frequentam a escola pública são portadores. Citando os trabalhos de Zaluar (1992), eles buscam uma explicação mais ampla para o problema, escapando do determinismo sociológico que estabelece uma relação direta entre pobreza, violência e criminalidade. No que se refere ao âmbito escolar, os autores preocupam-se com a questão da violência institucionalizada nas escolas brasileiras e as conseqüências dessa situação para o trabalho e a subjetividade desse profissional, bem como com as suas implicações na qualidade do ensino.

Quanto à questão da infra-estrutura das escolas, a pesquisa constatou uma grande diferença entre os estados brasileiros, de modo geral, e que o maior problema é o seu déficit em materiais de apoio ao ensino e nos recursos que promovem melhores condições de trabalho, pois a maioria das escolas estaduais trabalha com um mínimo indispensável para dar aula, aliado a condições de trabalho ruins. Mais uma vez a pergunta dos autores sobre as conseqüências dessa realidade sobre o trabalho do professor, que mesmo faltando-lhe giz, insiste na sua tarefa.

No que se refere à gestão escolar, os autores demonstram um certo otimismo, desde que a forma democrática vem prevalecendo sobre a tradicional. Assim a eleição dos dirigentes escolares, a maior participação da comunidade e o envolvimento dos familiares com os problemas comuns têm se mostrado uma possibilidade alvissareira de melhoria da escola em todos os aspectos, desde o combate à violência e a defesa do patrimônio público contra atitudes de vandalismo, até a possibilidade de melhoria da qualidade do ensino.

Nesses textos, os autores não estabelecem a relação direta entre a ocorrência desses fenômenos e a emergência da síndrome de *burnout*, pois essas questões serão retomadas posteriormente, nas análises sobre as suas manifestações psicológicas e comportamentais.

Na parte IV do livro: Espelho Perverso, os textos tratam da questão salarial, do poder de compra, renda familiar, bens de consumo de que podem dispor os profissionais da Educação e indagam acerca de suas possíveis conseqüências para o exercício de sua atividade. Partindo das perguntas: O que se paga ao trabalhador? Como definir um bom salário? Quais critérios utilizar para considerar se as necessidades do trabalhador estão sendo atendidas de forma a viabilizar que ele se realize? E concluem que, em termos objetivos, o que o professor ganha não pode ser chamado de salário, na medida em que não é valor pago pela força de trabalho injetada em seu trabalho, ou, o que é pior, é rigorosamente independente de seu trabalho. Assim, o salário do professor é independente do que ele realiza, independente do seu valor de uso, e também de seu valor de troca, pois ele não supre as suas necessidades de reproduzir-se enquanto força de trabalho. Sendo assim, ele não se determina pelas leis de mercado que, teoricamente, define as necessidades, segundo alguns critérios de qualificação, cargos, funções, dentro das atividades e categorias profissionais, numa economia de mercado regida, minimamente, pela lei de oferta e procura. Mas também, os salários dos professores não se estabelecem segundo as necessidades dos seus profissionais. Assim, constatar que eles não são regidos pelas regras do mercado não significa que eles passaram pelo processo de desmercadorização, como é o princípio da sociedade salarial, mas sim que eles estão aquém e muito aquém, de qualquer critério objetivo. Nesse sentido, eles são muito baixos e injustos, e na comparação com faixas salariais de outras categorias, eles podem ser considerados iníquos, sendo esse o sentimento dos profissionais dessa categoria. Além disso, dentro da mesma categoria dos professores, que têm a mesma formação, a mesma qualificação, exercendo o mesmo cargo, com o mesmo tempo de serviço, com as mesmas responsabilidades, ainda assim, verificam-se diferenças salariais muito discrepantes e dispersas pelas escolas estaduais do ensino fundamental e médio do Brasil. Tal situação de iniquidade dentro da mesma categoria dos profissionais da Educação compromete a composição de um perfil típico de uma categoria profissional, com interesses, reivindicações e valores próprios. Assim, os autores concluem que estamos diante de uma categoria profissional que obriga seus trabalhadores a se dedicarem a um trabalho para o qual não existe salário. E como decorrência, desenvolve-se um sofrimento psíquico associado à iniquidade.

As condições objetivas para a emergência da síndrome de *burnout* estão, assim, dadas por todas essas contradições estruturais, históricas e também características do capitalismo atual, definido pelo processo de reestruturação do capital, pelas transformações no universo do trabalho, pelas novas demandas feitas à educação, pelo empobrecimento em vários aspectos da escola pública, e a indefinição atual do papel do professor, da própria escola e da educação. E agora, vamos adentrar no universo subjetivo dos profissionais da educação, para sabermos como eles vivem as conseqüências psicológicas de todo esse quadro complexo de problemas que se relacionam, de forma singular, definindo as suas condições de trabalho e saúde mental.

Os capítulos da Parte V do livro são dedicados ao estudo de aspectos particulares da relação entre condições objetivas e situações subjetivas dos trabalhadores. Iniciando pela própria definição e descrição do sofrimento

psíquico, e como ele se manifesta, os autores destacam o fato de ele ser uma síndrome própria dos trabalhadores encarregados de "cuidar do outro." *Burnout* – "perder o fogo", "perder a energia", "queimar".

É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não lhe importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil. É uma reação à tensão emocional crônica gerada no contato direto e excessivo com outros seres humanos. O trabalhador se envolve afetivamente com os seus alunos, pois é próprio do seu trabalho para se realizar, desgasta-se e, num extremo, desiste, então entra em *burnout*. As suas principais manifestações são:

1. Exaustão Emocional – situação em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos afetivamente. Percebem ter esgotado sua energia e os recursos emocionais próprios, devido ao contato constante com os problemas – esgotamento.
2. Despersonalização – desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas e de cinismo em relação ao outro, às pessoas destinatárias do trabalho de "cuidar", endurecimento afetivo, coisificação da relação
3. Falta de envolvimento pessoal no trabalho – tendência de uma "evolução negativa" no trabalho, afetando a habilidade para a realização da tarefa e o atendimento, ou contato com as pessoas usuárias do trabalho, bem como com a organização.

Podemos perceber que todas as manifestações ou sintomas da síndrome estão relacionados ao bloqueio afetivo, justamente na situação, na qual a demanda por afeto é maior, sendo essencial para a realização do processo de ensino-aprendizagem, como vimos até agora. Mais uma vez, os autores remetem a Freud, no seu conceito de frustração: "a satisfação efetiva do seu desejo que o sujeito recusa a si mesmo." Os autores recorrem também ao behaviorismo (Watson, Skinner) e a outras teorias psicológicas para explicar o significado do bloqueio afetivo e emocional que acomete os profissionais dessa área.

A teoria do *burnout* procura compreender as contradições da área de prestação de serviços, exatamente quando a produção do setor primário decai e o setor terciário vem ocupar o seu lugar, em termos de crescimento do trabalho e emprego. É a teoria do ser humano solitário, na época em que parece esvanecer a solidariedade. É por isso que afloram os sentimento de desamparo, desproteção, insegurança, solidão, pois eles advêm da ruptura de vínculos, antes fortes e intensos. Os autores se referem a um ancestral sentimento de vazio, atualizado às novas condições históricas. Desse modo, o *burnout* é a síndrome do fim do século XX, e talvez do século XXI. Fregenbauer (1974) foi quem primeiramente utilizou o termo, para expressar o sentimento daquelas pessoas que o procuravam para se tratar e que levavam uma energia enorme e derrotada, perdendo a sua possibilidade de ação, o que levou a psicologia a relacionar com o sentimento contrário, que é o da onipotência. Ou seja, a síndrome resultante de duas forças em contradição, produzindo a impotência e a atitude de entregar-se ao acaso do próprio destino, uma vez que essas pessoas estão exauridas e cansadas de lutar. Há uma escala de *burnout*, que avalia pessoas portadoras da doença, segundo vários sentimentos e atitudes perante a vida (páginas 244 e 245). O referido sentimento ancestral de vazio é recorrente na literatura da e sobre a modernidade, assim Baudelaire expressou bem a solidão do homem em meio à multidão e

também Freud, como foi citado pelos autores, bem com os intelectuais da escola de Frankfurt, e também Castell, quando mostra o fim da sociedade salarial. Podemos inferir que esse sentimento ancestral é atualizado na época regida pelos princípios de flexibilidade. É importante destacar que o conceito de *burnout* é multidisciplinar, pois ele perpassa várias atividades humanas e campos explicativos.

Do outro lado da moeda, comparecem para *explicar* o *burnout* desde os mais recônditos conflitos afetivo-familiares, aqueles que costumam freqüentar o divã da psicanálise, até as relações sociais travadas em meio ao cotidiano, o ambiente físico do trabalho, a rede de relações sociais e hierárquicas que se estabelecem no trabalho e fora dele, a carga da tarefa em si, os vínculos que se estabelecem e se perdem com o produto e, literalmente, tudo o mais que se possa lembrar. Outra vez, cada uma destas faces da vida e do trabalho podem e devem ser responsabilizadas por *burnout*; outra vez, nenhuma delas pode reivindicar para si o papel de determinante exclusivo do problema. (CODO, Wanderley, p.249).

Burnout não é apenas um fenômeno freqüente entre os educadores, é também altamente disseminado. Trata-se de uma síndrome que vai avançando com o tempo, corroendo devagar o ânimo do educador, o fogo vai se apagando devagar. *Burnout* é uma desistência de quem ainda está lá, encalacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas da qual, também não pode desistir. O trabalhador arma inconscientemente uma retirada psicológica, um modo de abandonar o trabalho, apesar de continuar no posto. Está presente na sala de aula, mas passa a considerar cada aula, cada aluno, cada semestre, como números que vão se somando em uma folha em branco.

Em seguida, mais precisamente, do Capítulo 14 ao 26, da Parte V do livro, os autores tratam de vários subtemas relacionando-os às três manifestações de *burnout* mencionadas acima. Cada um deles, ou seja, cada fato ou fenômeno próprio do universo do trabalho se relaciona mais ou menos com uma ou duas das manifestações da síndrome. Assim, por exemplo, a questão da violência nas escolas introduz na "realidade do trabalho" elementos novos e, por isso, os autores trabalham com uma tipologia, na medida em que ocorrem diferentes tipos de atos violentos, sendo que cada um deles incide de maneira diferente no psiquismo do professor, provocando-lhe sofrimentos diferentes. Por exemplo, o vandalismo, que é uma violência voltada à destruição do patrimônio público, provoca no professor o sentimento de exaustão emocional e não o de despersonalização, enquanto os atos de agressões aos professores levam ao sentimento e atitudes de despersonalização. Assim, como o tema da violência, os autores levantam vários outros, como a gestão democrática nas escolas e *burnout* nos professores, as relações com o sindicato e o tipo de sofrimento psíquico advindo dessa relação. E assim, vamos caminhando para o final do livro, onde é retomada uma questão essencial do início, que indicava os três eixos principais de tensão que produzem a síndrome de *burnout*: a tensão entre razão e afeto, a tensão que ocorre no âmbito das relações sociais, a tensão provocada pela necessidade de controle do meio. O trabalho do professor se desenvolve num campo tensional, entre afeto e razão. Conforme já foi analisado anteriormente, o ato de educar não

prescinde da afetividade, como elemento catalisador do processo. A relação de trabalho ocorre num espaço afetivo denso, pois se trata de uma troca entre desiguais, um tem o que o outro precisa, e essa troca para efetivar-se tem que completar o circuito afetivo, e quando ele não se completa, cria-se um campo de tensões e sofrimento psíquico que desencadeia patologias. Por outro lado, o profissional da Educação trabalha num mercado capitalista, regido por leis, cálculo, burocracia, disciplina, etc., que estabelecem as mediações formais entre professor e aluno no espaço escolar. Além disso, esses dois mundos são artificialmente separados, pois eles se interpenetram constantemente, um interfere no outro, seja no sentido de se complementarem na realização comum da pessoa, ou seja, para estabelecer conflitos, entre interesses e desejos diferentes.

Quanto ao âmbito das relações sociais, há uma infinidade de relações entre pessoas diferentes, que trazem marcas culturais, sociais, raciais, de gênero, convivendo no mesmo espaço físico e social, durante várias horas do dia, revelando assim a heterogeneidade, a diversidade e a pluralidade da sociedade e da cultura, nas quais a escola tem uma função. Além disso, ela sofre a influência de fatos políticos econômicos, religiosos, culturais, artísticos, entre outros, seja porque eles a afetam como instituição mesmo, ou seja, porque estão relacionados a alguns aspectos de vida dos alunos, professores ou funcionários, ou seja, a escola se constitui num espaço de troca muito intensa de experiências e valores diferentes e sentimentos diversos. A própria escola como instituição produz e reproduz relações diferenciadas: de dominação, de poder, de classe, de amizade, de solidariedade, de competição, de cumplicidade, entre outras. Em meio a essa multiplicidade de interesses, desejos, racionalidades, subjetividades, objetivos e sentimentos, o professor assume o papel de catalisador, estabelecendo uma comunicação mínima entre essas múltiplas singularidades.

Com relação ao outro eixo de tensão, que é o controle sobre o meio e sobre o trabalho, há um fundamento no desenvolvimento da modernidade, que se refere ao controle do homem sobre as forças da natureza, através do conhecimento, da ciência, da técnica e da tecnologia. Ao mesmo tempo, o acaso e a imprevisibilidade, seja de acontecimentos da cultura, ou mesmo de fatores naturais que o homem pensava controlar, está sempre colocando-o diante do imponderável. Esse traço da modernidade singulariza-se no âmbito do trabalho da educação, na medida em que o professor precisa ter controle de tudo, é ele quem está no comando do processo, necessita estar informado de tudo o que acontece com os seus alunos, saber lidar com todos, planejar todo o seu trabalho, organizar as tarefas e cumprir as exigências burocráticas exigidas pela instituição. Essa necessidade de controle sobre o processo do trabalho é essencial para o trabalho da educação, se não ele não se realiza. A perda desse controle ocasiona a o sentimento de desamparo e desesperança, acarretando o *burnout* .

DANTAS, Etienne Andrade de Medeiros. **A relação entre a saúde organizacional e a síndrome de *burnout***. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2003.

ORIENTADOR(ES)/INSTITUIÇÃO: LIVIA DE OLIVEIRA BORGES; MAURICIO ROBAYO TAMAYO/UFRN.

LINHA(S) DE PESQUISA: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

FORMAÇÃO DO AUTOR: PSICOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: SAÚDE ORGANIZACIONAL; SÍNDROME DE BURNOUT; ESCOLAS; HOSPITAIS; ANÁLISE DE CONTEÚDO; COMPARAÇÕES MÉDICAS.

AUTOR DA RESENHA: MURILO VALENÇA BEZERRA

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Resultado de quase dois anos de pesquisas, o trabalho "*A relação entre a saúde organizacional e a síndrome de burnout*" é a dissertação e mestrado defendida por Etienne Andrade de Medeiros Dantas, em 2003, dentro do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em sua pesquisa, Dantas investigou as relações entre saúde organizacional e a síndrome de *burnout* em profissionais de educação e de saúde. Segundo a autora, a pesquisa foi desenvolvida dentro dos interesses do *Grupo de Estudo de Saúde Mental e Trabalho* (GEST), da UFRN, principalmente no que se refere ao estudo sobre a síndrome de *burnout*.

Dantas apresenta inicialmente um breve panorama das transformações em curso no mundo do trabalho e nas organizações a partir dos anos de 1970, assinalando a desaceleração da economia mundial, o esgotamento do padrão taylorista/fordista de produção, a crise do *Welfare State*, as fusões entre empresas e as privatizações. Baseando-se em Mattoso (MATTOSO, J. Terceira revolução industrial e mundo do trabalho. In. J. Mattoso, *A desordem do trabalho*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 69-120), Dantas observa que o capital busca renovar suas formas de regulação através do ajuste estrutural, da privatização das empresas públicas e dos processos de reestruturação produtiva, fazendo emergir daí um novo conceito de trabalhador e de gestão nas organizações, que se voltam para o atendimento às necessidades dos clientes e para a introdução de inovações visando à competitividade, conforme Carleial (1997).

Considerando os estudos de Cohen e Cohen (1995), Foguel e Souza (1980/1985), Marques (1994), Dantas destaca que as transformações trazidas pela reestruturação produtiva contribuem para o surgimento de "patologias organizacionais" afetando direta e indiretamente a saúde mental dos trabalhadores. A autora adota como hipótese inicial que a organização é um sistema social, que mantém trocas constantes tanto com o ambiente externo, quanto com o ambiente interno, repercutindo assim sobre os indivíduos que nela atuam. Para Dantas, é do movimento de preocupação sobre as conseqüências do impacto das atividades ocupacionais no trabalhador e deste na organização que surgem, segundo Dantas, que os estudos sobre *burnout* passam a ocupar um lugar de destaque no mundo laboral.

Objeto de análise

A pesquisa sobre as relações entre saúde organizacional e síndrome de *burnout* foi realizada em três escolas públicas de ensino médio e em três hospitais – dois públicos e um hospital militar, na cidade de Natal (RN), com uma amostra composta de professores municipais e profissionais de saúde, como médicos, enfermeiros, nutricionistas e outros. As escolas estão localizadas em bairros distintos da capital potiguara, e apresentam estruturas físicas e esquema de funcionamento semelhantes. Os três hospitais atendem pacientes de todo o Estado.

Metodologia utilizada

Estudo piloto

Segundo Dantas, foi necessária a aplicação de um estudo piloto a fim de caracterização dos hospitais, que atendem pelo SUS, da comunidade militar e das escolas públicas de Natal. Este estudo, segundo a autora, buscou elucidar o contexto da pesquisa e, ao mesmo tempo, fundamentar os indicadores de saúde organizacional, compreendendo a revisão da literatura e a consulta aos órgãos públicos competentes, como a Secretaria Estadual da Educação, a Secretaria Municipal da Saúde, a Secretaria Estadual da Saúde e o Complexo Hospitalar (UFRN).

Coleta de Dados

Dantas explica que para coleta de dados sobre saúde organizacional foram aplicadas duas entrevistas semi-estruturadas em cada organização e realizada observação no local. As entrevistas foram realizadas com o dirigente de cada organização e com a pessoal responsável pelo setor de recursos humanos, no caso dos hospitais, e com o coordenador pedagógico, no caso das escolas. O protocolo de coleta de dados para os profissionais de saúde e de professores foi formado pelos seguintes instrumentos:

- a) MBI – Inventário de *burnout* de Maslach: conforme as referências de Maslach e Jackson (MASLACH, C.; JACKSON, S. E. *Maslach burnout inventory*. Palo Alto: Consulting Psychologist Press, 1981), composto por 22 itens relacionados com sentimentos pelo trabalho, mensurando aspectos como exaustão emocional, diminuição da realização pessoal e a despersonalização. O questionário tem sido validado por Gil-Monte e Peiró (GIL-MONTE, P.; PEIRÓ, J. *Desgaste psíquico en el trabajo: el síndrome de quemarse*. Madrid: Editorial Síntesis, 1997) e Tamayo (TAMAYO, M. R. *Relação entre a síndrome de burnout e os valores organizacionais no pessoal de enfermagem de dois hospitais públicos*. Dissertação de mestrado não publicada. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1997). Os professores foram convidados a responder a um questionário sobre os sentimentos que possuem em relação ao trabalho e outro com informações sócio-demográficas.
- b) Ficha sócio-demográfica: visando obter informações descritivas da amostra, indagando sobre idade, tempo de trabalho, de profissão, de instituição, cargo, profissão, nível de instrução, sexo, religião e frequência à igreja, estado civil, forma de residência e renda familiar.
- c) Entrevistas: o trabalho de Gomide et al. (1999) como única referência em termos de questionário aplicável para a percepção de saúde

organizacional, não foi utilizado na pesquisa, porque não abordava as características das organizações em estudo e porque se dirigia a levantar as percepções da saúde organizacional segundo a ótica dos próprios empregados. Foram então elaboradas entrevistas semi-estruturadas com pessoas-chave das organizações (diretores, coordenadores pedagógicos e pessoal do setor de recursos humanos), conforme instrumentos de medida sugeridos por Pasquali (PASQUALI, L. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM, IBAPP, 1999).

Dantas explica que o roteiro das entrevistas objetivou identificar a variação da saúde organizacional das instituições, utilizando os atributos de adaptabilidade, senso de identidade, teste de realidade e estado de integração, conforme os estudos de Shein e Bennis, e Ramos (1994), Saviani (1997), Almeida e Albuquerque (1998) e Silva (2002).

Dos questionários aplicados nos dois tipos de organizações, 168 foram válidos para investigação da incidência da síndrome de *burnout*, sendo que 83 nos hospitais e 85 nas escolas. Foram utilizadas amostras acidentais, embora tenha sido planejada a proporção de profissionais, visando reproduzir as características da população. Nas escolas, as amostras foram planejadas com os professores. Nos hospitais, com médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, nutricionistas, psicólogos, odontólogos e assistentes sociais.

Procedimentos de análise dos dados:

As respostas aos questionários de mensuração da síndrome de *burnout* e ficha sócio-demográfica foram registradas em banco de dados do SPSS (*Statistical Package of Social Science*), com os escores atribuídos pela média dos pontos. Também foram utilizados a ANOVA e o Teste T, para as comparações entre as instituições (escolas versus hospitais). Os aspectos sócio-demográficos foram utilizados para descrever as características da amostra e para explorar a variabilidade dos escores nos fatores da síndrome de *burnout*. Em relação à mensuração da saúde organizacional, as respostas das entrevistas semi-estruturadas foram lidas, interpretadas e categorizadas por duas pessoas em paralelo, seguindo a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (1995).

Referencial teórico

A utilização do conceito de saúde organizacional

Dantas considera que o termo *burnout* seja bastante antigo. Entretanto, segundo a autora, é com os trabalhos de Freudenberg nos anos 1970 (FREUDENBERG, H. J. Staff burn-out. *Journal of Social Issues*, 30(1), 1974, 159-165), que o termo começa a se difundir na descrição dos problemas de saúde de trabalhadores.

Dantas considera a organização um espaço composto de indivíduos ou grupos de indivíduos, orientado para conseguir fins específicos, que se utilizam de funções e divisão de trabalho, estabelecem um sistema de coordenação e direção de caráter racional, com ações planejadas, e respeitando-se uma hierarquia de autoridade e responsabilidade. Dantas fará uso do conceito de *Teoria Contingencial*, baseando-se nos estudos de Morgan (1996) (MORGAN, G. *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas, 1996) e Schein (1982) (SCHEIN, E. H. *Psicologia organizacional*. 3ª edição.

Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1982), para descrever as organizações como sistemas sociais e não como naturais.

Dantas discute os estágios de vida das organizações, e considera as patologias organizacionais como fonte de disfunções. Dantas compreende que a saúde organizacional reflete em parte o comportamento macro da organização. A disciplina Comportamento Organizacional, originária da década de 1960, considera como subsídios conceitos das disciplinas como Psicologia, Economia e Sociologia, e é um campo de estudos em consolidação. Um aspecto interessante apontado por Dantas diz respeito à relação dos indivíduos com seus ambientes de trabalho, sendo cada vez maior o número de trabalhadores que vivem inseridos nas organizações, criando uma condição de dependência das empresas para satisfação das necessidades pessoais.

Dantas salienta que os primeiros sinais de disfunções nas empresas apontam para o agravamento da estrutura e dos objetivos da organização, tais como: políticas e diretrizes vagas, objetivos e atribuições indefinidas; técnicas e métodos inadequados; conflitos e desajustes gerados com a falta de clareza quanto aos rumos a serem adotados. Pensando nisso, a autora comenta que as conseqüências destas disfunções podem ser evidenciadas na qualidade do trabalho e do ambiente da organização. Segundo Dantas, as conseqüências mais comuns destas disfunções são ineficiência, excesso de controle, ambição egocêntrica e competição destrutiva. Outro grupo de disfunções, na compreensão de Dantas, seria a falta de visão da organização como sistema total, também chamada de "miopia organizacional". A unilateralidade também é outra disfunção, que desemboca em um clima de desconfiança e perseguição dentro do ambiente do trabalho. A organização passa a valorizar a competência técnica em detrimento da competência interpessoal.

Dantas desenvolve uma longa argumentação em favor de mudanças no ambiente de trabalho das empresas, sempre como uma resposta às mudanças do cenário mundial, com destaque para globalização da economia, e para ações que busquem consolidar uma empresa mais flexível e competitiva.

Dantas esclarece que não trabalha com o conceito de qualidade de vida no trabalho mas sim com o de saúde organizacional, para não confundir com o de saúde dos indivíduos nas organizações. De fato, a autora prefere o termo de saúde organizacional e que é caracterizado por quatro fatores: 1) *Adaptabilidade*: capacidade da organização em resolver problemas que, por sua vez, depende da flexibilidade, entendendo esta como a liberdade de aprender através da experiência e de mudar com as circunstâncias internas e externas; 2) *Senso de Identidade*: conhecimento claro da organização sobre o que ela é, suas metas e onde quer chegar; 3) *Teste de realidade*: capacidade da organização em procurar conhecer, perceber e interpretar corretamente as condições relevantes do meio-ambiente para seu funcionamento; 4) *Estado de Integração*: grau de harmonia e integração entre os subsistemas corporativos, a fim de que estejam alinhados à estratégia da organização.

Mesmo utilizando um conjunto grande de autores que tratam sobre saúde organizacional, Dantas argumenta que a saúde organizacional é fundamento para o bem-estar dos indivíduos e para o sucesso empresarial, ampliando a efetividade organizacional para incluir o lucro, o serviço de produção, as

metas de continuidade, a saúde e o bem-estar das pessoas que nela trabalham.

Uma revisão sobre a síndrome de burnout

Para tratar sobre o conceito de burnout, Dantas baseará seus argumentos nos estudos de Freudenberger (1974), Tamayo (1997), Carlotto (2002) (CARLOTTO, M. S. Síndrome de burnout e satisfação no trabalho: um estudo com professores universitários. In A. M. T. Benevides-Pereira (Org.), *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 187-212) e Codo (CODO, W. Burnout: síndrome da desistência. In W. Codo (Org.), *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 237-362), entre outros.

Segundo Dantas o termo foi primeiramente utilizado por Freudenberger em 1974 para descrever o estado físico e mental de jovens e voluntários que trabalhavam em uma clínica de desintoxicação, e que apresentavam sentimentos de esgotamento, irritação e atitude cínica em relação aos pacientes. Para Dantas, o *burnout* é uma experiência subjetiva interna que traz um sentido negativo para o indivíduo.

Citando pesquisas de Codo (1999), Dantas afirma que a síndrome de *burnout* caracteriza-se pela perda do sentido da relação com o trabalho, de forma que, o que o indivíduo realiza parece inútil, evidenciando também sentimentos de ansiedade, depressão e baixa-estima.

Segundo Dantas, os estudos sobre *burnout* passaram por duas fases. A primeira constituiu-se num momento exploratório e sua contribuição principal foi descrever o fenômeno, cujos artigos iniciais foram escritos por Freudenberger (concepção clínica) e Maslach e Jackson (concepção sócio-psicológica), nos anos 1970. O foco desses trabalhos estava relacionado com as experiências de esgotamento, decepção e perda do interesse pelo trabalho, ou seja, a etiologia da síndrome repousava sobre aspectos individuais, submetido a trabalho intenso. Para Dantas, a concepção sócio-psicológica entende o *burnout* como um processo que se desenvolve na interação com o ambiente e sob certas características sociais, ou seja, os aspectos individuais associados às condições e relações de trabalho formam uma teia que proporciona o aparecimento de fatores multidimensionais da síndrome.

A segunda fase dos estudos sobre o *burnout* foi empírica, segundo Dantas, iniciada nos anos 1980, quando os pesquisadores passam a se preocupar com os aspectos quantitativos e de avaliação da síndrome. Trata-se de uma fase influenciada pela concepção organizacional e pela concepção sócio-histórica. O *burnout* seria resultado das discrepâncias entre os interesses dos trabalhadores e os interesses das organizações. Nesta fase, há uma preocupação permanente com a validação dos estudos sobre o tema e há o surgimento de instrumentos de mensuração como o MBI, desenvolvido por Maslach e Jackson (1981), que identificam na síndrome componentes de *esgotamento emocional* (fadiga), *despersonalização* (distanciamento do objeto de trabalho) e *diminuição da realização pessoal* (sentimento de insatisfação), além da existência de mecanismo de enfrentamento e auto-percepção frente ao estresse gerado nas relações profissional-cliente e na relação profissional-organização. No âmbito nacional, Dantas faz referência aos trabalhos de Codo, Carlotto (2002), Tamayo (1997) e do Núcleo de Estudos Avançados sobre o Burnout (NEPASB) do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Para Dantas, os estudos e

referências apresentadas na pesquisa não compõem toda a produção científica no Brasil sobre o assunto, mas são investigações que têm relevância para os pesquisadores

Resultados da pesquisa

Quanto aos resultados da pesquisa, Dantas destaca que, considerando o aspecto da saúde organizacional, as escolas pesquisadas apresentam um bom espaço físico, mas devido aos poucos recursos financeiros, há dificuldades de manutenção do espaço, havendo uma escola mais depredada na Zona Sul. De uma forma geral, faltam recursos materiais e humanos, e as escolas trabalham com um número de pessoas bem inferior ao necessário, inclusive de professores, fazendo com que alguns deles tenham sobrecarga de trabalho, ou se buscam estagiários universitários para substituí-los. Caso semelhante ocorre nos hospitais. Não há concursos para contratar novos profissionais.

Com base na análise de conteúdo das entrevistas, Dantas comenta que a maioria das escolas não conhece em profundidade quem é a sua demanda e que as escolas têm pouca autonomia para adequar seus serviços à demanda, por serem escolas subordinadas à Secretaria Estadual da Educação. Quanto ao componente Adaptabilidade, as entrevistas revelam a existência de um processo de gestão pouco participativa, sobretudo nas escolas.

Na maioria das escolas, a missão da organização, dentro do critério do Senso de Identidade, é pouco conhecida e disseminada entre a direção e entre os professores; também não se conhecem as metas, ainda que ocorra um planejamento pedagógico a cada início de ano. Segundo Dantas, o problema se mostra mais grave ainda nos hospitais, segundo a pesquisa realizada. Em nenhuma das escolas acontecem avaliações sistemáticas das atividades desenvolvidas e do desempenho das pessoas na organização. As poucas ações que existem neste sentido são feitas por meio de reuniões gerais com a equipe técnica ou dos conselhos de classe, embora não sejam percebidas aplicações concretas dos resultados dessas avaliações.

Nas entrevistas também aparecem questões relacionadas com a compatibilidade entre a qualificação de pessoal e suas atribuições. Segundo Dantas, a maioria das pessoas atende ao padrão legal mínimo para trabalhar nas escolas, mas há falta de programas de educação continuada e de outras formas de desenvolvimento profissional.

Nas escolas, a exaustão emocional é uma das dimensões de *burnout* mais presente entre os entrevistados, seguida da diminuição da realização pessoal e da despersonalização. De acordo com os resultados obtidos, foi possível, segundo Dantas, observar que tanto nas escolas quanto nos hospitais pesquisados, há grande incidência da síndrome de *burnout* nos seus profissionais.

Segundo a autora, os dados confirmam os estudos de Lautert (1997), Radüns (1999) e Carlotto (2002), ao demonstrar que os profissionais que trabalham com serviço de ajuda estão mais susceptíveis a apresentar as características da síndrome de *burnout*. Segundo Dantas, não apenas os profissionais de ensino são sensíveis à aquisição da síndrome, como também os profissionais de saúde.

DELCOR⁴, Núria Serre. **Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino em Vitória da Conquista-BA.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina/Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.⁵

ORIENTADOR: FERNANDO M. CARVALHO

FORMAÇÃO DA AUTORA: MEDICINA COM CONCENTRAÇÃO EM EPIDEMIOLOGIA CLÍNICA

PALAVRAS-CHAVE: CONDIÇÕES DE TRABALHO; SAÚDE OCUPACIONAL; PROFESSORES; TRABALHO DOCENTE

LINHAS DE PESQUISA: PSICOLOGIA (SÍNDROME DE BOURNOUT), SAÚDE OCUPACIONAL E MEDICINA DO TRABALHO

AUTORA DA RESENHA: DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Neste trabalho, a autora descreve as condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino da cidade de Vitória da Conquista (BA). Faz isso num diálogo constante com outras pesquisas semelhantes já realizadas em países distintos e, em especial, no Estado da Bahia, o que contribui para ampliar o enfoque e relacionar a realidade deste município com trabalhos publicados sobre outros contextos.

Parte de uma discussão acerca do desprestígio que atinge os docentes, principalmente aqueles da educação básica, e como este pode ser um fator gerador de estresse. Aponta também como possíveis causas do estresse do professor a situação de constante renovação e adaptação aos novos conhecimentos e tecnologias, a falta de apoio no contexto social e o fato de se atribuir a ele a responsabilidade na produção do fracasso escolar.

Problematiza a feminilização da atividade docente bem como a situação de diferenciação salarial entre mulheres e homens e a presença maior das mulheres em níveis mais iniciais do ensino. A partir de dados do INEP, demonstra de que forma no país e no estado da Bahia, a diferenciação salarial se dá também na relação com o nível de escolaridade do professor. Destaca ainda que grande parte das mulheres que optam pelo exercício da profissão pertence às camadas menos favorecidas, onde a atividade docente é ainda considerada como possibilidade de ascensão social. Aponta para a necessidade de se problematizar o agravamento da condição e do status deste profissional a partir dos ajustes neoliberais.

Tradicionalmente, segundo a autora, a atividade docente não tem sido considerada como um trabalho de risco direto para a saúde, o que talvez contribua para a pequena produção de trabalhos sobre os problemas de saúde dos professores. No entanto, nos últimos tempos, tem sido produzida uma literatura internacional em que o caráter estressante do trabalho docente vem sendo estudado. Estes trabalhos apresentam como as doenças mais frequentemente encontradas entre os docentes, aquelas relacionadas à postura corporal ou traumatológicas, à saúde mental e à voz.

Neste trabalho, a autora aborda ainda, a distinção entre estresse e Síndrome de *burnout*, que embora não seja um fenômeno novo, tem se

⁴ Mestre em Medicina na área de concentração em Epidemiologia Clínica.

⁵ Este trabalho contou com financiamento de: Programa de bolsas "Multis" da Agência Espanhola de Cooperação Internacional do Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha (2001-2002); Sindicato de Professores do Estado da Bahia (SINPRO-BA); Secretaria de Educação e de Saúde de Vitória da Conquista; Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana.

manifestado mais na última década e foi conceituado pela primeira vez em 1979. Segundo ela,

...considera-se que o estresse é um fator causal ou contribuinte de graves transtornos orgânicos, tais como hipertensão, enfermidade coronária, enxaqueca, úlceras gástricas, asma etc. O estresse pode conduzir também à depressão e ansiedade..." (p. 27). O estresse, portanto, pode ser definido como "...um esgotamento pessoal com interferência na vida do indivíduo e não necessariamente na sua relação com o trabalho..." (p. 28)

Já a Síndrome de *burnout*, afeta sobretudo os setores encarregados de "cuidar", nos quais há muito "contato social dentro do trabalho". Literalmente, a tradução seria como "perder o fogo", "perder a energia", ou seja, é uma situação na qual o trabalho perde o sentido, em que o trabalhador perde a relação com seu objeto. Envolve, segundo a autora, três componentes: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho, "...afetando a habilidade de realização do trabalho e o atendimento, ou contato com as pessoas usuárias do trabalho...(p. 28)

Para a autora, a Síndrome de *burnout* é a fase final de um processo, representa a resposta ao estresse crônico no trabalho.

Diferentes trabalhos, produzidos em diferentes países, têm apontado os principais fatores que favorecem o estresse e o *burnout* em docentes (p. 29). Destacarei aqui as principais causas de estresse dos docentes apontadas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e citadas pela autora, ou seja, turmas numerosas, pressão de horários, salários abaixo do nível de exigência e responsabilidade, falta de estabilidade no emprego e intensidade do trabalho, dentre outros.

Para Delcor, estes diferentes estudos demonstram que os estressores não provocam respostas idênticas em todas as pessoas, ou seja, "...a nocividade dos fatores que causam estresse dependerá das possibilidades de adaptação às novas circunstâncias ou da capacidade para resolver conflitos" (p. 32). A autora passa então a discorrer sobre diferentes trabalhos que apontam para técnicas que poderiam contribuir para reverter o quadro de estresse. Nestes trabalhos, na sua maioria, aparece como estratégica a ação do próprio docente, o que gera a sensação no leitor de que a solução para o estresse do trabalhador da educação depende dele próprio. Mas, ao mesmo tempo, a autora apresenta outras iniciativas em países diversos, que vêm de segmentos distintos como, por exemplo, o governo do Reino Unido que colocou uma linha de telefone gratuita e uma página eletrônica disponível para ajudar os professores com problemas relacionados ao estresse no trabalho e a França que desde os anos de 1970 criou um hospital especializado em doenças mentais docentes.

A autora discute ainda, a partir de diferentes trabalhos desenvolvidos na Espanha, Canadá, Inglaterra e Argentina, as conseqüências negativas do excesso de estresse e da Síndrome de *burnout*, para professores, para alunos e para o sistema de ensino. Apesar dos problemas decorrentes da atividade estressante do professor, chama a atenção para estudos que trazem depoimentos de professores que dizem não pensar em trocar de profissão. Para a autora, esta dedicação do professor pelo próprio trabalho,

pode justificar-se por ainda se identificar a educação como sinônimo de sacerdócio, exigindo portanto, sacrifício e doação. (p. 41)

A partir desta ampla revisão bibliográfica, a autora se propõe a estudar o caso dos professores da rede privada de ensino de Vitória da Conquista (BA), utilizando um modelo de avaliação de estresse ocupacional que é o modelo demanda-controle de Karasek.

Objeto de análise

As condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino da cidade de Vitória da Conquista no Estado da Bahia. É importante ressaltar que este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa maior que envolve pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana. Neste projeto mais amplo, se propõe "... (a descrição dos) principais problemas de saúde percebidos por professores de nível pré-escolar, fundamental e médio da rede particular e municipal de ensino, bem como identificar fatores de risco ocupacional associados aos agravos à saúde dos professores..." (p. 43). Na dissertação de mestrado de Delcor, são apresentados os resultados da pesquisa na rede particular de ensino no município de Vitória da Conquista. (A autora faz uma apresentação do município em apenas um parágrafo utilizando-se de dados do IBGE) (p. 43).

O modelo demanda-controle de Karasek foi inicialmente concebido para análise do trabalho industrial. Segundo a autora, este é um modelo que visa medir o estresse ocupacional partindo do estudo de duas dimensões básicas do trabalho: o controle e a demanda psicológica. Por controle, são entendidos os aspectos dentro do trabalho que implicam habilidades (ser criativo, alto nível de habilidades, realizar tarefas diferentes, trabalho repetitivo, etc...) e autoridade de decisão no trabalho (tomar decisões sobre tarefas próprias, dar opinião sobre o que acontece no trabalho e liberdade para decidir como fazer as próprias tarefas). Já por demanda psicológica, entendem-se os aspectos dentro do trabalho que exigem maior dedicação, como volume de trabalho, tempo para a realização de tarefas, ritmo do trabalho e nível de concentração dentre outros. (p. 35-36)

A partir deste modelo, estruturam-se quatro grupos de trabalho: a) alta exigência (com alta demanda e baixo controle), b) trabalho ativo (com alta demanda e alto controle), c) trabalho passivo (com baixa demanda e baixo controle) e d) baixa exigência (com baixa demanda e alto controle).

Segundo Delcor, são várias as críticas a este modelo. A mais séria de suas limitações é ser muito simples e omitir aspectos importantes do trabalho. No entanto, esta simplicidade visa "...facilitar a aplicação interdisciplinar do modelo e a necessidade de um modelo simples nos primeiros estágios da pesquisa..."(p. 37) Outra crítica, é que este modelo não contempla o ambiente de trabalho. Apesar das críticas, a autora acredita que este modelo tem contribuído para o conhecimento da organização do trabalho, estresse e saúde.

Metodologia utilizada

Realizou-se um estudo epidemiológico de corte transversal.

Segundo a autora, havia no município pesquisado em 2001, 35 escolas da rede particular de ensino, cadastradas pelo SINPRO com 600 a 700 professores. Para este estudo, foram incluídos todos os professores - do nível pré-escolar até o ensino médio - das dez maiores escolas e que

estivessem desenvolvendo atividades docentes dentro da sala de aula, o que totalizou num grupo de 309 professores. Foram excluídos do estudo os professores de educação física, informática e línguas estrangeiras. Além desses, deixaram de participar da pesquisa 59 docentes que estavam em licença maternidade, um que estava hospitalizado, três que se recusaram formalmente a participar e 54 que não devolveram o questionário.

Para a coleta de dados foram utilizados formulários auto-aplicados com seis blocos de questões. No primeiro bloco encontram-se questões que visam organizar informações demográficas dos sujeitos pesquisados (idade, escolaridade, gênero, situação conjugal, tempo de trabalho na profissão e quantidade de filhos), já no segundo estão aquelas relativas à avaliação das características ocupacionais (modalidade de ensino, carga horária semanal, número de turmas, número de alunos por turma, etc.). No terceiro bloco, utilizou-se uma versão em português do *Job Content Questionnaire* (JCQ), que inclui 41 questões, 17 questões sobre controle, 13 perguntas sobre demandas psicológicas e físicas e 11 perguntas sobre o suporte social do trabalho. Foi a partir dos escores das variáveis contidas no JCQ que se criou, baseado nas equações propostas por Karasek, um indicador de "controle" e outro para "demanda", usando a mediana para dividir em alto ou baixo nível e agrupou-se os professores segundo a classificação de Karasek, isto é, "alta exigência", "trabalho ativo", "trabalho passivo" e "baixa exigência".

No quarto bloco foram avaliadas 30 queixas de saúde. Neste bloco, a saúde mental foi avaliada através de um instrumento de detecção de distúrbios psíquicos menores o *Self Reporting Questionnaire* (SRQ-20) desenvolvido por Harding para uso em estudos de Morbidade Psiquiátrica em Instituições de Cuidados Primários de Saúde em países em desenvolvimento, coordenado pela Organização Mundial de Saúde. A versão validada para os estudos no Brasil, adotou os 20 primeiros itens para morbididade não psicótica. Segundo Delcor, o SRQ-20 é considerado de fácil compreensão, tanto nas perguntas como nas possibilidades de resposta.

No quinto bloco, incluiu-se questões relativas a utilização de Serviço de Medicina e Segurança do Trabalho nas escolas e no sexto e último bloco, avaliou-se as atividades domésticas e a renda familiar mensal dos sujeitos pesquisados.

A coleta dos questionários bem como a digitalização dos dados foram realizadas por estudantes de medicina "previamente treinados" entre setembro e novembro de 2001. Os professores assinaram termos de consentimento em participar da pesquisa. As entrevistas (sic) foram realizadas nas escolas e os questionários foram coletados dentro de envelopes fechados para garantir o anonimato.

Referencial teórico

O trabalho está pautado por uma ampla e diversa bibliografia, principalmente nas áreas de psicologia e saúde mental. A autora se fundamenta em trabalhos produzidos em diferentes países e em dados de instituições oficiais, tais como, IGBE, INEP, Ministério da Saúde (Brasil) e OIT.

Resultados da pesquisa

A análise dos dados foi feita em duas etapas: na primeira, descreveu-se as características demográficas, socioeconômicas e ocupacionais e na segunda,

visou identificar fatores relacionados com o trabalho e possivelmente relacionadas com as condições de saúde física e mental dos professores.

Dos 309 professores pesquisados, 82,8% eram mulheres. Estavam entre 31 e 40 anos de idade (45%). Na sua maioria eram casados (65,1%) e 247 deles tinham filhos (60,7%). O nível de escolaridade de 72,1% destes professores era superior em curso ou completo. Em média o tempo de ensino dos professores era de 11,4 anos (semelhante ao que acontece no Brasil e no Estado da Bahia, onde a média de anos na docência é de 8,5 anos) e a modalidade de ensino mais freqüente foi a fundamental II (33,5%). A média de turmas por professor foi de 3,9 com 30,1 alunos em média por turma. O número de alunos variou nas diferentes modalidades de ensino, passando de 19,5 alunos por turma na pré-escola para 39,0 no ensino médio. Mais da metade dos docentes trabalhava em outra escola (59,3%) e 9,2% trabalham em mais de duas escolas. A soma da carga horária média por semana como educador (em sala de aula e atividades complementares) foi de 34,3 horas. 19,1% desenvolviam outras atividades remuneradas além da docência. 56% tinham uma renda mensal inferior a quatro salários mínimos (R\$720,00).

Quanto às queixas em relação aos esforços físicos realizados no trabalho, foram mais apontados: permanecer em pé (96,7%) e correção de trabalhos escolares (94,1%). Dentre uma lista de 30 queixas de saúde, destacaram-se aquelas relacionadas à postura (dor nos braços/ombros, dor nas costas e dor nas pernas/formigamento); problemas psicossomáticos ou relacionados à saúde mental (cansaço mental) e problemas relacionados ao uso intensivo da voz (dor na garganta).

Quanto à saúde mental: foram encontrados Distúrbios Psíquicos Menores (DPM) em 41,5% dos professores, destes, 45,8% são mulheres e 22,0% são homens. Segundo a autora, diferentes estudos têm apresentado a dupla jornada de trabalho ou a sobrecarga doméstica como possíveis explicações para estas diferenças entre homens e mulheres. Outra hipótese para este quadro, é a de que as mulheres tendem a expressar, mais do que os homens, questões que revelam fragilidade no campo psico-afetivo, sendo assim, "...as freqüências nos homens poderiam estar subestimadas" (p. 97). Entre os professores da pré-escola, há uma menor prevalência de DPM. Professores que não praticavam exercício físico e que não realizavam atividade de lazer fora do trabalho mostraram maior prevalência de DPM. Neste estudo, a prevalência de DPM foi maior nos professores com alta "demanda" (53,9%), segundo o modelo de Karasek. A renda não mostrou associação estatisticamente significativa com a prevalência de DPM.

Atividade física fora do trabalho foi referida por 38,9% dos professores, havendo uma maior prevalência entre os homens (56,1%) e sendo a mais freqüente a caminhada. 53% dos docentes referiram que dedicavam tempo ao lazer (67,5% são homens) durante a semana, sendo o mais freqüente assistir televisão ou vídeo.

Dos 206 professores que referiram realizar atividades domésticas, 84,5% eram mulheres e 12,5% homens, sendo que 16% afirmaram não receber ajuda para a realização destas tarefas. Neste sentido, é possível observar que as mulheres apresentaram maior sobrecarga doméstica que os homens. Segundo a autora, predominou no grupo estudado o "trabalho passivo" (baixa demanda e baixo controle) o que difere do resultado esperado por Karasek & Theorell que colocam a atividade docente como um "trabalho ativo" (alta demanda e alto controle). 65% dos professores do presente

estudo encontram-se desmotivados pelo trabalho ou com risco de adoecer em consequência do trabalho. Os resultados também indicam que o controle e a demanda sobre o trabalho, era menor nos professores da rede particular de ensino básico de Vitória da Conquista em relação aos professores universitários de Salvador e Feira de Santana. Além disso, merece destaque o fato de que os pesquisados compunham uma população relativamente jovem e apontaram em média 7,2 problemas de saúde dentre os 30 que foram listados.

Quanto às queixas de saúde o encontrado se assemelha aos resultados de outros trabalhos, ou seja, as queixas mais frequentemente referidas são aquelas relacionadas à postura corporal, aos problemas psicossomáticos ou de saúde mental e às queixas relacionadas à voz.

Houve uma prevalência de Distúrbios Psíquicos Menores (DPM), 41,5%, superior portanto aos resultados relatados por outros estudos sobre a ocupação docente, que estão na faixa de 18 a 24,2%. Neste estudo, "...o grupo mais referido foi o de humor depressivo, seguido dos sintomas somáticos, sintomas de diminuição de energia e, por último, pensamentos depressivos..." (p. 93)

O percentual de professores com diagnósticos médicos de saúde desde que começaram a trabalhar foi também elevado. Os diagnósticos mais freqüentes fazem referência a varizes em membros inferiores, LER e calos nas cordas vocais, "...doenças essas potencialmente relacionadas ao trabalho". (p. 94)

Para a autora, neste estudo, saúde física e mental aparecem como duas dimensões interligadas.

A autora aponta possíveis adequações e ações na busca de amenizar e superar alguns dos problemas de saúde em decorrência do trabalho docente:

"...eliminar ao máximo as demandas físicas (como evitar posturas de cabeça e corpo inadequadas e mover cargas pesadas) que não sejam necessárias para o trabalho docente; diminuir as demandas psicológicas (como longos períodos de intensa concentração em uma mesma tarefa, volume excessivo de trabalho ou trabalhar em ritmo acelerado) e aumentar o suporte social (através de mais preocupação do coordenador com o bem-estar da equipe de trabalho, tomar as decisões em grupo democraticamente etc.); facilitar as condições para a realização de atividades promotoras de saúde (como exercício físico e lazer) e informar aos professores sobre o correto uso da voz (ensinar a não usar a voz de forma intensa, não gritar demais e não fazer força para ser ouvido)". (p. 106)

Neste aspecto a autora parece desconsiderar a complexidade do problema, ou se ater a ações que dependeriam do docente e da instituição escolar de forma isolada.

Finalmente ela conclui que os resultados obtidos sobre as condições de trabalho e especialmente os problemas de saúde neste estudo, se assemelham aos encontrados em outros estudos da categoria docente já realizados no Brasil.

DRAGONE, Maria Lúcia Oliveira Suzigan. **Voz do professor: interfaces e valor como instrumento de trabalho.** Dissertação de Mestrado em Educação Escolar. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Araraquara, 2000.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA REGINA GUARNIERI

ÁREA OU CURSO DE FORMAÇÃO DA AUTORA: FONOAUDIOLOGIA

A AUTORA É GRADUADA EM FONOAUDIOLOGIA, TEM CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO EM MOTRICIDADE ORAL E DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA CLÍNICA E EM VOZ

LINHAS DE PESQUISA: FONOAUDIOLOGIA E EDUCAÇÃO

PALAVRAS-CHAVE: VOZ, PROFESSOR, SAÚDE

AUTORA DA RESENHA: ALICE BEATRIZ DA SILVA GORDO LANG

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

A questão em estudo é a voz do professor. A voz é considerada enquanto o conjunto de qualidades que compõem o comportamento vocal e sua psicodinâmica durante a emissão da linguagem humana. O estudo se faz nas interfaces da fonoaudiologia e da educação e toma como referência empírica a perspectiva do professor, no que diz respeito especialmente à relação professor-aluno. Trata do desgaste vocal muito presente nessa profissão, buscando localizar causas, sintomas e formas de prevenção.

Objeto de análise

O objetivo da dissertação consiste em buscar a aproximação entre os estudos das áreas da Fonoaudiologia e os da Educação.

Trata da psicodinâmica vocal, que corresponde às informações que a qualidade vocal contém e aos efeitos da voz produzidos pelo falante sobre o ouvinte. Estas informações fornecem pistas sobre o falante, seu modo de ser, sua saúde geral e, sobretudo, sua intenção no momento da transmissão da mensagem.

No caso em estudo, é um processo contínuo que marca a interface professor-aluno, pois está presente da fala de quem está falando e que será o ouvinte no momento seguinte.

Vozes alteradas e disfônicas não podem refletir o que o falante realmente é. Portanto, a questão é buscar uma emissão vocal equilibrada, dado que a voz é instrumento de trabalho do professor.

Metodologia utilizada

Trata-se de um estudo exploratório, e como tal permitirá familiarizar o pesquisador com o fenômeno, esclarecer conceitos, delinear um quadro de problemas considerados urgentes e estabelecer prioridades para pesquisas posteriores.

Recorre às orientações de Selltiz para construir a metodologia do estudo (Selltiz C et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, Herder/Edusp, 1965). Selltiz lembra que os estudos exploratórios induzem apenas a discernimentos ou hipóteses, mas não os examinam nem demonstram; contudo, indicam possibilidades práticas para novas pesquisas.

Procede ao mapeamento de livros publicados nos últimos 15 anos, de autores nacionais e estrangeiros, considerando dois blocos: estudos da área médica, otorrinolaringológica e fonoaudiológica e estudos da área de

educação. O objetivo é avaliar o processo de reconhecimento da voz no contexto do trabalho docente.

Quanto às obras da área médica e correlatas, procedeu a um levantamento e classificação de obras, segundo os problemas a que se referem, distinguindo:

- o professor como profissional da voz (profissionais que dependem da voz, porém não exclusivamente);
- ocorrências de alteração da voz;
- modificações nas vozes dos professores;
- diversidade de causas das alterações de voz;
- sintomas perceptivos e auditivos presentes durante a emissão de voz;
- pedidos de afastamento;
- boa performance;
- prevenção de problemas de voz

Aponta vários projetos de saúde vocal. Propõe a escolha de novos caminhos associados aos já traçados, porém não como uma somatória dos apontados pela bibliografia, "mas com novos olhares e novos dados sobre o cotidiano da profissão do professor" (p. 53).

Analisa a seguir obras da área de educação que consideram aspectos diversos da profissão do professor. Observa que a característica mais importante dessa atividade profissional é a mediação entre o aluno e a sociedade. Aspectos destacados na literatura:

- predominância feminina;
- baixa estima pessoal e profissional associada a baixos salários e à instabilidade da valorização social da função do professor;
- identidade profissional;
- estresse profissional;
- dificuldade adaptativa do comportamento vocal;
- linguagem oral presente em todos os métodos de ensino;
- conhecimento e prática como pressupostos fundamentais do trabalho docente;
- o impacto da voz: a qualidade vocal do professor pode ser relacionada como fator fundamental no elo da "afetividade", no contato professor-aluno;
- a interação professor-aluno;
- a psicodinâmica da voz na sala de aula;
- os recursos usados pelo professor, entre eles a voz;
- a interação professor aluno na sala de aula.

Diálogo com professores

Foram entrevistados cinco professores com formação superior que trabalham em diferentes níveis de ensino, buscando apreender como os professores entendem a voz no exercício profissional e que valor atribuem a ela. Os professores foram identificados apenas como P1, P2, P3, P4, P5. As entrevistas foram realizadas e analisadas com base em roteiro que abordou as seguintes dimensões:

- principais requisitos para o bom desempenho do professor;
- papel da voz na atuação do professor;
- variações de comportamento vocal do professor;
- memória das vozes de antigos professores;
- reflexão sobre o comportamento vocal;
- aspectos que gostariam de saber mais sobre a voz.

Na exposição dos resultados, utiliza trechos dos depoimentos, a que chama de *vinhetas* e interpreta os resultados obtidos com apoio na bibliografia examinada.

Referencial teórico

Para o estudo da psicodinâmica vocal apoia-se, de modo especial, nos trabalhos de Behlau e Pontes (BEHLAU, M.; PONTES, P. *Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo: Lovise, 1995), embora recorra também a outros autores, como Ferreira (FERREIRA, L. P; et al. A avaliação da voz na visão (e no ouvido) do fonoaudiólogo: saber o que se procura para entender o que se acha. In MARCHESAN, I. Q.; ZORZI, J. L.; GOMES, I. C. D. Tópicos em Fonoaudiologia. São Paulo: Lovise, 1998, v.4, p. 393-413) e Martz (MÄRTZ, M. L. W. Os usos sociais da voz. R. Dist. Comum, EDUC, V.2, 3/4, p. 173-6, jul./dez., 1987).

Resultados da pesquisa

O objetivo da dissertação foi o de buscar uma aproximação entre os estudos da área fonoaudiológica e da educação, com respeito à voz do professor.

A voz, presente no dia a dia da sala de aula, é um aspecto pouco valorizado e percebido, mas que atua nas relações professor-aluno e no processo de aprendizagem. Entre todas as opiniões, o relacionamento com os alunos foi o aspecto mais mencionado no que diz respeito aos requisitos para o bom desempenho do professor.

No exercício da profissão, a voz é recurso didático, controladora da disciplina e reveladora das emoções do professor. É usada com alta demanda e intensidade, por várias horas ao dia, gerando um desgaste que se manifesta através de vários sintomas.

Há um consenso entre os pesquisadores de que o professor utiliza a voz no exercício da profissão, como um de seus instrumentos de trabalho; é um dos elementos que podem determinar a atuação do professor.

A análise dos estudos da área da fonoaudiologia a respeito da problemática vocal indicam que há uma grande preocupação com a saúde vocal dos professores. Contudo, observa que a dinâmica da sala de aula (o contexto) não foi ainda devidamente estudada.

Os estudos da área da educação enfocam o papel da linguagem do processo ensino-aprendizagem, na interação professor-aluno, mas não incluem diretamente a voz em nenhum desses contextos, embora seja um elemento importante na linguagem oral.

A interface das duas áreas está presente na linguagem oral podendo ser observada no cotidiano das salas de aula, assim como na interação professor-aluno. O questão da voz aparece de forma velada na bibliografia da área da Educação. Nas entrevistas aparece de forma mais clara, dado que os professores foram inquiridos diretamente sobre o tópico.

O estudo pretende contribuir para a conscientização dos professores no sentido de que cuidar da voz não significa apenas cuidar da saúde ou evitar problemas de voz na profissão, mas cuidar da relação professor-aluno.

ENIZ, Alexandre de Oliveira. **Poluição sonora em escolas do Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão Ambiental da Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2004.

ORIENTADOR: PROF. DR. SÉRGIO LUIZ GARAVELLI

FORMAÇÃO DO AUTOR: FÍSICA

LINHA DA PESQUISA: GESTÃO AMBIENTAL

PALAVRAS-CHAVE (INDICADAS PELA RESENHISTA): POLUIÇÃO SONORA, AMBIENTE ESCOLAR, SAÚDE

AUTORA DA RESENHA: DILMA FABRI MARÃO

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Investigar as condições acústicas em salas de aula de escolas da rede pública e privada do Distrito Federal e a percepção de professores e alunos acerca do problema da poluição sonora no ambiente escolar.

A investigação central proposta pelo autor subdividi-se nos seguintes objetivos específicos, que orientam o trabalho de pesquisa: verificar os níveis de pressão sonora (NPS) a que estão submetidas as salas de aula das escolas da rede pública e privada do Distrito Federal e, ainda, medir o tempo de reverberação nesses ambientes; conhecer a percepção de alunos e professores acerca das condições de conforto ambiental oferecidas por escolas da rede pública e particular de ensino, à saúde e ao desempenho; identificar as principais causas de poluição sonora no ambiente escolar e no entorno das escolas; e verificar se o Plano Diretor de Taguatinga e as Normas de Gabarito do Núcleo Bandeirante possuem ações destinadas a prevenir ou mitigar a poluição sonora no ambiente escolar.

Assim, o autor pretende responder às seguintes questões que norteiam sua análise: as salas de aula das escolas públicas e privadas do Distrito Federal são adequadas, do ponto de vista do conforto acústico, ao tipo de atividade a que se destinam? Os níveis de pressão sonora a que estão submetidas as salas de aula das escolas da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal afetam as condições de trabalho e saúde dos professores e alunos? Há uma fiscalização efetiva dos órgãos competentes, no que se refere às condições acústicas das escolas do Distrito Federal? O plano Diretor Local (PDL) de Taguatinga e as Normas de Gabarito (NGB) do Núcleo Bandeirante possuem ações preventivas contra a poluição sonora no âmbito escolar?

Objeto de análise

Os objetos de análise do trabalho são: a escola, as salas de aula, os alunos (no que se refere ao processo de aprendizagem) e os professores (no que se refere ao processo de ensino).

Metodologia utilizada

A pesquisa foi feita por meio de um estudo de caso realizado em nove escolas da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal; duas localizadas na cidade de Taguatinga, quatro na cidade Núcleo Bandeirante e três na cidade de Brasília. Analisou-se ainda uma décima escola da rede privada de Taguatinga, com a finalidade de verificar apenas alguns pontos

acerca da flexibilização das regras de uso e ocupação do solo proposta pelo Plano Diretor Local.

Das dez escolas avaliadas, quatro pertencem à rede privada de ensino e seis pertencem à rede pública, vinculadas à Secretaria de Educação do Distrito Federal. A pesquisa se desenvolveu em quatro etapas, como segue. Em primeiro lugar mediu-se o nível de pressão sonora no interior das salas de aula das escolas da rede pública e particular de ensino e, a fim de verificar o incômodo advindo do tráfego aéreo e/ou terrestre, mediu-se o nível de pressão sonora no exterior de duas escolas da rede particular de ensino. As medidas foram realizadas ao longo da manhã (antes e depois do intervalo), em vários dias da semana, considerando os alunos dentro de sala de aula, em suas atividades normais.

Na segunda fase da pesquisa, com o intuito de complementar o estudo acerca das condições acústicas das salas de aula, mediu-se o tempo de reverberação, importante parâmetro acústico de recintos fechados, que possibilita verificar a existência de parâmetros relativos aos aspectos arquitetônicos das salas de aula. Como as salas de aula de cada escola têm características e dimensões bem semelhantes, foi medido somente o tempo de reverberação de uma sala em cada instituição, e com a sala desocupada. Na terceira fase, foi aplicado um questionário fechado para professores e alunos, elaborado com base em um estudo realizado pelo Departamento de medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da UFBA (1995). A finalidade do questionário foi levantar informações acerca das condições de trabalho e saúde dos professores; são informações que buscam traduzir os efeitos negativos do excesso de ruído no processo ensino-aprendizagem e os efeitos potenciais sobre a saúde humana. Os questionários foram aplicados nas escolas em épocas distintas, considerando a totalidade dos alunos regularmente matriculados no ensino médio, que freqüentavam as aulas no período matutino (673 questionários aplicados⁶) e também a totalidade dos professores, excluindo apenas os professores de educação física e educação artística (234 questionários aplicados⁷).

Na quarta e última fase, confrontou-se os níveis de pressão sonora e tempo de reverberação com as normas vigentes, analisando e interpretando os resultados das respostas dos dois grupos pesquisados.

Referencial teórico

Todo o referencial teórico mobilizado para a contextualização e análise dos dados obtidos na pesquisa estão articulados com a questão da poluição sonora. Inicialmente, o autor situa esta questão no contexto mais amplo referente às questões ambientais, sobretudo àquelas que mais impactam os grandes centros urbanos. Em seguida, fala especificamente sobre a poluição sonora, chamando atenção para o fato de que ela é tradicionalmente

⁶ De acordo com o autor, os alunos da escola 5 (escola pública que trabalha apenas com ensino médio, localizada no Núcleo bandeirante, com 1500 alunos em média) não fizeram parte da amostra, uma vez que a escola possui uma dinâmica completamente diferente das outras; nesta, as salas de aula são salas ambiente, onde quem se desloca de uma sala a outra são os alunos. Por esse motivo, também não se mensurou os níveis de pressão sonora durante o período das aulas.

⁷ Em relação aos professores, o autor informa que os professores da escola 7 (escola pública que trabalha com o ensino fundamental que possui em média 400 alunos, mas não informa quantos professores) não fizeram parte da amostra, uma vez que a escola tem uma característica muito peculiar, que é a de trabalhar com deficientes auditivos e, também por isso, não se mensurou os níveis de pressão sonora durante a aula.

tratada no âmbito dos trabalhadores da indústria, e que no ambiente escolar tais estudos ainda são escassos.

Em seguida, tal referencial é construído a partir de conceitos da física, que dão suporte e orientam o autor na concretização de pelo menos dois de seus objetivos: a verificação dos níveis de pressão sonora e a medição dos tempos de reverberação.

O autor considera ainda aspectos relativos à legislação e às normas técnicas vigentes que regulam a construção e modificação de estabelecimentos de ensino, visando estabelecer padrões de qualidade dos espaços edificados, satisfazendo condições mínimas de segurança, conforto, higiene e saúde dos usuários e demais cidadãos. Nesse sentido, destaca que, apesar do detalhamento das normas, observa-se que não há nenhum item específico que verse sobre: espessura das paredes, tipo de material utilizado nas paredes, espessura dos vidros das janelas ou quaisquer outros cuidados acústicos que possam diminuir os efeitos nocivos do ruído nas salas de aula. Aborda a relação entre os efeitos dos ruídos no processo ensino-aprendizagem, alertando para o fato de que para que a aprendizagem se desenvolva satisfatoriamente, faz-se necessário que o ambiente físico esteja livre de interferências, estando organizado de tal forma que crianças, jovens ou adultos possam executar suas tarefas com o mínimo de distração. Salas de aula com estimulações auditivas em excesso podem promover a distração, acarretando prejuízos significativos para a aprendizagem.

Ainda no mesmo sentido, trata da relação entre sinal e ruído, destacando sua importância fundamental no desenvolvimento da comunicação e suas possíveis interferências no ambiente escolar. O autor coloca que reverberação e ruído em excesso interferem com a inteligibilidade da fala, resultando na redução do entendimento e, portanto, na redução da aprendizagem. Esse tipo de ambiente afeta a performance educacional de crianças e jovens com ou sem perda auditivas.

Da mesma forma, altos níveis de pressão sonora aumentam a interferência na comunicação; e algumas reações identificadas que decorrem desta interferência podem ser: problemas com a concentração, incertezas e falta de autoconfiança, baixa capacidade de interpretação, decréscimo da capacidade de trabalho. Outros efeitos cumulativos para crianças e adultos também podem ser identificados, tais como deficiência de leitura, de identificação correta da linguagem, dificuldade de assimilação, distração, perda do desempenho em tarefas que envolvam cálculos, aumento de erros, dentre outros.

Por fim, o autor destaca os efeitos potenciais do ruído na saúde humana, levando em consideração aspectos como a perda auditiva induzida por ruído, efeitos nas cordas vocais, efeitos na saúde mental, distúrbios do sono, efeitos na performance e efeitos no comportamento, relacionando essas questões com os profissionais da educação, especialmente os professores.

Resultados da pesquisa

A primeira constatação da pesquisa é que os níveis de ruídos verificados são elevados; tomando-se como referência, de acordo com a metodologia utilizada que considera a presença dos alunos e a intensidade da voz do professor, que os níveis de ruído não devem ser superiores a 68dB (decibéis), o autor constatou que o resultado encontrado em todas as escolas está acima daquele adotado como referência, a escola com maior

nível de pressão apresentou o equivalente a 82,9dB, com picos de 114,6 dB, e a escola que apresentou menor valor foi 75,2dB.

Assim, segundo o autor, sem perceber, professores e alunos passam a se comunicar num tom de voz gritado, o que de maneira alguma é aconselhável. Perde-se a percepção do limite aceitável do ruído, trazendo danos à saúde e ao processo de ensino-aprendizagem; este último afetando sobretudo os estudantes mais jovens, uma vez que ainda estão em processo de aquisição de vocabulário, e se o ambiente que estudam estiver submetido a altos níveis de pressão sonora, seu desempenho escolar, será, possivelmente, comprometido.

Os níveis de ruído externo medidos também estavam elevados, e com exceção de uma escola, todas as outras estão localizadas em regiões onde o tráfego aéreo e/ou terrestre é intenso. Neste tipo de ambiente, os estudantes perdem a concentração facilmente, prejudicando o processo de aquisição de linguagem e escrita.

Para melhor verificar essa condição, foram efetuadas medições em período de recesso escolar e em períodos de atividades normais; comparando-se os resultados obtidos para o ruído de fundo no recesso escolar, verifica-se que das dez escolas pesquisadas, metade apresenta valores acima daqueles recomendados pelas normas. Já, quanto à avaliação do ruído de fundo com as escolas em atividade normal é possível verificar que os níveis de pressão sonora superam os limites estabelecidos pela norma, revelando pouca preocupação com a acústica do ambiente escolar.

De modo geral, a análise dos valores obtidos, tanto durante o período de aula quanto durante o período de recessão, mostrou que os níveis de pressão sonora estão além daqueles aceitáveis. São escolas que sofrem diariamente com o intenso ruído externo, que provocam ainda o aumento dos ruídos internos produzidos pelos próprios alunos, prejudicando ainda mais a qualidade ambiental desses estabelecimentos.

Segundo o autor, as escolas mais afetadas estão localizadas em regiões que não seguiram um planejamento urbano pré-definido; são escolas mal localizadas dentro da malha urbana, que têm suas dependências fortemente afetadas pelo ruído ambiental, trazendo prejuízos à educação dos mais jovens e à qualidade das populações que freqüentam diariamente esses ambientes.

Outro importante fator acústico mencionado refere-se ao tempo de reverberação. A pesquisa revelou que das dez escolas relacionadas, apenas uma apresentou valores compatíveis com a norma. Os resultados mostraram falta de preocupação com a acústica das salas de aula, além do fato de que ambientes acusticamente inadequados podem prejudicar a performance, afetar o comportamento, além de desencadear efeitos sobre as cordas vocais dos profissionais.

Para finalizar, o autor analisa os resultados da pesquisa feita, por meio dos questionários, com os professores e alunos, que buscou verificar a percepção destes acerca das condições de trabalho e saúde na escola. Informa que dos entrevistados, 59% nunca fizeram exame audiométrico, revelando pouca preocupação com este tipo de acompanhamento.

Já em relação às queixas mais freqüentes, citam o ritmo acelerado de trabalho (71%), ambiente intranquilo e estressante (73%) e, em primeiro lugar, barulho (90%), o que reafirma os dados elevados na medição dos níveis de pressão sonora citados anteriormente.

Sobre os problemas de saúde destacaram-se as seguintes queixas: dor de garganta (63%), dor nas pernas (62%), irritação/nervosismo (60%) e cansaço mental/estresse (76%), como as mais expressivas. Segundo o autor, o ruído não pode ser considerado como causa direta de doenças mentais, mas presume-se que acelera e intensifica o desenvolvimento de desordens mentais latentes.

Em relação ao barulho proveniente do tráfego urbano já identificado por este estudo, 74% dos professores admitiram constante interrupção em suas aulas devido ao barulho externo; do restante, 26% sentiram-se incomodados algumas vezes, e absolutamente ninguém admitiu nunca ter sido interrompido pelo ruído urbano. Tal excesso de ruído prejudica a comunicação em sala de aula, levando os professores a sentirem dificuldades de concentração e obrigando-os a esforços constantes para se fazer entender.

O autor finaliza sua análise apontando uma série de ações que podem ser implementadas a fim de reduzir o nível de ruído nas instituições escolares, das quais destacamos: estabelecimento de vias e/ou horários exclusivos para transporte de cargas e veículos pesados, a fim de reduzir o tráfego destes veículos nas imediações de instituições escolares; proibição de áudio-promoção comercial em visas públicas, na qual sejam utilizados instrumentos sonoros, cornetas, sirenes, apitos etc; promoção de programas de educação ambiental, que visem promover o esclarecimento dos efeitos nocivos do excesso de ruído no ambiente escolar; modificações arquitetônicas que melhorem as condições acústicas das salas de aula; implantação de programas de fonoaudiologia que visem averiguar, acompanhar e melhorar as condições de saúde dos professores; e redução do elevado número de alunos por sala, entre outras.

FABRON, Eliana Maria Gradim. **A voz como recurso didático: reconhecimento e julgamento de suas qualidades.** Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília, 2005.

ORIENTADOR: PROF. DR. SADA OMOTE

INSTITUIÇÃO: FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. CAMPUS DE MARÍLIA

ÁREA OU CURSO DE FORMAÇÃO DA AUTORA: EDUCAÇÃO

LINHAS DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, FONOAUDIOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: VOZ, PROFESSOR, RECURSO DIDÁTICO

AUTORA DA RESENHA: ALICE BEATRIZ DA SILVA GORDO LANG

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O tema é a voz como recurso didático. Aceita que o ensino depende da comunicação oral para se concretizar, independentemente do método utilizado ou da concepção teórica adotada. O objetivo é compreender se professores e alunos reconhecem a voz como um recurso didático utilizado em situação de comunicação na sala de aula. E ainda, o de perceber como o aluno percebe a voz utilizada pelo professor na situação de ensino.

O trabalho foi desenvolvido por meio de dois estudos:

- Estudo 1 com o objetivo de verificar o reconhecimento que professores e alunos têm do uso da voz como recurso didático utilizado pelo professor;
- Estudo 2, visando verificar a agradabilidade e qualidade didática da voz utilizada como recurso didático e a relação entre ambas.

A voz do professor como recurso didático, vem sendo objeto de estudos de pesquisadores especialmente na área de Fonoaudiologia, e, em menor número, na área de Educação. Linhas dos trabalhos:

- Patologias da voz, através de enfoques mais orgânicos.
- Visão preventiva propondo ações para promoção de saúde vocal.
- Papel da voz como mediador da interação entre professor e aluno.

Quanto à Educação, uma pesquisa sobre a história da Educação e os métodos de ensino foi realizada na direção do reconhecimento da voz como recurso didático. Apontou a existência de dois grupos de tendências pedagógicas no Brasil: as de cunho liberal (pedagogia tradicional, pedagogia renovada, tecnicismo educacional); as de cunho progressista (pedagogia libertadora e pedagogia crítico-social de conteúdos). Observa que em todas as linhas, o ensino depende da comunicação oral entre professor e alunos para se concretizar.

Através da literatura examinada, buscou apreender a importância dada por profissionais de diferentes áreas ao uso da voz, da fala ou da linguagem no contexto da interação social e na situação profissional, mais especificamente, na área da Educação.

Objeto de análise

- O Estudo 1 foi realizado com 48 professores e 114 alunos do Ensino Médio de escolas públicas e privadas da cidade de Marília-SP.
- No Estudo 2, vozes masculinas (47) e femininas (54) foram gravadas em quatro situações, com diferentes estímulos vocais (produção de "a" sustentado; contagem de números; aula expositiva simulada por meio de

leituras; aula expositiva). As vozes gravadas e editadas em CDs foram submetidas a 25 juizes, alunos do primeiro ano do curso de Fonoaudiologia.

Metodologia utilizada

Para o Estudo 1, utilizou 3 procedimentos:

- Questionário compreendendo dados de identificação e uma pergunta aberta sobre a utilização de recursos didáticos;
- Checklist de recursos didáticos, compreendendo 84 itens – Para validar os resultados, introduziu no checklist 10 itens não relacionados à prática docente e propôs uma “escala de mentira”.
- Entrevistas com professores selecionados.

O Questionário e o checklist foram adaptados para aplicação junto aos alunos.

No Estudo 2, a avaliação dos juizes foi feita segundo uma escala de tipo Lickert; quanto à agradabilidade a escala tinha 5 pontos e quanto à qualidade didática, 3 pontos.

Teste estatísticos foram utilizados para verificar a equivalência dos julgamentos efetuados pelos juizes.

Referencial teórico

Observa que o conhecimento que vem sendo revelado nas áreas médica e fonoaudiológica não vem sendo aproveitado de modo claro na Educação. Consultou e cita extensa bibliografia, destacando-se algumas referências:

Esteve, que aponta mudanças sociais como uma das causas do mal estar docente, significando o desajuste geral dos professores.

Esteve, J.M. Mudanças sociais e função docente. In: Nóvoa, A. (Org.) *Profissão professor*. Coleção Ciências da Educação, vol. 3. Porto, Porto Editora, 2004

Codo, que trata da síndrome do *burnout* e aponta seus três componentes: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento profissional no trabalho.

Codo W.; Vasques-Menezes, I. O que é *Burnout*? In: Codo, W. (org.). *Educação: carinho e trabalho*. 3. Ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

Servilha, no tocante à relação professor-aluno do ponto de vista das relações pessoais.

Servilha, E.A.M. *A voz do professor. Indicador para compreensão da dialogia no processo ensino-aprendizagem*. Tese (Doutorado em Ciências). Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2000.

Behlau e Ziemer, sobre a psicodinâmica da voz, que significa a impressão que o ouvinte tem do falante, impressão formada pelas suas características vocais.

Behlau, M.S.; Ziemer, R. Psicodinâmica vocal. In: Ferreira, L.P. (Org.) *Trabalhando a voz*. São Paulo, Summus, 1988.

Behlau, Dragone e Nagano, sobre a necessidade de dar suporte ao professor para uso correto da voz.

Behlau, M.S., Dragone, M.L.S. e Nagano, L. *A voz que ensina: o professor e a comunicação oral em sala de aula*. Rio de Janeiro, Revinter, 2004

Dragone, sobre o uso da voz para o bom relacionamento do professor com os alunos

Dragone, M.L.O.S. *Voz do Professor: interfaces e valor como instrumento de trabalho*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, 2000.

Libâneo, tratando da interação professor-aluno e destacando os aspectos cognoscitivo e sócio-emocional.

Libâneo. J.C. *Didática* Coleção magistério. 2. Grau. Série formação do professor. São Paulo, Cortez, 1994.

Resultados da pesquisa

Estudo 1 - O reconhecimento que professores e alunos tinham do uso da voz como recurso didático.

Professores reconhecem a voz como recurso didático, mencionando o tom, a entonação e o volume da voz. O grito foi citado apenas por 35% dos professores.

Quanto aos alunos, um dos instrumentos (questionário) indicou que a voz não é reconhecida como recurso didático; através do outro instrumento (checklist), apenas metade dos alunos (50%) reconheceu a voz como tal. Grande proporção dos alunos (70%) indicou o grito do professor como recurso didático, provavelmente pelo impacto negativo que causa – foi o recurso com maior número de menções (80).

Estudo 2 - visando verificar a agradabilidade e qualidade didática da voz utilizada como recurso didático e a relação entre elas.

Foi encontrada associação entre a agradabilidade da voz e sua qualidade didática. A agradabilidade parece ter relação com traços suprasegmentais da fala como melodia, ritmo, intensidade.

Conclui que a partir do reconhecimento da voz como recurso didático, o professor poderá utilizá-la de modo a obter uma melhor comunicação com os alunos. Por outro lado, fonoaudiólogos poderão organizar programas de orientação vocal para professores, além da introdução de conteúdos abrangendo a comunicação do professor como um recurso para transmissão de conhecimentos.

FARIAS, Tatiana Marins. **Voz do Professor: saúde e trabalho.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

ORIENTADOR: PAULO GILVANE LOPES PENA

LINHA DA PESQUISA: MEDICINA DO TRABALHO

FORMAÇÃO DO AUTOR: MEDICINA

PALAVRAS-CHAVE: PROFESSORES, AMBIENTE DE TRABALHO, ALTERAÇÕES VOCAIS (DISFONIAS)

AUTORA DA RESENHA: MARIA HELENA ROCHA ANTUNIASI

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de trabalho

O estudo trata dos fatores de risco ocupacionais para alterações vocais em professores, com a preocupação de estabelecer uma ligação baseada em resultados de pesquisa entre essas alterações, até agora não incluídas nas listas das doenças profissionais, e alguns aspectos das condições do trabalho docente. Para realizar as atividades pedagógicas, os professores necessitam da voz como instrumento de trabalho e dependem da qualidade vocal para que possam cumprir os objetivos de suas tarefas, por isso são considerados profissionais da voz.

A pesquisa estuda uma população de professores realizando rescisão contratual. Descreve as principais queixas, sintomas e diagnósticos referidos pelos professores concernentes as alterações vocais; descreve também as características do ambiente de trabalho e da atividade docente referidas pelos professores, potenciais fatores de risco para a saúde vocal, e os hábitos de vida relacionados á saúde vocal (tabagismo, consumo de bebida alcoólica, prática de atividade de lazer) entre os professores. Ressalta também nessa discussão a falta de uma prevenção junto aos professores sob a forma de uma informação precisa dos riscos relacionados as condições e ambiente de trabalho.

O estudo descreve as principais queixas, sintomas e diagnósticos referidos pelos professores concernentes as alterações vocais. Descreve as características do ambiente de trabalho e da atividade docente como potenciais fatores de risco para a saúde vocal assim como, os hábitos de vida relacionados á saúde (tabagismo, consumo de bebida alcoólica, prática de atividade de lazer) entre os professores. Discute também a falta de prevenção, sob a forma de informação precisa dos professores, verdadeiros profissionais da voz sobre a necessidade de um esforço contínuo para melhorar as condições do ambiente de trabalho.

Objeto de análise

Objeto da análise é a relação entre as condições do trabalho docente e as alterações vocais referidas por professores da rede particular do Ensino médio e fundamental de Salvador de Bahia.

Avaliar estatisticamente a associação entre, de um lado, os vários aspectos do exercício da profissão, hábitos de vida e hábitos relacionados ao uso da voz, características da atividade docente, características do ambiente docente e, do outro lado a saúde vocal do professor.

Metodologia utilizada

Para responder a essas questões realiza uma pesquisa junto aos professores que trabalhavam nas escolas da rede particular do ensino

fundamental e médio em Salvador e que compareceram ao SINPRO (Sindicato dos Professores da rede particular do ensino da Bahia) para realizar rescisão de contrato entre Outubro 2002 e Outubro 2003 (todos os professores, independente da escola ou de filiação ao sindicato devem comparecer a esta entidade quando realizam rescisão contratual).

Dos 1015 professores que compareceram, 634 (taxa de resposta de 62,5%) participaram do estudo.

Foi aplicado um questionário de questões fechadas.

Foi realizado um estudo epidemiológico exploratório do tipo corte-transversal com duração de um ano. A aplicação do questionário foi realizada por acadêmicos de medicina previamente treinados no período de setembro a novembro de 2001. Para o controle de qualidade dos dados foi realizado, um estudo piloto e um pré-teste do instrumento.

Foram consideradas variáveis relativas as características sociodemográficas, níveis de renda e hábitos de vida dos professores, assim como as características da atividade docente como tempo de trabalho, carga horária semanal de trabalho, atividades extraclases e outras. Os dados foram trabalhados em tabelas e gráficos

Referencial teórico

A autora faz uma extensa revisão bibliográfica sobre vários aspectos da relação saúde/ trabalho docente enfocando particularmente a relação voz e trabalho. Trata das patologias do trabalho e alterações da voz como o uso inadequado da voz e portanto das alterações vocais (disfonias). Dá especial relevo aos aspectos clínicos das disfonias. Parte da fisiologia da voz para chegar a fisiopatologia das disfonias. Mostra como as vozes profissionais não treinadas podem gerar aumento da tensão da musculatura laríngea e paralaríngea causando desordens vocais por mau uso. Tendo em vista a revisão bibliográfica conclui que a voz do professor é vulnerável ao tempo e ao uso inadequado,. Devendo ser tratada como voz profissional.

Resultados da pesquisa

Observou-se associação estatisticamente significativa entre alterações vocais e características sociodemográficas, hábitos de vida e hábitos vocais assim como forte associação com aspectos relacionados ao ambiente e a atividade docente. A alteração vocal que apresentou associação mais significativa com maior quantidade de aspectos da atividade e do ambiente docente foi: *fadiga vocal, pigarro e perda da voz*

Uma parte importante dos resultados consiste em dados bem analisados sobre essa população de professores (dados sócio-demográficos, características da atividade docente, condições de trabalho, prevalência das queixas e das doenças referidas) em comparação fina com os resultados de pesquisas anteriores.

Vale mencionar algumas características do perfil sócio-demográfico da população estudada:, predominância das mulheres, 76,1%, população predominantemente jovem, (35,3% de 18-30 anos, 47,2 de 31-40 anos), predominância, 81,7%, do nível superior completo ou em curso , concordante com outros estudos realizados na rede do ensino particular em Salvador e outras cidades da Bahia.

Foram observadas diferenças de renda média segundo faixa-etária: a renda média aumenta à medida que aumenta a faixa-etária.

Dentre os hábitos relacionados à voz, predisponentes a alterações vocais, os mais freqüentemente referidos pelos professores foram não usar microfone durante as aulas (91,8%), falar muito (72,7%), não poupar a voz nos intervalos de aula (53,2%) e não beber água durante as aulas (38%)

Sobre as características da atividade docente foram ressaltados o tempo médio em que o professor exercia a profissão: (a maioria, 52,4 tem de 6 a 15 anos, em média 11,05 anos;) e o emprego em mais de uma escola (referido por 33,8%, dos quais 61,9% ensinam na rede estadual e 28,3 na rede municipal)

Algumas diferenças entre os sexos, se mostraram significativas:, os professores trabalham em mais escolas do que professoras, têm carga horária semanal maior, maior número de turmas para as quais ensinam, percentual maior de homens com nível superior completo(81,7%;mulheres 58,3%); constatou-se também, freqüência duas vezes maior entre os homens de outra atividade remunerada além da docência (27,7%), do hábito de fumar(8,8%), de consumo de bebida alcoólica (62%).

Entre os aspectos da atividade e do ambiente docente que podem contribuir para o desenvolvimento de alterações vocais, mais da metade dos professores, se referiram à inexistência de local para descansar, a poeira de giz na sala de aula. local da aula ruidoso, a acústica da sala, umidade e a temperatura muito fria do ambiente.

Com relação a saúde vocal, referida por 75,4% dos professores, as principais queixas relacionadas à voz foram: rouquidão (89,6%), secura na garganta (72,5%), fadiga vocal (66,4),sensação de pigarro na garganta (62,4),ardor ao falar (49,4).

A autora conclui que é no ambiente de trabalho docente que reside a maior parcela dos potenciais fatores de risco..

Embora a legislação brasileira de saúde e segurança no trabalho, que tem como foco principal a melhoria das condições do ambiente e das atividades laborais do trabalhador seja tecnicamente específica e detalhada, prevalecendo o nível de prevenção primária de promoção à saúde, percebe-se que, nas escolas, principalmente com relação a voz do professor, esta prática não se mostra evidente. Em geral os professores recebem pouca ou nenhuma orientação sobre o uso profissional da voz. No atual estágio de conhecimento sobre as disfonias enquanto doença ocupacional é possível crer que as condições de trabalho sejam as principais responsáveis pelo seu desenvolvimento e agravamento.

FERREIRA DA SILVA, Edil. Trabalhadores/as de Escola e construção de uma "Comunidade ampliada de Pesquisa" : a busca da promoção da saúde a partir dos locais de trabalho. Tese de Doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro. 2003.

ORIENTADORA: JUSSARA CRUZ DE BRITO

LINHA DE PESQUISA: RELAÇÃO TRABALHO-SAÚDE

PALAVRAS CHAVES: SAÚDE DO TRABALHADOR, PROMOÇÃO DA SAÚDE, COMUNIDADE AMPLIADA DE PESQUISA

AUTORA DA RESENHA: MARIA HELENA ROCHA ANTUNIASI

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Trata da relação trabalho-saúde entre os trabalhadores de escolas do Rio de Janeiro. Analisa o processo de elaboração de uma relação inovadora entre sindicatos e trabalhadores de um lado, e pesquisadores do outro lado na busca de conhecimento da realidade do trabalho nas escolas e também da promoção da saúde a partir dos locais de trabalho.

O trabalho das merendeiras, como um caso particular entre várias categorias que atuam na cozinha da escola e tradicionalmente não são consideradas como pessoal educativo. Tudo indica que esse trabalho com uma grande diversidade de atividades e realizado em condições concretas muito variáveis em cada escola, requer grande capacidade de adaptação e de invenção para conseguir a cada dia realizar as tarefas da função e proteger a saúde das trabalhadoras.

A análise do trabalho das merendeiras se realiza numa problemática de confrontação entre os resultados da pesquisa científica e o conhecimento preciso dos vários aspectos da atividade. A análise da saúde no trabalho em relação com as especificidades da atividade e das condições reais da atuação profissional; possibilita também a percepção do trabalhador como sujeito ativo da própria luta pela saúde no trabalho a partir do lugar de trabalho.

A pesquisa tenta mostrar como essa nova relação entre trabalho e saúde, se constrói dentro da chamada "comunidade ampliada de pesquisa" pela formação e pela confrontação e o diálogo entre dois modos de conhecimento a experiência e a prática do trabalho e a pesquisa científica.

Objeto de análise

O objeto de análise é o trabalho das merendeiras como novo modelo de análise cruzada e dialogada da realidade do trabalho e da ligação trabalho/saúde e luta dos trabalhadores pela saúde.

O objeto o mais específico da tese é um programa de formação visando a capacidade de investigação dos trabalhadores; esse programa foi concebido e decidido depois de todo o trabalho de aproximação, confrontação, colaboração entre sindicatos da escola e pesquisadores, realizado no processo de formulação e desenvolvimento do dispositivo chamado de "comunidade ampliada de pesquisa". Analisa o programa como foi desenvolvido no estado do Rio de Janeiro durante os anos 2000 a 2003, incluindo definição das temáticas, preparação do material didático, técnicas a serem empregadas, e a realização de um primeiro ciclo para 14

trabalhadores/as sindicalistas "multiplicadores". e, depois, realização de um segundo ciclo para a formação de trabalhadores de escola, "multiplicadores da base", no qual os participantes do primeiro ciclo tornaram-se "multiplicadores", ou seja, passaram a operar como "formadores" de outros colegas;

Metodologia utilizada

Os objetivos da pesquisa levaram a uma abordagem metodológica qualitativa dentro de uma pesquisa-ação.

Para o trabalho das merendeiras a hipótese da existência de condições de trabalho muito singulares em relação com a grande diversidade das escolas, conduziu a visitar 20 escolas para observar as atividades desempenhadas por essas trabalhadoras e as situações precisas em que se realizam, destacando os aspectos da comunicação na atividade. Foram feitas entrevistas dialógicas, abertas, individuais e coletivas fazendo com que as diversas vozes pudessem ser ouvidas, e que as diversas facetas da atividade pudessem emergir, sempre que possível, acompanhando o curso da ação. Tratava-se de verificar a presença de variabilidades no trabalho e das regulações empreendidas pelas merendeiras, isto é, qual é o tipo da prescrição e como efetivamente se realiza a atividade.

Análise do Programa de Formação foi efetuada a partir dos seguintes procedimentos: observação direta e participante das atividades do primeiro e segundo ciclos e suas fases, incluindo conferências sobre saúde realizadas pelo sindicato, encontros, seminários e congressos; consulta de documentos, jornais, relatórios sobre as discussões e atividades do sindicato; diálogo no curso da ação com os profissionais da pesquisa participantes do grupo, desenvolvendo um tipo de observação etnográfica centrada nos aspectos práticos da realidade, nas interações que se estabelecem na comunidade ampliada de pesquisa.

Referencial teórico

A concepção de saúde de Canguilhem cuja linha argumentativa enfatiza o ser humano como ser ativo na relação com o meio, potencialmente capaz de renormatizar, recriar o meio como *seu* meio. Esse ato de normatividade, fundamental para a afirmação da vida, torna o meio "vivível". De acordo com Canguilhem (CANGUILHEM G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995), "o meio do ser vivo é também obra do ser vivo que se furta ou se oferece eletivamente a certas influências". Frente às "infidelidades do meio" homens e mulheres são mobilizados para uma ação que propicia um reforço das defesas do organismo em relação às oscilações do meio. Isso significa que a conquista da saúde se realiza por meio de uma luta incessante, num processo continuado. Esta linha de análise traz contribuições para a saúde do trabalhador enquanto campo de práticas e de conhecimentos.

O autor se refere também a uma linha de análise fundada em vários autores que afirma a relação dialética entre os saberes da ciência e aquele da experiência dos trabalhadores.

Cita o Marx da "enquête operária" publicada em 1880, como primeira grande experimentação de investigação sociopolítica e teórico-metodológica que visou tanto a produção de conhecimento como o engendramento de uma prática de classe no âmbito do movimento dos trabalhadores, a partir da participação direta dos trabalhadores

Paulo Freire da "Pedagogia do oprimido" que enfatiza a importância da intervenção pensada, ou seja, que a ação possa levar à produção de conhecimento e que este retorne à prática. Ele chama a atenção para a "co-intencionalidade" entre educadores e educandos no processo de desvelamento do real e na busca de sua transformação. Na questão da *ação dialógica* examina o que pode advir de posturas autoritárias e/ou dominadoras, quebrando o vínculo do diálogo/confronto entre saberes/experiências de educadores e educandos.

Pode-se dizer que é o "Modelo Operário de Conhecimento", construído na Itália dos anos 60, pelo movimento que articulou sindicatos operários e profissionais de pesquisa com o intuito de conhecer o trabalho para o transformar, que fornece os conceitos os mais inspiradores para a pesquisa-ação objeto dessa tese. Conceitos e metodologia da experiência sindical italiana se referem ao pensamento do teórico político Antonio Gramsci. Os operários e os especialistas de pesquisa desenvolveram nova metodologia visando à intervenção no interior das fábricas, a contestação da situação de trabalho e a realização de negociações para o controle da "nocividade ambiental". O grupo operário interessado ladeado pela equipe de técnicos participa ativamente como sujeito, através da "validação consensual" e do "não-delegar" na solução dos problemas da nocividade ambiental. Os trabalhadores não só como sujeitos da sua atividade mas aptos para poder discutir/validar/propor/mudar. A cooperação entre operários e especialistas é fundamental para o reconhecimento e a transformação da experiência operária. O modelo é portador de uma nova linguagem que não é produto só da experiência, engloba o conhecimento científico. Essa nova linguagem científica se constrói em, e pela, confrontação entre a experiência dos portadores de modelos científicos (especialistas) e aquelas dos portadores de modelos empíricos (operários). A noção de "comunidade científica ampliada" designa o dispositivo e o processo dessa confrontação criativa.

O grupo APST Análise Pluridisciplinar de Situações de Trabalho na Universidade de Aix en Provence na França, um dispositivo de interface universidade - movimento dos trabalhadores, realiza, a partir da experiência da atividade de trabalho partindo das contribuições da filosofia das normas de Canguilhem, da ergonomia da atividade e do Movimento Operário Italiano, um trabalho teórico-metodológico muito interessante na perspectiva da tese analisada aqui. Evidencia que a experiência do trabalho dos homens não é apenas um ato técnico de cumprimento das "normas antecedentes", mas é também uso da experiência, da subjetividade, através dos atos que mudam as tarefas na atividade. A atividade industriosa humana se configura a partir de uma dialética problemática de dois registros: *um* que antecipa por conceitos a situação produtiva e que inclui os saberes, as instruções da ação e *o outro* que experimenta na singularidade histórica e concreta esse quadro da atividade programada. De tal sorte que nas situações de trabalho em quaisquer que sejam as circunstâncias há sempre a negociar uma eficácia para as operações. As conseqüências para a análise são: a singularidade dos atos e usos de si no trabalho; o conhecimento dessa singularidade só é possível com o acesso à experiência dos trabalhadores. Nesse sentido é fundamental uma análise pluridisciplinar e compartilhada das situações de trabalho. A teorização sobre o trabalho como *uso de si* mostra como os seres humanos intervêm em seu meio o que parece fundamental para entender a saúde do trabalhador.

Resultados da pesquisa

No que se refere ao trabalho das merendeiras, a pesquisa confirmou as hipóteses de grande variabilidade do trabalho em cada escola, e de um trabalho muito complexo. O trabalho difere de uma escola para outra necessitando o exercício de muita energia, criatividade e cooperação, requerendo arranjos físicos e mentais sistemáticos para a consecução da atividade. As merendeiras engendram modos operatórios reguladores. A coordenação das atividades em processo cooperativo implica uma constante intersubjetividade; as trabalhadoras estão em constante comunicação (gestos, falas, susurros, caras, olhares). Nas condições reais nas quais se realiza, o trabalho requer uma vigilância constante para preservar em certo grau a saúde e a segurança. As trabalhadoras vão maquinando sistemas defensivos para suportar e não parar a atividade mantendo o emprego; fazendo assim da relação trabalho-saúde uma produção não apenas resultante das condições ambientais mas também condicionada pela mobilização da experiência dos trabalhadores no desenvolvimento da atividade.

Como se vê na fase da formação, a relação trabalho –saúde muda quando com a investigação e a confrontação das análises se possibilita melhor conhecimento das condições reais da nocividade do trabalho e luta para transformar as condições de trabalho, mas também as condições de contratação e de qualificação dessas trabalhadoras.

No que se refere à observação do programa de formação não fica sempre bem evidente o que se pode considerar como resultado *da pesquisa*. Parece que o essencial dos resultados esperados e obtidos pelo conjunto sindicato/pesquisadores reside: 1) no grau de realização da materialidade dos projetos e 2) no que se conquistou na ação (fazendo o programa existir e se realizar) do ponto de vista da constituição da chamada "comunidade ampliada de pesquisa" concebida para possibilitar o confronto construtivo entre conceito e experiência da prática, construindo um conhecimento novo da realidade do trabalho e da relação entre trabalho e saúde. Pode se considerar resultados da pesquisa o que o pesquisador consegue evidenciar da realização (das condições de realização) desses processos.

São muitas as análises mostrando as ocasiões de uns escutarem os outros, de aceitarem a possibilidade de outros pontos de vista e outras análises. Todos os momentos do conjunto das ações consideradas podem ser observados como trabalho de produção do consenso exigido para continuar e de todo o trabalho e a capacidade de invenção que isso custou desde o começo. Através das inúmeras discussões foi se desenvolvendo sensibilidade mútua e aptidão a colaborar.

Ressalta-se que após varias tentativas de criar lugares para a discussão de trabalhos na temática "saúde e trabalho na escola", com a participação dos trabalhadores de escola, procurou-se dar um salto na perspectiva de incorporação mais efetiva dos outros saberes a partir da experiência.. A concepção de pesquisa, assim como seus agentes, com estabelecimento de um acordo que possibilitasse a existência de um espaço de debate produtivo entre conceito e experiência. Entendeu-se que a instituição de tal dispositivo exigia também um esforço de formação sistemática potencializando a capacidade investigativa dos trabalhadores, criando formas de acompanhamento da situação saúde-doença.

FONSECA, Cândida Clara de Oliveira Pereira da. **O adoecer psíquico no trabalho do professor de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública no Estado de Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

ORIENTADOR: PROF. DR. KLEBER PRADO FILHO

FORMAÇÃO DO AUTOR: GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA (ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL), GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: TRABALHO; ORGANIZAÇÕES; TRABALHO DOCENTE; SOFRIMENTO NO TRABALHO; ADOECIMENTO PSÍQUICO

LINHA DA PESQUISA: UM POUCO APROXIMADA DE ESTUDOS SOBRE PSICOLOGIA (BURNOUT), EMBORA NÃO HAJA UMA ANÁLISE APROFUNDADA DESSA QUESTÃO

AUTORA DA RESENHA: MARIA LÚCIA BÜHER MACHADO

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

A pergunta central proposta pela pesquisadora é: Que tipo de relação se estabelece entre o trabalho de um professor de escolas da rede pública do Estado de Minas Gerais e sua saúde?

Entre as questões propostas para investigação está a verificação da existência ou não de adoecimento psíquico nessa atividade; a identificação se o desgaste preponderante é físico ou psíquico; a análise sobre as relações estabelecidas com colegas, diretores e alunos, procurando identificar se estas contribuem ou afetam a saúde física e mental dos docentes.

Objeto de Análise

Professores

Referencial Teórico

Os referenciais específicos sobre saúde e trabalho estão pautados principalmente em Dejours (DEJOURS, Christophe. *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.* São PAULO: Cortez-Oboré, 1992), na conceituação acerca de condição e organização do trabalho e sua relação com o sofrimento psíquico de trabalhadores. Reforça os argumentos do autor, sobre os limites para o reconhecimento do sofrimento psíquico dos trabalhadores, diante de sintomas subjetivos. O que não é esclarecido no decorrer da pesquisa é o motivo da separação que a pesquisadora faz entre desgaste físico e psíquico, tendo em vista que, a partir de Dejours, doenças mentais estão relacionadas com doenças do corpo.

Em Kanaane (KANAANE, Roberto. *Comportamento Humano nas organizações: o homem rumo ao século XXI.* SP: Atlas, 1999) está a base para pensar as representações que os professores elaboram sobre si, em especial as frustrações originadas da dificuldade em se obter satisfações materiais e pessoais no trabalho. Sobre sofrimento psíquico e subjetividades há ainda os referenciais de Codo e Sampaio (CODO, Wanderley ; SAMPAIO, José J. C; HITOMI, Alberto (Orgs). *Indivíduo, Trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar.* Petrópolis: Vozes, 1993), em especial as discussões sobre o vínculo afetivo supostamente estabelecido no trabalho do professor. É também em Codo (CODO, Wanderley (coord.). *Educação:*

Carinho e Trabalho: a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação. Petrópolis: Vozes, 1999) que está embasado o conceito de *burnout*, e a diferenciação entre stress, relacionado ao esgotamento pessoal, sem necessariamente estar relacionado com o trabalho e especificamente a síndrome de *burnout*, desgaste diretamente vinculado ao trabalhador e a organização.

Ao abordar a relação Escola –Trabalho –Professor, é onde encontramos um certo grau de ambigüidade nos argumentos da autora; inicialmente ela aponta as finalidades da Escola, os embates teóricos sobre esse espaço como emancipação ou reprodução do sistema, e assume, em algumas partes, o discurso de que a Escola não se adapta as transformações exigidas pelo século XXI, frente às novas exigências e transformações tecnológicas. Um dos argumentos é de que tudo mudou, a família, os alunos, porém, os professores permanecem os mesmos. Dessa forma há uma certa culpabilização do professor, expressa na longa enumeração que faz, a partir de Feracine (FERACINI, Luiz. *O professor como agente de mudança social*. SP: EPU, 1990), dos perfis negativos do professor: desanimado, saudosista, alienado, policial, celetista, sem-mais, sonhador, bico, leigo, ideologizador, terrorista e autoritário. Buscará também os tipos indicados por Tomazi (TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia da Educação*. SP: Atual, 1997): conservadores, críticos, tecnicistas, indiferentes, filantropos.

Em Vasconcellos (VASCONCELLOS, Celso dos S. *Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação*. Sp: Libertad, 1996), alguns argumentos mais problematizados são apontados, como a crítica à culpabilização do professor, onde se esquece que o que ocorre em sala de aula é reflexo do conjunto de determinações às quais a Escola está sujeita. Destacamos uma informação apontada por Vasconcelos, e indicada na dissertação, pela sua relevância para este trabalho:

Dados do serviço de atendimento médico e hospitalar do Estado de São Paulo indicam que a Secretaria da Educação é, em relação ao número de funcionários que tem, uma das que mais se utilizam desse serviço. Há, no Hospital do Servidor Público de São Paulo, toda uma ala para os professores com quadros clínicos irreversíveis. A neurose e a depressão –ante-salas da loucura clínica- têm afastado, em média, 33 professores, por dia letivo, das salas de aula no Estado de São Paulo, segundo dados compilados pela PRODESP.(...) Levantamento feito nos manicômios da grande Porto Alegre, por categoria profissional, revela que os professores estão em segundo lugar (só perdendo para os bancários).

Sobre a organização escolar e trabalho burocrático, e os problemas de saúde gerados a partir dele, a fundamentação é de Hargreaves (HARGREAVES, Andy. *O ensino como profissão paradoxal*. Pátio: Revista Pedagógica, N. 16. Fev/abr 2001.p. 13-18). Ao discutir autonomia Gómez, (GÓMEZ, A. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2001), uma opinião da autora aponta outra ambigüidade, ao tomar como exemplo a imposição de material a ser utilizado pelas instituições: “Não vamos pensar que todos os professores se rebelam contra isso. Muitos preferem que seja assim, pois significa menos trabalho para eles”. Destacam-se ainda as discussões sobre autonomia, isolamento do professor

em sala de aula e resistência à coletividade, questões essas que são inclusive corroboradas pelas respostas dos professores entrevistados.

Sobre a profissão como trabalho feminino, são mencionadas as discussões sobre feminização atrelada à desvalorização salarial e a maternagem, mas o único referencial teórico apontado é Moraes, indicado por Tomazi (TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia da Educação*. SP: Atual, 1997.). Nenhuma exploração posterior do tema é feita ao longo da dissertação.

Outros conceitos presentes se referem ao trabalho, tendo como base MARX, e a categoria contradição, e, em GRAMSCI, as discussões sobre o trabalho como princípio educativo.

Metodologia utilizada

Estudo de Caso

Procedimentos de pesquisa

Universo da Pesquisa – Professores de 7(sete) Escolas Públicas Estaduais do Ensino Fundamental e Médio, atuantes no Município de Conselheiro Lafaiete/Minas Gerais.

Documentos:

Levantamento de dados quantitativos em 7 escolas do Ensino Fundamental e Médio, no Município citado, buscando identificar o número de professores afastados por licença médica entre os anos de 1995 e 1999.

Questionários – 123 preenchidos pelos professores atuantes nas 7 escolas investigadas, com questões abertas.

Entrevistas semidirigidas – Exatamente as mesmas questões do questionário anterior, estes preenchidos por 10 professores atuantes nas 7 escolas; a pesquisadora as definiu como “entrevista semidirigida, em aprofundamento”. O material anexado ao final do trabalho indica que os questionários foram entregues aos professores e posteriormente devolvidos, sem uma participação direta da pesquisadora. Não há uma indicação clara da diferença entre os 123 questionários e estes 10 especificamente.

Resultados de pesquisa

Entre as 7 escolas analisadas chama a atenção a Escola B, que em 1998 teve um índice de 48,7% de afastamentos; assim como a Escola D com um índice de 46,6% em 1997. O menor índice encontrado foi o de 2%, em uma escola onde 50 professores atuavam no ano de 1997.

Documentos no Posto de Saúde do Município – local de atendimento dos professores que obtém a licença médica. Os dados levantados não se referem exclusivamente aos professores das escolas investigadas, mas os incluem. Nesse levantamento foi possível identificar os motivos dos afastamentos dos professores.

Os dados evidenciaram índices significativos de afastamento dos professores devido à transtornos mentais:

Ano	Professores afastados	+ de um afastamento/ano	%Transtornos mentais
1995	184	28,8%	54,8%
1996	164	37,1%	74,3%
1997	178	31,4%	56,1%
1998	204	33,3%	42,6%
1999	171	29,8%	50,8%

Fonte: dados do capítulo 5

Entre os diagnósticos relacionados aos transtornos mentais, destacaram-se em todos os anos analisados, depressão neurótica, seguida de distúrbios predominantes de emoção.

Levantamento na 8ª Superintendência Regional de Ensino- dados relativos ao afastamento dos professores de todas as escolas de Conselheiro Lafaiete e redondezas, universo em qual se incluem as analisadas pela pesquisadora. Esses dados, embora sejam contraditórios com os outros apresentados pela pesquisadora, e isso não seja problematizado pela mesma (Por exemplo – Em 1996, ocorreram 123 afastamentos nas 7 escolas analisadas; os números da superintendência indicam que, no mesmo ano ocorreram 122 afastamentos para todo o Município, ao passo que no Posto de Saúde foram registrados 164 afastamentos.), o que se destaca são os índices que apontam um maior concentração de afastamentos entre os professores do Ensino Fundamental. Em 1999, foram 40% frente a 34% do Ensino Médio. Como não há indicação do total de docentes atuantes em cada nível de ensino, fica difícil calcular com bases em proporcionalidade.

Ao analisarmos a tabela com os dados oriundos da Superintendência Regional, verificamos o aumento de afastamentos no decorrer dos anos analisados, em contraposição ao número de professores, que diminuiu. Dessa forma, em 1995, em um universo de 2520 professores, 4,76% foram afastados; em 1999, entre os 1803 docentes atuantes na região, 36,6% se afastaram. Não há nenhuma informação da pesquisadora sobre o que levou a essa redução do número de professores. Houve alguma nova política implantada no governo estadual? O maior índice de afastamentos pode ter tido alguma relação com alterações na legislação? A autora somente chama a atenção para o aumento dos afastamentos, mas nenhuma menção à redução do número de professores é feita.

A autora caracteriza as respostas aos questionários como um “discurso queixoso” . De um modo geral, os professores evidenciaram o desgaste em ter que trabalhar em várias escolas para garantir o salário, além do descontentamento com o acentuado desprestígio social que vem marcando a profissão. Em relação à sobrecarga de trabalho e conseqüentes problemas físicos, a autora destaca nos questionários as indicações de excesso de tarefas a serem realizadas em casa, grande número de alunos em sala, perda de voz com frequência, gastrites, faringites. Sobre as decorrências psicológicas são indicados conflitos emocionais, depressão, ansiedade, medo, insegurança, apatia, desordens de natureza psicofísicas e psicossomáticas.

Enquanto os dados anteriores são somente enumerados pela pesquisadora, outros aspectos são quantificados, com base nos 123 questionários. Ao abordar o trabalho do professor, 75 % dos professores destacam o desgaste

presente na atividade, o que acaba por recair em problemas de saúde psíquica e física; 25% evidenciam no trabalho o afeto, a vocação, e o exercício da profissão com um caráter gratificante.

O maior índice de insatisfação é com as relações hierárquicas, 60,1% as consideram antidemocráticas e autoritárias, com pouco espaço para autonomia. Assim, há pistas das questões alusivas ao descontentamento com a organização do trabalho e normas, possíveis fontes de desgaste psíquico dos docentes.

Sobre as relações com os colegas, 30,7% destaca a competitividade, a ausência de cooperação entre os pares, ou ainda a forma como se sentem avaliados pelos próprios colegas, criticados em sua forma de trabalhar. O índice de reclamação em relação à dificuldade de trabalhar com alunos é de 23,7%, em contraposição com 76,2% que as consideram boas. Quanto à questão salarial, 76,9% consideram-se frustrados e desvalorizados, destacando que a baixa remuneração recai diretamente na saúde do professor, que necessita acumular cargos para sobreviver. No mesmo tópico, 23% declararam estar satisfeitos, se comparar seus vencimentos com o contexto desigual do país .

Entre os 123 professores, 56,9% (n=70) se afastaram por licença médica, alegando motivos relacionados ao adoecer psíquico. Entre os 70 docentes, 68,5% tiveram problemas com stress e depressão. Os 31,4% restantes tiveram suas licenças relacionadas a problemas físicos, mas que também tem relação com o trabalho do professor: faringite, problemas circulatórios, bursite, alergia a giz, LER, cirurgia de cordas vocais.

Sobre os motivos porque escolheram a profissão, 84,4% relacionaram com questões alusivas a prazer, vocação, amor, dom "chamado de Deus", "vício incontrollável"; 15,6 % afirmaram ser professor por falta de opção. Embora não seja destacado pela autora, ao lermos as 10 entrevistas, verificamos que das 6 professoras que responderam ao questionário, 3 relacionaram sua "escolha" com o que era permitido a mulher na época em que se formaram.

Ao fechar sua análise, a autora destaca os aspectos contraditórios dos discursos dos professores, em que apontam como se realizam em sua profissão, frente à importância de sua tarefa, mas, ao mesmo tempo, denunciam a sobrecarga, conflitos e autoritarismos aos quais são submetidos.

Os 10 questionários definidos como aprofundados, são explorados para evidenciar discussões bibliográficas anteriormente apresentadas. Apresenta-se assim, com base em Gómez (op.cit., 2001) e Hargreaves (op.cit, 2000), a discussão sobre como as novas exigências curriculares contribuem para a sensação de saturação de tarefas e responsabilidades, e tensões constantes no trabalho do professor: "(...) ocorrem grandes conflitos devido ao abuso do poder (...) Os professores estão desempenhando suas funções inseguramente devido às mudanças radicais da Secretaria da Educação. (IMGAM, professora de Ciências)".

Uma outra exploração do conteúdo dos questionários é tentar aproximar o discurso dos entrevistados com as caracterizações feitas por Feracine (desanimado, alienado, idealizador) e por Tomazi (críticos, filantropos).

Por fim, a autora conclui: "Entendemos (...) que os estudos aqui realizados confirmam aquilo que a bibliografia consultada e comentada discute (...) os resultados mostram que existe um elevado índice de alteração de saúde

entre os professores, tanto em termos físicos quanto psíquicos, prevalecendo, porém, os segundos”.

FRANCO, Ana Claudia Santurbano Felipe. **Licenças médicas de professores de educação física: expressando especificidades em estudo da Rede Municipal de Ensino, Campinas/SP.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

ORIENTADOR: AGUINALDO GONÇALVES

ÁREA DO AUTOR: EDUCAÇÃO FÍSICA

LINHAS DE PESQUISA: CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE; DIAGNÓSTICOS MÉDICOS/DADOS OFICIAIS

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, LICENÇAS MÉDICAS, SAÚDE EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTORA DA RESENHA: ÂNGELA VIANA MACHADO FERNANDES

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O tema abordado pela autora diz respeito aos afastamentos dos professores, ou ausência ao trabalho, identificado por motivos de doença e comprovado por atestados médicos emitidos por especialistas da área médica e odontológica. O problema, localizado na área de saúde coletiva, refere-se à inquietude de diversos professores de educação física em relação à dinâmica de sua saúde no decorrer do exercício profissional. A autora afirma que professores declaram sentir indisposição e cansaço físico freqüentes, fraqueza e fadiga, além de intensas dores de cabeça.

Somado a isto, os profissionais de educação física não possuem locais apropriados para ministrar as aulas, que em sua maioria caracterizam-se por locais de terra batida ou terrenos irregulares, não planejados para as mesmas. A disponibilidade de locais específicos, como quadras, ginásios, é privilégio de poucos. A precariedade de locais ou mesmo de conservação dos que existem, pode provocar inúmeros acidentes, como por exemplo, buracos que são, potencialmente, fatores de risco.

Franco(1996:9) aponta que deslocamentos constantes de professores por falta de espaço adequado aumentam os riscos de acidentes.

As questões colocadas referem-se às condições de trabalho do professor de educação física, ou seja, estaria este estudo relacionado a *acidentes de trabalho*? Para responder esta pergunta utiliza a definição de Alcântara (1982) que identifica acidente de trabalho como o que ocorre no exercício do trabalho a serviço da empresa, provocando lesão corporal que cause perda ou redução da capacidade de trabalho. Acrescenta que as *doenças profissionais*, diferente dos *acidentes*, significam uma desestabilização mais lenta da saúde do trabalhador.

Outra possibilidade apontada pela autora refere-se ao que denomina *riscos biológicos da modernidade*, ou seja, as repercussões mais extremas de tais doenças ocasionando danos genéticos. As *doenças relacionadas com o trabalho*, ou seja, aquelas em que o trabalho vem acentuar ou provocar os distúrbios já existentes tais como hipertensão arterial, doenças respiratórias crônicas, afecções do aparelho locomotor, distúrbios mentais e estresse. A autora salienta que as *doenças ocupacionais* vêm aumentando no Brasil, pois são subestimados, ou seja, muitos médicos não são familiarizados acerca das doenças específicas do trabalho; boa parte da população trabalhadora não tem acesso aos serviços de saúde ocupacional; e tais

doenças podem ter efeito cumulativo, manifestando-se em estágios posteriores.

A partir destes dados, Franco (1996) apresenta as doenças características de professores utilizando pesquisas desenvolvidas tanto na Europa como no Brasil. Tais pesquisas apontam ansiedade, depressão, fadiga como sintomas que afligem frequentemente os docentes estudados. Outros fatores determinam o absenteísmo ou causas de licença médica, tais como, licença gestante, infecções de vias aéreas superiores, tratamento de filho. As doenças que necessitam maior número de dias de afastamento são as de licença gestante, distúrbios psiquiátricos e psicológicos, e finalmente acidentes, traumatismos e queimaduras.

Alguns autores, Quick, Lapertosa (1982), Robazzi, Paracchini, Gire et al (1990), Nogueira e Azevedo (1982), Makaron, Duca, Ozéas et al (1977) utilizados na pesquisa, apontam o absenteísmo dentro da empresa como problemático, pois implica não só em custos diretos, representado pelo auxílio doença, mas pela diminuição da produção, redução da qualidade, etc. Estes autores além de discorrer sobre a baixa produtividade de trabalhadores doentes concluem que o serviço de medicina ocupacional deva identificar as causas e propor uma política prevencionista na empresa. A licença médica ou licença saúde destacam-se como recursos utilizados pelos trabalhadores para afastarem-se do trabalho, ora por motivos de doenças ou enfermidades na família/ e ou do próprio indivíduo, mediante atestado médico.

Objeto de Análise

Esta dissertação tem como objeto conhecer e discutir aspectos ligados a licenças médicas (licença saúde) de professores efetivos de educação física da Rede de Ensino da Prefeitura Municipal de Campinas, em relação a outro grupo de docentes de matemática ou de português, tomados como comparação, na identificação de suas especificidades.

A preocupação da autora está em destacar quais são as doenças que acometem professores de educação física da rede pública municipal de Campinas bem como o número de licenças concedidas a cada professor, sua duração e permanência nesse afastamento. O diagnóstico dos mesmos apontará as peculiaridades destes profissionais. Para tal, utiliza prontuários dos Serviços médicos dos Servidores Públicos Municipais.

Metodologia utilizada

Este estudo segundo Franco (1996) é observacional, que envolve um grupo experimental e um grupo controle. A população estudada foi de docentes efetivados em 1991, especificamente de 5ª a 8ª séries. Foram constituídos dois grupos, um o grupo observacional, de professores de educação física e o outro grupo comparativo, dos de matemática ou português. O primeiro grupo contou com 62 docentes, por contarem com registro médico completo e de matemática, 32, e português 25. A pesquisa buscou perceber a especificidade dos docentes de educação física a partir das informações registradas em suas licenças saúde. O passo seguinte foi o de identificar outro grupo de pessoas submetidas às mesmas condições gerais, mas não sob investigação.

A autora denominou este estudo de *prospectivo não concorrente*, ou seja, trata-se de uma análise prospectiva de casos de agravos já sucedidos anterior ou concomitantes aos casos de doença associados a incidentes

ambientais ou pessoais. Os documentos analisados foram às atas elaboradas nas sessões de escolha de cargos no ingresso ao magistério municipal em 1991 com os respectivos prontuários médicos, as fichas de controle de licença e os diagnósticos registrados na licença saúde e respectiva classificação. A maior parte das licenças eram relativas à gestante, doação de sangue e tratamento de saúde.

As informações e dados clínicos que constavam nos prontuários relacionavam-se aos anos de junho de 1991 a maio de 1994. Os atestados médicos apresentavam diagnósticos segundo a Classificação Internacional de Doenças de 1975. A partir destes documentos foi montado um arquivo computacional com as variáveis de interesse. Foi utilizado o programa *Statistical Package for the Social Sciences* que constitui-se em tabelas de frequências absoluta; relativa percentual; relativa percentual corrigida pelo número total de informações. Na análise geral foi utilizado o trabalho estatístico de Pearson e de Siegel (1975) e Gonçalves (1982).

Referencial teórico

Franco (1996) trabalha com diferentes autores para explicitar alguns conceitos utilizados na pesquisa. Na discussão sobre *acidentes de trabalho* Hermes Rodrigues de Alcântara (1982), René Mendes (1982); sobre *doenças profissionais e saúde ocupacional* Marco Segre (1982), Aparecida Linhares Pimenta, David Capistrano Filho, Laís Odila Silveira Camargo (1988); Iris Ferrari, Aguinaldo Gonçalves e Antonio Barbosa (1983); *sobre riscos biológicos da modernidade*, Aguinaldo Gonçalves (1978); *doenças relacionadas com o trabalho*, René Mendes (1978); *doenças ocupacionais* Heleno Correa Filho, Aguinaldo Gonçalves e Neuza Nunes e Silva Gonçalves (1991); *profissionais liberais e outros ligados à produção da riqueza* ver Diogo Pupo Nogueira (1983), R. Chambers (1992), José Maria Soares Junior, Gisele Maria Pianetti, Salua Cecílio, Vicente de Paula Antunes Teixeira (1994); Ari Monteiro do Espírito Santo, Grace Helena Daher Ceva, Adalberto Cavarsan e Sebastião Costa; sobre a *dinâmica de saúde dos professores* Sueli Gravina Cassoni et al (1989); *absentismo* Telmo Carlos Quick et al (1982), Maria Lúcia do Carmo Cruz et al (1985), Diogo Pupo Nogueira (1983).

A escolha destes autores está relacionada às pesquisas por eles realizadas. Observa-se que Franco (1996) direciona a pesquisa a definições médicas ou de saúde ocupacional sem definir uma linha teórica como pano de fundo. Quanto as possíveis linhas de pesquisa a saúde ocupacional, ou condições de trabalho e saúde, além de diagnósticos médicos estão contempladas em trabalho de forma superficial.

Resultados da pesquisa

Segundo a autora os grupos não diferiram analiticamente quanto à duração total, frequência e tempo médio dos afastamentos registrados por licença saúde. Dentro do diagnóstico registrado, o mais frequente, nos dois grupos, foi a licença por problemas de saúde da família, sendo que no grupo comparativo, 111 e no grupo observacional 72. A conclusão da pesquisadora é de que o grupo comparativo possui mais mulheres que homens, entretanto em ambos os afastamentos são maiores no sexo feminino.

Este fato remete a autora ao fato da maior participação das mulheres nos encargos sociais sobre a saúde dos familiares que os homens. Quando

discute o absenteísmo por causas médicas e sociais conclui que a doença familiar, a sobrecarga de atividades, além da sobrecarga de responsabilidades acomete, em sua maioria, mulheres.

Quanto à terminologia adotada para definir o diagnóstico observou-se que as lesões sem envenenamento são as que mais aparecem (luxações, entorses e distensões, além de contusões). Os professores de educação física obtiveram três vezes mais acometimentos por lesões do que o grupo comparativo. O trabalho sugere que os professores de educação física possam ter mais atividades físicas, do que os demais educadores. Em relação às doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo, os professores de educação física, sofrem duas vezes mais que os de português e matemática.

Foram apresentados 34 casos de lumbago, com predominância no grupo observacional, o que, segundo a autora, provoca aposentadoria prematura. Entretanto, Franco(1996) discute os problemas associados ao sistema esquelético como lombalgia e conclui que os mesmos podem ocorrer tanto em pessoas ativas como inativas, sendo que em algumas profissões aparecem em maior número. A pesquisa conclui que as doenças do aparelho digestivo aparecem em maior número (14) no grupo comparativo do que no observacional (7), sendo este, mais um fator para dispensa do trabalho. Para a autora a atividade física diminui os agravos do sistema digestivo.

Finalmente a autora conclui que as licenças durante o período estudado ocorreram nos dois grupos, porém os traumas físicos acometeram mais os professores de educação física. Propõe que professores busquem seus sindicatos para tratar da questão, saúde no intuito de prevenção das doenças profissionais.

GASPARINI, Sandra Maria⁸. **Transtornos mentais em professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005⁹.

ORIENTADOR: ADA ÁVILA ASSUNÇÃO

CO-ORIENTADOR: SANDHI MARIA BARRETO

FORMAÇÃO DA AUTORA: MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

PALAVRAS-CHAVE: SAÚDE E TRABALHO, TRABALHO DOCENTE, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO, SAÚDE MENTAL E TRABALHO, TRANSTORNOS MENTAIS

LINHA DA PESQUISA: SAÚDE OCUPACIONAL, MEDICINA DO TRABALHO E PEDAGOGIA

AUTORA DA RESENHA: DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Este trabalho é composto por dois artigos, produzidos em co-autoria com Ada Ávila Assunção e Sandhi Maria Barreto, intitulados: O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde, com 30 páginas, e Alta prevalência de transtornos mentais em professores da rede municipal de Belo Horizonte, com 28 páginas. Ambos foram produzidos com o objetivo de "examinar a saúde mental dos professores" e as condições que podem explicar o adoecimento dos mesmos.

Segundo a autora, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) destaca a profissão do magistério como uma profissão de prestação de serviço público e que exige dos educadores, além de conhecimentos profundos e competências particulares, responsabilidades pessoais em relação à sociedade. Nos últimos tempos, com as mudanças nos campos econômicos, sociais e culturais, aumentam as responsabilidades e exigências relacionadas ao trabalho do professor.

Para Gasparini, os professores são obrigados a dominar novas práticas e saberes específicos e, por não conseguirem atender a estas novas exigências, acabam expressando enorme insatisfação. Ainda são poucos os trabalhos realizados sobre esta temática, no entanto, os resultados obtidos nestes trabalhos reforçam a necessidade de se incrementar e aprofundar os estudos nessa área.

Nesta dissertação, a autora se propõe a focalizar especificamente os transtornos mentais, aqui entendidos como transtornos somatoformes de ansiedade e de depressão, cujos principais sintomas são: fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração, alterações do sono e queixas somáticas.

Segundo a autora, em alguns trabalhos publicados, principalmente a partir dos anos 60, aponta-se para uma possível relação entre as condições de trabalho, principalmente sua organização, e o adoecimento mental do trabalhador. A partir de então, a autora se deterá na descrição dos dados por ela encontrados.

⁸ Mestre em Saúde Pública (UFMG), graduada em Medicina pelas Faculdades de Ciências Médicas de Minas Gerais. Atualmente atua em Medicina do Trabalho em empresas na região de Belo Horizonte e como docente na Fundação Educacional Lucas Machado (FELUMA) também em Belo Horizonte.

⁹ O presente trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado "Gestão Escolar e Trabalho Docente: as reformas educacionais em curso nas redes públicas de ensino de Minas Gerais" da Faculdade de Educação/UFMG e financiado pelo CNPq e FAPEMIG.

No primeiro artigo, as autoras, Gasparini, Assunção e Barreto, dão a entender que a política de massificação do ensino público no Brasil poderia estar associada a crescente precarização das condições de trabalho deste profissional. Discorrem ainda sobre a crescente demanda atual que ampliou a "missão do profissional" para além da sala de aula. Afirmam elas, "...o professor, além de ensinar, deve participar da gestão e planejamento escolares, o que significa uma dedicação mais ampla a qual se estende às famílias e à comunidade". (p. 11)

Problematizam ainda como a constante demanda por requalificação e formação continuada, gera um aumento não reconhecido e nem remunerado da jornada de trabalho docente. Além disso, a partir de dados do IV Congresso Nacional de Educação ocorrido em 2002 e dados divulgados pelo MEC em 2004, as autoras sinalizam para a existência de uma carência de professores no sistema escolar brasileiro que poderia estar contribuindo para a intensificação do trabalho do professor.

Frente às novas demandas, precarização das condições materiais de trabalho e falta de profissionais, as autoras trabalham com a hipótese de que é o professor, aquele que busca "...fazer investimentos pessoais para auxiliar o aluno carente a comprar material escolar e restringir o seu tempo supostamente livre para criar estratégias pedagógicas que compensem a ausência de laboratórios, de salas de informática e de bibliotecas minimamente estruturadas." (p. 13)

Destacam trabalhos produzidos sobre esta mesma temática em Málaga, onde entre 1982 e 1989 houve a triplicação do número de professores em licença médica e em Nova Iorque cujos resultados mostraram uma forte associação entre sintomas depressivos e ambientes de trabalho nocivos, como também o surgimento precoce dos efeitos pesquisados que se mantêm mesmo quando outros fatores de risco são controlados. Em outro estudo realizado na Austrália nos anos de 1990, foram avaliados 574 professores e neles foi encontrado um nível de estresse psicológico duas vezes maior do que na população em geral.

Em outro momento do trabalho, as autoras citam estudos que têm sido desenvolvidos no país que corroboram esta hipótese, como os de Noronha (NORONHA, M. M. B. Condições do Exercício Profissional da Professora e dos Possíveis Efeitos sobre a Saúde: estudo de caso das professoras do Ensino Fundamental em uma Escola Pública de Montes Claros, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado. BH: Faculdade de Medicina, UFMG, 2001). que pesquisou professores na cidade de Montes Claros (MG) e de Souza (SOUZA, K. R., SANTOS, M. B. M., PINA, J. A., MARIA, A. T. C., JENSEN, M. A Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) na Luta pela Saúde no Trabalho. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 8, n. 4, 2003), que discutiu sete projetos de pesquisa, realizados nos anos 1990, sobre as precárias condições de trabalho. Neste texto de Souza, são mostradas associações com sintomas mórbidos e a elevada prevalência de afastamentos por motivos de doença na categoria. Citam ainda um estudo quali-quantitativo que envolveu 163 professores do ensino fundamental de Santa Maria (RS), em que se investigou o estresse e os seus principais agentes desencadeadores, no contexto da "inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais". Segundo os docentes pesquisados, a falta de preparação para a política de inclusão, o elevado número de alunos por turmas, a infra-estrutura física inadequada dentre outros, são fatores que geram grande ansiedade perante o novo desafio.

Segundo Naujorks (NAUJORKS, M. I. Stress e Inclusão: indicadores de stress em professores frente a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. *Cadernos de Educação Especial*. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação/Departamento de Educação Especial/Laboratório de Pesquisa e Documentação (LAPEDOC). Vol. 1, n. 20, 2002) que realizou o estudo e é citada pelas autoras,

“...as atividades pedagógicas permeadas por circunstâncias desfavoráveis forçam a uma reorganização e improvisação no trabalho planejado, distorcem o conteúdo das atividades, tornam o trabalho descaracterizado em relação às expectativas, gerando um processo de permanente insatisfação e induzindo aos sentimentos de indignidade, fracasso, impotência, culpa e desejo de desistir, entre outros” (p. 17-18)

As autoras destacam ainda outros trabalhos realizados nas cidades de Vitória da Conquista (BA), Salvador (BA) e Campinas (SP), por exemplo.

Vale aqui destacar um estudo ergonômico, citado pelas autoras, que foi realizado por Gomes (GOMES, L. Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites. Dissertação de Mestrado. RJ: Fundação Osvaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde, 2002) com um grupo de onze professores com idade entre 26 e 60 anos, em uma escola estadual do Rio de Janeiro. Neste estudo evidenciou-se: insatisfação por trabalhar em mais de uma escola e referência à sobrecarga de trabalho determinada por diferentes fatores. Neste texto são mencionados a invasão do tempo e do espaço extra-escolar pelo trabalho, a intensificação das atividades no final do ano letivo e o número excessivo de alunos por turno.

No segundo artigo, as autoras destacam dados estatísticos de institutos internacionais e nacionais acerca da presença de transtorno mental entre os trabalhadores em geral. No caso brasileiro, por exemplo, citam dados do INSS de 2001, que apresentavam os distúrbios psíquicos ocupando o 3º lugar entre as causas de concessão de benefício previdenciário.

Segundo as autoras deste artigo, pesquisas realizadas em diferentes partes do mundo indicam que os fatores laborais e de natureza psicossocial têm importante efeito sobre a saúde e o bem-estar em geral. Com as transformações que se processam no mundo contemporâneo, passa-se a ter novas exigências quanto ao perfil do trabalhador: valorização da polivalência, do comportamento organizacional, da qualificação técnica, da participação criadora, da mobilização da subjetividade e da capacidade de diagnosticar e de decidir.

São possivelmente estas demandas, que impulsionam as transformações que a educação tem sofrido nos últimos tempos. Para as autoras, espera-se da escola e, principalmente do docente, a formação de um profissional flexível e polivalente. “...Entretanto, os engendramentos realizados na tentativa de alcançar maior autonomia no trabalho docente são, muitas vezes, acompanhados por restrições das políticas educacionais com efeitos diretos nas atividades dos professores, no modo de execução de sua atividade e em sua própria saúde” (p. 35-36).

Para as autoras, pesquisas que têm se detido às reformas educacionais implantadas na América Latina a partir de 1990, apontam para os ajustes que têm se dado a partir de um duplo enfoque: a educação dirigida à formação da força de trabalho apta às demandas do setor produtivo (gestão do trabalho) e a educação que atenda às demandas da maioria (gestão da

pobreza). No Brasil, em especial, os estudos que contemplam este mesmo período, sugerem que as mudanças em curso no trabalho docente têm importante repercussão sobre a saúde dos professores, especialmente sobre a sua saúde mental.

Objeto de análise

A autora se propõe a estimar a prevalência de transtornos mentais em professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, centrando-se especificamente na região Nordeste do município. Foram estudados professores do ensino fundamental, deixando de fora os docentes da disciplina de Educação Física e aqueles que estavam em licença por diferentes razões, no momento da pesquisa. Seus objetivos específicos são conhecer o perfil de afastamentos do trabalho por motivos de saúde e descrever as características sociodemográficas, as condições de trabalho e outros fatores relacionados ao trabalho docente.

Metodologia utilizada

No primeiro artigo, foi feita uma pesquisa documental, analisando os dados disponíveis no relatório preparado pela Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica (GSPM) da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (MG), relativos ao afastamento de funcionários da Secretaria Municipal de Educação no período de abril de 2001 a maio de 2003. É importante ressaltar que este relatório, segundo as autoras, foi elaborado junto com o Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação em Minas Gerais (Sind-UTE).

Em "Alta prevalência de transtornos mentais em professores da rede municipal de Belo Horizonte", segundo artigo, as autoras fazem um "estudo epidemiológico de corte transversal" em professores do ensino fundamental da Região Nordeste da rede municipal de Belo Horizonte. Para tanto foi utilizado um questionário auto-aplicado, com seis blocos de questões: o *General Health Questionnaire* (GHQ) na versão 12. Este foi um instrumento que permitiu fazer o rastreamento dos transtornos mentais não-psicóticos na população estudada.

Para este estudo, houve a participação do Sindicato Único dos Trabalhadores do Ensino (Sind-UTE) no sentido de contribuir para a adesão à pesquisa. "...Foram realizadas entrevistas individuais e abertas, na sede do Sindicato, com o objetivo de identificar os problemas vivenciados pelos trabalhadores, suas hipóteses e estratégias de enfrentamento..." (p. 37) Entrevistaram-se ainda os profissionais da Gerência de Saúde e Perícia Médica (GSPM) sobre questões relativas aos procedimentos da Perícia Médica e os problemas enfrentados no diagnóstico e encaminhamento dos casos.

A partir dos dados coletados neste primeiro momento do trabalho, foi construído um questionário com seis blocos de questões, que foi aplicado sem a identificação do sujeito. Visava neste momento coletar informações sobre alguns problemas de saúde e trabalho vivenciados pelos professores.

Os blocos eram referentes a questões sobre características sócio-demográficas, econômicas, sobre o local de trabalho, sobre hábitos de vida e a rotina de trabalho em si. No sexto bloco, utilizou-se o *General Health Questionnaire-12* (GHQ-12) que é um questionário validado, composto por doze perguntas e que visa identificar a existência de transtornos mentais entre professores. Segundo as autoras, tem-se confirmado como um dos

melhores instrumentos dentro das técnicas de rastreamento para estudo de base populacional. É um instrumento auto-aplicável, curto, bem aceito pelos respondentes e fácil de responder. Segundo elas, é possível, a partir deste instrumento, apontar os problemas na função mental que se apresenta como uma disfunção deixando a pesquisa diagnóstica para uma abordagem psiquiátrica posterior. (p. 39)

A coleta destes dados foi realizada nas escolas durante o horário de recreio dos professores ou em horário de reuniões pedagógicas, que ocorrem semanalmente em cada turno. Houve a preparação da equipe que iria conduzir o procedimento de coleta de dados. Em algumas escolas o questionário foi deixado e recolhido posteriormente pela equipe de pesquisa.

Referencial teórico

Os dois artigos são produzidos utilizando sites como Bireme e Pub Med. Segundo as autoras, foram consultadas as bases de dados: MEDLINE, LILACS, SCIELO, OVID, PRODOC e periódicos CAPES. Além da utilização de referências da OIT e de trabalhos bibliográficos nas áreas de Medicina, Saúde Pública e educação.

Resultados da pesquisa

No primeiro artigo intitulado "O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde", as autoras (Gasparini, Assunção e Barreto) apresentam o perfil dos afastamentos do trabalho por motivos de saúde da população de profissionais da educação da rede municipal de Belo Horizonte.

A partir deste estudo as autoras demonstram haver frequência importante de atendimentos médicos com solicitação para afastamento do trabalho por motivos de saúde, entre os profissionais de educação da rede municipal de BH. Segundo elas, a análise dos dados mostra que a GSPM realizou 16.556 atendimentos de servidores da educação no período estudado, sendo que 92% destes sujeitos foram afastados do trabalho. Deste total, 84% eram compostos por professores.

Segundo as autoras, estes dados não permitem expressar os problemas de saúde vividos pelos servidores, nem estabelecer associações diretas desses problemas com o trabalho por eles desenvolvidos. No entanto, é possível elaborar hipóteses a partir da bibliografia já existente.

Em primeiro lugar, como causas dos afastamentos de professores, encontra-se o diagnóstico de transtornos psíquicos (15%), seguidos dos afastamentos por doenças do aparelho respiratório (12%) e dos motivados por doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (11%). No entanto, segundo elas, é possível que um mesmo professor tenha se afastado mais de uma vez.

As autoras constatam que no final do curso e nos finais de trimestre, o número de licenças médicas aumenta progressivamente. "Especialmente no início do primeiro trimestre, o número de licenças médicas aumenta bruscamente, detendo-se esse aumento após os feriados e tornando-se insignificante durante as férias de verão..." (p. 19)

Para Gasparini, Assunção e Barreto, este estudo permitiu perceber que as professoras têm mais riscos de sofrimento psíquico de diferenciados matizes e que a prevalência de transtornos psíquicos menores é maior entre os docentes, quando comparados a outros grupos. Para elas, dados acerca de

afastamentos por licenças médicas podem ser tomados como pistas sobre situações que merecem maior aprofundamento e análise. "O acúmulo de conhecimentos no campo de estudo das relações saúde e trabalho permite supor associações entre os problemas de saúde identificados na categoria dos professores e as condições ergonômicas de trabalho também descritas na literatura consultada."(p. 25)

No segundo artigo, houve a participação de 751 dos 792 professores do ensino fundamental das 26 escolas municipais da regional Nordeste de BH, os outros 41 recusaram-se a participar ou os questionários não foram considerados válidos.

A média de idade deste público é de 41 anos, 89,1% eram mulheres, 55,5% casados ou viviam em união consensual, 66,4% possuíam filhos, 92,9% tinha feito pelo menos um curso superior e 45,7% possuíam uma renda pessoal mensal inferior a R\$1.600,00. 67% declararam consumir bebida alcoólica e 49,1% relataram não praticar nenhuma atividade física regular. Outro dado importante é que 9,7% dos professores relataram usar medicamentos para alterações do sono.

Quanto ao trabalho, 46,7% lecionavam em mais de uma escola, 10,4 % possuíam uma outra atividade remunerada além do trabalho docente. Mais de 50% tinham tempo de docência superior a 15 anos e 53,6% apresentavam carga horária semanal de trabalho docente superior a 22 horas e meia. 65,6% dos professores lecionavam em mais de um turno.

Alguns professores reclamaram do ruído excessivo na sala de aula (48,4%) e 45% queixaram-se do ruído na escola gerado fora da sala de aula. A ventilação na sala de aula foi considerada precária por 23,7% dos professores.

Houve uma prevalência de transtornos mentais em 50,3% dos entrevistados. Mas, segundo as autoras, o transtorno mental não apresentou associação estatisticamente significativa com nenhuma das características sócio-demográficas da população estudada, nem com nenhuma das variáveis relativas à inserção no trabalho ou carga de trabalho. No entanto, os resultados indicam associação positiva entre transtornos mentais e o uso de medicamentos para alterações do sono. É possível notar também uma intensidade positiva entre a prevalência de transtornos mentais e todas as variáveis relacionadas à experiência de violência na escola, à percepção negativa sobre o trabalho e às condições do ambiente físico na escola. (p. 43) Os resultados também mostram, segundo as autoras, que quanto menor a margem de autonomia, maior a prevalência de transtornos mentais nos professores.

Para as autoras, a prevalência de transtornos mentais encontrada entre os professores estudados nesta pesquisa, foi muito superior àquela encontrada em estudos realizados na população geral em outras localidades do país. No entanto, é possível considerar que este resultado se deu em função da época em que foi realizada a pesquisa, ou seja, final do último semestre.

Constatou-se uma prevalência maior de transtornos mentais entre as professoras (51,7%) do que nos professores (41,3%), no entanto, segundo as autoras, a diferença não alcançou nível de significância estatística.

As autoras concluem não ser possível estabelecer uma relação de causalidade entre os diversos fatores identificados neste estudo e os transtornos mentais apresentados pelos professores.

GIOVANETTI, Rodrigo Manoel. **Saúde e apoio social no trabalho: estudo de caso de professores da educação básica pública.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

ORIENTADOR: PROFA. DRA. ANA ISABEL BRUZZI BEZERRA PARAGUAY

LINHAS DE PESQUISA: SAÚDE OCUPACIONAL E MEDICINA DO TRABALHO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO, PSICOLOGIA BURNOUT, PSICOLOGIA SOCIAL

PALAVRAS-CHAVE: SAÚDE DO TRABALHADOR, AMBIENTE DE TRABALHO, CONDIÇÕES DE TRABALHO, ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, DOENÇAS OCUPACIONAIS, IMPACTO PSICOSSOCIAL; PREVENÇÃO PRIMÁRIA; APOIO SOCIAL, ESTRESSE, ENSINO

AUTORA DA RESENHA: ÂNGELA VIANA MACHADO FERNANDES.

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O autor apresenta sua dissertação afirmando que o apoio social no trabalho (AST) de professores está associado à prevenção de agravos à saúde e a melhoria do ambiente psicossocial de trabalho, sendo a compreensão de sua estrutura, relevante. Assim, procurou-se descrever a estrutura de AST de professores considerando o sentido suportivo atribuído aos seus conteúdos nas relações sociais de trabalho.

A justificativa para este estudo apresenta dados do Banco Mundial (2003) acerca das condições econômicas de grande parte da população mundial conseqüentes da globalização. Tal afirmação remete-se as inovações tecnológicas no processo produtivo e a disseminação de novos métodos de organização, como a flexibilização, que irão desqualificar o trabalhador produzindo diversos tipos de doenças.

Segundo o Ministério da Saúde, 2001, o número de trabalhadores autônomos e subempregados e a fragilização das organizações sindicais bem como a intensificação do trabalho e/ou aumento da jornada de trabalho, com acúmulo de funções propiciou uma maior exposição a fatores de riscos para a saúde. Após a apresentação breve e frágil do panorama econômico e histórico das mudanças nas funções do trabalhador, o autor apresenta os padrões de morbidade no trabalho e a transição epidemiológica, como por exemplo, doenças como lesão por esforços repetitivos - LER/DORT, o estresse ocupacional e a fadiga física e mental, síndrome depressiva e de ansiedade, alcoolismo, abuso de drogas, distúrbios do sono, síndrome do esgotamento profissional (*burnout*), disfunções neuroendócrinas e imunológicas.

O ambiente de trabalho e os fatores psicossociais possibilitam o adoecimento do trabalhador. A falta de apoio ao trabalhador às altas demandas associadas baixo controle das tarefas levam ao conseqüente estresse. Surge o conceito de apoio social na saúde como fator relevante nos quadros de saúde-doença apoiado nas teorias de Durkheim sobre integração social e bem-estar psicológico e outra vertente relacionada com processos interpessoais, valorizando a ocorrência do apoio (S. Cohen (org) Social support measurement and intervention: a guide for health and social scientists. New York: Oxford University Press, 2000). Existem quatro tipos de apoio social como o apoio emocional, o de apreciação, o informativo e o instrumental. As fontes de apoio social para os trabalhadores se referem ao próprio ambiente de trabalho.

Após esta justificativa o autor apresenta os aspectos epidemiológicos na saúde do professor, tais como, síndrome de *burnout*, LER/DORT e distúrbios psíquicos. Dentro desta linha de pensamento o autor considera como problemática e ser estudada a relação entre sofrimento, adoecimento dos professores e a importância dos fatores psicossociais no trabalho e da organização do trabalho, especificamente a AST e das características do trabalho docente, bem como a necessidade de compreensão da estrutura específica do construto quando aplicado ao professorado, ou seja, como se caracterizam os conteúdos descritivos de AST docente.

Objeto de análise

O autor pretende descrever e analisar a estrutura de AST de professores da educação básica de uma escola pública da cidade de São Paulo, por meio de seus conteúdos, utilizando-se de aproximações teóricas entre representações sociais, fatores psicossociais e organização do trabalho docente; caracterizar as relações sociais com sentido suportivo para a descrição do conteúdo do AST em termos de tipos e fontes disponíveis para os professores de educação básica da escola pesquisada; analisar e comparar os tipos de fontes de AST com a organização e condições de trabalho dos professores; e sugerir estratégias de intervenções psicossociais centradas em AST para professores da educação básica pública.

Metodologia utilizada

O estudo realizado apoiou-se nas contribuições da pesquisa qualitativa medido por técnicas estatísticas. Foram considerados os aspectos tipológicos e as fontes de AST como o contexto do trabalho dos professores, fundamentando-se na teoria das representações sociais. Optou-se por um estudo de caso em que foram considerados os indicadores favoráveis como dificuldade de delimitação e controle experimental do fenômeno; necessidade de contextualização social; natureza coletiva da estrutura de apoio social e delimitação do tempo e espaço para a coleta de dados.

Participaram da pesquisa, nove professores e a equipe da diretoria. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram à observação participante; entrevistas individuais em profundidade e entrevista em grupo.

Referencial teórico

O autor utilizou análises de apoio social embasadas nas teorias de psicologia social, agregando um referencial teórico de base à concepção do conceito. Além disso, os conteúdos de apoio estão vinculados a construção social e coletiva de relações sociais com sentidos suportivos. Para construção do referencial que privilegiasse tais aspectos, optou-se pela *teoria das representações sociais* de S. Moscovici (1978;2003). As categorias de análise (tipos e fontes de apoio) foram definidas a priori segundo sistematização de JS. House (org) *Structures and processes of social support*. Ann Ver. Soc, 1988: 14, 293-318. Os dados coletados foram analisados em conjunto em suas categorias estabelecidas com a análise de conteúdo e suas relações com aspectos teóricos de AST (CA. Beltrán (org) *Apoyo Social y síndrome de quemarse en el trabajo o burnout: una revision*. Psicologia Dalud, 2004, 14(1): 79-87; S. Cohen (org) *Social support measurement and intervention: a guide for health and social scientists*. New York: Oxford University Press, 2000).

Para contextualizar as transformações econômicas ocorridas nos anos 1990, utiliza documento do Banco Mundial de 2003; e as seguintes obras: ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho*, São Paulo, Boitempo, 2000; CASTELLS M. *A sociedade em rede*, São Paulo: Paz e Terra: 1999.

Sobre doenças ocupacionais utiliza :

CARLOTTO MS. Síndrome de burnout e satisfação do trabalho in AMT Benevides Pereira (org) *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002 p. 187-212;

STEPTOE, A. Stress, social support and cardiovascular activity over the working day. *Int J. Psychophysiol.* 2000, 37(3): 299-308.

Ao analisar a organização do trabalho na escola pública utiliza:

SILVA, C. J. *A escola pública como local de trabalho*. São Paulo, Cortez, 1993.

PARO, Vitor H. *Administração escolar: introdução crítica*. São Paulo, Cortez, 1996.

Ao descrever o adoecimento dos professores utiliza:

GREENGLASS, ER. (org). The impact of social support on the development of burnout in teachers. *Work Stress*, 1997, 11(3): 267-78; RJ. Burke, ER.

Greenglass. *Work Stress, social support, psychological burnout and emotional and physical well being among teachers. Psychol Health Med.* 1996 1(2): 193-205.

Resultados da pesquisa

O autor conclui que o apoio emocional aos professores é fundamental, pois, existe a necessidade de compreensão entre a fragmentação cotidiana da relação afetiva com os alunos e a tecnocratização dos métodos de ensino. Dessa fragmentação decorrem as excessivas solicitações emocionais dos professores que refletem na saúde por meio dos quadros de esgotamento, cansaço, desgaste e síndrome de burnout.

Sobre o apoio instrumental, as trocas de materiais, as técnicas pedagógicas e os favores técnicos entre os professores se relacionam com a precarização do trabalho pela necessidade de suprir a ausência e insatisfação com os materiais pedagógicos fornecidos na tentativa de não inviabilizar o trabalho pedagógico. A apreciação sobre os resultados do trabalho realizado pelos professores tem importância para a saúde dos professores por três aspectos: prevenção da síndrome do esgotamento profissional; promoção da gestão dos riscos de estresse e expressão afetiva.

Nesta pesquisa as trocas de informações (apoio informativo), tanto formais como informais para a execução das tarefas docentes, relacionaram-se com a facilitação e o desenvolvimento de práticas na formação profissional porque promoveram a circulação do conhecimento sobre as atividades docentes na escola estudada.

O apoio da diretoria mostrou-se relevante para o controle das exigências da relação professor-aluno (indisciplina e problemas de aprendizagem); a flexibilização do tempo e ritmo de trabalho (calendário escolar); delimitação dos procedimentos e das regras (planejamento pedagógico) e avaliação do desempenho (controle da eficiência profissional). Por outro lado a relação social entre professores e diretoria mostrou-se ambígua, pois a previsão de apoio nem sempre foi realizada conforme as necessidades de alguns professores avaliados como profissionais inadequados pela diretoria.

O apoio entre professores foi relatado como significativo para amenizar a exaustão emocional no trabalho. O mesmo ocorreu como o apoio dos pais

pois agiu diretamente na regulação do conflito entre professor e aluno. A necessidade de falar com os pais e trazê-los para a escola foi uma prática utilizada para amenizar as exigências emocionais e físicas no cuidado com os alunos. Os professores apresentaram expectativas sobre os alunos em termos de desempenho, aprendizagem e de comportamentos adequados na escola, entretanto verificaram que a relação está deteriorada por práticas de ameaças nas atividades.

O professor espera receber apoio emocional e de apreciação sobre seus esforços, mas pela exigência do trabalho, constrói uma relação de poder e autoritarismo com os alunos, retirando o investimento afetivo dos alunos, gerando o conformismo com a aprendizagem e indisciplina em sala de aula. Enfim, além das relações com a saúde e adoecimento, o apoio social pode ser entendido como um produto das relações grupais entre os professores, capaz de facilitar a construção de novas práticas educacionais cotidianas por meio do questionamento e da transformação dos processos institucionais do ensino público.

GOMES, Luciana. **O trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites**. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2002.

ORIENTADOR: JUSSARA CRUZ DE BRITO

FORMAÇÃO DO AUTOR: PSICOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: ERGONOMIA, SAÚDE OCUPACIONAL, CONDIÇÕES DE TRABALHO, INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO (ELABORAÇÃO DA AUTORA DA RESENHA)

LINHA DA PESQUISA: ERGONOMIA

AUTORA DA RESENHA: SELMA BORGHI VENCO

Tema, subtemas, problemas de investigação, hipóteses de pesquisa

O objetivo geral dessa dissertação é discutir a dinâmica que se estabelece entre a saúde e o trabalho dos professores e professoras do ensino médio da rede pública do Rio de Janeiro. E apresenta como objetivos específicos analisar o processo de trabalho docente, a compreensão desses profissionais acerca do sentido da "sobrecarga de trabalho" e, por fim, as estratégias de preservação da saúde no trabalho.

Metodologia utilizada

Foram aplicados métodos de ergonomia que englobam a atividade real e o envolvimento do conhecimento dos docentes, envolvendo: coleta de dados, subdivida em: preliminar, realizada por meio de entrevistas coletivas e individuais, abordando o cotidiano na escola e as condições físicas para realização do trabalho; e, a sistemática, voltada à verificação das hipóteses; observações sobre as estratégias desenvolvidas pelas professoras no momento da realização do trabalho.

O estudo carece de maior detalhamento metodológico acerca dos instrumentos de coleta de dados. Há, anexo ao trabalho, um "diário de bordo", assim denominado pela autora, que contém roteiros semelhantes ao padrão de questionário de autopreenchimento. No entanto, no corpo do texto, não está explícito do que se trata, comprometendo a compreensão dos aspectos metodológicos do trabalho.

A opção metodológica foi o referencial da ergonomia situada. Sendo, portanto, a coleta de dados subdividida em quatro etapas, quais sejam: o reconhecimento do problema e dados mais gerais da categoria; análise da demanda, que consiste no levantamento da percepção do trabalho por diversos atores sociais; levantamento de dados sobre o funcionamento geral da escola e do trabalho prescrito e, por fim, a análise da atividade.

A partir de um programa de formação – abrangendo cursos e um sistema de acompanhamento e coleta de informações - no campo da saúde, gênero e trabalho nas escolas públicas de ensino fundamental, que discutia as formas de precarização do trabalho e seus desdobramentos na saúde dos docentes, resultou em uma demanda por discutir especificamente as razões do adoecimento na categoria.

A definição da escola a ser pesquisada, ocorreu entre as integrantes do programa de formação e nas que havia sindicalistas envolvidos naquela ação.

A pesquisa foi iniciada por visitas que objetivavam a observação do espaço físico, as condições materiais que o trabalho era realizado e, visando o estabelecimento de diálogos iniciais com os trabalhadores da escola, em geral.

Foi adotado, também, o registro durante duas semanas em três "diários de bordo" diferentes: um, referente aos recursos materiais, um segundo sobre a jornada de trabalho e outro, relativo às condições de trabalho. Mas, o retorno desse material foi aquém do planejado. A própria intensificação do trabalho dificultou o preenchimento deste instrumento de coleta de dados. Contudo, tal instrumento mereceria uma reflexão teórico-metodológica no presente estudo.

Foram realizadas inicialmente 6 entrevistas individuais que, por terem sido feitas na sala dos professores, gradativamente, passaram a ser coletivas, posto que vários professores passavam a participar. Aspecto que deve ser considerado em termos metodológicos, posto que não havia previsão da realização de um grupo focal e, sim, de entrevistas individuais. Não há reflexão neste sentido e seria necessário ponderar as conseqüências de interferências nas respostas individuais, frente a um coletivo.

No total, foram realizadas 11 entrevistas, cuja maioria (7 professores) era do sexo feminino.

Referencial teórico

Aponta, apoiada em Lacaz (LACAZ, F.A. Saúde do trabalhador: um estudo sobre as formações discursivas da academia, dos serviços e do movimento sindical. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas, 1996) que a *saúde preventiva social* surge a partir de uma demanda advinda da revolução industrial, visando atender as populações urbanas. Emprega Michel Foucault (FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982) para analisar o novo delineamento dos territórios urbanos na França no século XIX, ressaltando que nesse processo de reorganização dos espaços, a medicina para os pobres foi a última a ser objeto de preocupação para o Estado. Na Inglaterra, a criação da medicina social tinha como objetivo central tratar da saúde dos trabalhadores para estarem aptos à produção.

Sustentada por essas raízes a medicina do trabalho emerge, visando a manutenção do bem-estar físico e mental dos trabalhadores e sua conseqüente adaptação ao trabalho. Assim, o taylorismo encontra na medicina do trabalho um forte aliado, à medida que possibilitava o rápido retorno do trabalhador a seu posto.

A saúde ocupacional nasce com uma marca de multidisciplinaridade, buscando reunir a diversidade de concepções científicas sobre o trabalho e a saúde.

O processo de adoecimento é compreendido nesse trabalho como um processo diferenciado entre os indivíduos, ou seja, pessoas submetidas às mesmas condições físicas e emocionais reagem de formas inusitadas. Essa perspectiva é apoiada em Coelho e Almeida (COELHO, M.J.A.D. e ALMEIDA FILHO, N. Normal e patológico, Saúde- doença: revisitando Canguilhem. *Revista de Saúde Coletiva* Vol.9. n.1. Rio de Janeiro: UERJ/ IMS.,1999), mas outros autores franceses, não mencionados compartilham essa visão a exemplo de Marie Pezé e Michel Gollac e Serge Volkoff.

A lógica da globalização reestrutura a produção, promovendo relações de trabalho mais flexíveis e mais instáveis. Esse movimento, na perspectiva da autora, agudiza as desigualdades sociais, bem como a precarização do trabalho e a exclusão social.

Apoiada em Brito et al (BRITO, J.C. et al. Projeto de pesquisa: relações de gênero, precarização do trabalho e saúde. Rio de Janeiro: CESTEJ,

FOCRUZ, 2000.) indica que essa reorganização da economia acarreta altos níveis de desemprego, sobretudo os de longa duração, reduz as redes de saúde e de ensino e agrava as condições em que o trabalho se realiza.

A competitividade internacional entre empresas conduz a uma alteração na educação, posto que são reivindicadas novas demandas de formação que atenda às inovações tecnológicas e científicas. Conforme a autora, a educação é destinada a função de formar o "novo trabalhador", não para um posto de trabalho mas, sobretudo, para sua empregabilidade (p.26).

As análises tecidas por Santomé (SANTOMÉ, J.T. O professorado em época de neoliberalismo: dimensões sociopolíticas de seu trabalho. In: *Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha*. São Paulo: Cortez, 2001) sustentam as afirmações da dissertação no que tange à adoção de políticas neoliberais para a educação, transformando-a em um bem de consumo. Aos olhos da sociedade paira a invisibilidade do Estado como promotor de políticas públicas, voltando-se à responsabilização da escola como agente do sucesso ou do fracasso da formação da população.

O cenário sócio-econômico no qual se insere a escola, vai, paulatinamente, exigindo alterações no trabalho docente que ultrapassa os limites do ensino centrado nos conteúdos previstos no currículo escolar mas, passa a exercer papel ativo na construção de hábitos de higiene, no amparo psicológico entre outros.

Contribuem para o agravamento dessa situação as reformas educacionais promovidas ao longo dos anos 1990, as quais instituíram novos índices de produtividade na educação, ampliação do número de alunos por turma, ampliação do trabalho burocrático sintetizado em relatórios e diários de classe, além da redução do quadro de pessoal. Tais transformações levaram à intensificação do trabalho docente, com conseqüentes danos à saúde física e mental desse segmento profissional.

A autora recorre à análise de gênero, reconhecendo o predomínio de professoras no ensino fundamental, especialmente por apontar que homens e mulheres adoecem de maneiras diferenciadas e, mormente, porque a organização do trabalho é distinta, segundo o sexo dos trabalhadores, da mesma forma que o grau de tolerância das chefias é menor em relação às mulheres (KERGOAT, D. *Luttes ouvrières et relation de sexe: de la construction du subject collectif*. Paris: GEDISST – CNRS, 1989). Soma-se a isso a responsabilidade feminina pelos cuidados domésticos e da família em geral.

As alterações na educação associadas à intensificação do trabalho e à desvalorização social da profissão, levam a uma compreensão dessa atividade como próxima ao voluntarismo. Esta situação tem levado ao sofrimento psíquico, compreendida desta forma não apenas por pesquisadores brasileiros mas se configurando como um fenômeno internacional.

Análise tecida sobre saúde mental realizada por Codo et al (CODO, W. *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999) indicava que 26% dos docentes sofriam de exaustão mental, vinculada à desvalorização profissional, à baixa auto-estima e à não percepção de resultados do trabalho que desenvolviam.

A revisão bibliográfica indica alguns estudos entre eles um de caráter qualitativo, realizado em João Pessoa, junto às professoras do ensino fundamental, que conclui, baseado nos depoimentos coletados que ser professora é uma além de uma profissão feminina é destinada à mulher

pobre. Soma-se a essa assertiva, a conclusão que ser professora se constitui em uma distinção no seu meio social e, simultaneamente, permite “libertar-se da clausura doméstica”, conforme palavras da entrevistada.

O mal estar é compreendido, na presente pesquisa, como a síntese das alterações físicas e subjetivas advindas do processo de trabalho. Sua manifestação inicia-se no absenteísmo resultando em abandono da profissão e apresenta como sintomas a depressão, o estresse, a exaustão e ansiedade.

Baseada em Esteve (ESTEVE, J.M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru: EDUSC, 1999) a autora aponta três aspectos relevantes para compreensão das alterações da profissão docente, quais sejam: na transferência das responsabilidades educativas por parte de segmentos organizados da sociedade; a transmissão do conhecimento é ampliada para além da escola, contando com meios de comunicação, entre outros e, por fim, o mal estar docente ampliado pela multiplicidade de funções que passam a exercer, que extrapolam a transmissão do conhecimento.

Soma-se a esse conjunto de fatores para a conformação do mal-estar docente, a desvalorização da profissão, da sua imagem na sociedade e da necessidade de formação continuada, dado a evolução da ciência.

Os fatores principais do mal estar docente podem ser resumidos às condições de trabalho, à violência nas escolas e ao esgotamento desses profissionais, em razão da sobrecarga de exigências sobre ele. Por um lado, exige-se uma nova atuação desses profissionais mas, por outro, lhes é negado material adequado para o desenvolvimento do trabalho; o crescimento de incidentes violentos no interior das escolas em geral, agressão aos professores, gera um sentimento de intranquilidade permanente entre os docentes.

Esteve (op.cit., 1999) analisa as respostas diferenciadas dos professores em situações adversas no trabalho. Um grupo busca formas criativas e inovadoras de exercer seu trabalho, visando contornar os limites impostos e outro, rende-se aos imperativos das condições do trabalho docente, resultando em absenteísmo ou mesmo abandono do posto de trabalho.

O conceito de *burnout* ou mal estar – poderia ter sido melhor explorado, tendo em vista que é central para esse trabalho

As diferenças entre o trabalho prescrito – compreendido como a forma que a organização, as empresas, as instituições, compreendem a tarefa a ser executada – e o real – o efetivamente realizado – constituem-se uma fonte importante para o desgaste da saúde física e mental dos docentes.

O referencial teórico empregado (DANIELLOU, F. LAVILLE, A. TEIGER, C. Ficção e realidade do trabalho operário. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, nº 17, 1999; MARTINEZ, D. VALLES, I. e KOHEN, J. *Salud y trabajo docente: tramas do malestar en la escuela*. Buenos Aires: Kapelusz, 1997; MESSING, K. SEIFERT, A. M., ESCALONA, E. El minuto de 120 segundos: analizar la actividad de trabalho para prevenir problemas de salud mental en educadoras de escuelas primarias. *Salud de los trabajadores*. Vol. 7 nº 2, Julio) indicam que o trabalho é compreendido pelo empregador como o realizado na relação direta com os alunos. No entanto, há uma “invisibilidade” significativa no conjunto de tarefas que compõe o trabalho docente que abrange desde a preparação das aulas, de material entre outras até o pensamento recorrente sobre os problemas que

os alunos enfrentam, tais como violência doméstica, fome, trabalho infantil etc.

Esse conjunto de fatores, considera esses autores, contribuem para a deterioração da saúde física e mental destes profissionais.

Há na ergonomia duas escolas distintas: a americana, *human factors* ou *human engineering*, objetiva integrar no ambiente de trabalho o fator humano; e a francesa, ou ergonomia situada, que analisa as situações reais de trabalho, para além do posto de trabalho.

A carga de trabalho tal compreendida pelos adeptos da ergonomia francesa a subdividem em três dimensões: física, mental/cognitiva e psíquica. Já a medicina social a compreende como: física, química, mecânica, fisiologia e psíquica. Conforme Neves (NEVES, M.Y. Trabalho docente e saúde mental: a dor e a delícia de ser (tornar-se) professora. Tese de doutoramento, IPUB/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999) há, no entanto, até a atualidade, limites teóricos metodológicos em torno da conceituação sobre a carga de trabalho.

Objeto de análise (políticas públicas, escola, sala de aula, professor etc)

Professores do ensino médio da rede pública do Rio de Janeiro são indicados como objeto de análise, a despeito da pesquisa ter sido realizada em, apenas, uma escola.

Resultados da pesquisa

A partir da metodologia da ergonomia que analisa a atividade foi constatado que a "sobrecarga" de trabalho dos docentes está associada a um conjunto de fatores que compreendem trabalhar em diversas escolas, e, nesse movimento, adaptar-se à política educacional de cada uma delas, diferentes situações em termos de número de alunos por turma, resultando em um esforço permanente para se adaptarem ao trabalho prescrito formalizado por cada uma das instituições.

Os professores enfrentam uma diversidade de situações no trabalho ou em função da profissão.

A categoria não conquistou o direito de obter formação durante sua jornada de trabalho. Os cursos oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação ocorrem no período inverso ao do trabalho. Boa parte dos professores não consegue, portanto, participar dos programas de atualização, pois, em razão dos baixos salários praticados, trabalham em outras escolas.

É parte da política educacional avaliar a escola no que diz respeito à infraestrutura, qualidade de ensino, índices de reprovação e de participação dos professores nos cursos de atualização e concede uma gratificação ao conjunto de funcionários, que varia de R\$ 100 a R\$ 400,00. Tal sistema é implantado em um momento de redução de aportes financeiros, materiais e de pessoal por parte do governo estadual. Tal medida, tem sido fonte de ansiedade e precariedade das relações profissionais e pessoais na escola, dado que amplia a competitividade entre os docentes e, concomitantemente, amplia-se o esforço de trabalho para obter um prêmio que poderá deixar de existir no ano seguinte.

Observou-se que a despeito de parte dos professores possuir tempo necessário para requerer o benefício da aposentadoria, todos permanecem trabalhando. A autora constata que é possível explicar tal situação a partir da centralidade do trabalho na vida destes professores que, mesmo

vivenciando situações adversas no trabalho, permanecem em seus postos. No entanto, não desenvolve uma análise teórica sobre tal fato.

Aos professores entrevistados desagrada o fato de necessitar estabelecer vínculos empregatícios em diferentes locais.

O termo "sobrecarga de trabalho" foi empregado pelos entrevistados e estão relacionados a diversos aspectos, tais como: diversos turnos de trabalho, a intensificação do trabalho, ampliação de horas/aulas, condições materiais para o exercício da profissão, quantidade de alunos por turma, a desvalorização do profissional, a alteração do perfil do aluno entre outras indicações. São, portanto, diversos fatores agrupados em conjuntos diferentes entre si.

Os entrevistados indicaram:

- A dificuldade em compatibilizar as prescrições do trabalho em diferentes escolas;
- Estar na escola, significa não apenas dar aulas mas, também atender pais e alunos, inclusive em seu horário de pausa e de alimentação;
- Não há espaço físico adequado para estudarem e ou prepararem aulas ou material didático;
- Os deslocamentos entre seus locais de trabalho, são, também fonte de desgaste e esgotamento dadas as condições de transporte da cidade;
- As atividades vinculadas à docência são feitas também no espaço doméstico;
- O estabelecimento de aprovação automática desmotivou os alunos e a estrutura familiar interfere na construção do interesse pelos estudos;
- Funções burocráticas e ou organizativas, como fotocópias, reservas de material, falta de instrumentos básicos de trabalho, assumem uma importância desproporcional na vida dos docentes, por se constituírem como mais um problema a ser enfrentado;

Estes, entre outros aspectos semelhantes, apontam para uma situação de trabalho limitante, frente a um universo de impossibilidades diárias para o bom exercício de sua profissão, o que tem provocado danos à saúde desses profissionais, que atingem um leque amplo de doenças que vão desde alterações na pressão sanguínea, esgotamento físico e mental, perda da voz, problemas diversos no aparelho respiratório, insônia, estresse, depressão e aumento da irritabilidade.

GONÇALVES, Gustavo Bruno Bicalho. **Uso profissional da voz em sala de aula e organização do trabalho docente.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

ORIENTADORA: ANTONIA VITÓRIA SOARES ARANHA
PALAVRAS-CHAVE: TRABALHO DOCENTE, VOZ, SAÚDE E TRABALHO
LINHA DA PESQUISA: SOCIEDADE, CULTURA E EDUCAÇÃO
AUTORA DA RESENHA: ROSEANA COSTA LEITE

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O autor declara que o objetivo do estudo é evidenciar os fatores do trabalho e as características individuais que explicam os comportamentos vocais adotados por professores em sala de aula. Diante da prevalência de disfonias entre profissionais docentes, pretende explorar a associação entre o uso da voz na sala de aula e os condicionantes derivados da organização do trabalho.

Para o autor, "os docentes atuantes na educação básica convivem com precárias condições de trabalho para realizar atividades que exigem grande responsabilidade e comprometimento e tem adoecido de forma preocupante, particularmente por doenças mentais, disfonias e LER" (Delcor, 2003; Silvano Neto et al., 2000) (p.16).

Destaca a disfonia por constituir-se, além de um problema de saúde, um distúrbio de comunicação que afeta diretamente a relação professor-aluno. Localiza a urgência que a questão vem tomando pelas epidemias de disfonia em setores econômicos novos como o tele-atendimento (Salzstein, 2000). Ressalta a necessidade de uma norma regulamentadora que venha alterar substancialmente o local de trabalho e a organização do trabalho nos ambientes patogênicos, mas observa a existência de alguns limites para o mapeamento da relação entre a disfonia e as atividades desenvolvidas no trabalho.

Cita o documento de trabalho produzido no 2º Consenso Nacional sobre Voz Profissional, que, em dado momento, sugere às necessidades específicas do profissional da educação,

...adequação do ambiente de trabalho, acústica, hidratação, tempo de uso da voz, quantidade de horas de trabalho, número de alunos por sala de aula, condições do ar (giz antialérgico, poeira em suspensão, poluentes atmosféricos, ar-condicionado e umidificador), orientação médica, fonoaudiológica e de outros profissionais para fins preventivos e admissional-demissional, curso de técnica vocal como parte do programa curricular no Magistério e Pedagogia. (p.19)

Observa que o documento não aborda questões relativas à organização do trabalho como, ritmo, cargas de trabalho, níveis de participação docente, trabalho coletivo, entre outras. Neste sentido o trabalho pretende contribuir para a discussão da disfonia em relação à organização do trabalho docente e propõe conhecer a realidade específica, a partir do olhar do professor.

No primeiro capítulo, o autor, apóia-se em alguns autores que discutem a profissionalização docente, a organização racional do trabalho docente, a intensificação do trabalho, entre outros. A seguir discute as alterações na organização e gestão da escola pública, focalizando as reformas ocorridas nas redes estadual e municipal de Minas Gerais, particularmente o Projeto Escola Plural. Aponta ainda o sofrimento psíquico provocada pela alienação do trabalho docente, apoiada em Codo (1999)

A partir de Assunção & Lima (2003), afirma que a análise ergonômica do trabalho, referencial que utiliza para estudar o uso da voz e sua relação com aspectos da organização do trabalho, parte da observação da realização de uma situação de trabalho, cujos dados são posteriormente confrontados e enriquecidos com os resultados de entrevistas abertas e semi-estruturadas, tendo em vista os sentidos que as atividades têm para o trabalhador.

Pondera que o uso profissional da voz pelo professor é influenciado pelas características pessoais e pelas características do contexto onde é produzida. A escola e a organização do trabalho dentro desta, por sua vez, encontram-se marcadas pela política educacional, num contexto mais amplo. Considera que nessa intercessão que procura entender a utilização da voz pelo professor.

Objeto de análise

O autor declara que o estudo pretende falar do trabalho docente a partir das situações de trabalho vividas pelos professores em sala de aula e suas respectivas representações sobre elas, objetivadas pelo método de análise ergonômica do trabalho. (p.20)

Analisa o funcionamento de duas escolas públicas municipais; sua infraestrutura, gestão e organização do trabalho. Analisa possíveis diferenças no modo de utilização da voz em sala de aula, a partir das diferenças da organização do trabalho nestas escolas, além de comparar as estratégias utilizadas pelos professores, como forma de proteger a saúde e os limites colocados a estas estratégias.

O objeto do estudo é discutir o uso da voz em sala de aula e sua relação com aspectos da organização do trabalho e gestão da escola pública e procura responder à pergunta: quais as características da organização do trabalho docente estariam conduzindo os professores a se comportar de forma considerada nociva para suas vozes?

Assim, considera que são dois os problemas da pesquisa. Primeiro, a questão da influência da gestão escolar e da organização do trabalho docente no uso da voz pelo professor e, segundo, os efeitos do uso da voz sobre a saúde dos docentes.

O campo de análise abarca a rede municipal de ensino de Belo Horizonte, com 185.975 alunos e 9.813 professores divididos em 183 escolas.

O perfil docente traçado considera os aspectos de: 1. formação, dos 9.813 professores, 8.799 têm curso superior, 2.538 curso de especialização, 1.014 nível médio, 166 mestrado e 4 têm doutorado; 2. remuneração, os professores com nível superior ganham CR\$ 888,42 e os de nível médio, Cr\$ 572,72, os pós-graduados têm acréscimo de 5% em seu salário, a cada nível concluído; 3. adoecimento, segundo dados colhidos na Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica da PBH, os casos de disfonia atendidos em 2001 registram um total de 265 atendimentos, dos quais 237 professores e 28 outros servidores, que resultaram em 142 readaptações de função definitiva e 36 temporárias. Dado o caráter endêmico da disfonia no

munícipio, a Gerência de Saúde do Servidor constituiu, em 1996, um setor de fonoaudiologia responsável por fazer exames admissionais, periódicos e acompanhar os professores em readaptação de função. Posteriormente, foi acrescentado um programa de prevenção de disfonia nas escolas.

As escolas escolhidas para o campo de pesquisa são assim caracterizadas. A escola A foi criada em 1992, trabalham 40 professores e 1040 alunos, é considerada uma escola pequena e, em relação à infraestrutura, registram-se grave problema de ruído, falta de espaço interno, iluminação (ofuscamento) e conforto térmico (temperatura elevada à tarde). Uma equipe pequena de professores jovens que trabalham com organicidade, num ambiente que inclui momentos de reflexão e trabalho coletivo, em que parcialmente as diretrizes centrais da Escola Plural foram atingidas.

A escola B abriga o ensino fundamental, a partir de 1978, e o médio, a partir de 1986. É considerada uma escola grande, onde trabalham e estudam 66 professores e 1682 alunos, oferece espaço amplo e está bem localizada, em local com pouco tráfego. A equipe pedagógica parece menos entrosada que a escola A, com poucas evidências de um trabalho coletivo.

Metodologia utilizada

A dissertação organiza-se em cinco capítulos, no primeiro, *O trabalho docente*, busca-se contextualizar o problema no campo educacional e apresentar os referencias teóricos para as análises sobre o processo de trabalho. O capítulo dois, *A voz*, discute a voz enquanto fenômeno biológico e social e traz os referencias teóricos para a avaliação da voz, empreendida no capítulo quatro. No capítulo três descreve-se a metodologia e percursos adotados na pesquisa e no capítulo quatro os resultados obtidos. Os resultados são discutidos no capítulo cinco.

Foram adotados conceitos e métodos da Escola de Ergonomia Francesa. Realizaram-se observações diretas de oito professoras, distribuídas em duas escolas diferentes, totalizando 57 horas em sala de aula, mais quatro horas de filmagem. Os dados obtidos foram autoconfrontados e validados em entrevistas semi-estruturadas.

O aporte da análise ergonômica do trabalho orienta a observação in loco da atividade de trabalho e dos comportamentos vocais assumidos pelos professores. A análise da organização do trabalho docente foi realizada a partir da literatura que enfoca as reformas educativas dos anos 90. A hipótese é de que as profundas mudanças de gestão e organização do trabalho docente podem estar contribuindo para um aumento da responsabilização dos professores e para seu adoecimento.

Os referenciais teóricos utilizados na discussão do trabalho docente, no primeiro capítulo abarcam:

a. questão da profissionalização e produtividade, Nóvoa, 1991; Hypólito, 1997; Sacristán 1991; Oliveira, 2002; 2000; 1999;

b. condições de trabalho: Game, 1998; Oliveira, 2000; Soares, 2000; Dalben, 2000

c. professor como trabalhador: Codo, 1999; Game, 1998; Noronha, 2002

Para a discussão realizada no segundo capítulo utiliza:

definição de voz: Behlau & Pontes, 1995; Colton & Casper, 1996; Ferrreira, 2002;

a. fisiologia vocal: Behlau, 2001;

b. higiene vocal: Pinho, 1997; Chan, 1994

c. ruído enquanto fator de risco: Escalona et al., 2003; Martins et al., 2002

d. disfonia: Behlau, 2001; Behlau & Pontes, 1995;
e. professor como profissional da voz: Souza & Ferreira, 2000; Russell, Oates, Greenwood, 1998; Bacha et al., 1999; Smith et al., 1997; Silvano Neto et al., 2000.

A metodologia empregada incluiu observações iniciais e entrevistas abertas, na tentativa de compreender o processo de trabalho docente, a divisão de tarefas na escola e os problemas cotidianos. Este processo conduziu a um pré-diagnóstico e a formulação de hipóteses, a partir das quais foi traçado um plano de observação sistemática das condições reais de trabalho e de uso da voz. A autoconfrontação dos trabalhadores com sua atividade foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e, em dois casos, com apresentação de filmagens, com a intenção de explorar questões relativas ao sentido das atividades para os docentes.

A pesquisa desenvolveu-se na rede municipal de ensino de Belo Horizonte, particularmente em duas escolas, no nível de ensino fundamental, no último ano do segundo ciclo (5ª série).

A partir das hipóteses iniciais, realizou-se a escolha das salas de aula a serem observadas e um aprofundamento nessas situações, observando o trabalho de forma sistemática. Foram observados oito professores do último ano do segundo ciclo do ensino fundamental em atividade de trabalho, divididos entre as duas escolas, sendo três na escola B e cinco na escola A. Estes professores foram observados sistematicamente em sala de aula, durante a realização de suas atividades docentes, e autoconfrontados. A partir dessas primeiras observações, elaborou-se um plano de observação sistemática direcionando a pesquisa para as situações mais significativas a serem observadas e aos resultados finais. (p.72).

A opção pela rede pública municipal de Belo Horizonte segue alguns critérios: por ser uma rede pública representativa em número de matrículas no ensino fundamental, pela implementação do Projeto Político Escola Plural, baseado na pedagogia ativa, e pelo fato da rede participar de um programa de prevenção à disfonia em professores, promovido pela Gerência de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte - GSPM-PBH.

O segundo critério de escolha foi a delimitação das duas escolas onde foram realizadas as observações, por adesão ou resistência ao Projeto Político Pedagógico Escola Plural, implantado a partir de 1994. Parte-se do pressuposto de que a adesão ou resistência determina diferenças de organização do trabalho e da gestão, determinantes do uso da voz.

Os contatos iniciais envolveram visitas e encontros, a observação direta e entrevistas abertas com gestor, alunos, docentes e funcionários, com o intuito de conhecer o funcionamento da escola e da população a ser estudada e levantar informações. A seguir, o espaço de observação aberta e sistemática focalizou o uso da voz pelo professor em sala de aula.

A seleção docente incidiu sobre os professores do último ano do segundo ciclo, com exceção de educação física e isolou a variável gênero, ao selecionar mulheres, por serem a maioria dentre os trabalhadores em educação e pela maior prevalência de disfonia.

Na escola A, onde os professores apresentaram maior aceitação da presença do pesquisador, foram observadas cinco professoras e na escola B, onde houve menor aceitação, três professoras foram observadas.

O autor relata dois momentos da estratégia de observação, uma assistemática, mais longa, em que se buscava compreender a dinâmica da sala de aula. Na segunda, as observações tornam-se mais dirigidas para o objeto voz e incide sobre as situações de hipersolicitação vocal. Neste momento foram realizadas, ainda, filmagens e, posteriormente, digitalizadas 80 cenas significativas. Contabiliza 57 horas de observação em sala de aula, 40h na escola A e 17h na escola B.

A validação dos resultados da etapa de observação foi realizada por meio de entrevistas semi-dirigidas e confrontação dos resultados obtidos com os professores observados. Os roteiros das entrevistas registravam a síntese das observações do pesquisador e incidiam sobre o sentido da atividade docente e a forma como percebiam os fenômenos observados.

A avaliação da qualidade vocal foi realizada por dois fonoaudiólogos e a avaliação perceptivo-auditiva da qualidade vocal escolhida como método de avaliação da voz em detrimento da análise espectrográfica, em função do menor custo e dispêndio de tempo e apresentar resultados confiáveis.

Resultados da pesquisa

O autor considera que as professoras analisadas respondem às exigências das tarefas pedagógicas por meio de mecanismos que levam à hipersolicitação vocal, como: competição vocal, distorção da voz, gritos e utilização da voz para dirigir, rimar e preencher vazios. Foram identificadas também estratégias de autopreservação vocal, como: uso de material didático alternativo, higiene vocal, falar a toda turma e evitar a competição sonora. Entretanto, em função dos constrangimentos da tarefa determinados pela organização dos espaços e tempos na escola, as professoras nem sempre podem mobilizar as estratégias desenvolvidas.

Nas observações realizadas em relação ao uso da voz do professor em sala de aula, percebeu-se que as professoras desenvolviam estratégias de preservação vocal, procurando variar as atividades, mas nem sempre colocavam em prática e incorriam em hipersolicitação vocal em função do ruído, da indisciplina ou do conteúdo.

Em relação à organização do trabalho nas duas escolas pesquisadas, o autor destaca a rotatividade anual de professores nas escolas, a importância do horário de trabalho pedagógico (horário de projeto), enquanto tempo de preparo das atividades e também como atenuante da fadiga vocal.

Percebe, ainda, a relação entre a infra-estrutura e os recursos materiais das escolas e as condições de trabalho da escola, a utilização de alguns recursos repercutem sobre o uso da fala para a coordenação da dinâmica da aula. Assim, na escola A, onde os recursos e a infra-estrutura são mais precários, não houve registro da utilização destes recursos ou da utilização de espaços alternativos.

Registra também que a concepção mais flexível dos tempos escolares, no Projeto Escola Plural, contribuiu para um menor desgaste docente, embora exista certo desconforto entre os professores com o ritmo lento dos alunos. A organização das cargas de trabalho mostram poucas margens para a elaboração de estratégias coletivas entre os trabalhadores.

Em relação às observações acerca das oito professoras das escolas A e B, afirma que todas as professoras assumem comportamentos de hipersolicitação e de autopreservação da voz, a predominância do tipo de comportamento guarda relação com suas características individuais, mas também é determinada pelas características da escola e dos alunos. Assim,

sua análise considera três condicionantes, sócio-individuais do uso da voz, organização dos espaços e tempos na escola e a autonomia docente.

Ressalta o importante papel da qualidade vocal no trabalho docente e as dificuldades oriundas de um quadro de disfonia sobre a qualidade do ensino. Os professores entrevistados apresentaram dificuldade em identificar os problemas de voz relacionados ao trabalho e justificativas para não solicitar ajuda médica, que incluem receio da gravidade do problema e dificuldade do tratamento proposto. Relata negligência aos primeiros sintomas e uma escalada de sofrimento pela falta de espaço para expressão e reconhecimento do problema, o que acarreta uma postura de distância em relação à própria saúde, a uma postura preventiva sobre suas condições de trabalho e ao reconhecimento dos agentes patogênicos.

Critica os cursos de higiene vocal e de impostação vocal para professores por contribuírem para a culpabilização dos sujeitos e perda da espontaneidade para a utilização da voz de maneira criativa. Os resultados da pesquisa sugerem outros determinantes do uso da voz, como o afeto e a cultura do professor.

Identifica uma cultura arraigada na profissão docente, segundo a qual o bom professor é aquele que “explica” e “dá muito conteúdo” uma imagem do professor que explica o objeto que conhece, o professor “professoral”, para qual a voz é um meio fundamental para o trabalho docente. O Projeto Escola Plural representa a contrapartida ao imperativo cultural do professor “professoral”, por prever o comportamento do professor como facilitador, colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem e secundarizar os conteúdos curriculares, em função dos eixos transversais que visam a formação para a cidadania.

Apesar da abordagem centrada no aluno e na sua participação, a crítica ao projeto refere-se à dificuldade em implementar meios para a viabilização da proposta e, ainda, à resistência dos professores em assumir novas condutas, o que implica a perda de uma identidade conquistada em sua história profissional.

O outro determinante sobre o uso da voz, além da cultura, é a questão do afeto no trabalho docente. Entre as entrevistas realizadas com os oito professores, o autor relata os depoimentos sobre uma boa relação professor-aluno, baseada na identificação, numa vinculação afetiva saudável que possibilita uma melhor comunicação. Ou ainda a associação dos gritos com a forma como os sujeitos lidam com os momentos de tensão em sala de aula e o distanciamento afetivo, como mecanismo de evitar o confronto e conflito.

Em relação à organização dos espaços e tempos da escola no uso da voz, afirma que a organização escolar define-se pelas diretrizes legais e pelas condições materiais de trabalho. Compreende as condições ambientais físicas e materiais, bem como as prescrições de ritmos e modos operatórios. Dentre as condições ambientais das escolas destaca o efeito do ruído externo e interno.

Argumenta que a proposta da Escola Plural reforça a idéia de um maior dinamismo dos espaços escolares, por intermédio de sua flexibilização e da utilização dos espaços exteriores à sala de aula como espaços formativos. O que atuaria favoravelmente na melhor participação discente e na prevenção da hipersolicitação vocal docente. Entretanto, para a viabilização desta proposta há necessidade de infra-estrutura e recursos materiais presentes

na escola que contribuiriam na conformação dos espaços e tempos na escola. (p.152).

Nas escolas observadas, entretanto, o ensino é centrado no trabalho do professor em sala de aula e a utilização de outros espaços de aprendizagem é pouco explorada. Dentre os motivos destaca o limite físico para a utilização de espaços alternativos.

A utilização de recursos pedagógicos depende do conteúdo da matéria, a disponibilidade do recurso e das preferências do professor.

Outra questão que merece reflexão do autor, sobre a proposta da Escola Plural, refere-se à ação mais orgânica do corpo docente, tendo como objetivo o pleno desenvolvimento do educando, por meio do trabalho coletivo e quebra da divisão por áreas. Registra a existência de movimentos no sentido de organizar o trabalho docente de forma mais coletiva, mas a prevalência é o trabalho isolado de cada professor, grandes disparidades de método e nenhuma estratégia coletiva de enfrentamento dos riscos de disfonia. Nem seria possível numa estrutura em que cada professor é responsável por uma turma em cada horário.

Em relação às estratégias de autopreservação da saúde vocal e estratégias de ensino, discute alguns comportamentos, como o grito, a competição vocal, a distorção da voz, a adoção da higiene vocal, a explicitação da voz como meio de trabalho e o planejamento das aulas.

IQUEDA, Adriana Pereira Defina. **Auto-percepção de voz e interferências de problemas vocais: um estudo com professores da rede municipal de Ribeirão Preto/SP.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Medicina. FMRP da USP. Ribeirão Preto, 2006.

LINHA DE PESQUISA: MEDICINA – SAÚDE SOCIAL

PALAVRAS-CHAVE: VOZ, PROFESSOR, TRABALHO, SAÚDE

AUTORA DA RESENHA: ROSEANA COSTA LEITE

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Disfonia em profissionais, distúrbio da voz relacionado ao trabalho, qualquer alteração vocal relacionada à atividade profissional, que comprometa ou impeça a atuação.

Fatores ambientais e organizacionais podem atuar como atores principais ou coadjuvantes ao desenvolvimento da doença, que pode ocasionar incapacidade temporária ou permanente. Pode haver lesões nas pregas vocais devido ao uso vocal.

Atenção à saúde vocal do professor, que deveria se iniciar durante a formação profissional

Prejuízo com o absenteísmo dos professores às salas de aulas, que em 2004 ultrapassou duzentos milhões de reais

Direito do professor de ter reconhecido o distúrbio vocal como doença ocupacional

A dissertação parte de uma longa Introdução, em que são abordados onze subtemas, que discutem, em linhas gerais, qualidade de vida, as conferências internacionais sobre a promoção da saúde, voz, distúrbio da voz relacionado ao trabalho, ambiente de trabalho, direitos dos profissionais da voz, fonoaudiologia e voz do trabalhador. A este item são dedicados cerca de 80 das 149 páginas da dissertação, descontados os anexos.

Os objetivos são descritos em duas páginas e a metodologia ocupa seis páginas. Os dados são descritos em 14 páginas e sua análise apresentada em 22 páginas. Duas páginas para as conclusões e 22 para a bibliografia, além das seis para os anexos, completam o trabalho.

O trabalho inicia com a discussão sobre o conceito *qualidade de vida*, no primeiro item da Introdução. Menciona a subjetividade da noção a partir das referências histórica, cultural e social, para considerar o conceito subjetivo, com dinâmica própria, que depende dos valores individuais e envolve muitas variáveis.

Para a autora, a utilização do conceito prende-se à necessidade de comparar resultados e cada estudo deve distinguir a natureza da medida e o tipo de questionário de acordo com os objetivos do estudo. Acrescenta ainda que o modelo dependerá do tipo de estudo, da população e das propriedades psicométricas do instrumento.

A partir de Linde (1996), aponta duas formas de mensurar QV, por meio de instrumentos genéricos que incluem avaliação do perfil de saúde e de instrumentos específicos da doença. Destaca que a incorporação dos valores do paciente e suas preferências na medição da QV é o que a diferencia de

outras medidas de saúde. E ainda a importância de pesquisas para a construção de um modelo conceitual que fundamente o constructo de qualidade de vida na saúde, ao invés de questões de mensuração.

Em seguida, a autora apresenta a discussão sobre o conceito de *qualidade de vida no trabalho*, no segundo item da Introdução – QVT. Utiliza Lacaz (2000) para localizar a emergência da temática, a partir da década de 70, época que marca o esgotamento do modelo taylorista-fordista de organização do trabalho e momento de maior mobilização dos trabalhadores europeus na busca de seus direitos.

Relaciona os temas ligados à definição do conceito de QVT, motivação, satisfação, saúde, segurança no trabalho e, mais recentemente devido ao Programa Internacional – PIACT-, de 1976, envolve também discussões sobre as formas de organização do trabalho e novas tecnologias, na perspectiva da humanização do trabalho e os trabalhadores entendidos como sujeitos em busca do desenvolvimento e (sic) aprofundamento de suas potencialidades.

A autora cita Lacaz (2000), ainda, para identificar duas matrizes diferentes na construção do conceito de QVT. Por um lado, as mudanças na organização do processo de trabalho provocadas pelo movimento por qualidade do trabalho e/ou democracia industrial ocorridas nos países escandinavos, a partir de 1970. Por outro lado, uma vertente individualista que incentiva hábitos de vida saudável, trata de questões práticas e pouco se preocupa com as condições e organização do trabalho.

A última perspectiva ignora as relações e organização do trabalho enquanto categoria central para explicar os principais problemas de saúde dos trabalhadores.

Afirma a tentativa, na construção do conceito, de somar interesses contraditórios, presentes nos ambientes e condições trabalho, que não se resumem aos do capital e do trabalho, mas incluem os relativos ao mundo subjetivo, tais como desejos, sentimentos, valores, crenças, ideologia, etc. E menciona, ainda apoiada em Lacaz (2000), a crítica de Ciborra e Lanzarra (1985) ao termo, propondo sua substituição pelo conceito de qualidade do trabalho, mais adequada (sic) *por incluir todas as características de uma certa atividade humana*.

Reconhece que as políticas empresariais de programas de saúde envolvem mecanismos de controle da percepção e subjetividade que visam adaptar os trabalhadores às normas e metas da empresa e que a QVT não se constitui em bandeira de luta dos trabalhadores brasileiros.

Retoma Lacaz (2000) para relacionar ambiente e condições de trabalho à qualidade do trabalho e condições contrárias à saúde à morbi-mortalidade dos trabalhadores. Defende a necessidade da ação participativa dos trabalhadores sobre as questões que envolvem o processo do trabalho, não somente da elite pensante, mas *que haja a integralidade entre as diferentes (sic) castas de trabalhadores*. Defende, ainda, a *conquista de um replanejamento do trabalho em que a gestão participativa seja real, com verdadeiros canais coletivos de negociação – capital-trabalho, visando à resolução dos conflitos/contradições de interesses*.

O próximo item presente na Introdução da dissertação discute, a partir de Buss (2000), *qualidade de vida e promoção da saúde*, que relaciona a um amplo espectro de fatores tais como alimentação e nutrição, habitação e saneamento, boas condições de trabalho, educação, ambiente limpo, apoio social, estilo de vida responsável, atenção à saúde. As ações da saúde

referem-se, portanto, ao coletivo dos indivíduos e ao meio ambiente físico, social, político, econômico e cultural. Refere-se a *um enfoque político e técnico em torno do processo saúde-doença-cuidado*, concepção ampla que envolve os *saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados*.

O quarto item abordado na Introdução refere-se às *conferências internacionais sobre promoção de saúde*. São relacionadas:

1. A primeira Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, em Alma-Ata (URSS), em 1978, que reafirma a saúde com direito humano fundamental e destaca a atenção primária à saúde;
2. A primeira conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em Ottawa, 1986, que define promoção de saúde como *o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo*. Propõe como condições para a saúde, entendida enquanto recursos fundamental para a vida cotidiana, paz, educação, habitação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade;
3. Segunda Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Adelaide (Austrália), 1988, teve como tema central as políticas públicas saudáveis e a política econômica e seu impacto no sistema de saúde.
4. Terceira Conferência Mundial sobre Promoção da Saúde, em 1991, em Sundsvall (Suécia) teve como tema central a interdependência entre saúde e ambiente nos diversos aspectos. O documento promulgado cita como ambientes favoráveis a educação, alimentação, moradia e vizinhança, apoio e atenção social, trabalho e transporte;
5. Declaração de Jacarta, Quarta Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em 1987, atualiza a importância da ação comunitária;
6. Carta de Bogotá, 1992, Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde na América Latina. O documento reconhece a mútua determinação entre saúde e desenvolvimento e estabelece alguns princípios na criação de condições que garantam o bem-estar geral como propósito do desenvolvimento: superação das desigualdades, novas alternativas na saúde pública, democracia política e social e equidade. Aponta estratégias e também compromissos na promoção da saúde na América Latina.

Na seqüência da mesma Introdução, o trabalho passa para um quinto item denominado Cidades e escolas promotoras da saúde. Localiza o movimento cidades saudáveis, iniciado pela OMS e OPAS, a partir dos princípios da Carta de Ottawa, enquanto necessidade de uma efetiva comunhão de valores entre administração municipal e sociedade na disposição de melhorar a qualidade de vida. E o movimento escolas saudáveis, proposta da OMS que se consolida na Europa e difunde-se na América Latina, pela formação da Rede Latinoamericana de Escolas Promotoras da saúde, a partir da década de 90. Enfoca os fatores que influenciam a auto-estima, habilidades comunicativas e a qualidade de vida e saúde dos estudantes, professores, funcionários, familiares e comunidade. Segundo Pentecost (2002), escolas saudáveis permitem a vivência em ambientes saudáveis,

empáticos e solidários que favoreçam experiências novas e positivas, bem como sentimentos de felicidade.

Como sexto item da Introdução, aparece a *Voz*, definida como resultado da somatória de fatores orgânicos, emocionais e sociais. É realizada uma descrição anatômica da laringe, das pregas vocais e da proporção glótica, além de mencionar a influência do ácido hialurônico, moléculas que dão resistência às forças de compressão das camadas das pregas vocais e podem explicar a maior incidência de lesões em mulheres, por apresentarem menor quantidade do ácido.

Aborda ainda os parâmetros, na fonoaudiologia, da boa voz, como emissão sem esforço, harmônica, com frequência e intensidade adequada ao sexo e idade. E, também, o conceito de vozes preferidas, que associa parâmetros respiratórios, vocais, articulatórios, psicodinâmicos e comportamentais de acordo com a profissão. Isto permite identificar os professores em dois grupos de vozes preferidas, a do professor infantil, com modulação excessiva, intensidade forte, projeção vocal, qualidade agudizada com tendência à tensão, cujo resultado é uma voz com psicodinâmica, que transmite segurança, afetividade, alegria. O segundo grupo, dos professores do ensino fundamental e médio, caracterizam-se pela voz forte, frequência média, articulação precisa, velocidade de fala, boa projeção vocal e ressonância laringo-faríngea, que transmite uma psicodinâmica de confiança, autoridade e sabedoria. Define como disфонia qualquer dificuldade ou incapacidade na emissão da voz.

O professor e o distúrbio da voz relacionado ao trabalho é o próximo item da Introdução desta dissertação. Nele discute o conceito de voz profissional, forma de comunicação oral utilizada por indivíduos que dela dependem para exercer sua atividade ocupacional, e distúrbio da voz, como alteração vocal durante atividade profissional. Menciona Guimarães (2004), que adota o termo disфонia laboral, resultado da utilização demasiada do sistema músculo-esquelético e que pode resultar em esforço vocal repetitivo.

Se o risco ocupacional relaciona-se com a ocupação/profissão na estrutura social (Lucca, 1994), o ensino representa a atividade profissional de maior risco vocal e o professor o profissional da disфонia, e não da voz (Behlau et al., 2005). Segue-se, na discussão, a citação de pesquisas que comprovam alteração e fadiga vocal e laríngea entre os professores de diferentes níveis de ensino e sexo, além de relacionar este problema de saúde com as ausências do trabalho dos professores, com os devidos efeitos econômicos.

Destaca ainda pesquisas que relacionam problemas vocais docentes com carga horária semanal e número de alunos por classe, além da prevalência de problemas vocais entre mulheres. Cita estudo que relaciona os sintomas vocais: rouquidão, cansaço vocal, qualidade vocal, dificuldade em falar, cantar, dificuldade de projeção vocal, perda da tessitura, desconforto, esforço vocal, gosto amargo. Os professores apresentam também limitação em seu empenho profissional, redução das atividades e interações sociais e perda de dia de trabalho. Entre os fatores de risco são apontados: ser mulher, entre 40-59 anos, 16 anos ou mais de profissão, histórico familiar de problemas vocais. Outros autores, Kooijman et al. (2006) encontraram entre os fatores de risco as alterações orgânicas e psico-emocionais.

Relata a pesquisa de Souza e Pereira (1998; 2000), com 966 professores da rede municipal de São Paulo, cujo perfil indica 36,9 h semanais média de horas/aula e uma média de 12,34 anos de tempo de serviço na profissão. O grau de conhecimento sobre cuidados vocais é baixo e os sintomas referidos

foram: irritação na garganta, disfonia, cansaço, pigarro, voz fraca e perda de voz. O estudo conclui que a somatória do uso abusivo da voz, com esforço vocal contínuo, associados com desconhecimento de técnicas de higiene vocal, podem resultar em quadro de disfonia. Defendem, portanto, a incorporação de disciplinas sobre saúde vocal nos cursos de magistério e pedagogia e adoção de medidas de prevenção aos professores.

Outras pesquisas nacionais e internacionais são citadas, descrevendo sinais e sintomas de alteração vocal entre professores e autora mesma reconhece o caráter similar dos estudos. Entre os sintomas reclamados estão fadiga vocal, garganta ressecada, ardor, dor, tosse, rouquidão, voz mais grave, tensão na musculatura do pescoço, postura corporal inadequada, padrão respiratório inadequado (Roy et al., 2004; Ferro; Navarrete; Rocha, 2000; Silva; Motta; Teixeira, 2000; Tenor; Cyrino; Garcia, 1999; Souza; Ferreira, 1998). Em relação à laringe foram observados nódulos, disfonia hiperfuncional, laringite crônica, pólipos, disfonia hipofuncional e *suffusion* submucosa.

Defende a proposta de Giannini (2003) e de Manzoni (2005), para quem o distúrbio da voz seja interpretado como sofrimento, numa perspectiva que considera a dimensão subjetiva.

O oitavo item da Introdução, Saúde geral, voz, higiene e ambiente de trabalho, ocupa quinze páginas, da página 49 a 64, um dos mais extensos e vai discorrer sobre os fatores relacionados ao trabalho dos professores, que predispõem ao distúrbio da voz, a saber: a adaptação profissional, condições de trabalho, espaço físico, higiene do ambiente, número de alunos, condição acústica da sala, violência, pouco tempo para o preparo das aulas, estresse gerado pela má remuneração (MENDES; WALKER; SERVILHA, 2005; BERHLAU et al., 2003; FERREIRA et al., 2003; APRECIADO; TAPIA; INFANTE, 1998)

Relaciona alguns estudos que observaram fatores associados que prejudicam a integridade física, emocional e social dos professores, como Silvano-Neto et al. (1998); Delcor et al. (2004); Tenor (1998); Zzagury (2006); Brener e Bartell (1984); Bencini, 2005); Bauk (1985); Soares-Júnior et al., (1994). Segundo Delcor et al. (2004), as queixas dos professores relacionadas à saúde foram dor nos braços/ombros, dor nas costas, nas pernas, na garganta, rinite, tosse, problemas digestivos, azia. Tenor (1998) identifica posturas inadequadas de cabeça e ombros e tensão musculoesquelética nas regiões da face, boca, lábios e mandíbula.

Pereira e Ferreira (2005) avaliaram sintomas físicos e psicológicos de estresse em professoras com alteração vocal e destacam o cansaço constante, problemas com a memória, mudança de apetite, sensibilidade emotiva e irritabilidade. Soares-Junior et al. (1994) mencionam a fadiga, disfonia, cefaléia, alergias e gripes, depressão e nervosismo, anemia, varizes, doenças infecciosas, entre outras. Boa parte destes estudos relaciona problemas de saúde e condições e ambiente de trabalho.

Menciona também o estudo do DIEESE e APEOESP com professores paulistas, sobre os principais problemas profissionais (superlotação de salas, falta de material didático, excesso de trabalho, violência nas escolas) e como isso afeta a saúde (nervosismo e cansaço, stress, cordas vocais, tendinite).

A autora faz uma longa citação bibliográfica de autores que defendem programas de prevenção vocal durante a formação dos futuros professores e Muccillo (1987), para quem devem ser incluídas nos conteúdos básicos

escolares noções sobre segurança e medicina no trabalho, a fim de que o homem possa reconhecer-se como agente de seu ambiente e do desenvolvimento da sociedade em benefício da coletividade.

Lembra, ainda, sobre o importante impacto social, econômico, profissional e pessoal representado pelas enfermidades vocais dos professores, que causam prejuízos superiores a duzentos milhões de reais ao ano, em nosso país (CONSENSO, 2004).

Apresenta estudo que relaciona alteração vocal ao prejuízo na aprendizagem (ROGERSON e DODD, 2005).

O nono item da Introdução, *Voz e qualidade de vida*, cita vários autores que concluíram em suas pesquisas a influência significativa da disfonia em determinados aspectos da vida, tais como questões emocionais, a vida social, o trabalho e a comunicação (MURRY; ROSEN, 2000; HOGIKYAN e ROSEN, 2000; KRISCHKE et al., 2005). Cita Grillo e Penteado (2004; 2005), que *concluíram que o impacto da voz sobre a qualidade de vida e trabalho é ainda pouco percebida pelos professores*. Menciona, ainda, um estudo de Penteado (2003) que observa a influência de questões extra-voz no mal-estar geral do indivíduo e reforçado quadro de disfonia. Além dos aspectos mais conhecidos, ambiente, salário, desgaste, entre outros, o estudo sugere o conflito, entre uma postura autoritária/agressiva e outra paternalista/maternalista, estabelecido na relação professor-aluno.

Continua o elenco de estudos que comprovam a influência entre alteração vocal e qualidade de vida.

No décimo item da Introdução, *Os direitos dos profissionais da voz*, a autora menciona Gomes e Bedrikow (1987) para observar que o descaso com a saúde vocal do professor contraria as normas internacionais de promoção à saúde, propostas pela OMS e pela OIT e reforçadas pelo PIACT – Programa Internacional para Melhora das Condições e Meio Ambiente do Trabalho. Penteado e Pereira (1999) sugerem a revisão na atual legislação de saúde ao trabalhador a fim de amparar os professores em relação à disfonia.

Refere-se, a partir de Ferreira (2000), ao VII Seminário de Voz, ocorrido na PUC-SP, em 1997, em se reconhece a disfonia como doença ocupacional, causada por multifatores, de caráter epidemiológico, que requer providências de caráter preventivo e previdenciário, Foi criado um documento e encaminhado ao Ministério de Saúde, propondo a inclusão do distúrbio da voz no Manual de Doença relacionadas ao Trabalho e ao Setor de Benefícios do INSS.

Cita Monteiro (2005), Promotor da Justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo, na área de Previdência a Acidentes do Trabalho, para quem as pesquisas acadêmicas, principalmente, da fonoaudiologia mostraram a importância do assunto, mas somente quando as empresas perceberam o prejuízo a questão da voz passa a ser entendida como problema ocupacional, o que permitiria a orientação e preparação do trabalho dos profissionais envolvidos no diagnóstico e a definição das situações que ensejam a concessão.

A autora relaciona a legislação brasileira a respeito dos cuidados vocais dos professores, de algumas cidades paulistas e alguns estados brasileiros. A mais antiga, 1998, de Diadema, inclui o Programa de Saúde Vocal, no planejamento escolar das escolas municipais; as mais recentes, de 2005, vêm do Paraná e Amazonas, na criação do Programa de Saúde Vocal, no Estado.

O décimo primeiro item da Introdução, *A fonoaudiologia e a preocupação com a voz do trabalhador*, mostra o trabalho histórico da fonoaudiologia no diagnóstico da disfonia, na caracterização da doença para os profissionais da voz, tanto na perspectiva do controle epidemiológico dos disfônicos, quanto para o recebimento do benefício. Lembra os estudos e pesquisas já realizados e os eventos para socialização das experiências e organização de ações conjuntas.

Objeto de análise

Na segunda parte da dissertação são apresentados os objetivos gerais do trabalho – observar a influência do problema vocal nos aspectos profissional, pessoal e emocional dos professores da rede pública municipal de Ribeirão Preto – e os objetivos específicos: conhecer a auto-percepção do paciente quanto ao problema; conhecer os efeitos da alteração vocal no trabalho, na comunicação diária e social e na manifestação da emoção; conhecer as limitações em atividades (PLA); conhecer a restrição à participação (PRP); conhecer a prevalência de queixa de disfonia entre os professores.

Metodologia utilizada

Na terceira parte da dissertação são apresentados os procedimentos metodológicos. A seleção da amostra, professores atuantes da rede pública municipal de Ribeirão Preto, ambos os sexos, do ensino infantil, fundamental e médio. Foi realizada uma seleção de escolas pelo maior número de professores. Foram visitadas cinco instituições: 1CEI, 3 CEMEI (ensino infantil, fundamental e médio) e 1 EMEFEM (ensino fundamental e médio), onde foram entregues à direção questionários. Em algumas o pesquisador aguardou à devolução das respostas dos professores e em outras a devolução foi à posteriori. Os questionários em questão referem-se à caracterização da amostra de professores e o protocolo VAPP. O número de docentes participantes, 114, representa 10% dos 1132 professores municipais.

Além dos professores, foi formado um grupo de comparação composto por voluntários escolhidos ao acaso, obrigatoriamente não-professores, ambos os sexos, ensino fundamental completo, entre 20 a 65 anos, que responderam questionário ligeiramente diferente protocolo idêntico. Nos dois grupos foram excluídos apenas os que não responderam adequadamente aos instrumentos utilizados.

O Protocolo VAPP apresenta 28 questões divididas em cinco aspectos e o período de coleta de dados foi de aproximadamente dois meses, a partir do início do ano letivo de 2006. Foram verificados também os Comunicados de Acidentes de Trabalho emitidas pelo CEREST, num total de 1840, referentes ao ano de 2005, a fim de conhecer a quantidade de professores com queixa vocal e as condutas realizadas.

Na coleta de dados os instrumentos auto-aplicáveis foram respondidos pelos entrevistados sem auxílio do pesquisador. A pesquisa de campo foi avaliada pela Comissão de Ética da FMRP/USP e os resultados encaminhados às escolas e SME e SMS. A autora descreve, ainda, como foram realizadas as tabulações, análises, comparação de escores e de categoria de variáveis.

Participaram da amostra 118 professores, da rede municipal de Ribeirão Preto, de ambos os sexos, do ensino infantil, fundamental e médio e 96 sujeitos não-professores (controle). Responderam o protocolo Vapp – *Voice*

Activity and Participation Profile – e o questionário de caracterização da amostra.

Referencial teórico

Protocolo Vapp – *Voice Activity and Participation Profile* – Programa Internacional para o Melhoramento das condições e dos ambientes de trabalho – PIACT - 1976
Qualidade de vida SEGRE; FERRAZ, 1997; FARQUAR, 1995; MINAYO, HARTZ E BUSS, 2000; SPILKER, 1990; ROCHA ET AL., 2000; SPITZER, 1987; SAWADA, 2002; Qualidade de vida no trabalho: TUDOR, 1985; LACAZ, 2000; Pinheiro, 2006
Cidades e escolas saudáveis: PENTEADO, (2002); PEREIRA (1999)
Voz: CONSENSO (2004); BEHLAU; AZEVEDO e MADAZIO (2001); CARIOLA e BEHLAU (2001);

Resultados da pesquisa

Na quarta parte da dissertação os dados são apresentados em treze tabelas, sem qualquer observação ou análise.

Na quinta parte, propõe realizar a análise dos dados. A autora, baseada nos valores encontrados, constata a prevalência de queixa de disfonia entre os professores municipais de Ribeirão Preto, 93%. Apesar dos valores encontrados, 67, 79% dos entrevistados referiram-se à ausência de atenção à saúde vocal do professor no município e 20% afirmam não saber se há ou não. A autora lança uma série de indagações a respeito de quem seria a falha, por que o professor não recebe os devidos cuidados ou qual a origem da disfonia? Perguntas que diz fugirem ao âmbito do estudo.

Em relação à verificação das CATs emitidas, em 2005, pelo CEREST, afirma não ter encontrado nenhuma CAT emitida a professor, das 1840 verificadas.

Em relação aos sinais e sintomas de comprometimento vocal encontrados entre os professores de Ribeirão Preto assemelham-se aos relatados na literatura especializada: dor no ombro ou pescoço, garganta seca, infecção nas vias respiratórias, esforço para falar, cansaço, ardor na garganta ou estômago, rinite, entre outros.

A autora ainda elenca numa tabela as sugestões dos professores acerca dos cuidados com a voz que gostariam que existisse na rede municipal: maior respeito, salas de aula e escolas menores e menos alunos, melhorar a condição acústica devido ao barulho, reduzir carga horária, banir o uso do giz, melhores condições de trabalho e outras. E depois apresenta as medianas dos escores que revelam a interferência do problema vocal nos grupos pesquisados e a comparação das mesmas. As mulheres, professoras e não-professoras, referiram maior interferência de problemas vocais em todos os aspectos pesquisados.

A autora conclui que os professores municipais de Ribeirão Preto apresentam baixa mediana para percepção de problemas vocais e interferência destes problemas no trabalho, na comunicação diária, social e na manifestação de emoções.

Constata ainda, na análise de dados, um elevado número de disfonia e queixas de sinais e sintomas, mas baixa interferência em vários aspectos da qualidade de vida. Sugere que uma próxima pesquisa forme quatro grupos, professores e não-professores, disfônicos e não-disfônicos, para tentar esclarecer se a baixa interferência na qualidade de vida deve-se à falta de

percepção, à adaptação aos desconfortos sofridos ou se a maioria dos pesquisados eram não-disfônicos.

Os resultados mostraram prevalência, 93% de queixa, de disfonia entre os professores da rede pública municipal de Ribeirão Preto e baixos escores de auto-percepção quanto à severidade do problema vocal e de sua influência na comunicação diária, social e das emoções.

JARDIM, Renata. **Voz, trabalho docente e qualidade de vida.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

ORIENTADORAS: PROFA. DRA. SANDHI MARIA BARRETO E A CO-ORIENTADORA, PROFA. DRA. ADA ÁVILA ASSUNÇÃO

FORMAÇÃO DA AUTORA: FONOAUDIOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: SAÚDE E TRABALHO, TRABALHO DOCENTE E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO, DISFONIA EM DOCENTES, VOZ E QUALIDADE DE VIDA.

LINHA DA PESQUISA: SAÚDE PÚBLICA, SAÚDE E TRABALHO, SAÚDE OCUPACIONAL, DISTÚRBO DE VOZ, CONDIÇÕES DE TRABALHO, ESCOLA E RECURSOS HUMANOS

AUTORA DA RESENHA: ROSEANA COSTA LEITE

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O estudo das relações entre o processo de trabalho docente, as reais condições em que se desenvolve e o adoecimento vocal dos professores. A dissertação focaliza as relações entre qualidade de vida e voz e tenta compreender a percepção da qualidade de vida relacionada à voz (QVRV) entre professoras municipais do ensino fundamental de Belo Horizonte.

A pesquisa apresenta os resultados de uma revisão bibliográfica sobre os diversos conceitos de disfonia e os estudos sobre prevalência vocal em docentes. "Os resultados encontrados demonstram a importância de padronizar conceitos e critérios diagnósticos para fazer avançar as pesquisas na área" (p.12).

Organizada em dois capítulos, a dissertação apresenta os resultados de um estudo bibliográfico, *Disfonia: definição de caso e prevalência em professores*, e da pesquisa de campo sobre inquérito epidemiológico realizado em professoras de Belo Horizonte, nos anos de 2004 a 2005.

"O inquérito utilizou um questionário, auto-aplicado, sem identificação, com a finalidade de descrever as condições em que o trabalho docente se desenvolve e investigar sua associação com a pior percepção da QVRV, em suas múltiplas dimensões. Para avaliar a QVRV, utilizou-se um questionário internacional padronizado". (p.12).

A autora considera que o impacto da disfonia na vida dos indivíduos compreende aspectos objetivos e subjetivos e a auto-percepção desta influência não reflete a gravidade do problema.

Para a realização da pesquisa parte do conceito de disfonia como "qualquer alteração da voz decorrente de um distúrbio funcional e/ou orgânico do trato vocal, podendo expressar-se por vários sintomas: cansaço ao falar, rouquidão, pigarro, tosse persistente, aperto ou peso na garganta, falhas na voz, falta de ar para falar, afonia, ardência ou queimação na garganta". Além de sintomas relacionados à voz, o professor disfônico apresenta limitações no desenvolvimento de seu trabalho, entre as quais são citadas: redução de atividades ou interações sociais e perda de dias de trabalho; problemas emocionais e psíquicos; interferência negativa no desempenho de seu trabalho, expresso por dificuldade na aprendizagem dos alunos; necessidade de poupar a voz na sala de aula; prejuízos sociais, econômicos, profissionais e pessoais; dificuldade de relacionamentos com os pares; não aceitação do absenteísmo relacionado à disfonia como problema de saúde por parte dos gestores da educação e dos profissionais da saúde.

A autora utiliza, ainda, o conceito da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (2003), segundo o qual "a qualidade de vida lida com o que as pessoas 'sentem' sobre sua condição de saúde ou suas conseqüências, sendo, portanto, um construto de "bem-estar-subjetivo" (p.37).

Objeto de análise

A autora investiga a qualidade de vida relacionada à voz (QVRV) em professoras da rede municipal de ensino de Belo Horizonte (RMEBH) e os fatores associados à pior percepção da QVRV.

A disfonia é apresentada como um problema freqüente entre os professores por diversos estudos, que utilizam, entretanto, diferentes conceitos e métodos, o que dificulta conhecer e comparar a prevalência de distúrbios vocais em grupos populacionais e profissionais. Destaca a importância de "padronizar um conceito amplo o suficiente para incluir e discernir tanto as fases mais precoces (disfonia funcional) quanto aquelas mais crônicas (disfonia orgânica)" (p.9).

O trabalho responde à demanda apresentada, pelo Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação (SIND-UTE), à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e, além desta demanda social, o estudo é parte de uma pesquisa mais ampla denominada *Gestão escolar e trabalho docente: as reformas educacionais em curso nas redes públicas de ensino de Minas Gerais* (FaE/UFMG-CNPq).

Parte do pressuposto de que as reformas educacionais em curso, a partir de 1990, no Brasil e América Latina, provocaram repercussões no trabalho docente. "O modelo de gestão adotado objetivava expandir a educação básica, porém sem recursos para tal, sobrecarregou os professores" (p.9). Seja pela exigência de práticas e saberes antes desnecessários ao exercício de suas funções, seja pela responsabilidade que devem assumir pelo sucesso da reforma.

Assim, o docente deve responder, além da viabilização do processo de construção do conhecimento do trabalho do aluno, pela desestruturação familiar dos discentes, à violência e à má preservação e escassez de recursos materiais, entre outras questões.

A intensificação do trabalho pode ser observada ainda no modelo adotado em Belo Horizonte, a Escola Plural, em que os professores, além de ensinar, educar, disciplinar os alunos, assumem outras atividades tais como o preenchimento de fichas, reuniões com pais, pares e superiores.

Refere-se também às precárias condições de trabalho observadas pela falta de material básico, ruído elevado devido ao grande número de alunos por sala, salas ao redor do pátio ou quadra, proximidade da escola a locais barulhentos como avenidas e estradas, ritmo acelerado de trabalho, exposição ao pó de giz, má distribuição de bebedouros e extensão do trabalho no espaço e tempo extra-escolar.

Conclui que as novas formas de organizar e conceber a atividade docente, aliada às condições de trabalho existentes, explicam os efeitos sobre a saúde dos professores relatados pela literatura especializada. "A combinação do uso prolongado da voz com fatores adicionais como o ruído de fundo, a acústica ambiental inadequada e a má qualidade do ar afetam a freqüência fundamental, o tipo e a intensidade da fonação ou as características vibratórias das pregas vocais, determinando uma intensa carga vocal ao docente" (p.11).

Observa a necessidade de mais estudos sobre as relações entre distúrbios vocais e trabalho docente, com o fim de elaborar medidas preventivas, já que inúmeros fatores determinam as disfonias, o que dificulta a identificação de relações causais. (Parece estranha esta observação tendo em vista as observações já relatadas acerca da associação com a concepção e condições de trabalho docente).

A autora evidencia que os estudos relacionando disfonia e trabalho docente têm subsidiado a discussão sobre o uso profissional da voz e o direito do trabalhador. "No Brasil, ocorreram reuniões a fim de se estabelecer consensos e medidas preventivas para as disfonias relacionadas ao trabalho" (p.11). Em 2001, a *Primeira Reunião Pró-Consenso Nacional sobre Voz Profissional*; em 2002, o *Segundo Consenso Nacional sobre Voz Profissional*, organizado entre outras entidades pela Sociedade Brasileira de Laringologia e Voz; e, em 2004, o *Fórum de Debates sobre o distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho*, organizado pelo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do estado de São Paulo, e o *Terceiro Consenso Nacional sobre Voz Profissional*, restrito a profissionais médicos.

Metodologia utilizada

A autora realiza uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de disfonia e prevalência de problemas vocais entre docentes. Inquérito transversal para estimar os escores total e dos domínios físico e sócio-emocional do Protocolo de Qualidade de Vida e Voz (Hogikyan & Sethuramn, 1999) e questionário auto-aplicado, com seis subconjuntos de questões. Na segunda parte da pesquisa, foi realizado um estudo transversal, entre 05/2004 e 07/2005, por meio de visitas realizadas nas escolas selecionadas ou no recreio dos professores ou nas reuniões pedagógicas semanais e quando não foi possível esta situação, os questionários foram deixados na escola e retirados depois em amostra aleatória das escolas municipais. Para a representatividade da amostra, objetivou-se a inclusão de, no mínimo, 80% dos professores na ativa em cada escola. Nas escolas onde a taxa de resposta foi inferior a 80%, realizou-se outras visitas para recuperação das perdas. Participaram 2.133 professoras do ensino fundamental diurno do 1º ao 3º ciclos de 83 escolas, com taxa de 80% de resposta. Professores do sexo masculino e educação física não participaram do estudo e a coleta de dados foi feita por questionário auto-aplicado contendo questões sócio-demográficas, de saúde vocal, geral e mental e de ambiente/organização de trabalho. A QVRV foi mensurada pelo Protocolo de Qualidade de Vida e Voz (QVV), um questionário internacional padronizado, abarcando dois domínios: sócio-emocional (SE) e físico (F) (HOGIKYAN & SETHURAMAN, 1999).

A elaboração do questionário sucedeu a etapa exploratória levantou e analisou os dados da literatura e os resultados das entrevistas realizadas junto ao Sindicato dos Professores e à Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica de Belo Horizonte.

O objetivo geral do estudo foi estudar a qualidade de vida relacionada à voz em professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e investigar se condições e fatores do trabalho estão associados à pior percepção da mesma.

Os objetivos específicos envolvem o estudo da variabilidade de definição de disfonia encontrada em compêndios de fonoaudiologia e em periódicos científicos, rever os resultados de estudos epidemiológicos recentes sobre a

prevalência da disfonia em professores, descrever a distribuição dos escores total, físico e sócio-emocional do Protocolo de Qualidade de Vida e Voz em professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, e investigar a associação entre uma pior percepção da qualidade de vida relacionada à voz e o perfil sócio-demográfico, as condições gerais de saúde e fatores relacionados às características do trabalho docente na população estudada. (p.13)

A autora alerta que a falta de uma definição padronizada de alteração vocal nos estudos sobre disfonia docente dificulta a comparação dos resultados obtidos e o desenvolvimento da pesquisa na área. Portanto, constituíram-se objetivos do estudo discutir a necessidade de padronização do conceito de disfonia funcional e as possíveis implicações da falta de padronização no levantamento da disfonia funcional em professores.

A revisão bibliográfica sistemática sobre disfonia em professores envolveu a consulta às bases de dados *Medline, Scielo, Ovid, Pubmed e Lilacs* de artigos publicados a partir de 1990. Foram selecionados quinze artigos de 3.186 citações, tendo como critério a população em estudo (professores), a observação de disfonia e a publicação em várias línguas. Deste quinze, nove definem disfonia tendo como base somente a presença de sintomas vocais, com variações em relação ao tipo, número, frequência e período de referência. Somente três estudos analisaram a prevalência da disfonia baseada na avaliação profissional.

Resultados da pesquisa

A percepção da QVRV foi relativamente alta no grupo estudado e os domínios com pior percepção foram aspectos de saúde, comportamento relacionado ao uso da voz e condições ambientais e organizacionais. Frente à necessidade de buscar os possíveis fatores de risco e de desenvolver práticas preventivas eficazes, o trabalho apresenta recomendações de medidas com vistas à melhoria das condições de trabalho.

Em relação ao estudo bibliográfico realizado, a autora apresenta à pagina 29 o quadro 1, sobre os diferentes conceitos de disfonia, e às páginas 30-31 o quadro 2, apresenta o sumário dos quinze estudos sobre prevalência da disfonia em professores. Doze estudos referem-se a países desenvolvidos e três ao Brasil e o sexo foi mencionado em apenas cinco estudos.

Em relação aos sintomas vocais todos os estudos mencionaram rouquidão e cansaço vocal, outros sintomas citados foram: dor ao falar, esforço para falar, voz fraca e afonia.

Para a autora disfonia é um fenômeno complexo, multideterminado e com diferentes formas de expressão e diagnóstico e expressa uma alteração subjacente nas estruturas ou no funcionamento do trato vocal: respiração, vocalização ou ressonância. As alterações vocais podem ser diagnosticadas pela presença de alterações funcionais e /ou orgânicas na laringe ou por meio de alterações objetivas e subjetivas da qualidade vocal.

Destaca as condições e ambiente do trabalho docente que associados impõem uma carga vocal intensa ao docente.(p.19) E afirma que a definição de disfonia deveria incluir alterações laríngeas observadas em fases mais avançadas, além dos sintomas presentes em fases que precedem as alterações orgânicas e são potencialmente reversíveis.

Conclui que, dada a complexidade do fenômeno da disfonia e as diferentes formas e níveis de severidade, para a padronização de uma definição seria importante considerar diferentes estágios e severidade do problema. Sugere

a realização de um estudo por meio de inquérito aberto para categorizar as queixas de pacientes disfônicos, utilizando a nova Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da OMS (2001), mais adequada e abrangente para classificar as dificuldades dos disfônicos. Ressalta que, embora o sexo feminino parece ser um fator que reforça o problema de disfonia em professores, a questão de gênero não foi mencionada por dez dos quinze artigos estudados. Relaciona a diferença de gênero "ao fato das pregas vocais das mulheres vibrarem mais do que a dos homens, ao tamanho reduzido da laringe, a menor potência vocal e por a frequência fundamental da voz feminina ser muito próxima à das crianças (sol 2 e ré 3 versus si 2 e mi 3), levando à necessidade de aumentar a intensidade da voz para se fazer ouvir, devido ao mascaramento da voz pela professora pela voz das crianças". (p.24). Em relação à pesquisa sobre qualidade de vida relacionada à voz em professoras da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, informa que a média de idade é de 42 anos, 58% casadas ou em união consensual, 94% com curso superior, 45% com pós-graduação, 45% com renda mensal até R\$ 1.600,00, 47% de sedentarismo, 27% fumantes, 24% registraram o uso de medicamentos para depressão ou ansiedade. Com relação à carga de trabalho, 60% tinham tempo de docência superior a 15 anos, 40% lecionavam em mais de uma escola e em mais de um ciclo, 53% tinha carga horária semanal superior a 22 horas e meia. Em relação à saúde 3% faltou ao trabalho, 75% procurou especialista para voz, 61% sentiam cansaço ao falar, 56% perceberam piora na qualidade da voz, 42% sofriam de processo inflamatório, alérgico ou infeccioso nos últimos 15 dias, 30% foi afastada por problemas vocais e 71% indicam o consumo de água durante as aulas.

Sobre as condições e ambiente de trabalho, informa, ainda, que 51% mencionam ruído elevado na sala de aula, 19% ao ruído elevado fora da escola, 24% consideram a ventilação precária, 13% a iluminação precária e 8% as condições das paredes. Sobre sua percepção acerca do trabalho docente, 20% relataram pouca margem de autonomia, 11% pequena possibilidade de ser criativa, 36% pouco tempo para preparo das aulas e 44% pouco tempo para a correção de trabalhos. Registra também que as professoras presenciaram episódios de violência envolvendo alunos (71%), pais de alunos (53%), funcionários ou professores (16%) e pessoas externas à escola (49%). Menciona que as professoras consideram ter bom relacionamento no trabalho com alunos (87%), com os colegas (86%), com superiores (80%) e com pais de alunos (74%).

Conclui, ainda, que os escores de QVV, ou seja, a percepção da qualidade de vida relacionada à voz, foram relativamente elevados na população estudada. O componente físico obteve o menor QVRV (qualidade de vida relacionada à voz) e os fatores associados com a pior percepção de QVRV nos domínios físico e sócio-emocional foram: piora na qualidade da voz, cansaço vocal, afastamento da carreira, consumo de água durante as aulas, menor autonomia/criatividade no trabalho e relacionamento ruim com os alunos. A presença de transtorno mental este associada à pior percepção da QVRV no domínio SE e ruído elevado com a pior percepção da QVRV no componente F.

Considera vantagens do estudo transversal a rapidez, o baixo custo, a possibilidade de descrever características da população representada e explorar possíveis associações entre as variáveis dependentes e independentes.

E afirma, em conclusão, que “as associações entre a pior percepção da qualidade de vida relacionada à voz e os aspectos comportamentais e de saúde das professoras, do ambiente e da organização do trabalho e de relacionamento com os alunos, mostram a necessidade de deslocar as atuais ações preventivas focalizadas no plano individual para o plano das condições ambientais relacionadas ao desenvolvimento do trabalho docente”.

Considera, ainda, que os resultados sugerem a influência da saúde vocal no desenvolvimento do trabalho docente, a prevalência elevada da disfonia nessa categoria de trabalhadores, além de enfatizar o papel da percepção da qualidade de vida relacionada à voz (QVRV) na compreensão do uso da voz na atividade do professor.

Ao encerrar a dissertação alerta sobre o termo abuso vocal que induz à idéia de que o professor seria o responsável e o causador do seu problema de voz, reafirma os resultados encontrados no estudo que indicam a necessidade de intervenção preventiva na melhoria das condições ambientais do trabalho docente.

Tendo em vista a melhoria das condições de trabalho relacionadas ao uso da voz, sugere como medidas de saúde:

- a) implementação de medidas visando diminuir a hipersolicitação da comunicação oral do professor, tais como a incorporação de instrumentos didáticos que facilitem o desenvolvimento do conteúdo das aulas; a implantação de recursos audiovisuais; a disponibilidade de microfones e a programação de pausas durante o período de aula;
- b) ampliação de espaço de discussão sobre disfonia no trabalho com a promoção de medidas educativas nas escolas e com a divulgação de conhecimentos sobre o problema e as condições de trabalho;
- c) no plano da assistência individual, formação voltada para o conhecimento das estratégias de auto-proteção construídas e implementadas pelos professores e para orientações fonoaudiológicas.

KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishita. **A Qualidade de Vida no Trabalho dos professores de inglês: aplicação dos modelos de análise biopsicossocial e de competência do bem estar organizacional** Dissertação de mestrado. Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

ORIENTADOR: ANA CRISTINA LIMONGI-FRANÇA

LINHA DE PESQUISA: ADMINISTRAÇÃO: QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

FORMAÇÃO DA AUTORA: ADMINISTRAÇÃO

PALAVRAS-CHAVE: ADMINISTRAÇÃO DA QUALIDADE, QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS, CONDIÇÃO DE TRABALHO, PROFESSORES (GESTÃO DA QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO; GESTÃO DE PESSOAS; CONDIÇÕES DE TRABALHO; PROFESSORES DE INGLÊS)

AUTORA DA RESENHA: MARIA HELENA ROCHA ANTUNIASI

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O tema central do trabalho é o desenvolvimento da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) tendo em vista a melhoria das condições de vida, e bem estar dos trabalhadores e conseqüentemente, da produtividade e dos processos de mudança que visam o posicionamento competitivo das empresas no mercado.

Estuda a QVT dos professores de inglês nas escolas livres de idiomas. Mostra a importância do seu estudo considerando que as empresas (escolas livres de idiomas) não dão a devida importância aos conhecimentos de gestão, investindo prioritariamente em *marketing*, o que leva os interessados em aprender o idioma inglês, a se deixar seduzir por promessas nem sempre cumpridas. Em geral, os discursos publicitários das referidas escolas/empresas destacam seus professores como indicador de qualidade.

A autora pondera que as experiências práticas em QVT são realizadas, principalmente, por assistentes sociais e psicólogos, deste modo, pouca ênfase é dada as questões de Gestão. O seu estudo pretende contribuir para preencher esta lacuna.

Parte do pressuposto que a QVT deve ser considerada de forma abrangente incluindo dimensões como humanização do cargo, responsabilidade social e saúde. Ressalta a existência de inúmeros modelos conceituais para a abordagem da QVT, considera que não existe uma abordagem mais adequada que outra, desde que levem em consideração a cultura da organização.

O estudo busca identificar as percepções dos professores de inglês da qualidade de vida no trabalho, utilizando o modelo de competência para a gestão da QVT e a abordagem Biopsicossocial. A argumentação da autora caminha no sentido de uma reflexão sobre a necessidade que as empresas tem de possuir estratégias bem definidas para a gestão de pessoal, pois caso contrario, esta pode sofrer as conseqüências no longo prazo, por decisões e ações tomadas e efetivadas a curto prazo.

Objeto de Análise

O objeto de análise é a percepção da QVT dos professores de inglês utilizando a abordagem BPSO-96 (biopsicossocial) e o modelo de competência para a GQVT (gestão da qualidade de vida no trabalho). A autora busca identificar as variáveis que determinam os critérios de QVT tendo em vista as percepções dos professores em relação aos fatores que estes consideram importantes.

Inicialmente, a autora pensou levantar os dados junto aos professores de uma determinada instituição, mas encontrou resistência por parte da coordenação, tendo em vista as propostas da pesquisa. Assim sendo, abriu mão da idéia de investigar os professores dentro de uma organização em particular e realizou a pesquisa considerando a categoria *professores de inglês* não importando a instituição na qual estivessem vinculados.

Metodologia utilizada

Tendo em vista os objetivos propostos e a escassez de estudos sobre o tema abordado, a autora realizou um estudo que considera exploratório/descritivo. Utilizou-se da pesquisa tipo *survey* com levantamento dos dados através do questionário.

Levantamento de dados foi realizado em duas etapas:

Primeiramente através de dados secundários que incluiu uma ampla revisão bibliográfica em que foram consultadas as pesquisas acadêmicas em QVT entre 2000 e 2005, disponibilizadas *on-line* nas Universidades cujos cursos de Administração, Psicologia e Engenharia de Produção contam com conceito 5, 6 e 7 (mestrado e doutorado) na CAPES.

Em seguida foram levantados os dados primários através da aplicação de um questionário junto aos professores de inglês de cursos livres de idiomas. A autora optou por compor uma amostra não probabilística.

Para a construção das variáveis e conseqüentemente do questionário, foram realizados levantamentos junto aos professores de inglês do ensino fundamental, médio e superior, presentes em um congresso realizado na cidade de Cajamarca, no Peru, totalizando 30 informantes. Para estes foi proposto um exercício cruzando os fatores críticos de sucesso para a GQVT (*gestão em qualidade de vida no trabalho*) e a abordagem BPSO (*biopsicossocial*). A partir dessa atividade, foi definido o conceito de QVT sob os aspectos BPSO-96 considerando-se cinco fatores críticos: biológico, psicológico, social, organizacional e qualidade de vida no trabalho. Em seguida foram criadas 45 assertivas e 15 questões de qualificação: 8 relativas ao conceito de QVT, 10 sobre questão da Produtividade, 9 sobre legitimidade, 6 relativas a definição do perfil do Gestor; 6 visando identificar as práticas e valores que a empresa realiza e 6 com o objetivo de constatar se a instituição possuía espaço para o desenvolvimento de uma nova competência. Foi realizado um pré-teste e o questionário foi aplicado considerando ainda as variáveis idade, estado civil, faixa salarial, cursos e graus em que leciona. Foram aplicados 125 questionários e trabalhados 91. As questões foram trabalhadas em escalas ordinais, nominais e intervalares. Não foi possível realizar a análise multivariada.

A autora utiliza para a análise dos dados o que ela chama de método descritivo. As respostas foram tabuladas utilizando-se o pacote SPSS, *Statistical Package for Social Sciences*, gerando inúmeras tabelas e gráficos.

Referencial teórico

O estudo apóia sua fundamentação teórica nos modelos conceituais de QVT definidos por vários autores, com ênfase no modelo conceitual de competência proposto por Limongi-França (*Qualidade de vida no trabalho: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial*. São Paulo: Ed. Atlas, 2003).

A autora faz uma breve exposição crítica sobre as características dos principais modelos: 1. Walton (Quality of Working life: what is it? *Sloam Management Review*, v.15,n.1, 1973); 2. Hackman & Oldham (Development of the job diagnostic Survey, *Journal of Applied Psychology*. Vol.60, n.2, 159-170, 1975); 3. Belanger (apud Benavides *Qualidade de vida no trabalho e a gestão estratégica de recursos humanos: o projeto "vivendo bem" da Van Den Bergh*, São Paulo, 2000, 121 p. Dissertação de Mestrado em Administração, FEA/USP); 4. Huse & Cummings (*Organization development and change*. St Paul: West Publishing Company, 1985) para justificar a sua escolha pelo modelo proposto por Limongi-França. Esta autora, entende que as competências essenciais que a organização deve apresentar para que os funcionários sintam que a organização é capaz de lhes proporcionar o bem estar estão ligadas aos seguintes fatores: Conceito de QVT, *Produtividade, Legitimidade, Perfil do Gestor, Práticas e Valores e Nova Competência*.

A seguir a autora da dissertação define rapidamente cada um desses fatores: *produtividade* é o aproveitamento máximo dos recursos disponíveis, de modo que os resultados obtidos sejam altamente competitivos. A *legitimidade* é definida como a base de uma pretensão, opinião relacionada a legalidade. O *perfil do gestor* é definido em relação a capacidade de atendimento das demandas impostas, levando a organização á sobrevivência e a um possível destaque no mercado. No estudo em questão, o gestor seria o coordenador pedagógico e o diretor e/ou proprietário da unidade.

As *práticas e valores* estão referidas as ações e programas que abrangem vários níveis de análise como modelos de gestão inovadores e práticas organizacionais com resultados positivos. *Nova competência* é definida como ação responsável que implica em mobilização, integração e capacidade de transferência de conhecimentos, recursos e habilidades, tendo em vista a agregação de valor econômico á organização e valor social ao indivíduo.

A autora ressalta que o estudo da QVT deve ser feito necessariamente através de um enfoque Biopsicossocial (BPSO-96) principalmente tendo em vista que se trata de empresas e profissionais ligados a situações que podem causar danos a saúde, já analisados e apontados em inúmeros estudos como depressão, palpitação, tremor, distúrbio do sono, hipertensão, distúrbios gástricos, dores generalizadas e alterações da libido inclusive ocorrência de *burnout*

Resultados da pesquisa

Os resultados apresentados estão ligados a cada um dos fatores acima mencionados e analisados tendo em vista a abordagem biopsicossocial. Deste modo, resumidamente pode-se citar como resultados as seguintes conclusões, retomadas pela autora no final do trabalho para fazer algumas recomendações aos professores e as instituições como contribuição do estudo.

Na maioria das empresas o conceito de QVT é negligenciado levando em conta os aspectos de saúde e carreira.

O fator *produtividade* está ligado ao aprendizado e ensino contínuos e na importância que o professor dá para o fato de trabalhar em uma determinada organização. Nesse estudo os professores revelam gosto pelo trabalho nas suas instituições apesar das mesmas não darem a devida importância a gestão da carreira, não apoiando a participação dos mesmos em eventos culturais e viagens ao exterior o que poderia elevar a produtividade..

O *perfil do gestor* revela que as organizações em que os professores trabalham promovem a comunicação interpessoal mas não atuam de modo integrado, sistêmico e estratégico e portanto não são capazes de lidar com modelos inovadores de gestão.

A análise do fator *práticas e valores* revelou que os professores percebem nas organizações em que trabalham práticas organizacionais que geram resultados positivos como recrutamento e seleção através de instrumentos adequados, entretanto a preocupação com as questões de saúde que seria fundamental não está presente. .

Os resultados da análise do fator *nova competência* mostram que existe um espaço para o desenvolvimento da mesma. Os professores estão de acordo que conhecimentos teóricos, competência lingüística, conhecimentos sócio-culturais e competência intelectual devem estar presentes na sua formação e conseqüentemente atuação.

Com relação a abordagem biopsicossocial constatou-se que as condições físicas e psicológicas estão associadas ao tempo de profissão, idade, estado civil, faixa salarial e horas trabalhadas. .

As condições sociais (oportunidade de participar de congressos e realizar viagens ao exterior) estão associadas ao tempo de profissão e faixa salarial

As condições da organização foram relacionadas a idade, tempo de profissão e a remuneração. Os resultados da análise revelaram ausência de gestão de carreira tendo em vista a constatação de que quanto mais tempo o professor tem de atividade, menos ele acredita que as instituições investirão no seu desenvolvimento pessoal e profissional.

A autora conclui o trabalho com um item destinado a salientar o que ela considera as contribuições do seu estudo, relacionadas a duas dimensões: acadêmicas e diretamente referidas aos beneficiários do estudo: professores, coordenadores, instituições e aluno, fazendo algumas proposições para novos estudos.

Acadêmicas: criar espaço para a discussão do tema em questão na academia e maior conhecimento dos professores.

Beneficiários da pesquisa:

1. Professores

Sugere que os professores devem se prevenir com relação aos problemas de saúde buscando orientação com profissionais da saúde principalmente verificando as condições de sua voz

Considerando que a pesquisa indicou uma relação direta entre salário e nível educacional mostra a necessidade do professor construir uma carreira
Constata a necessidade do professor qualificar-se em áreas relacionadas ao ensino de inglês e gestão de empresas tendo em vista a possibilidade de passarem às posições de coordenadores ou diretores de unidades

2. Coordenadores

Constata a necessidade do coordenador qualificar-se em gestão de empresas para adquirir capacidade de implantar melhorias e inovações gerenciais, tecnológicas e estruturais do ambiente de trabalho.

Mostra a necessidade do coordenador atentar para a importância de estabelecer um plano de carreira para os professores e de pensar a organização de forma estratégica.

Constata a necessidade das instituições contribuírem na formação dos professores e coordenadores colaborando na elevação das condições de vida em sociedade.

Constata a necessidade das instituições considerarem as questões de saúde como fundamentais para garantir a competitividade da instituição.

3. Alunos

Constata a necessidade dos alunos privilegiarem as escolas que valorizam seus funcionários nos aspectos BPSO-96 e atentar para um ensino de qualidade, entendendo que o aluno não pode ser visto como cliente.

Entre as proposições para novos estudos pode-se destacar as seguintes:

- Aprofundar o estudo das relações de trabalho entre escola e professores
- Identificar o sentido do trabalho para os professores e os aspectos que poderiam tornar a carreira mais valorizada
- Pesquisar a empresa/escola, através de estudos em instituições isoladas
- Conhecer as razões porque os alunos escolhem um determinado curso
- Estudar a gestão de carreira dos professores de inglês
- Identificar como são tomadas as decisões no nível gerencial, visando identificar a existência de uma formulação estratégica de gestão

LIMA, Flávia Barbosa. **Fatores contribuintes para o afastamento dos professores dos seus postos de trabalho, atuantes em escolas públicas municipais localizadas na Região Sudeste.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

ORIENTADOR: PROF. DR. FRANCISCO DE PAULA NUNES SOBRINHO

PALAVRAS-CHAVE: AFASTAMENTO DO PROFESSOR; DOENÇAS DO PROFESSOR; POTO DE TRABALHO DOCENTE.

LINHA DA PESQUISA: EDUCAÇÃO. TRABALHO DOCENTE

AUTORA DA RESENHA: ROSEANA COSTA LEITE

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Saúde docente e fatores contribuintes para o afastamento dos professores.

Objeto de análise

A pesquisa tem como objetivo identificar fatores contribuintes para o afastamento dos professores dos postos de trabalho. O universo de participantes compreende 2049 professores, que atuam na educação infantil, fundamental e de jovens e adultos, em 45 escolas de um município da região Sudeste, no período de janeiro de 2002 a dezembro de 2003. Deste universo, foram pesquisados os afastados por licenças médicas temporárias, por readaptação e por aposentadoria por invalidez. Os dados levantados subsidiaram a elaboração do perfil epidemiológico de morbidade dos professores.

A autora parte dos conceitos de trabalho, trabalhador – pessoa pertencente à comunidade do trabalho -e comunidade de trabalho – grupo de pessoas reunidas num mesmo local para execução de determinadas tarefas. Define o trabalho como “a ação do homem sobre a natureza, com o objetivo de adaptá-la à suas limitações e necessidades”. Contudo, a ausência de vínculos entre demandas individuais e organizacionais e entre a instituição e o trabalhador criam processos patogênicos de adaptação.

A seguir discute os fatores que contribuem para o afastamento do professor. Localiza o adoecimento docente como doença relacionada ao trabalho e destaca algumas questões que contribuem para comprometimento da saúde do professor. Realiza uma síntese da bibliografia sobre os estudos relacionados ao adoecimento docente. Dentre os principais fatores cita: o ambiente físico, a disciplina escolar, a inclusão de alunos com necessidades especiais, a dupla jornada de trabalho, o clima organizacional, a questão da violência dentro das escolas, e o assédio moral.

Lembra os prejuízos sociais, familiares, financeiros, entre outros, causados pelo afastamento do trabalho , por motivos de saúde.

Metodologia utilizada

Trata-se de pesquisa documental e investigação descritiva de informações referentes aos afastamentos dos professores, com base em documentos oficiais.

Do total de participantes do estudo, 2049 professores de um município da região Sudeste, foram constituídas duas populações parciais: professores

regentes de turma, composta por 1.982 professores, 96,73%; e professores que se encontravam afastados dos postos de trabalho, composto por dois subgrupos, professores readaptados, 56 professores, e aposentados por invalidez, 11 professores, um total de 3,6% em relação ao universo pesquisado. Dos 1.982 professores regentes de turma, 654 obtiveram licenças médicas temporárias, totalizando 2.823 licenças e 3.010 afastamentos

Os dados foram obtidos pela consulta a documentos, tais como, ficha estatística, boletim de licença médica, relatório de professores readaptados, relatório de servidores aposentados, sistema de gestão de pessoas, ficha de dados estatísticos anuais, processo do servidor e prontuário médico, junto ao Sistema de Controle Municipal de Educação e Sistema de Controle Municipal de Saúde.

Para classificar os fatores contribuintes para os afastamentos dos professores, a autora utilizou a Lista Tabular da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID-10, 2003). Os fatores contribuintes reconhecidos foram divididos em três grupos: morbidade, diagnóstico não esclarecido e afastamentos baseados em direito legal.

Os dados obtidos foram transcritos para o Programa MS Excel e procedeu-se a análise exploratória pelo Programa Statistical Package of Social Science. Neste processo foram elaborados tabelas de contingências, gráficos e histogramas, que permitiram o cruzamento das variáveis.

Resultados da pesquisa

Do total de participantes do estudo, 2049 professores de um município da região Sudeste, foram constituídas duas populações parciais: professores regentes de turma, composta por 1.982 professores, 96,73%; e professores que se encontravam afastados dos postos de trabalho, composta por dois subgrupos, professores readaptados, 56 professores, e aposentados por invalidez, 11 professores, um total de 3,6% em relação ao universo pesquisado.

Dos 1.982 professores regentes de turma, 654 obtiveram licenças médicas temporárias, totalizando 2.823 licenças e 3.010 afastamentos

Entre os 654 afastados, a média de idade corresponde a 40 anos e a média dos afastamentos foi de 14 dias.

Das 2.823 licenças médicas geradas, 1.478 (52,4%) eram de professores com nível de escolaridade média e 1.092 (38,7%) de professores com nível superior. Em relação ao nível de ensino, dos 2.823 afastamentos por licenças médicas temporárias, 61,8% foram obtidos por professores do primeiro segmento do ensino fundamental (1º a 4º série), 18,5% por professores do segundo segmento do ensino fundamental (5ª a 8ª série), 14,6% por professores da educação infantil e 5,1% por professores de EJA.

Em relação aos fatores de afastamento, o estudo apresentou os seguintes resultados: 65,5% para morbidade, 30,1% para direito legal e 4,4% para diagnóstico não esclarecido.

Em relação à morbidade, as doenças do aparelho respiratório obtiveram o maior número de registros, com 302 casos de afastamentos, em seguida aparecem os transtornos mentais e comportamentais, com 292 registros, e, em terceiro, com 234 casos as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo.

A autora aponta, ainda, na análise as doenças com maior número de registros, por grupo: a gripe, o transtorno ansioso e a dorsalgia e hipertensão arterial.

Em relação ao número de dias de afastamento, o estudo registra 23.179 dias para afastamento por morbidade, 16.240 dias por licenças médicas envolvendo direitos legais e 455 dias por diagnóstico não esclarecido. Os três grupos perfazem um total de 39.874 dias de afastamento.

Em relação aos 56 professores readaptados, do universo inicial de 2.049 professores municipais, a autora apresenta os principais fatores de afastamento, de acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde. Constataram-se 33 registros de afastamento por doenças no aparelho respiratório e, destes, 24 envolviam doenças das cordas vocais e da laringe.

Outros registros relevantes referem-se aos transtornos mentais e comportamentais, 19 casos; doenças do aparelho circulatório, 10 casos; e doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo, 6 casos, com destaque para dorsalgia.

Outra observação relaciona tempo de serviço e fatores do afastamento, com os seguintes resultados: após 10 anos de serviço, doenças das cordas vocais e laringe foram as que mais contribuíram para o afastamento; média de 17 anos, transtorno ansioso e depressivo e média de 21 anos para hipertensão arterial e dorsalgia.

Das readaptações, 82,1% foram temporárias e 17,9% definitivas, com média de idade de 45 anos.

Em relação aos 11 professores aposentados por invalidez, do universo inicial de 2.49 professores municipais, os principais fatores relacionados indicam 7 casos de transtornos mentais e comportamentais, 4 casos de doença do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo e 4 casos de doenças circulatórias, seguidos por outros registros e fatores. A idade varia entre 45 a 55 anos e o tempo de serviço entre 8 a 19 anos.

LIMA, Viviana Aparecida. **Condições de trabalho e saúde dos professores sindicalizados de ensino fundamental e médio da rede privada de Campinas.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. Campinas, 2000.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ELIZABETH DE LEONE MONTEIRO SMEKE

FORMAÇÃO DA AUTORA: ENFERMEIRA, DOCENTE NA ENFERMAGEM PELA PUCCAMP E DIRETORA DO SINPRO-CAMPINAS/SP

PALAVRAS-CHAVE (INDICADAS PELA RESENHISTA): CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSOR; SAÚDE DE PROFESSOR

LINHA DA PESQUISA: EPIDEMIOLOGIA E SAÚDE DO TRABALHADOR

AUTORA DA RESENHA: CRISTIANE BATISTA ANDRADE

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Essa pesquisa de mestrado procura discutir as temáticas de condições de trabalho do professor, recuperando a história do trabalho docente e também as mudanças no trabalho de professores, bem como as condições de saúde dessa categoria profissional.

A autora esclarece que a pesquisa teve caráter exploratório e descritivo sobre as condições de trabalho e de saúde dos professores, referidos na ótica destes profissionais. O questionamento está em torno das condições de trabalho e sua relação com a saúde de professores da rede particular de ensino na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

Objeto de análise

Lima apresenta como objeto de estudo da pesquisa as condições de trabalho de professores de ensino médio e fundamental, sindicalizados, da rede privada da cidade de Campinas. Para a autora, o processo de trabalho docente exige o envolvimento dos professores em atividades de planejamento, execução e avaliação de todo processo educativo, que se desenvolvem sob forte demanda organizacional.

Além disso, estão presentes no trabalho docente, conflitos inerentes da convivência no próprio ambiente de trabalho e, que nem sempre, são administrados de forma democrática, podendo ser considerados como causadores de tensão e desgaste emocional.

Metodologia utilizada

O estudo desenvolvido por Lima foi de caráter epidemiológico, de corte transversal, exploratório e descritivo com professores sindicalizados de ensino fundamental e médio, da cidade de Campinas/SP, com exceção dos docentes do SESI, SENAI e da educação infantil. Foram selecionadas 22 escolas particulares para a participação na pesquisa.

Utilizando listagem disponível no SinPro (Sindicato de Professores) de Campinas, a autora esclarece que foi enviado, pelo correio, um questionário utilizado como instrumento de coleta de dados, acompanhado de uma carta de apresentação da pesquisadora e de instruções de preenchimento para 750 docentes, tendo retornado 80 questionários, ou seja, 10,67% do total. Os dados foram analisados pelo programa de computador SPSS (*Statistics Package for Social Sciences*).

Com relação ao instrumento de coleta de dados, o questionário apresentou questões dissertativas e objetivas, constando quatro partes: a primeira com questões de identificação pessoal e profissional do professor; a segunda buscou identificar as percepções do significado de "ser professor", com uma questão objetiva e 5 dissertativas; a terceira parte, referente às condições de trabalho, com perguntas sobre o ambiente de trabalho (ruído, pó de giz, iluminação, acústica, térmica, sentimentos de ser professor, higiene e limpeza do ambiente de trabalho), questões didático-pedagógicas (equipamentos e estado de conservação), infraestrutura (mobiliários, número de alunos, espaço físico, etc). Constaram questões trabalhistas, como os salários, carga horária, planos de carreiras e cargos, aprimoramento profissional. A última parte foi destinada às condições de saúde, tendo solicitado ao docente, os sinais, sintomas e as intercorrências de saúde nos últimos 15 dias, mas também as que já apresentou ou apresenta. Nesse caso, solicitou-se que o docente descrevesse o serviço de saúde procurado. O questionário totalizou 140 questões.

A partir do referencial teórico e das respostas dos professores, foram elaboradas nove categorias de análise que são: condições de trabalho, processo ensino-aprendizagem, reconhecimento profissional, atuação profissional transformadora, relações humanas que envolvem o trabalho docente, situação da política educacional, concepção da profissão professor, condições de saúde, autonomia profissional.

Para a análise dos transtornos psíquicos menores foi utilizado o SRQ (Self Report Questionarie).

Referencial Teórico

Para o desenvolvimento dessa dissertação, no primeiro capítulo, Lima realiza um breve histórico sobre a profissão de professor. O embasamento teórico está envolto, principalmente, pelo estudo de Costa (COSTA, M.C.V. *Trabalho docente e profissionalismo*. Porto Alegre, Sulina, 1995.) e Nóvoa (NOVOA, A Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Revista Teoria & Educação*, Porto Alegre, n4, 1991) com a descrição das escolas burguesas e a dimensão da educação nesse período, salientando o surgimento das escolas e sua relação com o início do capitalismo, como o regime disciplinar e controle dos tempos nas escolas, a autoridade dos mestres sobre os alunos, inserção de currículos escolares, escola laica, dentre outros.

Para a análise do trabalho docente no Brasil, na perspectiva histórica, a autora utiliza as contribuições de Romanelli (ROMANELLI, O. *História da educação no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1996.), com os comentários sobre educação dada pelos jesuítas, pela aristocracia e na época da industrialização. Também versa sobre o "Manifesto dos Pioneiros", em 1932, e a Escola Nova.

Em seguida, analisa o desenvolvimento da autonomia dos professores e do estatuto do professor, bem como as instituições de formação profissional no século XIX e as primeiras associações docentes em busca da defesa de seus interesses.

Embora a categoria de gênero não tenha sido enfoque da pesquisa, a autora analisa o processo de feminização do magistério, discutindo os baixos salários, a docilidade e a submissão para justificar a inserção da mulher nas escolas, num momento em que os homens procuram outros postos de trabalho. Também analisa o processo de proletarização do trabalho docente,

como a alienação no trabalho, a perda da autonomia, a divisão do trabalho e a perda do status e prestígio na profissão.

É interessante perceber que a autora discute as mudanças nos modos de produção no capitalismo e seus reflexos na educação, baseando suas observações nos estudos de Saviani (SAVIANI, D. *Escola e democracia*. Campinas, editora Autores Associados, 1995), segundo uma perspectiva da educação que se volta para as exigências do processo produtivo, descrevendo a ênfase sobre a necessidade de um trabalhador com habilidades para se integrar, comunicar, utilizar a criatividade e “vestir a camisa da empresa”.

Lima analisa as mudanças na educação e nas condições de trabalho no professor. Para isso, analisa o processo de globalização pautada em Frigotto (FRIGOTTO, G. *Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática*. In: GENTILLI, P.; SILVA, T. (org) *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995), Ianni (IANNI, O. *Globalização e Imperialismo*. In: *Crítica Marxista* (3) : 131. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985), Fernandes (FERNANDES, L. *Os mitos da globalização e os desafios do desenvolvimento*. In: *Revista Princípios* (43) (32-35), São Paulo, dezembro, 1996), e outros.

Com relação às mudanças no mundo do trabalho, Hirata (HIRATA, H. *Sobre o modelo japonês*. São Paulo, EDUSP, 1993) e Antunes (ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas, Cortez, 1995) são utilizados para a análise das transformações na produção capitalista, “substituição” do modelo fordista para o toyotista, a flexibilização e a desregulamentação dos direitos trabalhistas.

Para discutir a contribuição da saúde de trabalhador no trabalho docente, Lima procurou analisar o movimento sindical para a melhoria da saúde e de condições de trabalho, destacando aspectos da epidemiologia, ergonomia, higiene e toxicologia. Na epidemiologia, descreve o conceito de carga de trabalho, ou seja, as cargas físicas, químicas, orgânicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas, ao mesmo tempo que atenta para a organização do trabalho como fonte de influência à vida e subjetividade da classe trabalhadora, seguindo o referencial de Dejours (DEJOURS, C. *A loucura do trabalho – estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo, Cortez, 1992).

Com relação à ergonomia, Lima vê a importância da Análise Ergonômica do Trabalho (AET), visando o estudo de problemas posturais e de movimentação, o custo energético do trabalho, como aqueles que desprendem grande esforço físico. Os problemas biomecânicos, ou seja, a análise das forças musculares exigidas pela atividade, movimentos repetitivos e as condições ambientais também são tratadas. O enfoque da exigência cognitiva no trabalho com equipamentos de alta tecnologia e exigência emocional desempenhada em atividades que interfiram no bem-estar são discutidos na dimensão ergonômica.

Ainda como embasamento teórico, Lima descreve as condições de trabalho e a saúde docente, como os problemas vocais, sobrecarga à coluna vertebral, estresse profissional, baixos salários, extensa e intensa jornada de trabalho, indisciplina de alunos, tamanho e localização das escolas. A autora usa um documento elaborado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) em 1991, para dizer que a carga de trabalho de professores está relacionada à quantidade de horas de trabalho, dentro e fora da escola

e o número de alunos em sala de aula. (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Las normas internacionales Del trabajo y el personal docente, Genebra, 1991.)

Para a discussão do mal-estar docente, traz as contribuições de Esteve (1995), em que descreve as mudanças no trabalho docente e suas influências à saúde, como o aumento das exigências cognitivas, maior responsabilidade da escola na educação dos alunos, baixa remuneração salarial e de status/prestígio na profissão, reformas curriculares e poucos recursos materiais. ESTEVE, JM. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (org) *Profissão professor*. Porto Editora, 1995).

Diante desse contexto, Lima apresenta as conseqüências do mal-estar docente, como as insatisfações, desejo de abandonar a docência, pedidos de transferências de escola para se livrar de conflitos, esgotamento, estresse, ansiedade, depressões e casos de neurose.

Resultados de pesquisa

Dos 80 professores que responderam à pesquisa, Lima verificou que a maioria dos professores é mulher (71,3%), entre 30 e 49 anos; 38,8% possuem pós-graduação completa; 67,5% trabalham apenas em uma escola e 55% trabalham entre 5 a 9 horas diárias. Trabalham com até quatro classes, 38,8% dos professores; de 5 a 9 classes, 25%; 15 a 19 turmas, 17,5% e 12,5% de 10 a 14 classes.

Em média, os professores das escolas privadas trabalham entre 15 a 30 horas semanais e estão envolvidos com aproximadamente 379 alunos.

O ruído externo foi apontado como fator de desconforto por 47,5% dos professores. Também foi verificado que 38,8% têm contato com o pó do giz, 41,3% relatam que os mobiliários são adequados, 71,3% dizem que a escola tem fácil acesso.

Com relação às pausas no trabalho, 35% dizem parar às vezes, 22,5% freqüentemente e 17,5% dizem não realizá-las.

Os aspectos de insatisfação profissional estão relacionados aos baixos salários e a carga elevada de trabalho. Também foram apontadas as precárias condições para o exercício do aprimoramento profissional e a sobrecarga de trabalho, ou seja, trabalhar em mais de uma escola para a manutenção financeira. Outra preocupação dos docentes está na instabilidade no emprego, ou seja, com a precarização e flexibilização dos direitos trabalhistas, os docentes não se sentem seguros nas escolas em que trabalham.

Sobre os desejos de mudanças, os professores apontam para a vontade de serem melhor remunerados e a diminuição da carga horária e dos processos burocráticos.

Na categoria processo de ensino-aprendizagem, a satisfação dos professores esteve relacionada à possibilidade de crescimento intelectual através dos estudos e também de poder participar da formação humana dos alunos. Já os de insatisfação estiveram associados com o desinteresse e a desmotivação dos estudantes, mas também a inserção da tecnologia na escola.

Apoiada em Gadotti (GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. São Paulo, Cortez, 1995) e Codo (CODO, W. *Educação: carinho e trabalho. Burnout: a síndrome da desistência do educador que pode levar à falência da educação*. Rio de Janeiro, Vozes, 1999), a autora salienta a demanda da carga afetiva entre professores e alunos, que muitas

vezes podem gerar sofrimento, tensão e desequilíbrio afetivo. Ainda com relação aos aspectos afetivos, Lima analisa as posturas autoritárias e burocráticas de coordenadores, o que pode acarretar conflitos e tensões. Por outro lado, o convívio com os jovens, o “fazer parte” da formação dos indivíduos são associados à alegria e satisfação.

O reconhecimento profissional apareceu relacionado à insatisfação no trabalho, ou seja, professores relataram a desvalorização profissional advinda de alunos, pais ou dos administradores escolares. A descrença e a falta de comprometimento de outros professores apareceram como fatores que impedem a atuação profissional transformadora, marcada pela dificuldade de ações coletivas, políticas e sindicais na luta por melhores condições de trabalho.

Outro aspecto que merece destaque é que os professores pesquisados dizem que a educação pública tem sido influenciada pelas políticas neoliberais, precarizando as relações de trabalho e também a diminuição dos investimentos na educação básica. Foi ressaltada a perda de autonomia do professor, expressa pela não reprovação de alunos, pois, embora o professor acredite na reprovação dos estudantes, não poderá realizá-la por se sentir pressionado pela direção da escola ou dos pais.

Em se tratando de práticas avaliativas, os professores compreendem que as maneiras de avaliação do trabalho docente devem ser democráticas e discutidas coletivamente, bem como a participação nos projetos políticos pedagógicos. No geral, os professores demonstraram estar envolvidos com o aprimoramento profissional através de recursos próprios, sendo que 77,5% dos que realizaram, 36,3% utilizaram recursos próprios, 20% foram financiados parcialmente pela escola e 17,5% totalmente pela instituição.

Os docentes argumentam a importância do investimento da capacitação profissional para que haja melhorias nas condições de trabalho, como o aumento de salários e de posições em cargos de coordenação. Entretanto também atribuem a melhoria na qualidade do ensino.

Os aspectos positivos das condições de trabalho foram: limpeza adequada do ambiente de trabalho; bolsas de estudos para os dependentes do professor; pagamento do salário em dia; existência de carreira docente; liberdade de atuação profissional; plano de saúde para o professor; respeito aos direitos trabalhistas, e outros.

Já os aspectos negativos foram: poucos funcionários para realizar a higiene e limpeza escolar; cantina ruim; temperatura inadequada na sala de aula; salas mal equipadas; ausência de estacionamento para o professor; salas de aula sem critério ergonômico; ausência de saída de emergência; número insuficiente de reuniões pedagógicas com a diminuição do pagamento das mesmas; dificuldades de negociação em momentos de campanha salarial; pouco tempo para o almoço; insegurança quanto à demissão que ocorre a qualquer momento sem explicitação dos motivos; centralização do poder; excesso de controle do trabalho do professor”.

Os aspectos de saúde que foram relatados pelos professores são as dores na garganta, as alterações na voz, as dores dorsocervicolombares (pescoço, costas, braços e pernas) e os transtornos psíquicos menores, que correspondem ao estresse, sofrimento e insatisfação. Outro dado importante, é o uso da auto-medicação, já que a maioria não procura serviços de saúde para o acompanhamento da sintomatologia. Pouco é utilizado o afastamento no trabalho diante desses problemas de saúde.

Os dados estatísticos apontam que 67,5% dos professores apresentaram ou têm problemas na voz, 60% deles possuem dores de garganta, 45,6% nas costas, 40% nas pernas, 37% tem rinite alérgica, 31,3% dores nos braços, 28,8% esquecimento e 17,5% LER (Lesões por Esforços Repetitivos). Também apresentam doenças oculares e de pele, gastrite, varizes, hipertensão arterial e colite.

Já os transtornos psíquicos menores são descritos por 57,5% dos docentes que não se sentem satisfeitos nas atividades do dia-a-dia, 51,3% sentem-se tensos, 26,3% tristeza, 25% têm cefaléia, 22,5% dizem cansados, 21,3% possuem dificuldades no sono e 17,5% assustam-se com facilidade e possuem dificuldades para tomar decisões. Foram relatados choros mais do que o habitual, má digestão, cansaço e sofrimento no trabalho.

LIMA, Wânia Regina. **Perfil vocal e condições de trabalho de professores dos municípios de Vitória e Vila Velha-ES.** Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Fonoaudiologia. São Paulo, 2002.

ORIENTADOR: LESLIE PICCOLOTTO FERREIRA

FORMAÇÃO DO AUTOR: FONOAUDIOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: ALTERAÇÃO VOCAL, PERFIL VOCAL, CONDIÇÕES DE TRABALHO (ELABORAÇÃO DA AUTORA DA RESENHA)

LINHA DA PESQUISA: FONOAUDIOLOGIA

AUTORA DA RESENHA: SELMA BORGHI VENCO

Tema, sub-temas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O objetivo da presente dissertação é conhecer o perfil vocal e as condições de trabalho dos professores de Vitória e Vila Velha, não apresentando, contudo, hipóteses norteadoras para o estudo.

Metodologia utilizada

A opção metodológica foi a pesquisa quantitativa, baseada no questionário elaborado por Ferreira et al. (FERREIRA, L.P. et al. Questionário para estudo da voz de professores. In: FERREIRA, L.P. *Núcleo de Estudos em Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, 1999) aplicado em 26 das 77 escolas estaduais de Vila Velha e Vitória e junto a 118 professores previamente sorteados, dos quais 100 foram respondidos.

O instrumento de coleta de dados contempla sete blocos, quais sejam: dados pessoais, situação funcional, que compreende desde as características do espaço físico até o material didático empregado, aspectos vocais, condições gerais de saúde, hábitos, tais como vícios, hábitos alimentares, hereditariedade em relação a problemas vocais e hábitos de lazer.

Os dados foram processados por meio do Programa Estatístico aplicado às Ciências Sociais (SPSS).

Referencial teórico

As pesquisas sobre voz abrangem um vasto referencial teórico que passamos a relatar, conforme indicado na referida dissertação.

A higiene vocal é apontada como ferramenta fundamental na prevenção de distúrbios na voz (Bloch, 1980; Brandi, 1982). Outros autores, a exemplo de Oyarzun, Brunetto, Mello e Ávilla (OYARZUN, F. BRUNETTO, B. MELLA, L. e ÁVILLA, S. Disfonia em professores. In: *Revista de Otorrinolaringologia, Cirurgia, Cabeza y Cuello*. Chile, 1984; 44 (2)), compreendem a disfonia de forma mais ampla, associando-a a questões de cunho social e profissional, seja pela tensão que marca os ambientes de trabalho, seja por ignorar o esforço vocal que imprime no exercício de sua profissão. Análise semelhante foi realizada por Calas, Vershulst, Dalleas e Seilheans (CALAS, M. VERSHULST, J. DALLEAS, B. e SEILHEANS, M. La pathologie vocale ches l'enseignant. *Revue Laryngol.* 1989; 110:397- 4051989) ao investigar o trabalho de 100 professores de diversos segmentos. A constatação é que o ruído da sala faz com que, freqüentemente, o professor altere o tom de sua voz, para garantir a transmissão dos conteúdos.

Os professores foram cunhados por Watts e Short (WATTS, WD., SHORT, AP. Teacher drug use: a response to occupational stress. *Drug Educ*, 20:47 – 65; 1990) como os “profissionais da disfonia”, tendo em vista que é a categoria que mais empregam a voz na profissão.

Grande parte dos pesquisadores apontam que estes profissionais estão sujeitos a apresentar alterações vocais permanentes, agravadas pelo fato de não receberem formação específica sobre formas de prevenção do problema. Aspecto comum nas pesquisas apresentadas é a grande incidência do sexo feminino que apresentam problemas vocais. Constatação que poderia ser contextualizada, em razão da predominância do sexo feminino na carreira docente.

Soratto e Oliver-Heckler (SORATTO, L., OLIVER-HECKLER C. Os trabalhadores e seu trabalho. In: CODO, W. *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999) analisaram as condições de trabalho dos professores no Brasil e constataram que 40% dos trabalhadores no país apresentam remuneração inferior a R\$ 400,00 por 40 horas de trabalho semanais. Estas autoras apontaram duas dimensões nas relações de trabalho do professor: uma, de caráter subjetivo, diz respeito ao anseio de reconhecimento social do seu trabalho e, outra, objetiva, que diz respeito à questão salarial. E, contudo, nenhuma delas é contemplada e fonte de estresse e causas de diversas doenças ocupacionais, entre elas a disfonia.

As condições de trabalho - tais como as apontadas pelas pesquisas realizadas pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino e Universidade Federal da Bahia em 1981 e 1991 - são desfavoráveis aos professores e, apresentam problemas de saúde que englobam desde a disfonia aos distúrbios psíquicos.

A diversidade de agentes físicos (ruído, vibração, variação de temperatura em sala etc), químicos (poeira, vapores etc) ou biológicos (bactérias, fungos, vírus etc) que configuram os riscos ambientais, estão todos presentes de forma intensa na profissão docente (Miranda, 1998).

A despeito das inúmeras pesquisas que constataam alterações vocais nos professores, a disfonia não é considerada doença ocupacional.

A vinculação emocional no trabalho desencadeia doenças as mais variadas, entre elas a alteração no comportamento vocal. Prater e Swift (PRATER, R. e SWIFT, R. *Manual of voice therapy*. Boston, USA: Little Brown, 1984) consideram baixa a probabilidade dos problemas vocais estarem exclusivamente relacionados à musculatura laríngea e, sim, devem ser considerados no conjunto de situações vivenciadas pelos profissionais. Ressaltam, ainda, que problemas psicológicos desencadeiam, muitas vezes, a fala como forma de autodefesa.

A referência teórica predominante na dissertação é pautada em Ferreira et al. (idem, 1999), que a partir de uma pesquisa quantitativa com 422 professores da rede municipal de São Paulo, que constatou inadequação do espaço físico em termos de espaço, ruído, poeira, além de ritmo de trabalho intenso. Sobre os problemas vocais, 6 em cada 10 professores indicaram que sofrem ou já sofreram problemas com a voz, muito embora nunca tenham procurado auxílio especializado.

Os professores compreendem que tais problemas são ocasionados pelo uso intenso da voz, estresse e alergia, desencadeando rouquidão, cansaço ao falar e perda da voz.

Resultados da pesquisa

Constatou-se o predomínio do sexo feminino na profissão docente nas escolas pesquisadas (73%), pouco mais da metade são casados e 48% possuem nível superior.

Sobre o ambiente de trabalho, parcela bastante significativa não o considera calmo (78%), da mesma forma que a maioria considera satisfatório o relacionamento entre colegas, com alunos e seus pais.

Se 9 em cada 10 professores consideram ter autonomia para desenvolver suas tarefas e aulas, pouco mais da metade dos entrevistados declaram que não há tempo para desenvolver todas as atividades necessárias que sua profissão exige. Resposta que pode ser complementada com outro dado que é a necessidade de empregar seu tempo livre para preparação de aulas ou correção de provas (74%); praticamente 80% declaram que o ambiente de trabalho interfere na sua vida pessoal mas, por outro lado, número superior declarou estar satisfeito com sua profissão (89%).

Se 75% alegam ter problemas vocais, tais como rouquidão, perda da voz, voz fraca, pigarro mas, contudo, metade deles nunca procurou atendimento especializado. Atribuem a esse tipo de problema ao uso intenso da voz, ao estresse e à exposição ao barulho.

São, também, acometidos de outros problemas de saúde como ansiedade (59%), dores de cabeça (48%), alergia (45%), problemas de coluna (41%), dores no corpo (36%) e vias respiratórias (34%).

A partir da pesquisa realizada é possível afirmar que os professores não possuem vícios como tabagismo e consumo de bebidas alcoólicas, da mesma forma, apenas pouco mais de 20% dormem menos de 6 horas diárias.

Não se constataram relações entre alteração vocal e tempo de profissão, carga horária semanal, ritmo de trabalho e satisfação com o trabalho.

Os resultados da pesquisa vêm se somar às constatações de outras realizadas com docentes, como Ferreira (2000), Alves (2002) e Lardaro (2002). Se a acústica da sala de aula foi indicada como satisfatória, a poeira e a temperatura foram consideradas inadequadas à saúde. Os sintomas vinculados ao estresse também surgiram nas demais pesquisas, com conseqüências na alteração vocal.

Da mesma forma, encontrou-se aproximação entre outras pesquisas no que diz respeito à satisfação com a profissão.

LIPP, Marilda, (org.). **O stress do professor**. Campinas: Papyrus, 2006, 4.ed. ISBN: 85-308-0678-6.

FORMAÇÃO DA AUTORA: PSICÓLOGA

PALAVRAS-CHAVE: ESTRESSE (PSICOLOGIA), PROFESSORES – ESTRESSE NO TRABALHO, PSICOLOGIA EDUCACIONAL.

LINHA DA PESQUISA: PSICOLOGIA E ESTRESSE.

AUTORA DA RESENHA: CRISTIANE BATISTA ANDRADE

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O livro *O stress do professor* organizado pela Psicóloga Marilda Lipp, alcança sua 4ª edição em 2006, indicando a existência de interesse sobre o stress de professores e de professoras. Dessa maneira, o livro trata do stress do professor e está distribuído em nove artigos que são desenvolvidos dentro dessa temática. O enfoque principal é o stress e seus efeitos para os indivíduos, em especial para o professor, mas também discute o stress dos alunos, há um capítulo onde é discutido o *burnout* e em outro, aspectos ergonômicos do trabalho.

Segundo Lipp, um dos questionamentos dessa obra é sobre os problemas educacionais vivenciados nas últimas décadas, que por serem complexos trazem agravos à saúde dos professores, acarretando perda da motivação, pouca auto-estima e inseguranças no ambiente de trabalho.

Nesse sentido, são apontadas medidas de prevenção do stress, que vão desde as técnicas de relaxamento, até as discussões coletivas entre os docentes para que sejam evitados os problemas de saúde.

Objeto de análise

Apesar do livro ter como centralidade a discussão do stress, cada capítulo discorrerá sobre diferentes objetos de pesquisa, que variam entre estudos com professores da educação infantil, até os de pós-graduação.

Metodologia empregada

Convém salientar que cada capítulo apresentará suas trajetórias metodológicas. No entanto, de maneira geral, para o desenvolvimento dos artigos, foram realizados levantamentos bibliográficos para a ênfase ao tema.

Em alguns deles, como é o caso do segundo capítulo, foi utilizado o ISS-LIPP para perceber num grupo de professores, os sintomas e os casos assintomáticos para o stress.

Já o quarto capítulo, por exemplo, a autora utilizou as conversas informais de colegas de trabalho para desenvolver o texto. O quinto capítulo apresenta um breve relato da experiência profissional de uma professora e em seguida, são expostos os sintomas psicossomáticos, físicos e comportamentais do burnout.

Referencial Teórico e Resultados da Pesquisa.

O primeiro capítulo intitulado *O stress do professor* de Alexandrina M.A. Meleiro traz a concepção de que o stress é uma ação do organismo diante uma situação de emergência. Baseada em Seyle (1936,) denomina a SAG (Síndrome de Adaptação Geral) caracterizada por três estágios de estresse:

Reação Alarme, Resistência e Esgotamento. As explicações dessas fases estão baseadas nas alterações fisiológicas do organismo diante de um fator estressante, como as alterações dos níveis de adrenalina, de cortisol e hidrocortisona.

Para Meleiro, apoiada em Lipp, há ainda uma quarta fase que seria a "quase exaustão", entre a resistência e o esgotamento. A autora discute o trabalho, não numa perspectiva sociológica, mas reitera as extensas e longas jornadas de trabalho. Contrária às contribuições marxistas, a concepção de professor de Meleiro está atrelada à vocação e ao dom, argumentando que o trabalho docente encerra uma profissão louvável, que merece respeito e consideração pela nobre missão, de quem a exerce, de transmitir seus conhecimentos aos alunos.

Meleiro analisa o stress dos professores de acordo com a faixa etária com a qual ele trabalha. A autora atribui o desgaste físico e emocional dos professores do maternal ao fato de se responsabilizarem pela educação de crianças pequenas, já que pais trabalham e não podem estar com os filhos durante esse período da vida.

A autora identifica no ensino fundamental a existência de precárias condições de trabalho, como as salas quentes, iluminação inadequada, barulho, excesso de alunos por turma, atividades extras sala de aulas, trabalho nos intervalos com alunos e pais, drogadição dos alunos e ameaças. Reitera as preocupações dos professores com os estudantes, como por exemplo, a gravidez não desejada.

A autora aponta as estratégias de enfrentamento do estresse, como a identificação das situações estressantes. Em seguida, apresenta a importância da descoberta da(s) causa(s) do estresse, do acompanhamento médico e de psicoterapia, além de medidas saudáveis como se espreguiçar ao levantar, uma alimentação equilibrada, planejamentos de atividades diárias, práticas de atividades físicas, relaxamento físico e mental, atitudes positivas e de auto-estima, domínio do estresse através da sabedoria, capacidade de adaptação, melhor distribuição do tempo, reconhecimento dos limites e outros. A autora ainda salienta que os professores devem compartilhar o problema de estresse e evitar a automedicação.

O segundo capítulo *Implicações do stress de professores e alunos no processo de alfabetização* é de autoria de Sonia Meira, no qual está centrada a discussão do estresse em professores e alunos das séries iniciais, perante o processo de alfabetização. Para ela, o processo de aprendizagem na perspectiva do construtivismo, acaba por solicitar dos alunos um maior envolvimento, ou seja, a abordagem de uma aprendizagem pela resolução de problemas. A autora considera que para aprender as pessoas são levadas ao questionamento e às inquietações.

Além das estratégias de enfrentamento, sugeridas no capítulo anterior, Meira diz que é fundamental a percepção dos impactos do stress nas dimensões cognitivas, afetivas, sociais, além de suas influências na aprendizagem. Outra abordagem proposta, é a associação do estresse com a evasão escolar e a pouca motivação dos alunos.

Com relação aos professores, cita o PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores) da Secretaria da Educação Fundamental em parceria com secretarias estaduais e municipais, como uma maneira de inserir políticas públicas voltadas à alfabetização, visando a preparação de profissionais para o desempenho dessa atividade. Numa experiência com dez professores, foi questionada a maior dificuldade enfrentada por eles, no

processo de alfabetização. Assim, constatou-se que as classes numerosas, a falta de apoio dos pais e de técnicos especializados em dificuldades de aprendizagem, desinteresse das crianças e dificuldades nas metodologias de alfabetização são apontados como fatores difíceis nesse trabalho.

Também foi aplicado o ISS (Inventário de Sintomas de Stress) em 23 professores de 1^a. à 4^a séries, dos quais nove estavam em fase de resistência, seis em quase exaustão, sete não estavam estressados e apenas um estava em exaustão.

O terceiro capítulo *O professor, o aluno com distúrbios de conduta e o stress* realizado por Lucia E.N. Malagris, discorre sobre o stress do professor que trabalha com alunos que têm distúrbios de conduta, considerando estes como os comportamentos caracterizados por "padrões persistentes de conduta dissocial, agressiva ou desafiante, incluindo grandes violações das expectativas sociais próprias à idade da criança, indo além de simples travessuras infantis ou rebeldia comum na adolescência, por um período de seis meses ou mais." (p.44)

Nesse sentido, para a autora, as relações que são estabelecidas entre as crianças e os professores podem ser conflituosas e insatisfatórias, se os docentes são despreparados e sem formação para lidar com tal situação, o que acarreta em vivências que podem gerar stress, tanto na criança, como no professor. Para a autora, além do despreparo do professor, o que muitas vezes ocorre é que alguns indivíduos são, pelo seu próprio modo de ser, propensos ao estresse. De acordo com isso, os professores que atribuem a conduta de distúrbios como inerente ao seu trabalho, podem lidar mais facilmente com essa problemática, se comparados com os professores que o vêem como dificuldade.

Baseando-se em estudo de Shong (SHONG, BR. *The special educator, stress and survival*. EUA: Aspen Systems Corporation, 1981), Meira coloca que as crenças do professor com propensão ao stress seriam: o ensino em educação especial é uma luta, é sofrido, não há tempo para a realização do trabalho, e outras.

Com relação ao stress, esse também pode estar relacionado às questões domésticas, institucionais, culturais e aos problemas pessoais dos professores. Sendo assim, Meira atribui a utilização de estratégias para minimizar ou evitar o stress, e para isso, justifica a importância de relaxamentos; atividades prazerosas, planejamento do tempo de trabalho, recusa de "tarefas impossíveis", realização de atividades físicas, alimentação saudável e atendimento psicológico. Também sinaliza a necessidade de adotar comportamentos menos apressados.

A autora acredita que para evitar o stress dos alunos com distúrbio de conduta, é necessário também pensar no docente, e vice-versa, pois mudar o padrão de conduta do professor poderá contribuir para a alteração do comportamento dos alunos. Tendo em vista o respeito e compreensão às crianças com esses distúrbios, há de se pensar em profissionais especializados que possam divulgar medidas que contribuam para o enfrentamento do stress, nas crianças e nos docentes.

O quarto capítulo *O stress do professor de pós-graduação* é desenvolvido por Marilda Lipp e discorre sobre o stress em professores de cursos de mestrado e doutorado. Inicialmente, a autora descreve sua trajetória enquanto docente em cursos de pós-graduação, justificando assim, seu interesse em desenvolver esse texto. Através de conversas informais com docentes de pós-graduação em universidades federais, estaduais e

privadas, detectou o estresse tecnológico, relacionado ao uso de internet, de aparelhos digitais e de microcomputadores. Por outro lado, diz que as leituras de teses e dissertações, prazos exigidos pelas agências financiadoras, elaboração e entrega de relatórios, atividades de trabalho em finais de semana, reuniões, exigência de publicações em revistas brasileiras e estrangeiras, falta de equipamentos, são tidos como fatores relacionados ao estresse.

O quinto capítulo *O burnout* de Helga H.Reinhold analisa essa síndrome que é caracterizada por sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho desempenhado. Acomete especialmente os trabalhadores que desempenham atividades de ajuda e com relações interpessoais intensas, como os professores. Os sintomas são gradativos, no início, pouco perceptivos, mas que no decorrer do trabalho podem ocasionar uma perda do engajamento, diminuição da produtividade, irritabilidade, tristeza, dores de cabeça, desilusões e sensação de esvaziamento. Para melhor compreender esse tipo especial de estresse, a autora aponta as diversas fases que são: o idealismo, o realismo, a estagnação e frustração, apatia e *burnout* total e fenômeno fênix. Na fase do idealismo, os professores tendem a se sentirem entusiasmados para a realização do trabalho. No realismo, as expectativas tendem a diminuir e a desilusão começa a aparecer. Na estagnação e frustração, há a fadiga crônica, irritabilidade, faltas e atrasos no trabalho. No *burnout* total, segundo a autora, o professor tem a sensação de desespero, fracasso e perda da auto-estima e auto-confiança, torna-se depressivo, sente-se vazio e só. Por último, na fase de fênix, é possível que o professor consiga enfrentar esses problemas e permanecer na profissão.

Reinhold atribui as causas do *burnout* aos fatores internos, como estados psicológicos e vulnerabilidades biológicas como o perfeccionismo, expectativas elevadas dos docentes, senso de responsabilidade excessivo, auto-estima baixa, negativismo, problemas pessoais e na família. Também são referidos os fatores externos, como o ambiente de trabalho. Aqui estão envolvidas as relações do professor com a direção da escola, a sobrecarga de trabalho do professor, jornada de trabalho (horas excessivas, atividades extra-classe), burocracia, indisciplina dos alunos, tarefas repetitivas, as políticas de avaliação docente, baixo status da profissão e falta de autonomia.

Para a prevenção do *burnout*, além das atitudes descritas nos capítulos anteriores, a autora aponta a criação de grupos de discussões sobre o tema, envolvendo os professores da escola, além de dizer sobre o apoio da direção na prevenção. Nesse sentido, valorizar as relações entre os docentes, elogiar o trabalho deles, discussões dos problemas da escola, melhoria na comunicação entre direção e professores, são as atribuições a serem adotadas pela gestão escolar.

No sexto capítulo *O stress do professor do ensino fundamental: o enfoque da ergonomia*, de Francisco Nunes Sobrinho analisa o stress do professor sob a perspectiva da ergonomia. Para isso, aponta conceitos como posto de trabalho, em que são discutidos os ambientes físico e social da escola, bem como a concepção de carga cognitiva, que seriam a atenção desprendida no trabalho, o uso da memória e das percepções e as tomadas de decisões. Por outro lado, também atribui a análise da carga muscular, devido às verbalizações dos docentes sobre as dores dorsocervicolombares. Dessa forma, discute a importância dos estudos ergonômicos no trabalho docente,

voltado para a compreensão das tarefas, das queixas e reclamações no trabalho.

O autor discute o sofrimento no trabalho e por vezes as estratégias coletivas de defesa para minimizar as situações desagradáveis e afirma que tais estratégias de acomodação ao trabalho configuram-se por vezes como desobediências às regras estabelecidas, inclusive às de segurança no trabalho, ironia, revolta, mentira e dissimulação para burlar as regras do trabalho prescrito e reencontrar os prazeres do trabalho real a qualquer custo.

No sétimo capítulo, intitulado *O papel do professor no manejo do stress do aluno*, Valquíria A.C. Tricoli escreve sobre o papel do professor perante os alunos que desenvolvem stress. Para a autora, para cada fase do desenvolvimento humano há um período de inovações, de adaptações e de descobertas, salientando que um dos primeiros estresses na criança é a ida à creche, relacionada à adaptação dos bebês. Nesse sentido, o professor tem um papel fundamental no manejo do estresse e argumenta que a professora tem papel fundamental no seu acolhimento, pois é a "substituta da mãe" nesse momento. Ao passo que, as crianças maiores vivenciam o estresse diante de uma prova, da troca de professores, da repetência e outros.

Para a prevenção do estresse do professor, a autora atribui o relaxamento como uma das técnicas que possibilitam minimizar os problemas gerados à saúde. Também orienta os professores agirem com neutralidade nos conflitos; estabelecer uma relação dialógica com os alunos e elogiá-los; estimular o trabalho em equipe; evitar gritar; deixar a sala agradável, dentre outros.

No oitavo capítulo *Soluções criativas para o stress*, Marilda Lipp versa sobre as soluções para prevenir o estresse e atribui a identificação dos primeiros sinais como um fator a ser considerado na terapia. Lipp conceitua o stress emocional como sendo uma reação global do organismo, com componentes físicos, psicológicos, mentais e hormonais, que ocorre quando a pessoa necessita fazer uma adaptação significativa no seu modo de viver, de sentir e de ver o mundo. Reitera as quatro fases do stress, que seriam: alerta, resistência, quase exaustão e exaustão. Em seguida, a autora, traz instrumentos considerados por ela capazes de avaliar os sintomas, além de sua proposta de *vinte e um passos de manejo de stress*.

Dentre os efeitos do stress, estão as alterações cardiovasculares, respiratórias, tensão muscular, irritação, mau humor, depressão, insônia, problemas dermatológicos, gastrointestinais, dentre os outros discutidos em capítulos anteriores. Também atribui a "síndrome da pressa", ou seja, a realização de muitas tarefas ao longo do dia em ritmo acelerado, como um dos sintomas dessas reações no organismo.

No último capítulo *Produção científica e estresse do professor*, Geraldina Witter conclui discorrendo sobre a importância de grupos de estudos e pesquisas sobre estresse de professores, a inclusão de psicólogos em escolas com ampla formação sobre essa temática, estabelecimento de estrutura organizacional que seja flexível para que haja a autonomia dos docentes.

MARCHIORI, Flávia Moreira. **No pulsar da atividade: uma análise do trabalho e da saúde dos professores numa escola municipal de Vitória/ES**. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública. Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Rio de Janeiro, 2004.

ORIENTADOR: PROFA.DRA. JUSSARA CRUZ DE BRITO E
CO-ORIENTADORA: PROFA. DRA.MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FORMAÇÃO DO AUTOR: SAÚDE, TRABALHO E AMBIENTE
LINHA DA PESQUISA: SAÚDE, TRABALHO E AMBIENTE
AUTORA DA RESENHA: MARIA ROSA LOMBARDI

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O tema genérico abordado pela autora é a saúde do trabalhador. A partir dele, volta-se especificamente para a categoria dos professores e a sua problemática vai girar em torno das relações saúde-doença na escola pública. Trabalha, portanto, na intersecção de problemáticas das áreas de estudo da Saúde e do Trabalho.

Objeto da análise

A autora vai focar a atividade de trabalho dos professores e seus efeitos na produção da saúde e da doença, numa escola pública municipal de Vitória, Espírito Santo. A pesquisa teve os seguintes objetivos:

“1. realizar uma análise da atividade de trabalho dos professores numa escola pública, evidenciando suas características, as dificuldades encontradas e as variabilidades que se apresentam nesse meio de trabalho; 2. compreender que efeitos esse trabalho produz na saúde dos trabalhadores frente às condições e à organização do trabalho, presentes no cotidiano da escola.”(p.13).

Busca aproximação com a dimensão do trabalho real, ou seja, a atividade efetivamente realizada pelos professores numa escola pública, frente às exigências e condições de trabalho que se apresentavam. Essa abordagem analítica permitiu à autora conhecer de perto a organização do trabalho dos professores, identificar dificuldades cotidianas e fontes de desgaste e estresse. Permitiu-lhe, também, perceber a distância entre o trabalho real e o prescrito pelas normas e regras burocráticas, bem como o esforço dos professores ao procurar reinventar normas e sentidos cotidianamente, possibilitando a realização das suas atividades, a contento.

Em outras palavras, no embate entre o prescrito e o real, a atividade de trabalho dos professores da rede pública de Vitória/ES encontra espaços de criatividade e de afirmação pessoal, de resistência subjetiva e coletiva, de criação de relações mais saudáveis entre trabalho e saúde, enfim.

Referencial teórico

A dissertação se situa no campo de estudos da Saúde do Trabalhador que, diferentemente da Medicina do Trabalho e da Saúde Ocupacional, “considera o trabalhador como sujeito ativo do processo saúde-doença, sendo indispensável sua participação nas ações de saúde.” (MENDES e DIAS, 1991, p.15). Essa perspectiva teórica tem como pressuposto central o entendimento de que saúde e doença não são fenômenos antagônicos, ao

contrário, são fatores de um permanente processo humano de luta pela vida.

A autora se reporta a Menayo-Gomes e Thedim-Costa (1997) para identificar as origens desse campo de estudos, como caudatário das contribuições vindas da Saúde Coletiva, com raízes na Medicina Social latino-americana e influenciado pelas experiências do Movimento Operário Italiano, na sua luta pela saúde nos ambientes de trabalho. "Para a corrente latino-americana de Medicina Social, é nos grupos humanos- e não nos indivíduos isoladamente- que vão se manifestar os fatores relacionados à saúde e à doença, sendo esse um processo historicamente determinado. O que está em jogo não é classificar a doença e seus riscos, mas colocar em cena os agentes materiais, políticos e econômicos que produzem o adoecimento dos coletivos" (p.16). Essa perspectiva privilegia a investigação dos processos de trabalho, conceito recuperado de Marx, procurando ampliar a discussão para as dimensões histórica e social do trabalho e da relação saúde-doença .

A experiência de luta do Movimento Operário Italiano pela saúde nos locais de trabalho, por sua vez, nas palavras da autora, "trouxe uma importante premissa metodológica para a constituição do campo da Saúde do Trabalhador: a valorização da experiência operária para a transformação do trabalho" (p.16).

A autora coloca, então, a estratégia teórico-metodológica da dissertação, ao melhor explicitar seus objetivos:

busco compreender as relações saúde-doença através de uma análise do processo de trabalho numa escola pública, dando prioridade a um dos três elementos desse processo: a atividade humana (na medida em que ela se desenvolve em relação com os outros elementos).Assim, nossa proposta é dar visibilidade a atividade de trabalho dos professores e questionar as suas possíveis relações com a saúde(p.17).

tentando compreender as relações do trabalho com a saúde, nosso objetivo foi realizar um estudo que colocasse em foco as "cenas vivas" desses atores no trabalho, buscando conhecer a dimensão do trabalho real, ou seja, da atividade efetivamente realizada pelos professores numa escola pública, frente às condições e organizações de trabalho presentes no cotidiano da escola (p.26).

Sua compreensão sobre o trabalho tem base em Marx. Entende-o como uma ação do homem sobre a natureza, uma atividade adequada a um fim, transformando a natureza intencional e conscientemente, _segundo um projeto previamente elaborado na mente-, para a produção de algo útil para a sua vida. Nesse processo, não só o homem transforma a natureza, como se transforma a si mesmo, p.ex., aprendendo a disciplinar sua vontade e a trabalhar coletivamente. Seguindo Antunes (1997), a autora entende que a dimensão do trabalho que está em crise atualmente é a do trabalho abstrato, que cria valor de troca e assume, sob o capitalismo, a forma de trabalho alienado. O trabalho concreto não estaria em crise, tendo em vista o papel central que tem na existência humana, como criador de valores de uso e de sentido existencial. Encadeando dessa forma seu raciocínio, a autora questiona , junto com Brito (2204), as abordagens de muitos estudos da área da Saúde do Trabalhador, que têm restringido suas

análises ao trabalho abstrato, como o componente do trabalho que é distintivo do modo de produção capitalista, desconsiderando a dimensão do trabalho concreto. Lança então a questão: "não estamos muitas vezes cometendo o erro de considerar os trabalhadores como simples executores das tarefas que lhes são incumbidas, além de vítimas passivas desse processo de constrangimento, subordinação e exploração?" (p.20)

Nas disciplinas Ergonomia da Atividade e Ergologia, vai buscar referências para a análise da atividade adequada a um fim, ou trabalho. "Ao analisar a atividade em situação real de trabalho, a Ergonomia Situada contribuiu pra evidenciar que o trabalho prescrito é distante do trabalho real e que para a realização da tarefa, os trabalhadores se utilizam de recursos cognitivos inerentes ao trabalho humano"(p.21). Recorre a Leplat e Hoc (1998) para diferenciar tarefa de atividade, a primeira indicando o que se deve fazer e, a segunda, o que se faz de fato. A atividade é sempre guiada por uma prescrição, mas não se restringe a ela, uma vez que sofre modificações no curso da ação. Da abordagem Ergológica, a contribuição trazida pela autora está no entendimento de que "a atividade de trabalho é realizada por um ser vivente, por uma pessoa que carrega consigo valores e regras, mas que, acima de tudo, inventa a todo instante sua relação com o meio em que vive e recria esse meio de acordo com suas necessidades. Nessa perspectiva, o trabalho, em sua historicidade, está sendo considerado como uma atividade viva, um conceito circunscrito no espaço, no tempo, nos coletivos e no corpo". Recorre à noção de normas antecedentes da Ergologia, que considera mais abrangentes que a idéia de prescrição da Ergonomia e, a partir daquela noção, entende que "o que os humanos realizam para dar conta do que é prescrito no trabalho, sempre está ligado a um conjunto de normas e valores sociais e, dessa forma, a atividade de trabalho sempre ultrapassa o que está limitado pela prescrição" (p.22). A partir dessa noção, a Ergologia propõe o conceito de re-normatização: o sujeito da atividade de trabalho não se adapta ao meio, mas inventa normas para tornar o trabalho "vivível". Telles (2002) e Schwartz (1987) compartilham a idéia de que no interior da atividade de trabalho sempre haveria a possibilidade de "uma gestão diferenciada de si mesmo", baseada num esforço de criatividade maior do que o perceptível pela observação do trabalho. Trabalhar, assim, seria "gerir a si próprio e à atividade de trabalho, colocar à prova os próprios limites, as próprias capacidades, é arriscar-se. Trabalhar é "fazer uso de si"(p.23).

Com Canguillem (1990), a autora compartilha um conceito de saúde ampliado, para além das idéias de equilíbrio entre o organismo e o meio e de um estado estável de bem-estar físico e mental. Entende que saúde deve ser pensada a partir da capacidade de enfrentar as variações do meio, tolerar infrações à norma habitual, instituir novas normas em situações novas. É uma concepção que incorpora um movimento de luta constante frente aos percalços da vida, a capacidade de ultrapassar as crises orgânicas para instaurar uma nova ordem fisiológica. Assim, saúde e doença fazem parte de um mesmo processo de manutenção da vida e "a doença pode ser entendida como a paralisação frente à necessidade de se alterar uma situação que agride física e psiquicamente" (p.25).

Finalmente, a autora lança um rápido olhar na literatura que tem focado o crescimento da precarização das condições de trabalho nas escolas públicas, a intensificação do ritmo de trabalho e a multifuncionalidade da equipe escolar frente à restrição de pessoal e à introdução da informática,

bem como os reflexos dessas transformações na saúde dos docentes, gestores e outros funcionários. Recorre a Gentili (1995) ao mencionar a vertente crítica às políticas educacionais que adotam a perspectiva da "qualidade total" nas escolas, a qual teria como principal objetivo a aplicação da lógica de mercado aos assuntos educacionais, particularmente, na escola pública.

Outros autores mencionados, especificamente no que tange a estudos sobre a saúde do professor e de outros trabalhadores da educação, ou melhor, "ao mal-estar-docente", foram:- Martinez (1977) na Argentina;- Messing, Seifert e Escalona (1999) no Canadá que seguindo o modelo francês de análise ergonômica da atividade de trabalho, comprovou que os educadores das escolas primárias apresentam elevado grau de angústia psicológica;- Neves (1999) que realizou estudo com professoras na Paraíba, no qual constatou que as queixas de sofrimento remetiam diretamente às situações vivenciadas no trabalho; - Nunes (2000) que estudou o processo de degradação da saúde das merendeiras e serventes; - Codo et al (1999) que identifica a síndrome de *burnout* entre os profissionais da educação.

Metodologia empregada

O método de pesquisa utilizado foi o estudo de caso, através da técnica da pesquisa participante "ampliada", que significa trabalhar "...com uma comunidade alargada de pesquisa, na qual os professores não seriam meros objetos de estudo, mas seriam também pesquisadores das situações de trabalho" (p.36).

Para analisar a atividade de trabalho dos professores e suas repercussões na saúde, recorreu à Análise Ergonômica do Trabalho (AET), considerado como "um método de abordagem das situações de trabalho sem um modelo estabelecido à priori, pois é a partir de cada contexto e de cada problema enfrentado que vai se definir a escolha dos métodos e técnicas apropriadas para a ação ergonômica" (p. 34).

Esse método está estruturado em quatro etapas, a saber: 1) análise da demanda apresentada e de uma reformulação da mesma a partir do contato com os trabalhadores e com a gerência da instituição/empresa; 2) análise do funcionamento geral da instituição, conhecendo o ambiente técnico-organizacional, com vistas a recolher informações sobre o problema; 3) análise das atividades e da situação de trabalho, incluindo a situação crítica a ser analisada (defasagem entre trabalho prescrito e real) e, 4) devolução dos resultados da análise das atividades para os trabalhadores envolvidos e os responsáveis pelas mudanças necessárias.

Os trabalhos de pesquisa duraram aproximadamente 6 meses, acompanhando o trabalho dos professores do turno matutino que atende alunos de 1ª. à 8ª. séries, em uma escola municipal de Vitória.

Etapas percorridas na investigação:

Na 1ª. Fase da investigação, durante 30 dias procurou conhecer a organização do trabalho naquela escola, por meio de visitas diárias para acompanhar o cotidiano dos trabalhadores. Nesse período, levantou informações globais sobre a estrutura da escola, população atendida, condições de trabalho e número de professores, realizou entrevistas, observações, conversas informais com professores, com a equipe técnica e com o pessoal de apoio nos diferentes espaços da escola, fez uma

observação "piloto" em sala de aula. Essas atividades lhe permitiram levantar as seguintes hipóteses:

"1. na atividade de trabalho há uma incompatibilidade entre o que se apresenta como prescrição e as condições realmente encontradas no meio de trabalho, fazendo com que o educador estabeleça constantes regulações entre os objetivos prescritos e as condições que se apresentam em sala de aula (barulho intenso, excesso de alunos, volume de trabalho elevado etc), para assim conseguir realizar o trabalho.

2. As variáveis presentes nesta organização do trabalho, tais como exigência de atenção permanente no processo de ensino, controle da disciplina, uso elevado da voz, ritmos de trabalho intensos, posturas desconfortáveis, acumulam-se no cotidiano de trabalho dos professores e podem comprometer a qualidade de trabalho, bem como gerar danos à saúde dos trabalhadores" (p.40).

Na 2ª. Fase da investigação, realizou 15 observações sistemáticas em sala de aula, somando um total de 27 horas e 15 minutos.

Na 3ª, realizou 15 entrevistas com professores, no local de trabalho, no horário das atividades de planejamento ou da aula de educação física. Ao iniciar as entrevistas, lia para o entrevistado as observações registradas sobre o seu trabalho, discutia com ele esses registros e, em seguida, aplicava um roteiro que indagava sobre as condições e a organização do trabalho.

A escola alvo da investigação foi selecionada com o concurso do SINDIUPES- Sindicato dos trabalhadores da Educação pública do Espírito Santo e a autora teve os primeiros contatos com seus sujeitos de pesquisa durante uma greve dos professores do ensino municipal, por melhores condições de trabalho e remuneração.

Principais características da escola selecionada: localiza-se num bairro de classe média da cidade, mas atende alunos de diferentes localidades da Grande Vitória. Funciona em 3 turnos, atendendo o ensino fundamental. O quadro administrativo é composto por 29 funcionários e o de professores, por 35 profissionais. No turno matutino, com classes de 1ª. à 4ª., atende 365 alunos, com turmas com 30 a 35 alunos cada. Nas classes de 5ª. À 8ª., esse número aumenta para 40 por turma. Atende também alunos com necessidades especiais, em laboratórios com professores especializados. A escola é considerada "pólo" da região, pois concentra programas que atendem a várias escolas da região, como o Programa de Estudos Avançados, Inglês, Dança, Teatro, Jornal da Escola e Filosofia de ensino.

Aproveitou-se também de informações relativas à escola em análise, provenientes de um inquérito epidemiológico realizado pela Universidade Federal do Espírito Santo, junto com o Centro de Referência do Trabalhador, envolvendo 607 professores da rede municipal de ensino de Vitória. Por meio dessas informações pode compreender os efeitos da situação de trabalho na saúde dos 28 professores da escola estudada.

Resultados da pesquisa

A partir do acompanhamento da atividade dos professores em sala de aula, a autora pôde registrar:

1. a grande intensidade de trabalho exigida dos professores, bem como o desgaste cotidiano presente na atividade de "ensinar", que envolve ações diferentes e simultâneas, demandando um alto nível de atenção e de comprometimento do professor no processo de ensino;
2. fatores como a carga física elevada, as pausas pouco freqüentes, as cargas psíquicas acumuladas, que mostram alguns dos efeitos do trabalho que põem em risco a saúde do educador;
3. o resultado do inquérito epidemiológico demonstrou as características demográficas, de trabalho e de saúde do corpo docente:
 - 89% são do sexo feminino, 58% têm mais de 40 anos, 75% são casados,
 - 59% têm entre 2 e 3 dependentes financeiros,
 - 75% possuem ou estão concluindo o curso superior.
 - A maior parte dos professores possui mais de 10 anos de trabalho na função;
 - 57% trabalham entre 20 e 40 horas/semana e 43%, entre 40 e 60 hs/semana.
 - A renda varia de 2 a 8 salários mínimos mensais.
 - A maioria considera que as pausas durante a jornada são insuficientes para recuperar o cansaço.
 - As principais causas de tensão e cansaço no trabalho (mais 40% de menções) são:
 - má remuneração,
 - ritmo de trabalho,
 - política de gestão da educação,
 - excessivo número de alunos por turma,
 - não se sentir valorizado pelo trabalho executado,
 - calor,
 - estado psicológico dos alunos,
 - ruído,
 - volume de trabalho,
 - tempo de descanso insuficiente
 - 44% já se afastaram por motivo de doença ou acidente, principalmente por transtornos: osteoarticulares, mentais, gastrointestinais, respiratórios
4. Resgate das hipóteses iniciais de trabalho:
 - "Frente à incompatibilidade entre os objetivos prescritos na organização de trabalho e as condições reais encontradas em sala de aula, os professores realizam constantes regulações entre a tarefa a ser realizada e o meio de trabalho em questão, criando formas de superar as dificuldades que se apresentavam para que o trabalho pudesse ocorrer;
 - No entanto, esses movimentos também se apresentam como um risco pra o trabalhador, trazendo , em conseqüência, um alto custo para a saúde, gerando fontes de tensão e cansaço no trabalho" (p.79).
5. as relações de trabalho dos professores com os "especialistas em educação" são consideradas, muitas vezes, fontes de conflito e tensão. Essas relações parecem estar contaminadas pela burocratização e pela rotinização das atividades educativas, que

- acabam sendo cumpridas sob fiscalizações e cobranças da prescrição do trabalho;
6. ao tentar restringir a atividade do professor ao que está prescrito como tarefa de trabalho, a qual, na maioria das vezes não foi planejada por ele, criam-se barreiras à liberdade de criação do professor, o que traz insatisfação;
 7. quando os trabalhadores não conseguem compartilhar com seus pares essa elaboração criadora, esses efeitos positivos que o trabalho produz, a atividade de trabalho ganha o sentido de "rolo compressor". E os professores não têm espaços e canais para a troca pessoal de experiências;
 8. os mesmos sentimentos de pressão e cobrança aparecem nas relações estabelecidas com as famílias dos alunos, os quais são instigados a colocar os professores como responsáveis pelo sucesso ou insucesso dos seus filhos, o que se traduz, na prática, em situações de ameaça, imposições, cobranças e conflitos. Essa incompreensão estabelece sentimentos de medo e apreensão nos professores, que se sentem vigiados e controlados;
 9. falta diálogo com a administração municipal que: - opta pela punição em vez da negociação;- negligenciam as condições precárias das escolas e continuam a encaminhar projetos e ações às escolas, sem que tenham passado por discussão com os trabalhadores; - autoritarismo e falta de diálogo afetam a autonomia dos professores que acabam operando dentro do que é permitido, desencadeando-se daí sentimentos de apatia, conformismo, que se refletem na capacidade de luta , de criação , empobrecendo a atividade de trabalho;
 10. "Esses sentimentos apontam para uma organização de trabalho que vem colocando em risco a saúde dos profissionais, na medida em que eles são produzidos no coletivo de trabalho mas são vividos individualmente pelos professores, sendo considerados, muitas vezes, como 'ossos do ofício', no silêncio e na solidão que cala e adocece" (p.87).
 11. "... há forte demanda pela constituição de um coletivo de trabalho, em que os professores pudessem trocar experiências, compreender o trabalho que realizam e ainda trazer a discussão da saúde no trabalho docente para dentro das escolas. O trabalho coletivo não é uma necessidade isolada, mas uma parte constituinte dessa atividade, pois trabalhando juntos, os professores conseguem pensar coletivamente, inventar soluções para os problemas comuns, discutir as dificuldades que vivenciam no trabalho" (p.90).
 12. Dentro desse quadro, entretanto, a autora identifica sinais de saúde na vitalidade dos professores para superar obstáculos e tirar dentro de si energias necessárias para garantir o ensino, produzindo sentido na atividade realizada. Outra fonte de prazer para os professores é o contato com os alunos e o sentimento de estar contribuindo para a formação de um indivíduo.
 13. Conclui afirmando que a atividade de dar aulas produz, ao mesmo tempo, prazer e sofrimento e que "as pistas para a transformação das situações que provocam sofrimento no trabalho estão, justamente , na potencialidade que se expressa na atividade do professor, para construir caminhos de luta em direção à saúde,

ampliando o poder de ação dos trabalhadores na transformação do trabalho” (p.98).

MARTINEZ, Angela Benitez. **Investigação da prevalência de ansiedade-traço-estado em professores do ensino fundamental e médio da Rede Estadual de Campo Grande/MM.** Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 1999.

ORIENTADOR: PROF. DR. MICHAEL ROBIN HONER

FORMAÇÃO DO AUTOR: PSICOLOGIA

LINHAS DE PESQUISA: PSICOLOGIA DA SAÚDE; PSICANÁLISE; PSICOLOGIA SOCIAL; CAPACIDADE PARA O TRABALHO

PALAVRAS CHAVE: PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO, SAÚDE, PSICOLOGIA DA SAÚDE (IDENTIFICADAS PELO AUTOR DA RESENHA)

AUTORA DA RESENHA: ÂNGELA VIANA MACHADO FERNANDES

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

A autora da dissertação pretende verificar a existência de professores atuantes sofrendo problemas de saúde psicológica, e especificamente os portadores de ansiedade. Para tanto recorreu à fundamentação teórica da personalidade, entendida como modo constante e peculiar de perceber, pensar e agir do indivíduo. Para a autora a formação da personalidade se dá a partir de fatores genéticos e ambientais. Os fatores genéticos exercem sua influência através da estrutura orgânica e do processo de maturação do indivíduo e os fatores ambientais incluem o meio físico e social, influenciando-o desde sua vida intra-uterina.

Segundo Martinez (1999) é a organização dinâmica no interior da pessoa um fator determinante de como desempenhará os papéis sociais, ou seja, qualquer estudo sobre personalidade tem que considerar os traços individuais do sujeito, além de observar como estes traços se organizam e sua influência nas relações com o contexto. A definição de *traços* preocupa-se com as diferenças individuais e *estado* com emoções estáveis, variando de intensidade de indivíduo para indivíduo. A *ansiedade*, entendida como *estado* refere-se a emoções desagradáveis a uma tensão específica que pode variar em tempo e intensidade; é a ansiedade um estado psíquico semelhante ao medo da insegurança, que pode originar na infância causando solidão, falta de afeto, etc.

A autora busca entender a origem do mal-estar dos que trabalham em determinado setor da educação, pois segundo observações, vários destes profissionais receberam diagnóstico médico de estresse, ansiedade e/ou depressão. Martinez(1999) entende que o educador é um trabalhador com baixa remuneração, atuando em salas superlotadas, necessitando capacitação, além das exigências de sua vida familiar. É um profissional que não tem recebido a atenção necessária, pois pertence a uma categoria desacreditada. Têm pouca influência no processo educacional e, portanto em suas condições de trabalho. Tudo isso pode desencadear um desajuste mental com problemas significativos de ansiedade dificultando, assim, seu desempenho profissional. Este é o princípio para investigar o mal-estar de trabalhadores da educação, o qual pode implicar nos desajustes de ordem física e/ou psicológica dos mesmos.

A abordagem utilizada para análise da problemática denomina-se Ansiedade-Traço-Estado, e que será precedida por reflexões sobre a

personalidade, ou seja, a partir de certos padrões habituais de comportamento que sejam passíveis de observações objetivas. A autora entende que a personalidade possui elementos que se formam cedo e perduram toda a vida, podendo evoluir do recém-nascido biológico ao adulto biossocial. É o aspecto *traço de personalidade* que permite ao indivíduo comportar-se de maneira consistente numa variedade de situações. Já a *ansiedade* é um estado psíquico semelhante ao medo, adverte sobre um perigo, ou seja, caracteriza-se por sentimentos de apreensão, inquietude e mal-estar difusos. Nesta abordagem, o professor, absorvido pelas várias tarefas que desempenha, vai perdendo sua identidade, pois vive ansioso, angustiado, descuidando, assim, de sua saúde.

Para Martinez (1999), a palavra trabalho, em vários idiomas, aparece com duplo significado: ação, moléstia e moléstia-fadiga. Estas definições se contrapõem a idéia de saúde mental, que é o aprendizado da realidade através da compreensão e no enfrentamento dos conflitos. A escola é uma instituição que desequilibra os organismos mais sensíveis aos psicossomáticos, possibilitando a instalação, nos professores, de doenças psíquicas como a ansiedade.

Objeto de análise

A autora propõe-se a estudar a prevalência de ansiedade-traço-estado em professores do ensino fundamental e médio da rede estadual de Campo Grande/ MS. Dentro de 3000 professores da rede, em uma amostra de 350 foram selecionados 50 sujeitos. Para ela as condições de trabalho do professor são difíceis e a desvalorização destes profissionais cresce a cada dia, o que acarreta sentimentos de rejeição, dificuldades de relacionamento, isolamento e ansiedade.

Diante dos resultados da pesquisa propõe uma parceria da Secretaria de Educação com a Secretaria de Saúde do Estado e com psicólogos do Instituto de Previdência de Mato Grosso do Sul.

Metodologia utilizada

A autora, em um primeiro momento, utilizou a aplicação de um questionário-SRQ-(*Self Reporting Questionnaire*), da Organização Mundial de Saúde como rastreamento ou seleção, com duração de cinco minutos. Este questionário foi desenvolvido para ser utilizado em locais de atenção primária à saúde, especialmente nos países em desenvolvimento, tendo em vista a constatação de que grande parte das pessoas que procuram este serviço queixa-se de problemas somáticos, demandando uma atenção psiquiátrica. Em um segundo momento decidiu aplicar um segundo teste em que se pudesse verificar a quantidade de pessoas que se classificariam com certo grau de Ansiedade-Traço-Ansiedade, além de verificar o grau do sintoma. A seleção foi feita em escolas do centro e da periferia da cidade, sendo 175 professores de cada uma. A partir disso, foram selecionados 50 sujeitos com respostas dentro dos parâmetros exigidos.

O segundo questionário Ansiedade-Traço-Estado buscou verificar quantos sujeitos vivem e trabalham em Estado de Ansiedade e quantos desses possuem traços de Ansiedade.

Os instrumentos utilizados foram o SRQ-20, instrumento de rastreamento de Distúrbios Mentais de casos primários; questionário psiquiátrico adaptado e validado por Jair Jesus Mari e Paul Willian; o inventário de

Ansiedade-Traço-Estado- IDATE- para adultos normais que investiga fenômenos de ansiedade.

De um universo de 7000 professores, foram aplicados testes em 350, e finalmente chegou-se ao número de 50. A análise dos dados obtidos nos dois instrumentos foi elaborada com a indicação do crivo dos testes. Com relação ao método a abordagem utilizada foi social, isto por ser mais abrangente e coerente com a questão trabalhista, como o salário, o trabalho docente e sua implicação na saúde mental destes.

Segundo Martinez (1999) estes questionários e sua análise possibilitaram verificar os desajustamentos emocionais ligados á instabilidade nervosa, a ansiedade, pois o magistério pode ser uma atividade monótona e frustrante e o conhecimento psicológico destas situações pode contribuir par a melhoria do trabalho no interior da escola. Os questionários apresentam uma pequena análise qualitativa.

Referencial teórico

Segundo a autora a base para estudar a personalidade é a *Psicanálise*, portanto sua dissertação terá como pano de fundo os estudos de Freud tanto no que se refere ao id, ego e superego, como aos níveis de consciência. As obras citadas são FREUD S. *Inhibition Symptomé et Angoise*. Paris: Presses Universitaire de France, 1951; Carta 19.9.99, los orígenes del psicoanalises in *Obras Completas*, Buenos Aires, 1956, v.12; Um estudo autobiográfico inibições, sintomas e ansiedade a questão da análise leiga e outros trabalhos. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.20; Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos in *Obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, v. 22.

Ainda sobre personalidade utiliza E. J. Murray em *Motivação e emoção*, Rio de Janeiro, Zahar, 1983 o qual entende que a personalidade está localizada no cérebro, organizando o comportamento do indivíduo. A personalidade apresenta uma herança genética compreendendo as características emotivas do complexo fisiológico e da construção somática de cada um. Murray(1983), observa que a personalidade possui ainda uma dimensão subjetiva, uma dimensão do caráter e os traços de caráter. É com a teoria psicanalítica ou nas obras de Freud que a autora irá trabalhar conceitos de ansiedade, angústia, inibição, sintoma. Embora cite Jung e Lacan, não estão citados diretamente nas referências, mas em Safouan, M. *Angústia, sintoma, inibição*. São Paulo, Papirus, 1989.

Para discutir o capítulo sobre trabalho docente e suas implicações na saúde mental, apresenta a perspectiva religiosa, ou seja, a Encíclica *Laboren Exercent* de João Paulo II, 1982 como fundamento do trabalho, entretanto na página 71 diz que seu ponto de partida é a Teoria de Marx, mas não utiliza livros sobre o tema. O capítulo está confuso quando aborda o trabalho docente, pois usa conceitos de *sociedade civil, educação como transmissora de bens culturais, socialização da cultura, classe média*. Em seguida utiliza A. Leontiev. *Actividad, consciência y personalidad*. Buenos Aires: Ciências del hombre, 1978, para discutir a relação entre Psicologia, Trabalho e Atividade. No item 2,4 deste segundo capítulo apresenta W. S. Codo, Como está à saúde mental do trabalhador in *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.8, nº 2, p.21, 1988, e do mesmo autor *Indivíduo Trabalho e Sofrimento: uma abordagem interdisciplinar* Petrópolis, Vozes, 1995. Ainda neste capítulo utiliza C. Dejours, *A loucura do trabalho: estudo de*

psicopatologia do trabalho, São Paulo, Cortez, 1988 e A. Wisner: Lês criteres dévolution de la charge mentale dan lês systemes homme-machine, in Rapport 20-Laboratoire de physiologie du travail et ergonomie, Paris, 1981.

No terceiro capítulo, o metodológico, usou J. Mari e P. Willians em Questionário psiquiátrico de casos primários, *British Journal of Psychiatric*, nº 148, p. 23-26, 1986; T. W. Harding Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. *Psychological Medicine*, nº 10, p. 231-241, 1980 e G. G. May. *Psicologia e educação*, São Paulo: Paulinas, 1985. Enfim estes são os autores mais usados pela mestrandia em sua dissertação deixando, porém algumas lacunas nas referências.

Resultados da pesquisa

Segundo o objeto de estudo, a autora optou por fazer um estudo de campo e não um trabalho psicanalítico. A escolha pelo procedimento estatístico possibilitou a descrição e a interpretação dos dados coletados. O primeiro questionário SRQ-20 da OMS foi aplicado em 406 professores e como relevantes dos escores 315, ou os que responderam ao questionário menor ou igual a 7, e 91 maior ou igual a 8. Após este primeiro questionário foi feita uma seleção de 53 pessoas que seriam submetidas a um segundo questionário, sendo 41 do sexo feminino e 12 do masculino. Inicialmente os resultados demonstraram que o numero de sujeitos femininos trabalham em intenso Estado de Ansiedade. Por sua vez, homens apresentam uma correlação maior de Ansiedade-Traço-Estado. A categoria ansiedade foi dividida em três grupos, *um pouco*, *bastante* e *muitíssimo*.

Dos 53 indivíduos entrevistados, 10 do grupo masculino, um apresenta *um pouco* e nove *bastante* ansiedade. Ao estudar a Ansiedade-Estado nos homens observou-se que independente da idade todos 100% da população alvo, se concentram no grupo três (bastante). No grupo feminino as respostas dos 40 entrevistados foram categorizadas em três grupos, seis pessoas no grupo dois (um pouco), 29 no grupo três (bastante), e cinco no grupo quatro (muitíssimo), com 100% de confiabilidade. Enfim baseada nos resultados a autora propõe que a mesma seja apresentada ao meio acadêmico e a comunidade para que vise a melhoria de condições e qualidade de vida dos docentes; que a partir dos resultados sejam desencadeadas ações estratégicas sob a liderança dos órgãos do poder público; e que este possa romper com as barreiras burocrático-administrativas que impedem a implantação da proposta de intervenção.

MASCARELLO, Marinete Rosa Pereira. **Nos fios de Ariadne: uma cartografia da relação saúde-trabalho dos professores de uma escola da rede pública do Estado do Espírito Santo**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2004.

ORIENTADORA: MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS

FORMAÇÃO DO AUTOR: PSICOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO, TRABALHO PRESCRITO, TRABALHO REAL, SAÚDE, DOENÇA

LINHA DA PESQUISA: PSICODINÂMICA DO TRABALHO

AUTORA DA RESENHA: SELMA BORGHI VENCO

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

O objetivo dessa dissertação é analisar as relações entre trabalho dos professores do ensino médio de uma escola pública localizada no Espírito Santo e o processo de saúde e doença destes profissionais. Não obstante, não há esclarecimentos sobre a hipótese norteadora do estudo.

Evidenciar as estratégias construídas na escola como forma de contornar a precariedade do trabalho, foi uma tentativa, na dissertação, de mobilizar as atenções para a constituição de uma nova realidade no interior da escola.

Metodologia utilizada

A pesquisa realizada é de caráter qualitativo, tendo sido realizadas 4 entrevistas em profundidade a partir de roteiro semi-estruturado, assim como três meses de observação em sala de aula e no espaço escolar como um todo, registrados em um diário de campo.

A cartografia como método foi baseada no pressuposto que este permite integrar o sujeito à situação que ele descreve. Dado seu caráter dinâmico, possibilita, acompanhar o desenvolvimento de situações que ocorrem no interior da escola e da vida dos profissionais.

Apreende-se que a vivência no espaço escolar foi intensa para a pesquisadora mas, não constam no volume o roteiro empregado, assim como outras formas de registro da realidade observada, dando margens à compreensão da presença de procedimentos metodológicos informais.

Referencial teórico

A autora inicia sua reflexão sobre a escola apoiada na mitologia grega, apresentando a escola como o "labirinto" e seu habitante o "Minotauro", descrito como monstro, devorador de jovens, mas que, no entanto, é aquele que explora o desconhecido em busca de novos caminhos. Este caminho analítico levará a autora a denominar seus capítulos de "galerias".

A reforma do ensino nos anos 1970 indica uma maior aproximação entre educação e produção, resultou na ampliação da fragmentação do trabalho pedagógico e conseqüente racionalização do trabalho escolar.

A influência americana é observada pela autora não somente no que diz respeito ao modelo de ensino mas, também, no projeto arquitetônico, cujas características são mais afeitas aos países de clima frio e, pouco apropriadas a um país tropical, tornando o ambiente bastante desconfortável.

Somam-se às condições ambientais das escolas estaduais do Espírito Santo a constante falta de água, carteiras em número insuficiente, rede elétrica comprometida, além de ocorrências freqüentes relacionadas a agressões e mortes.

Além disso, os salários são pagos em atraso, gerando paralisações por tempo indeterminado, há mais de dez anos não são realizados concursos públicos para provisão de cargos nas escolas e cresce a contratação temporária tanto para cargos administrativos como para docentes.

A organização do trabalho é compreendida na dissertação para além do parcelamento das tarefas, do ritmo de execução do trabalho, da divisão sexual do trabalho, incorporando a concepção de Christophe Dejours (DEJOURS, C., ABDOUCHELI, E. e JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994) relativa ao conjunto de pressões exercidas no exercício da profissão, sejam elas físicas, químicas ou biológicas.

A reorganização do Estado origina-se nos anos 1970 e consolida, na década de 1990, uma aproximação entre o sistema econômico e o educacional, em um nítido processo de descaracterização da escola (ARROYO, M. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000).

Tal concepção foi acompanhada de novos procedimentos que afetaram diretamente a profissão docente, traduzidos em responsabilização pela própria qualificação, implantação de índices de produtividade e de desempenho, incorporação de outros conteúdos que não os da sua especialização, entre outros.

Além destas questões, diversos segmentos nutrem expectativas em relação à sua atuação: equipe pedagógica, alunos, pais, levando-os a ocupar seu tempo livre com atividades direcionadas à escola.

A concepção marxista sobre o sentido social do trabalho, aponta para uma dupla dimensão: a sobrevivência mas, também, exercer novas formas de pensar e agir. Contudo, para exercê-lo, há, portanto, um desgaste natural do corpo e da mente.

A relação entre saúde e trabalho foi, tradicionalmente, objeto de estudo da medicina do trabalho, a qual apontou, constantemente, para uma individualização dos problemas de saúde. O campo teórico de orientação marxista – saúde do trabalhador - irá compreender esta relação em sua totalidade, analisando o processo de trabalho, as condições de vida e identificar o que há de coletivo nas características constatadas.

A ergologia é apontada como uma abordagem mais ampla para a compreensão dos problemas, posto que sua prática pluridisciplinar permite um questionamento permanente do problema sob diversos ângulos (Brito, 2003). A ergologia visa, portanto, analisar a atividade exercida contemplando seu histórico, seus aspectos variantes, as normas nela estabelecidas.

Não obstante, a opção teórica nesse estudo é a ergonomia, a qual é subdividida em: *clássica*, que enfoca as exigências da tarefa no corpo humano; e, a ergonomia francófona, pautada pela análise da defasagem entre o trabalho real e prescrito, ampliando a investigação para o comportamento e atitudes dos envolvidos no processo produtivo.

Além da ergonomia, a dissertação apóia-se na concepção teórica da psicodinâmica do trabalho. A autora faz um resgate da obra de Christophe Dejours, iniciando pelo debate colocado pela *psicopatologia do trabalho*, nos

anos 1970, que visa analisar as estratégias, tanto individuais como coletivas, para evitar o adoecimento pelo trabalho. A adaptação dos indivíduos à organização do trabalho imposta, leva os trabalhadores a buscarem um "conforto" psíquico e não a transformá-la.

Na *psicodinâmica do trabalho* a abordagem é analisar as intervenções subjetivas dos indivíduos no processo de trabalho. Tais procedimentos implicam em uma indisciplina em relação às normas prescritas. A dualidade desse processo é por um lado, o envolvimento traduzido em envolvimento criativo no trabalho, alavanca a saúde deste trabalhador mas, muitas vezes, transformar a atividade é um risco frente à hierarquia e ao conjunto de pessoas nela envolvida e, portanto, causa sofrimento.

A concepção de trabalho nesse estudo pauta-se nas teses desenvolvidas por Yves Schwartz, nas quais os indivíduos não se restringem à execução pura e simples de suas atividades mas, sobretudo, se engajam em sua realização, mobilizando aspectos objetivos e subjetivos para executá-lo. Cabe salientar que nesta perspectiva convivem o *uso de si* pelos outros, à medida que exercem formas de controle e constrangimento e o *por si*, quando o envolvimento com o trabalho é concretizado, gerando imprevistos, recriando novas formas de realizá-lo etc.

Resultados da pesquisa

Observou-se nessa pesquisa um agravamento das condições de trabalho do professorado, diretamente associadas às causas de adoecimento dessa categoria profissional.

Se as condições de trabalho são precárias, os professores buscam estratégias para realizarem seu trabalho de forma a atingir os objetivos propostos pela profissão mas, também, para preservar a saúde.

A associação de fatores vinculados à organização do trabalho, especialmente no que diz respeito à aprovação automática, passaram a alterar o cotidiano na escola.

Os alunos são desinteressados pelo conhecimento e alguns professores passam a rotinizar seu trabalho, como forma de não adoecerem. Alguns fazem uso da leitura diária do livro didático, que, por um lado, poupa maiores esforços de preparação de aula e outros tipos de desgaste na sala de aula mas, por outro, traz desmotivação e insatisfação com a tarefa que realiza.

Os professores vão, gradativamente, construindo alternativas para contornar os problemas de saúde, a exemplo do uso excessivo da voz. Passam a utilizar transparências e alguns alunos as lêem, outro aluno faz a chamada, constituindo, assim, pausas no emprego da voz.

A pesquisa constata que prazer e sofrimento convivem na escola pesquisada. São profissionais que buscam formas de tornar inventivo seu trabalho e de se realizarem naquilo que fazem.

Apesar das dificuldades enfrentadas no cotidiano, nenhum professor entrevistado manifestou interesse em abandonar a profissão. Ao contrário, todos, unanimemente, reafirmaram a paixão pelo trabalho que desenvolvem.

No entanto, condições externas à escola vão corroendo o interesse e o trabalho. O Estado do Espírito Santo há anos não realiza concursos para provimento dos cargos de docente, gerando uma massa de trabalhadores temporários, com estatuto diferenciado de seus colegas e sem garantias de continuidade do trabalho iniciado junto aos alunos. Os direitos previstos nos

contratos provisórios diferem dos concursados e há, constantemente, atrasos no envio de vale-transporte, no recebimento do primeiro salário.

O convívio com a perspectiva do desemprego é cotidiano para esse grupo de professores, pois há qualquer momento terão seus contratos cancelados, constituindo-se como importante fonte de tensão entre esses profissionais.

A pesquisa aponta uma forte dissonância entre o discurso da importância da educação para o desenvolvimento do país e as condições de trabalho desta categoria no ensino público, influenciadas por visões economicistas aplicadas à educação, expressas em redução do número de matrículas, queda na qualidade de ensino, flexibilização de contratos de trabalho e condições desfavoráveis para o exercício da profissão. A lógica do Estado Mínimo prevalece no setor educacional e indica o “uso de si” pelo outro, no caso o governo estadual.

A direção, na tentativa de dar continuidade ao trabalho iniciado, estabelece estratégias para a permanência de professores em situação precária, ocultando a existência de vagas a serem preenchidas. Desta forma, prorroga os contratos temporários, transgredindo as normas da Secretaria da Educação.

MASSELLI, Maria Cecília. **Estresse e trabalho de monitoras de creche**: uma abordagem multidisciplinar. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. Campinas, 2001.

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCOS DE SOUZA QUEIROZ (FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS)

FORMAÇÃO DA AUTORA: ENFERMEIRA

PLAVRAS-CHAVE (INDICADAS PELA RESENHISTA): ESTRESSE, TRABALHO EM CRECHES, MONITORAS DE CRECHE

LNHA DA PESQUISA: SAÚDE MENTAL, ANTROPOLOGIA.

AUTORA DA RESENHA: CRISTIANE BATISTA ANDRADE

Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa

Essa tese de doutoramento traz a discussão sobre a temática do estresse e trabalho de monitoras de creche na cidade de Campinas, interior de São Paulo. Assim, o que a autora busca em seu estudo é discutir as peculiaridades do trabalho de monitoras de creche, bem como tecer análises do estresse dessa categoria profissional.

Com relação aos questionamentos da pesquisa, Masselli tem preocupações e inquietações de cunho metodológico, já que estudar estresse perpassa por diversos campos do conhecimento, de vão desde a biologia até a psicologia social. Além disso, a autora também salienta que o presente estudo teve como desafio articular as investigações qualitativas e quantitativas, argumentando que, embora tendo utilizado instrumento quantitativo, as observações de campo e as entrevistas permitiram apreender as representações de ser trabalhadora em creche e do estresse.

Nesse sentido, uma das hipóteses é de que os sintomas de estresse podem estar relacionados com as atividades de trabalho dessa categoria profissional.

Objeto de análise

A categoria de análise dessa pesquisa de doutoramento é monitora de creche, tendo analisado as condições de trabalho na educação infantil e sua interface com o estresse.

Metodologia utilizada

Para a construção da pesquisa, Masselli faz um levantamento na rede municipal de Campinas sobre os dados de afastamentos por estresse. É curioso perceber que a escolha pela categoria de monitoras de creche surge devido aos dados expressarem que essa é a que mais se afasta do trabalho por esse motivo, o que corresponde a 40% do total de afastamentos na Prefeitura de Campinas, em abril de 1996.

A trajetória metodológica perpassa pelo levantamento de sintomas de estresse de trabalhadoras de quatro creches públicas, ou seja, duas creches vinculadas à Universidade Estadual de Campinas e duas creches municipais. A escolha da população a ser investigada surgiu depois de analisar dados de afastamentos por cinco dias ou mais, e o CID (Classificação Internacional de Doenças), dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Campinas, do ano de 1995.

Utilizou um instrumento, do campo da psicologia, de avaliação de estresse denominado "ISS LIPP" (Inventário de Sintomas de Stress), de autoria de Marilda Lipp e Guevara. A pesquisa constou com 125 questionários, envolvendo as quatro creches. Para a análise estatística, classificou as trabalhadoras em: as que estão em contato indireto, que seriam as da administração, limpeza e cozinha; as que estão em contato parcial, como as professoras e supervisoras; e as que estão em contato direto, ou seja, as monitoras. Dessas 125 pessoas, 71 são monitoras.

O ISS-LIPP permitiu averiguar os sintomas sintomáticos e assintomáticos de estresse, além de dados como a idade, tempo de serviço, número de filhos e escolaridade. Os dados foram analisados estatisticamente.

Para discutir a pesquisa etnográfica faz um recorte de Malinowski (MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos da Nova Guiné Melanésia*. 2ª. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978), explicando sua entrada no campo, as relações que estabeleceu nas creches, as apreensões das verbalizações das monitoras, as rotinas de trabalho, a compreensão dos laços de amizade na creche, e enfim, para lidar com a "estranheza" entre monitoras pesquisadas e pesquisadora. Justifica através desse referencial, a "observação participante". Para a documentação das informações utilizou-se um diário de campo, sendo elaborado todas as vezes que participava das atividades de trabalho nas creches e posterior às entrevistas.

Para as entrevistas, foi elaborado um roteiro aberto de perguntas e todas foram gravadas em fitas K7.

Referencial teórico

Para analisar estresse, Masselli traz à tona as análises do conceito na biologia, como as alterações fisiológicas, mas contesta, pois, não há possibilidades de interpretações humanas, psicológicas e comportamentais do estresse. Entretanto, diz que na psicologia, há um campo teórico já bem desenvolvido. Discute referenciais da imunologia que afirmam as alterações e suas susceptibilidade às doenças quando há depressão imunológica. Com relação à sociologia, destaca a obra *O suicídio* de Durkheim, como um dos marcos nessa área, pois analisa as relações sociais e suas influências na saúde nos indivíduos. (DURKHEIM, E. *O suicídio*. 5ª. ed. Lisboa, Presença, 1992).

Masselli resgata a dimensão do trabalho na perspectiva proposta por Dejours (DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. 5ª. ed. São Paulo, Cortez-Oboré, 1992.), o trabalho enquanto portador de sofrimento e prazer. Selligman-Silva é citada para o desgaste e a tensão no trabalho. Baseada nesses autores complementa que as análises de estresse e trabalho devem aprimorar as investigações para além de plano individual, ressaltando a dimensão coletiva. Masselli argumenta que é possível explicá-lo tanto na vertente objetiva, mas também dá ênfase especial às construções das subjetividades das vivências diante desse processo (SELLIGMAN-SILVA, E. *Desgaste Mental no trabalho dominado*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ: Cortez, 1994).

Para complementar sua referência à multidisciplinaridade e complexidade do estresse salienta a importância de algumas categorias marxistas como a dialética, historicidade, contradição e totalidade. Também atribui fundamental a contribuição de Ardoino (ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In:

BARBOSA, J.B. *Multirreferencialidade nas Ciências e na educação*. São Carlos, Ed. UFSCAR, 1998, p.24-41) sobre a multirreferencialidade do fenômeno para estudá-lo.

Nessa obra de doutoramento, a autora utiliza as referências da antropologia e da psicologia social para apreender as representações sobre estresse e trabalho de monitoras de creche. Para isso, utiliza predominantemente a abordagem das Representações Sociais de MOSCOVICI (MOSCOVICI, S. A *representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978).

Resultados da pesquisa

Os dados apurados por Masselli apontam que dos 607 afastamentos por motivo de estresse dos trabalhadores municipais do ano de 1995, 238 (39,2%) deles referem-se às monitoras de creche, representando um índice de 2,4 afastamentos por funcionário, superior aos afastamentos dos funcionários em geral (1,8 afastamentos por funcionário).

Os resultados obtidos com o ISS-LIPP demonstram que as monitoras que estão em contato direto com as crianças tendem a ser mais estressadas que as que mantêm contato indireto ou parcial. Também foi constatado que as monitoras das creches municipais apresentam sintomas de estresse mais significativos que as da Unicamp, ou seja, as da prefeitura têm 1,87 vezes mais chances de apresentar resultado sintomático para o teste de ISS-LIPP. A idade variou entre 19 e 66 anos e todas são do sexo feminino. Com relação à escolaridade, 69% têm o ensino médio; 19,4% ensino fundamental; 11,3% possuem ou estão concluindo o ensino superior em Pedagogia, Matemática, Biologia e Letras.

Outro dado a ser considerado é que 59,2% das monitoras são solteiras ou separadas e respondem sozinhas pelos filhos e casa. Dentre os destaques do perfil da categoria, Masselli atribui a dupla jornada de trabalho como fundante na compreensão da intensificação e extensão da jornada de trabalho, tanto na esfera privada quanto pública.

Nas análises das condições de trabalho, há destaque para o choro das crianças pequenas e no caso das maiores o barulho, a imposição de limites e a agitação. A autora discorre sobre os agravos à saúde, relacionados ao peso e a repetição de movimentos para cuidar das crianças, como, por exemplo, carregar os bebês.

Os dados sobre os horários de trabalho apontam que em ambas as creches, as monitoras trabalham cerca de 8 horas diárias, com horário de almoço de uma hora e meia a duas horas. Nas creches municipais o exercício de horas extras é comum, o que não ocorre nas creches estaduais.

Outro achado relevante é sobre as férias das monitoras de creche, pois nas estaduais elas têm direito aos 30 dias, assegurados pela constituição trabalhista. Nas municipais, somente professoras e diretoras têm direitos aos recessos escolares e os 30 dias de descanso.

Os salários, na época da pesquisa, estavam em torno de R\$ 498 bruto e R\$ 427 líquido para as trabalhadoras da creche da Unicamp, e R\$ 620 bruto e R\$530 líquido para as da rede municipal.

A maioria trabalha longe das residências. No entanto, as da creche estadual utilizam os ônibus fretados, reclamam apenas do longo percurso. Já as da Prefeitura, utilizam os ônibus urbanos e estão insatisfeitas com as precárias condições desse transporte. Cerca de 30% das trabalhadoras gastam, em média, de uma hora a uma hora e meia no percurso de casa e trabalho.

As trabalhadoras com menor escolaridade relatam a permanência nessa atividade por não possuírem elevado nível de formação educacional, atribuindo à profissão baixo status e prestígio. Por outro lado, as trabalhadoras que estudam, trabalham e têm filhos atribuem a extensa e intensa jornada de trabalho.

Com relação aos achados de estresse, Masselli verificou que 65,2% das trabalhadoras consideram-se estressadas e possuíam algumas queixas como: cansaço, transtornos do sono, de memória, nervosismo e sintomas inespecíficos como dores agudas, crônicas ou difusas. O estresse é descrito como: "muito"; "enorme"; "não ter motivação"; "ter vontade de ficar só deitada"; "muito sono e cansada mesmo tendo acabado de acordar"; "não sentir prazer sexual". A contribuição desses dados está em verificar que são sintomas que "...a maioria deles não são identificáveis por exames clínico-laboratoriais de rotina, ou facilmente negligenciáveis." (p.127)

Algumas monitoras atribuem o estresse aos problemas pessoais e familiares somados aos do ambiente de trabalho. As que atribuem ao trabalho, verbalizam as difíceis relações que estabelecem com as colegas. Os fatores relacionados aos problemas dizem respeito ao trabalho que é considerado intenso, devido às questões emocionais envolvidas, tanto da relação educadora - crianças, como educadora - família. As relações que estabelecem com as mães das crianças perpassam pelos conflitos relacionados à maternagem, já que as monitoras desempenham a afetividade e cuidados com as crianças. A autora argumenta que é uma relação contraditória, pois ao mesmo tempo, que elas desejam que seus filhos sejam acolhidos, muitas se sentem ameaçadas. Assim, atribui, de acordo com as entrevistas, que esse é um trabalho "emocionalmente exigente". (p.160)

Sobre a relação entre as monitoras e professoras de educação infantil, considera que o fato das professoras possuírem maior grau de escolaridade, trabalharem em tempo parcial, participarem do planejamento das atividades, e também de cursos de capacitação, é visto por parte das monitoras, como privação de todos esses direitos a essa categoria. Um outro aspecto a ser destacado pela autora, é a relação que se dá no desenvolvimento dicotômico das atividades *cuidar* e *educar* - processos desenvolvidos pelas instituições de educação infantil, que deveriam estar articulados. No entanto, o que se percebe é a desvalorização das atividades de *cuidar* em relação às atividades de *educar*: "...o fato institucional de valorizar o caráter educativo do trabalho de monitoras (enquanto mobilização criativa do desenvolvimento infantil), investindo na sua qualificação profissional, contribui para que as monitoras construam uma imagem favorável do trabalho que realizam, conseqüentemente, também de si e do grupo a que pertencem. Em contrapartida, atribuir a um cargo específico - a professora - a educação das crianças na creche sugere que à monitora são atribuídas atividades inespecíficas, que dispensam o investimento criativo no desenvolvimento de cada criança, competindo às mesmas apenas a prestação de cuidados às crianças, nesta perspectiva, rotineiros e desmotivadores. A desvalorização da atividade pode ser em parte compreendida por sua natureza doméstica (enquanto provimento de condições favoráveis - higiene, alimento e repouso - ao desenvolvimento das crianças), o que implica, genericamente, em rebaixamento da auto-estima, de investimento e reconhecimento profissional." (p.224)

No decorrer da obra, é apontado que a maioria das entrevistadas diz "gostar de trabalhar com crianças", no entanto, é atribuído a "desvalorização sociocultural e econômica do trabalho com crianças" (p.223). A autora reitera que essa desvalorização pode estar relacionada ao trabalho doméstico, em que as atividades de cuidado (banho, higiene e repouso) também são depreciadas e desvalorizadas.